

**UNIVERSIDADE DO PORTO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - FCPCEUP  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE ADULTOS**

**RAQUEL SANTANA**

**POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO ENTRE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO EM  
PORTUGAL E BRASIL: UM ESTUDO SOCIOLÓGICO DE EGRESSOS DOS  
CURSOS DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA**

**PORTUGAL**

**2022**

**RAQUEL SANTANA**

**POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO ENTRE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO EM  
PORTUGAL E BRASIL: UM ESTUDO SOCIOLÓGICO DE EGRESSOS DOS  
CURSOS DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA**

Dissertação de Mestrado apresentada como pré-requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação e Formação de Adultos pela Universidade do Porto (FCPCEUP) em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Orientadores: Dr Henrique Vaz (FPCEUP)  
Dra Márcia Baiersdorf (UFPR)

**PORTUGAL**

**2022**

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho acadêmico aos meus queridos pais Ozéas (86a) e Irene (79a), que com toda simplicidade e pouquíssimas letras, me ensinaram e ainda hoje me ensinam a ler o mundo, por meio do incentivo e importância que sempre deram aos estudos, o respeito a todas as pessoas e a fé em Deus. Muito grata!

## AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom supremo da vida!

Aos meus familiares, especialmente aos irmãos Edmilson, Elizabete, Eluiza e Ester, sobrinhos e cunhados, pelo apoio, em minha ausência, aos meus pais idosos.

Às universidades do Porto e UFPR, pela consistente contribuição na formação de profissionais, não só os entrevistados, nas quais eu me incluo, também por especialização realizada na UFPR.

Agradecimentos especial aos profissionais licenciados em Ciências da Educação e licenciados em Pedagogia, entrevistados nesta pesquisa, os quais de forma maravilhosa e altruísta doaram parte de seu tempo e forneceram importantes informações que subsidiaram significativas reflexões para a educação.

Aos meus professores do Mestrado em Educação e de Formação de Adultos – MEFA, dos quais guardo profunda admiração pelo brilhante trabalho realizado na educação, profissionalismo e respeito com que sempre trataram os estudantes.

Destaco pelo profissionalismo, amizade e função, o coordenador professor Dr. Joaquim Coimbra, pessoa ímpar em sua postura amigável e de importante invergadura científica. Bem como, agradeço também ao sempre presente e próximo professor Dr. João Caramelo, por suas profundas reflexões pedagógicas.

Agradecimento especial ao professor Dr. Henrique Vaz, meu orientador, que por muitas vezes, pacientemente me auxiliou, retomando conceitos, possibilitando que eu ampliasse minha visão sobre a importância histórica e cultural do curso Ciências da Educação. Agradecimento também especial à professora Dra. Márcia Baiersdorf (UFPR), co-orientadora, pelo olhar ético e compartilhar da caminhada no curso de Pedagogia no Brasil.

Agradecimento aos meus colegas do curso, brasileiros e portugueses, que numa sinergia singular, tornaram mais agradáveis os momentos de forte dedicação aos estudos. Agradecimento especial, à Edna Regina Cardoso, amiga de todas as horas de estudos em Portugal e de outros momentos, igualmente divertidos e significativos no Brasil.

Agradecimento sucinto e não menos carinhoso, aos profissionais do Serviço Acadêmico, sempre muito dedicados nas informações prestadas.

Enfim, a todos que de algum modo me auxiliaram, meus sinceros agradecimentos e reconhecimento. Muito obrigada!

## **Epígrafe**

### ***Ensinar exige estética e ética***

A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas.

**PAULO FREIRE**

PEDAGOGIA DA AUTONOMIA

*Saberes Necessários à prática educativa*

## RESUMO

A educação é a base para a formação do cidadão global, sendo a educação e formação de adultos, o ensino superior, imprescindível para o progresso de uma nação. Claro que a educação de base é importante para capacitar o indivíduo no exercício de sua cidadania, fornecendo-lhe ferramentas, principalmente a alfabetização, para o entendimento científico e do mundo e também, do viver em sociedade. Mas, sem a formação superior não há comunidade científica, não existem professores, médicos, engenheiros, matemáticos e a sociedade acaba por estagnar o conhecimento e o seu desenvolvimento. O estudo efetua um estudo sociológico transnacional, envolvendo Portugal e Brasil, com egressos dos cursos de Ciências da Educação e Pedagogia a fim de identificar as expectativas iniciais e os percursos construídos profissionalmente por estes a partir da sua formação de base. Por meio de pesquisa bibliográfica e da construção de retratos sociológicos, baseados na metodologia de Lahire, pretende-se compor um paralelismo entre os relatos fornecidos pelos entrevistados, licenciados em Ciências da Educação e os licenciados em Pedagogia. O enlace final envolve identificar como se dá a formação do profissional de educação e como este é tratado legalmente na legislação de educação tanto de Portugal quanto do Brasil. Toda a pesquisa, apresentada sob um viés de imparcialidade, comum à redação científica, demonstrou que para ser um profissional da área da educação, precisa antes de tudo, ter “amor ao próximo e empatia”. Toda a problemática da atividade profissional, a qual não é pouca, se esvai no momento em que é observado o desenvolvimento concreto do estudante, a ascensão deste como cidadão. É preparar o outro para o mundo.

**Palavras-chaves:** Educação; Formação de Adultos; Ensino Superior; legislação; Portugal; Brasil.

## ABSTRACT

Education is the basis for the formation of the global citizen, and adult education and training, higher education, is essential for the progress of a nation. Of course, basic education is important to enable individuals to exercise their citizenship, providing them with tools, especially literacy, for scientific and world understanding and also for living in society. But without higher education there is no scientific community, there are no teachers, doctors, engineers, mathematicians and society ends up stagnating knowledge and its development. The study carries out a transnational sociological study, involving Portugal and Brazil, with graduates of the Education Sciences and Pedagogy courses in order to identify the initial expectations and the paths professionally constructed by them from their basic training. Through bibliographic research and the construction of sociological portraits, based on Lahire's methodology, it is intended to compose a parallelism between the reports provided by the interviewees, graduates in Educational Sciences and the Pedagogues. The final link involves identifying how education professionals are trained and how they are legally treated in education legislation in both Portugal and Brazil. All the research, presented under a bias of impartiality, common to scientific writing, showed that to be a professional in the field of education, you need, first of all, to have "love for your neighbor and empathy". The whole problem of professional activity, which is not small, disappears at the moment when the concrete development of the student is observed, his ascension as a citizen: preparing the other for the world.

**Keywords:** Education; Adult Training; University education; legislation; Portugal; Brazil.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS (PORTUGAL)**

- ALV – Aprendizagem ao Longo da Vida
- CNE – Conselho Nacional de Educação
- CPCJ – Comissões de Proteção de Crianças e Jovens
- DGE – Direção-Geral da Educação
- EEA – European Education Area
- EEES – Espaço Europeu de Ensino Superior
- EFTA – Associação Europeia de Comércio Livre
- FCT – Fundação para Ciências e Tecnologia
- LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo
- ME – Ministério da Educação
- MFA – Movimento das Forças Armadas
- OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
- OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte
- PREC – Processo Revolucionário Em Curso
- SIMF – Seminário de iniciação à mediação e à formação
- TEIP – Territórios Educativos de Intervenção Prioritária
- UP – Universidade do Porto
- WoS – Web of Science

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS (BRASIL)**

- AEE – Atendimento Educacional Especializado
- BNCC – Base Nacional Comum Curricular
- CEE – Conselho Estadual de Educação
- CES – Conselho de Educação Superior
- CME – Conselhos Municipais de Educação
- CNE – Conselho Nacional de Educação
- DRE – Delegacia Regional de Educação
- EAD – Educação a distância
- EJA – Educação de Jovens e Adultos
- ENCCEJA – Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
- ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- MEC – Ministério da Educação e Cultura
- PNE – Plano Nacional da Educação
- PROVAR – Processo de Ocupação de Vagas Remanescentes
- SEE – Secretaria Estadual de Educação
- SISU – Sistema de Seleção Unificada
- SME – Secretaria Municipal de Educação
- SPIN – Superintendência de Parcerias e Inovação
- UFPR – Universidade Federal do Paraná

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Povos Pré-Romanos da Península Ibérica .....	18
Figura 2 – Expansão romana na Península Ibérica .....	19
Figura 3 – Expansão do domínio árabe na Península Ibérica .....	20
Figura 4 – Mapa do território Al-Andalus .....	21
Figura 5 – Reconquista Cristã.....	22
Figura 6 – Adaptação Antropomórfica da Europa.....	23
Figura 7 – Foto Árvore Pau-Brasil .....	27
Quadro 1 – Comparativo das informações gerais de Portugal e do Brasil.....	38
Figura 8 – Organização do Sistema Educativo Português .....	40
Figura 9 – Níveis e modalidades da educação brasileira segundo LDB/96 .....	44
Figura 10 – Fotos do Antigo Seminário de Santo António e a Ponte Maria Pia antes das obras para Colégio dos Órfãos (1811) e da Academia Politécnica (1890) .....	51
Figura 11 – Foto Atual da Reitoria da Universidade do Porto.....	53
Quadro 2 – Plano do Curso de Licenciatura em Ciências da Educação.....	56
Figura 13 – Prédio da Reitoria UFPR em Obras (1913) e Praça Santos Andrade (1926) .....	60
Figura 14 – Sede Reitoria UFPR Curitiba Atual.....	62
Quadro 3 – Áreas Físicas da UFPR .....	62
Quadro 4 – Ementas Curso Pedagogia Presencial (5 anos) .....	66

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
1.1	OBJETIVOS .....	15
1.1.1	<b>Objetivo Geral .....</b>	<b>15</b>
1.1.2	<b>Objetivos Específicos .....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>ARCABOUÇO TEÓRICO.....</b>	<b>17</b>
2.1	AS ORIGENS HISTÓRICAS E CULTURAIS: LUSITANA E BRASILEIRA... 17	
2.1.1	<b>Portugal.....</b>	<b>17</b>
2.1.2	<b>Brasil .....</b>	<b>26</b>
2.1.3	<b>Similitudes encontradas na história .....</b>	<b>37</b>
2.2	A LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL.....	39
2.2.1	<b>Portugal.....</b>	<b>39</b>
2.2.2	<b>Brasil .....</b>	<b>43</b>
2.2.3	<b>Similitudes encontradas na estrutura educacional .....</b>	<b>49</b>
2.3	APRESENTAÇÃO DAS UNIVERSIDADES E CURSOS.....	50
2.3.1	<b>Universidade do Porto – Portugal .....</b>	<b>51</b>
2.3.1.1	Curso Licenciatura em Ciências da Educação.....	54
2.3.2	<b>Universidade Federal do Paraná – Brasil.....</b>	<b>58</b>
2.3.2.1	Curso de Pedagogia.....	64
2.3.3	<b>Similitudes encontradas entre as universidades e os cursos .....</b>	<b>69</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>71</b>
3.1	CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS.....	71
<b>4</b>	<b>RETRATOS SOCIOLÓGICOS DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO ...</b>	<b>75</b>
4.1	A RELEVÂNCIA DA ANÁLISE INDIVIDUAL BASEADA EM BORDIEU E LAHIRE .....	75
4.1.1	<b>A base conceitual do retrato sociológico .....</b>	<b>76</b>
<b>5</b>	<b>RETRATOS SOCIOLÓGICOS: ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES .....</b>	<b>82</b>
5.1	ANÁLISES ENTREVISTAS UNIVERSIDADE DO PORTO – PORTUGAL... 82	
5.1.1	<b>Entrevistada ECAC .....</b>	<b>82</b>
5.1.2	<b>Entrevistada MGTM .....</b>	<b>91</b>
5.1.3	<b>Entrevistada MARN .....</b>	<b>98</b>
5.1.4	<b>Considerações sobre o discurso dos entrevistados portugueses .....</b>	<b>107</b>

5.2	ANÁLISE DE ENTREVISTAS UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – BRASIL .....	108
5.2.1	<b>Entrevistado FCCP .....</b>	<b>108</b>
5.2.2	<b>Entrevistado BHL .....</b>	<b>115</b>
5.2.3	<b>Entrevistado PS.....</b>	<b>121</b>
5.2.4	<b>Considerações sobre o discurso dos entrevistados brasileiros .....</b>	<b>131</b>
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>132</b>
7	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>137</b>
8	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>142</b>
8.1	TERMO DE CONSENTIMENTO .....	142
8.2	TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS EFETUADAS .....	143
8.2.1	<b>Entrevista 1 – FCCP (Brasil) .....</b>	<b>143</b>
8.2.2	<b>Entrevista 2 – ECAC (Portugal) .....</b>	<b>167</b>
8.2.3	<b>Entrevista MGTM (Portugal).....</b>	<b>185</b>
8.2.4	<b>Entrevista MARN (Portugal).....</b>	<b>207</b>
8.2.5	<b>Entrevista BHL (Brasil).....</b>	<b>228</b>
8.2.6	<b>Entrevista PS (Brasil) .....</b>	<b>246</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O foco desse estudo, em nível macro, é a educação. O ato de aprender do homem se inicia desde o seu nascimento, com a primeira inspiração aprendendo então, a respirar. Aprender é uma necessidade e uma aspiração vital para o homem, a cultura, por sua vez, é um dos fatores influenciadores no processo de aprendizagem, transformando os códigos e funções inatas, elaborando e criando novas formas de comportamento, reestruturando o pensamento, o qual se encontra em constante construção.

O fato é que a educação é a base para a formação do cidadão, independente da nacionalidade, ou seja, é considerado fator primordial em nível global.

Em Portugal a educação é definida sucintamente como um “processo que visa o pleno desenvolvimento intelectual, físico e moral de um indivíduo (sobretudo na infância e na juventude) e a sua adequada inserção na sociedade.” Na Constituição, em seu art. 73, estabelece “a democratização da educação é identificada como um dever do estado, tanto através da rede escolar como de outros serviços formativos”. (Abrantes, 2016)

No Brasil a educação, regida pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), abrange todos os processos formativos desenvolvidos no ambiente familiar, no relacionamento social, no ambiente de trabalho, nas escolas, nos movimentos sociais, na sociedade civil e nas manifestações culturais. (MEC, 1996)

O processo educativo, nas instituições de ensino, só ocorre quando existem profissionais atuando no planejamento, análise e práticas pedagógicas com o fim de aumentar a qualidade e a eficiência da aprendizagem. São profissionais dedicados ao estudo, à análise, à observação e à elaboração de estratégias formativas do aluno.

No presente estudo a educação é limitada aos campos da educação e formação de adultos (Portugal) e educação superior (Brasil). Em Portugal, curiosamente foi cunhado o termo Aprendizagem ao Longo da Vida (ALV), para exprimir como a educação é contínua na vida do cidadão:

O conceito de Aprendizagem ao Longo da Vida (ALV) é interpretado em Portugal num duplo sentido: como um processo educativo e formativo cuja duração se confunde com o tempo de vida dos sujeitos (desde que nascem até que morrem) e como um quadro global de referência para o

desenvolvimento do sistema educativo, associado a uma visão estratégica de evolução da economia e da sociedade portuguesa projetada para o próximo século (Comissão Nacional para o Ano da Educação e Formação ao Longo da Vida, 1998). Enquanto processo educativo, quando falamos em ALV, esta vai desde os ensinamentos pré-obrigatório, básico, secundário e superior (ou terciário), formação inicial inserida no mercado de emprego, à educação e formação de adultos e outras atividades de formação, (facilitadoras de uma permanente actualização dos saberes e competências e do desenvolvimento de um espírito crítico e empreendedor potenciadores de uma melhor empregabilidade, do reforço da inserção e coesão social, e à afirmação de valores de um novo conceito de cidadania activa e civilidade" (EURYDICE, 2000:114, *apud* Távora, Vaz & Coimbra, 2012, p. 30).

No Brasil não se tem um termo similar para indicar a educação do indivíduo ao decorrer de toda a sua vida, e infelizmente, não existem estudos abrangendo a educação no ciclo total de vida do indivíduo.

A educação e formação de adultos ou o ensino superior é imprescindível para o progresso de uma nação. Claro que a educação de base, em Portugal, e seu correspondente no Brasil, a educação básica, são importantes para capacitar o indivíduo no exercício de sua cidadania, fornecendo-lhe ferramentas, principalmente a alfabetização, para o entendimento científico e do mundo e também, do viver em sociedade. Mas, sem a formação superior não há comunidade científica, não existem professores, médicos, engenheiros, matemáticos e a sociedade acaba por estagnar o conhecimento e o seu desenvolvimento.

Como a educação excede fronteiras é imprescindível compreender, sob aspectos sociológicos, a forma que é tratada em diferentes culturas. Portugal e Brasil possuem uma estreita e íntima relação, afinal, o Brasil foi colônia de Portugal e recebeu deste, inúmeros contributos na esfera legal e por consequência, afetou toda a cultura brasileira.

De fato, segundo António Santos Justo, catedrático da Universidade de Coimbra, em uma sucinta e esclarecedora análise da influência do direito português na formação do direito brasileiro, conclui:

O brevíssimo esboço que apresentamos permite afirmar, com segurança, que nos direitos de Portugal e do Brasil **circula a mesma linfa jurídica** que caracteriza a família jurídica luso-brasileira. **Unidos pela mesma História que nos identifica culturalmente**, os nossos Países constituem uma Pátria sabiamente edificada e protegida pela ciência jurídica a que nos orgulhamos de pertencer. Não deixamos de viver na mesma casa, seja em Portugal ou no Brasil. A cultura identifica-nos e a sensibilidade anima-nos; por isso, se nos afastamos, logo nos reaproximamos, porque a alma lusíada é um cimento indestrutível que nos une como um só Povo de Estados irmãos. Somos assim, Portugueses e Brasileiros. (grifo nosso) (2008, p. 242)

Como destaca o autor acima, o pensamento formador das sociedades portuguesa e brasileira se encontra sustentado por uma vertente cultural historicamente compartilhada. Nessa decorrência, cabe empreender um estudo sobre como se dá a formação do profissional de educação e como este é tratado legalmente na legislação de educação tanto de Portugal quanto do Brasil, deixando como questionamento da pesquisa “Como o sistema educacional de Portugal e Brasil formam profissionais de educação e os colocam no mercado de trabalho, segundo os cursos de Ciências da Educação e Pedagogia?”

A resposta para essa questão não é obtida apenas com pesquisa documental bibliográfica, há a necessidade de compreender como o egresso de ambos os cursos é visto pela sociedade e por si mesmo. Se as suas aspirações pessoais e profissionais foram satisfeitas no decorrer do curso universitário.

O intuito é compreender o profissional de educação formado pela Universidade do Porto (UP) e Universidade Federal do Paraná (UFPR), suas experiências e os fatores estimuladores de sua formação superior, levando em consideração o fato de que o profissional de educação, enquanto sujeito social, encontrou-se à mercê de experiências ao longo de sua vida que deixaram marcas, valores e condutas que se expressam na sua atividade profissional e no seu próprio eu, influenciando o seu pensar e o seu fazer. Não negligenciando as singularidades das experiências destas pessoas enquanto profissionais da educação, a sua mobilização não deixará de ser interpretada contextualmente, quer por referência ao enquadramento legal destas duas formações – Ciências da Educação na UP, Portugal; Pedagogia na UFPR, Brasil – quer ainda por referência às particularidades culturais que enformam estas duas formações.

A problemática construída no presente estudo esboça-se assim nos seguintes termos: diferentes designações para cursos formadores de profissionais de educação em Portugal e no Brasil parecem ecoar distintas percepções do educativo, pese embora a relativa proximidade das grades curriculares, gerando distintos meios de satisfação das aspirações dos egressos que escolhem atuar nessa área.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo Geral

Efetuar um estudo sociológico transnacional, envolvendo Portugal e Brasil, com egressos dos cursos de Ciências da Educação e Pedagogia a fim de identificar as expectativas iniciais e os percursos construídos profissionalmente por estes a partir da sua formação de base.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

- a) Descrever sucintamente as características dos países Portugal e Brasil, aprofundando para a análise da legislação educacional;
- b) Apresentar breve histórico e grade curricular dos cursos Ciências da Educação e Pedagogia, ofertados pela Universidade do Porto (UP) e Universidade Federal do Paraná (UFPR), respectivamente;
- c) Analisar as informações coletadas de cada país efetuando uma ponte de similitudes para confronto posterior com a pesquisa sociológica;
- d) Elaborar um roteiro para a pesquisa sociológica, levando em consideração a teoria de Lahire – retrato sociológico, em alunos egressos dos cursos de Ciências da Educação e Pedagogia;
- e) Efetuar entrevistas gravadas com os egressos para análise e delineamento dos retratos sociológicos obtidos;
- f) Expor os possíveis diálogos entre a formação dos profissionais de educação em Portugal e no Brasil.

Ressalta-se que o delineamento da pesquisa não envolve uma análise crítica das especificidades de cada país (história, legislação, universidades, cursos), antes expor os fatos influenciadores da formação sociocultural, da trajetória escolar e do percurso profissional dos entrevistados, valendo-se da premissa “contra fatos, não existem argumentos.”

A redação dos capítulos foi cunhada de forma a obter maior concisão, precisão e objetividade científicas. Assim, o estudo se divide em oito capítulos. O

primeiro é o introito visando informar sobre o tema, a justificativa, a problemática e os objetivos do estudo.

O segundo capítulo aborda o arcabouço teórico, onde por meio de pesquisa bibliográfica é efetuada a exposição factual de todas as peculiaridades que envolvem as questões de historicidade, a legislação educativa, as universidades, os cursos contendo as grades curriculares; após cada abordagem concisa e objetiva é efetuada uma análise das similitudes entre cada país.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia utilizada para a elaboração da pesquisa bibliográfica e de campo.

O quarto capítulo apresenta a teoria sociológica de Lahire, por meio dessa teoria metodológica foi elaborada a estrutura da pesquisa de campo: retratos sociológicos.

O quinto capítulo os apresenta retratos sociológicos elaborados a partir da pesquisa de campo e sua análise.

O sexto capítulo as considerações finais contendo as conclusões obtidas das pesquisas bibliográficas e dos retratos sociológicos, efetuando-se uma análise de todo material pesquisado.

O sétimo capítulo as referências contendo todo o material de cunho documental e científico pesquisado.

O oitavo capítulo os apêndices contendo o Termo de Consentimento e a transcrição de todas as entrevistas efetuadas.

## 2 ARCABOUÇO TEÓRICO

Neste capítulo são expostos conceitos teóricos fundamentadores da pesquisa, abrangendo os universos legais, educacionais e culturais de Portugal e Brasil, limitados aos cursos de Ciências da Educação e Pedagogia.

O objetivo é demonstrar de forma sucinta a formação cultural e social dos países e como estas influenciaram a educação superior, em específico, a elaboração das grades curriculares dos cursos de Ciências da Educação, em Portugal na Universidade do Porto, e Pedagogia no Brasil ministrado pela Universidade Federal do Paraná.

### 2.1 AS ORIGENS HISTÓRICAS E CULTURAIS: LUSITANA E BRASILEIRA

Neste capítulo o objetivo é apenas ressaltar sucintamente as origens e a carga sócio histórica, Portugal e Brasil. Afinal, Brasil foi colônia portuguesa, ou seja, não existiria sem Portugal. Contudo, o caminho trilhado para a edificação estrutural das esferas governamental, econômica e educacional de ambos os países são distintas. O estudo impele apenas um retrato conciso sobre a formação de ambos os Países evocando principalmente os contributos para a formação sociocultural de cada um.

#### 2.1.1 Portugal

Portugal está localizado na Europa, considerado o Velho Mundo, possuindo uma história intrinsecamente ligada à própria civilização humana. A sua localização geográfica está na Península Ibérica<sup>1</sup>: rodeada pelo Oceano Atlântico e pelo Mar Mediterrâneo, faz a transição entre a Europa e a África. (Daveau, 1995) A proximidade entre os dois continentes é o que a tornou alvo dos viajantes e conquistadores ao longo da história.

---

<sup>1</sup> Península que se situa na parte mais ocidental da Europa e compreende dois países independentes – Espanha e Portugal – e duas colônias Andorra (independente da Espanha no século XIII e hoje principado) e Gibraltar (Grã-Bretanha). Também denominada de Península Hispânica. Em formato similar a um trapézio, a Península liga-se ao continente europeu pelo istmo constituído pela cordilheira dos Pireneus, sendo rodeada a norte, oeste e parte do sul pelo oceano Atlântico e a restante costa sul pelo Mar Mediterrâneo. (Porto Editora, 2022; Lourenço & Bravo, 2010)

Achados científicos colocam humanos vivendo em cabanas próximo aos rios Tejo e Sado entre os idos de 8.000 e 5.000 a.C. Com o início da atividade agrícola e pastoril a Península Ibérica foi povoada por imigrantes oriundos do Mediterrâneo; monumentos megalíticos construídos no final da Idade da Pedra, denominados antas e menires, também são encontrados na região do Alto Alentejo. Com o início da fabricação de metais – Idade do Bronze e Idade do Ferro – a região peninsular foi alvo da migração de povos fenícios e gregos. A partir de 900 a.C. na região norte da Península Ibérica surge a civilização castreja<sup>2</sup> cuja atividade principal era a agropecuária. Em 500 a.C. os Celtas migram da Europa Central para a Península Ibérica morando junto com os Iberos e formando os Celtiberos, cuja tribo mais importante foi a dos Lusitanos. (Ferreira e Dias, 2016)

Importa salientar que a tribo Lusitanos não se limita ao futuro território português, o fato é que “boa parte do seu território ficava situado em regiões fora do que viria, mais tarde, a ser Portugal. A sua capital era a cidade de Mérida, na Estremadura espanhola”. (Ferreira e Dias, 2016, p. 17)

Figura 1 – Povos Pré-Romanos da Península Ibérica

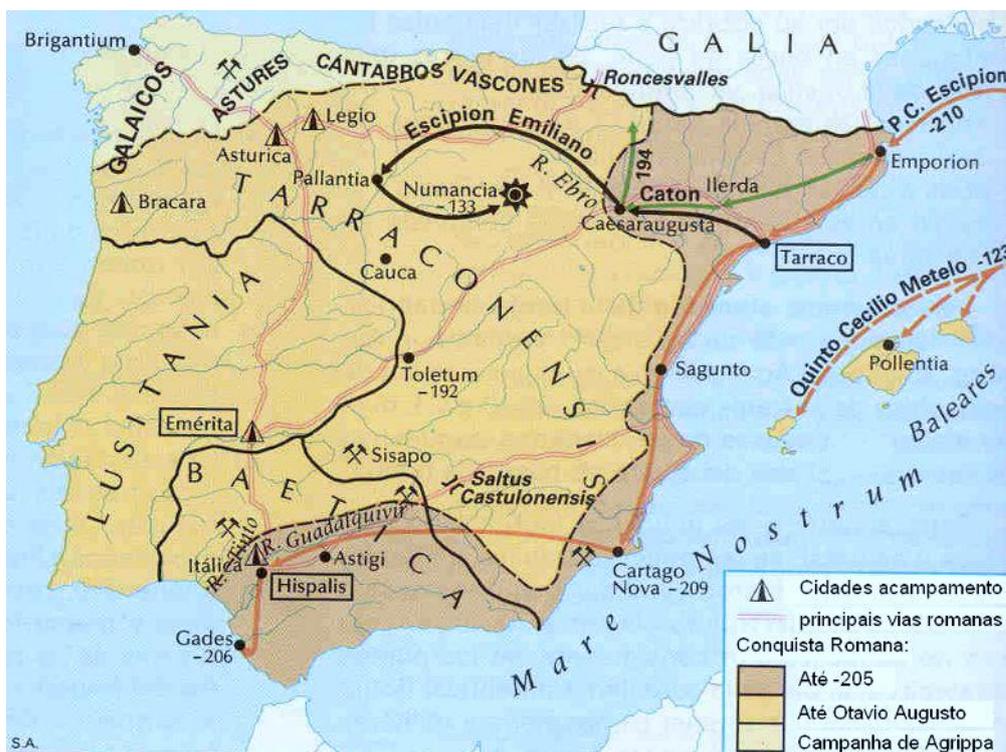


Fonte: Areán-García (2009, p. 26)

<sup>2</sup> Nome dado as pessoas que habitavam em castros – aldeias fortificadas situadas no topo de montes. (Ferreira e Dias, 2016, p. 17)

Os Lusitanos lutaram contra a expansão romana em 218 a.C., na chamada Guerra Púnica. A romanização da Península Ibérica, na época conhecida como Hispânia, trouxe consigo uma influência forte na vida das tribos conquistadas, dentre elas destacam-se a adoção de leis e cultura romanas e construções de aquedutos, estradas e anfiteatros, entre outros. O domínio romano trouxe consigo avanços no comércio, agricultura e indústria, onde todos prosperaram. A religião cristã é resultado da dominação romana e a própria língua, o Latim, forneceu fundamentos para originar diversas línguas, dentre elas o Português e o Castelhana. (Ferreira e Dias, 2016)

Figura 2 – Expansão romana na Península Ibérica



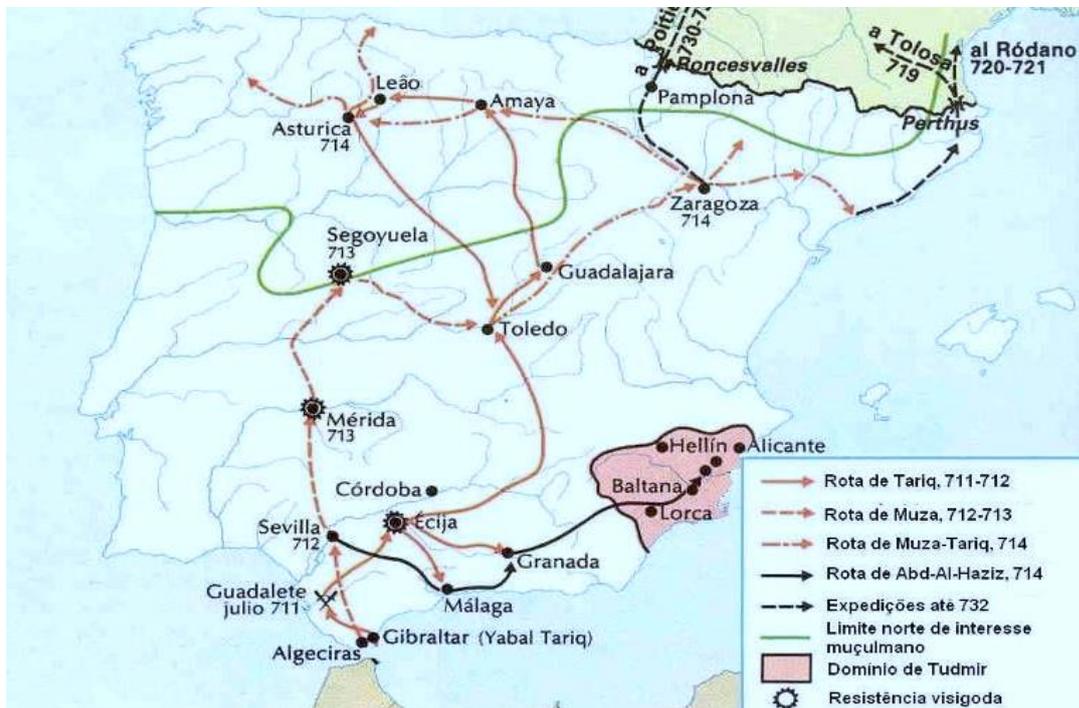
Fonte: Areán-García (2009, p. 27)

O declínio do império romano na Península Ibérica se iniciou ao final do século IV com a entrada de inúmeros povos não romanos por dois séculos. Tudo se iniciou no século III quando os povos bárbaros do norte da Europa iniciaram a infiltração pacífica no império romano como trabalhadores e mercenários. As invasões aniquiladoras do Império romano ocorreram por volta de 409 d.C. Esses povos denominados bárbaros possuíam origem germânica como os alanos, vândalos e suevos. (Costa, 2019)

(...) os suevos, pouco romanizados e, inicialmente, não cristãos, seriam os responsáveis por dar início ao particularismo da língua galego-portuguesa, ao se instalarem na Gallaecia no início do século V, em 411. A fusão dos povos galaicos-romanos e suevos, foi um processo prolongado que parece somente ter se estabilizado em 559 com a conversão destes ao catolicismo. Seu reino ocupou desde a região norte do rio Tejo e toda a província da Gallaecia com a capital em Braga, mas sucumbiu em 585 com as campanhas de expansão do reino visigodo de Leovigildo, que em 618 já dominava quase toda a Península Ibérica (...) (Monteagudo, 1999, p. 69, citado por Areán-García, 2009, p.30)

No século VIII é a vez do império árabe invadir a Península Ibérica com o objetivo de expandir seu território. Mas, nas Astúrias surge a resistência que provoca a reconquista cristã da península. Inúmeras batalhas são travadas na península culminando com a vitória cristã por volta do ano 1.000 d.C. (Costa, 2019)

Figura 3 – Expansão do domínio árabe na Península Ibérica



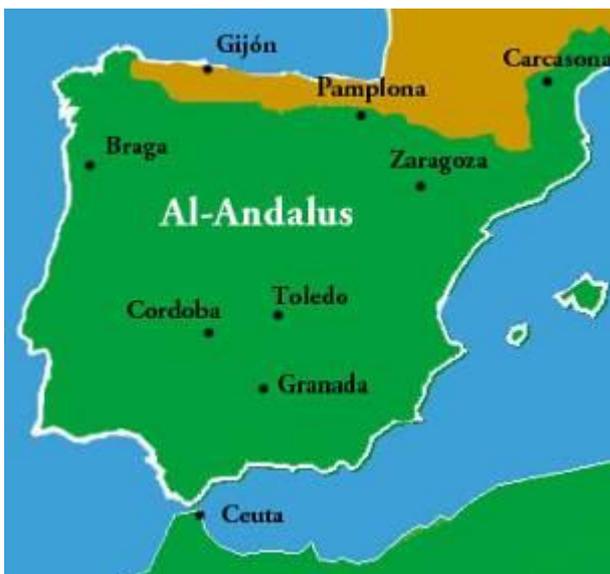
Fonte: Areán-García (2009, p. 33)

O rápido domínio árabe ocorreu devido à atitude dos visigodos, pois a dominação dependia do aceite da nova religião: acaso aceitavam se tornavam parte da comunidade; se ficassem fiéis ao cristianismo manteriam suas propriedades e eram obrigados a pagar impostos; se houvesse resistência armada eram aniquilados. O pagamento de impostos era obrigatório para qualquer cidadão, cristão ou islâmico. A religião era o fator segregador entre as culturas, promovendo

distanciamento entre as línguas latinas e árabes. Os visigodos se dividiram em moçárabes (cristãos) e muladis (islâmicos convertidos sem adoção da língua árabe). (Areán-García, 2009)

A rapidez do domínio árabe na península se deve realmente a uma simples escolha dada ao povo: evite o massacre, renda-se pacificamente e aceite o governo árabe. Escolha essa muito aceitável em face da fama adquirida pelo exército muçulmano, o qual já havia vencido Roma e tomado o norte da África. De acordo com Fasi (2010) a última resistência se deu pelo rei Roderic – Rodrigo em espanhol e Rūdrīk em árabe – considerado o último rei dos Visigodos, em 710, mas foi vencida em 711 e em 754, toda a península estaria sob o controle do Califado Omíada. Assim, foi criado o território muçulmano Al-Andalus, abrangendo quase a totalidade da Península Ibérica, o qual segundo Domingues (2022), “foi incorporado à Idade de Ouro Islâmica desenvolvendo uma civilização urbana brilhante, com destaque para as artes, as ciências e a filosofia”.

Figura 4 – Mapa do território Al-Andalus



Fonte: Domingues (2022)

O domínio árabe não foi aceito pacificamente por muito tempo, os cristãos mantiveram-se no norte da Península, criando o Reino das Astúrias. Em sequência, reinos se ergueram para lutar pela Reconquista Cristã, entre eles encontravam-se as Astúrias, Leão, Castela, Navarra, Aragão ou Portugal. Após a fusão de reinos, alcançadas pelo enlace matrimonial dos Reis Católicos – Isabel e Fernando – de

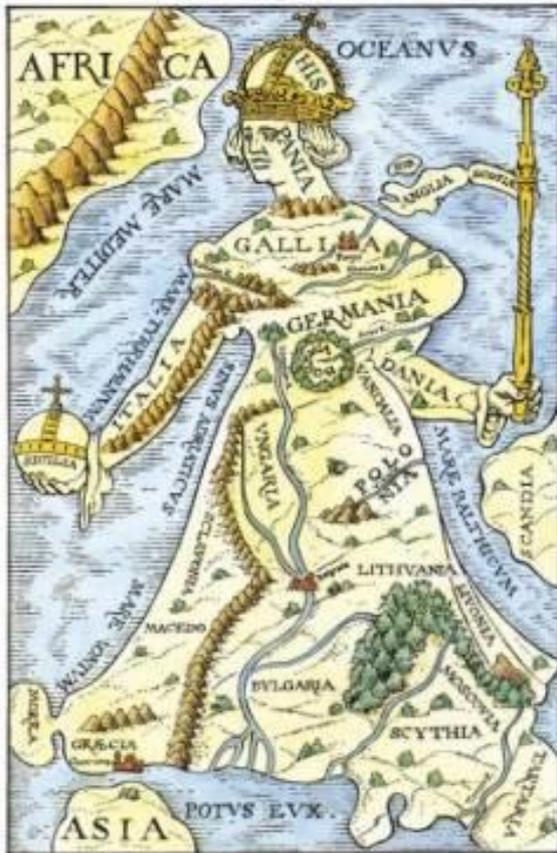


A importância de Portugal para a Europa nos anos seguintes foi de extremo valor, travando várias guerras contra a Espanha, criando uma aliança com a Inglaterra, considerada a aliança mais antiga do mundo, perdurando até os dias atuais, e principalmente, por iniciar a “Era dos Descobrimentos”. (Ferreira e Dias, 2016)

Disse Camões “É Portugal a cabeça da Europa”, no século XVI, e Fernando Pessoa, no século XX, novamente ressalta a afirmativa. (Costa, 2019, p. 9)

Ao averiguar a geografia envolvendo o continente europeu, pode-se compreender a origem dessa afirmativa, que na realidade, é um fato. E esse fato foi gravado em madeira por Sebastian Münster (1489-1552), cuja imagem é demonstrada na figura 6. Por mais que Portugal não seja considerado o nascedouro da Europa, fundado somente no século XII, com o Tratado de Zamorra, a sua influência é notada desde os primórdios da civilização humana. (Costa, 2019)

Figura 6 – Adaptação Antropomórfica da Europa



Fonte: Costa (2019, p. 10)

Portugal e Espanha foram os maiores vencedores da Reconquista e precisavam iniciar a expansão territorial visando a consolidação de suas fronteiras e também, a busca por uma nova rota comercial para as Índias. Afinal, a localização geográfica privilegiava o acesso ao Atlântico. (Ramos, Souza & Monteiro, 2021)

Nessa Era dos Descobrimentos, Portugal construiu um vasto império possuindo colônias em todo o mundo, da América do Sul à Oceania. Os portugueses iniciaram a expansão explorando a própria costa e se aventurando na costa marroquina, visando a continuidade da Reconquista ao norte da África. Posteriormente, os marinheiros portugueses começaram a aventurar-se em mar aberto, quando descobriram as ilhas das Canárias, Madeira, Açores e Cabo Verde. Em seguida, os portugueses exploraram a costa da África, estabelecendo portos comerciais, e tentaram descobrir a rota marítima para a Índia, o que fizeram em 1498, sob o comando do explorador Vasco da Gama e, em 1500, sob comando de Pedro Álvares Cabral, alcançam o Brasil. (Ferreira e Dias, 2016)

Esse auge alcançado por Portugal não avançou, na realidade ocorreu ao contrário, houveram significativas perdas, dentre elas várias colônias – incluindo a maior delas, o Brasil – e rotas comerciais. Cataclismos também prejudicaram o desenvolvimento e o progresso do País, sua capital foi destruída por um terremoto em 1755 e em seguida, foi ocupada durante as Guerras Napoleônicas. A partir de então, Portugal se tornou uma potência menor na Europa, tendo apenas algumas colônias na África e na Ásia e não retornando a ser uma potência econômica. (Costa, 2021)

Em 1910, devido à corrupção, a insatisfação com os vários reis e a perda das terras africanas reivindicadas para os ingleses, a monarquia terminou e uma República foi criada. Portugal se tornou radicalmente laico, dominado pela corrupção gerando instabilidade governamental alarmante que aproximava o país da falência. Diante desse cenário, em 1926, ocorre um golpe militar colocando um ponto final a situação e instalou-se uma ditadura militar e, depois, um regime fascista, o Estado Novo, chefiado por António de Oliveira Salazar. Este período foi marcado pelo autoritarismo, pela falta de liberdade e, a partir de 1961, pela Guerra Colonial Portuguesa. (Costa, 2021)

Tudo isso terminou com a Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974, realizada pelo Movimento das Forças Armadas (MFA), movimento de jovens capitães de esquerda das Forças Armadas Portuguesas. Com a Revolução, foram

feitas reformas democráticas e aconteceram as primeiras eleições livres com múltiplos partidos, bem como a independência de todas as colônias portuguesas.

Iniciou-se também, o Processo Revolucionário Em Curso (PREC), período de confronto entre forças conservadoras e de esquerda dentro do MFA, marcado por turbulência política, violência, instabilidade, nacionalização e expropriação de terras privadas. Chegou ao fim em 25 de novembro de 1975, quando os moderados do MFA apareceram como a força principal.

Atualmente, Portugal é um dos 15 estados mais sustentáveis do mundo e é considerado o terceiro mais pacífico. Tem altos padrões de vida e uma boa economia. Foi membro fundador da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), da Associação Europeia de Comércio Livre (EFTA) e da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Entrou na Comunidade Económica Européia, atualmente União Européia, em 1986, e é um de seus apoiadores mais ferrenhos, tendo inclusive produzido um Presidente da Comissão Européia.

Diante do exposto, afirma-se que a Península Ibérica, incluindo Portugal, foi rota para inúmeras nações, dentre elas os fenícios, gregos, cartagineses (mediterrâneo), romanos, hunos (nômades asiáticos), suevos (germânicos), alanos (Iranianos), vândalos (germânicos), muçulmanos e os povos oriundos do Norte da África. Cada uma dessas nações influenciou a cultura e os costumes de Portugal.

As trocas culturais na Península Ibérica - e na região mediterrânica em geral - foram tão intensas que a categorização e a identificação de elementos culturais próprios de uma determinada cultura dificilmente serão absolutas. A convivência entre muçulmanos espanhóis e norte-africanos em Andaluzia não consistiu na dominância da cultura andaluza no Magreb, bem como não evidencia a supremacia dos ensinamentos almorávidas. Trata-se, neste caso, de um tipo de entrelaçamento, que deu origem a um novo desenvolvimento e ao surgimento de espaços de liberdade e de conflitos (Silveira, 2009, p. 651).

E essa influência igualmente foi repassada às colônias portuguesas, dentre elas o Brasil. Importa salientar o vasto arcabouço sociocultural de Portugal, uma história repleta de coragem, determinação, luta e conquistas.

### 2.1.2 Brasil

Diferente de Portugal, o Brasil é um país jovem, com pouco mais de cinco séculos. É o gigante da América Latina com 8.515.767,049 km<sup>2</sup> de área territorial, a quinta maior do planeta, ficando atrás apenas da Rússia, Canadá, Estados Unidos e China. Importa salientar a dimensão comparativa com toda a Europa, a qual ocupa 10.180.000 km<sup>2</sup>. (Diolina, 2022)

O Brasil representa uma vasta região e com certeza foi a maior descoberta para Portugal. O primeiro explorador europeu a desembarcar no Brasil, foi o almirante português Pedro Alvarez Cabral, com sua frota composta por “naus, três caravelas e uma naveta de mantimentos”.

Além do formato das velas, o que diferenciava uma embarcação da outra era o tamanho: enquanto as caravelas mediam 22 metros de comprimento e transportavam até 80 homens, as naus podiam chegar a 35 metros e tinham capacidade para 150 tripulantes. (Bernardo, 2020)

Existem controvérsias quanto ao motivo da descoberta de Cabral, alguns indicam erro de navegação já que o destino eram as Índias, outros – historiadores contemporâneos – alegam intencionalidade<sup>3</sup>. O resultado é inquestionável: foram os portugueses que tomaram posse da terra.

“O consenso é de que Portugal sabia da existência de terras no Atlântico. Caso contrário, não teria pressionado o papa Alexandre 6º para modificar a bula *Inter Coetera*, de 1493, que deixava os portugueses de fora do Novo Mundo descoberto por Colombo em 1492”, observa Vainfas. “Mas o fato é que a viagem de Cabral ia mesmo para a Índia. Uma tempestade desviou a rota e eles deram em Porto Seguro. Uma coisa é saber que havia terras ali. Outra é montar uma expedição com o propósito de aportar no sul da Bahia. Por isso, o historiador português Joaquim Romero de Magalhães (1942-2018) prefere chamar a viagem de 'achamento' e não de 'descobrimento'. (Bernardo, 2020)

O local em que desembarcaram era idílico, o clima tropical com brisas quentes e finas, terra verdejante e uma tribo Tupi curiosa, mal armada e amigável.

Na realidade havia na época várias tribos indígenas, segundo Fausto (2006), haviam os tupis-guaranis, os tupis ou tupinambás, os guaranis, os goitacases, os

---

<sup>3</sup> O mapa do Brasil mais antigo que se conhece é o chamado “mapa de Cantino”, encomendado por Alberto Cantino, espião a serviço do duque de Ferrara, e realizado no final de 1501 por algum cartógrafo português que conhecia as descobertas. O mapa mostra o desenho do litoral brasileiro desde a foz do Amazonas até Cabo Frio, o que indica com certeza que outros viajantes já haviam explorado as novas terras. (Soares, 1939)

aimorés, os tremembés além de muitas outras nações como os carijós, tupiniquins, tamoios, entre outras. A maior nação indígena era composta pelos tupis-guaranis, os demais eram denominados de tapuias indicando índios que falavam outra língua que não a tupi-guarani.

A terra era chamada pelos indígenas de Pindorama. Mas, na Carta de Pero Vaz de Caminha à corte portuguesa denominou a terra de Ilha de Vera Cruz. Quando a armada desembarcou em Portugal, em 1501, o nome mudou para Terra Nova e Terra dos Papagaios, pois, havia sido constatado que o achado não se referia a uma ilha. Quando Dom Manuel enviou carta aos sogros sobre o achado, em 1503, denominou a terra de Santa Cruz e também era conhecida como Terra de Vera Cruz; em 1505, emerge o nome Brasil e é denominado de Terra do Brasil, para finalmente em 1527 ser denominado de Brasil, nome este que perdura até os dias de hoje. (Souza, 2001; Fausto, 2006)

O nome Brasil<sup>4</sup> foi escolhido devido a curiosa madeira *Caesalpinia echinata*, popularmente conhecida como pau-brasil, a qual era encontrada em abundância na mata em toda a costa, cuja resina extraída é de cor vermelha cor-de-brasa, muito utilizada para tingir tecidos na época. (Souza, 2001)

Figura 7 – Foto Árvore Pau-Brasil



Fonte: So Historia (2022)

---

<sup>4</sup> Alguns historiadores identificam o nome Brasil não com o de uma árvore. A palavra teria o significado de Ilha Afortunada, ou a ilha do Paraíso. A seu favor, os defensores da ideia já encontraram mapas feitos a partir de 1367, nos quais ilhas desconhecidas aparecem indicadas como “Braçile”, “Braçir”, “obrasil”, “O brasil” e “hobrasill”. (Soares, 1939)

A cor da roupa utilizada era sinal de *status* em toda a idade média: “A nobreza usava vermelho, camponeses usavam marrom e cinza, enquanto mercadores e banqueiros usavam verde. Na Roma antiga, o roxo era reservado para imperadores e magistrados”. (Polo Textil, 2017)

É muito provável que o nome Brasil tenha sido escolhido em face da madeira e da cor da resina, a qual indicava realeza. A terra brasileira desde o princípio foi considerada um paraíso e esse nome foi tão forte que mesmo com os adventos da Independência e da República, nenhuma autoridade ousou alterar esse nome. A terra brasileira sempre foi considerada nobre, por todos aqueles que pisaram nela desde a colonização.

Dom João II ao designar Martim Afonso de Sousa como governador do Brasil afirma: “Martim Afonso de Sousa do meu conselho capitão-mor da armada que envio à terra do Brasil” em 1530. (Soares, 1939)

O intuito da coroa portuguesa era criar uma sociedade de plantação, ou seja, a base econômica e social do Brasil seria agrícola e estruturada em torno de propriedades comerciais, conhecidas como fazendas. Seus proprietários presidiriam a produção de uma variedade de culturas de exportação usando uma combinação de trabalhadores incluindo homens livres, mas pobres, e uma força substancial de escravos, tanto africanos quanto indígenas. Nas primeiras décadas, os colonos se limitaram às áreas costeiras. (Fausto, 2006)

A primeira sensação de independência provavelmente começou em 1625. Nesse ano, invasores holandeses tomaram a colônia. Embora os brasileiros esperassem ser apoiados por Portugal em seus esforços para expulsar os pretensos conquistadores, a metrópole os decepcionou. Os holandeses derrotaram a força de socorro portuguesa em uma batalha naval.

O fato é que o Brasil, enquanto colônia portuguesa, gerava muita cobiça devido a sua valiosa produção agrícola. A Companhia das Índias Ocidentais liderou em 1624 uma invasão à Bahia, com uma frota composta holandesa de 26 navios e 500 canhões. Entretanto, em apenas um ano foram expulsos pelo exército luso-brasileiro. Outro ataque ocorre em 1630 em Pernambuco, considerada a mais rica produtora de açúcar no mundo.

No dia 12 de setembro de 1631, ocorreu a mais violenta batalha naval no Atlântico Sul, até então. Quatro galeões afundados, um aprisionado e cerca de 700 mortos jaziam no oceano após o enfrentamento das esquadras

neerlandesa e luso-espanhola. Foi um violento e intenso combate entre as capitânicas, e entre os navios dos Vice-Almirantes, como, normalmente, aconteciam nas batalhas navais em alto-mar até meados do século XVII. Foi um combate tático e estratégico inconcluso, que não alterou a situação da ocupação holandesa em Pernambuco. (Jungstedt, 2021, p. 68)

Os brasileiros formaram seu próprio exército e finalmente conseguiram expulsar os invasores em 1654. O sentimento de autoconfiança que veio com essa vitória levou a uma atitude mais assertiva. Após seu triunfo militar, os colonos começaram a migrar para o oeste sem a aprovação do governo real. Os portugueses tendiam a governar com mão leve. Eles tinham pouca escolha. Sua nação era a menor das potências europeias e seus súditos brasileiros não se consideravam fracos dependentes da nação mãe. O poder de hoje residia com os proprietários das plantações. (Frota, 1983; Soares, 2001; Fausto, 2006)

A guerra simbólica de independência que ocorreu em 1822 refletiu essa realidade. Esse conflito começou em 1808, quando o rei de Portugal, diante da desagradável perspectiva de ser capturado pelo exército invasor de Napoleão, carregou 10.000 de seus subordinados e amigos mais próximos e mais do que um pouco de ouro em navios mercantes e partiu com sua marinha para o Brasil. Os colonos surpresos o acolheram e sua majestade, por sua vez, distribuiu patentes de nobreza e títulos que deram muito prazer aos colonos. Após a morte do rei no Brasil, seu filho João VI, declarou o Brasil um reino co-igual dentro do grande reino português. Este foi mais um passo na escada política e social para os colonos que o apoiaram. (Fausto, 2006)

Depois que os britânicos expulsaram os franceses de Portugal e enviaram Napoleão para o exílio, os portugueses pediram a João VI que voltasse para casa e governasse sob a nova constituição um tanto democrática que limitava seu poder. Ao fazê-lo, deixou seu filho Pedro para trás como Príncipe Regente do Brasil. Contudo, a legislatura nacional de Portugal não quis aceitar o Brasil como um reino e em 1821, ordenou que Pedro voltasse para casa. Ele hesitou. Pedro não gostava muito de nenhum tipo de democracia. Além disso, ele gostava mais do Brasil do que de Portugal e descobriu que a maioria dos fazendeiros compartilhava do mesmo sentimento de independência. Então, em 1º de dezembro de 1822, ele rasgou dramaticamente o ultimato que ordenava que ele voltasse, gritando “Independência ou Morte”. Dado o apoio dos fazendeiros, o pequeno tamanho do exército português e a oposição britânica não ofereceu esforço para esmagar a revolta. Pedro, nunca

enfrentou uma perspectiva real de morte. Após alguns confrontos simbólicos com as guarnições portuguesas, o Brasil obteve o reconhecimento de sua independência. (Fausto, 2006)

Dom Pedro I ficou conhecido como o Defensor Perpétuo do Brasil e o Imperador Constitucional, títulos estes recebidos em seu reinado. Alguns anos depois de tomar o título de imperador Pedro I, ele percebeu que os monarcas modernos deveriam presidir nações com uma constituição. Assim, em 1824, ele ditou uma constituição ao seu secretário, a primeira constituição brasileira e até hoje a mais longa. (Gomes, 2010)

25.03.1824 - O imperador D. Pedro I expede Carta de Lei que “manda observar a Constituição Política do Império do Brasil, oferecida e jurada por Sua Majestade, o Imperador D. Pedro I”. De acordo com a Carta Constitucional, *a Assembleia Geral Legislativa compreende a Câmara dos Deputados (temporária) e a Câmara dos Senadores ou Senado (vitalícia). Cada legislatura durará quatro anos, e cada sessão anual (sessão legislativa), quatro meses. A primeira deveria ser composta por 102 deputados escolhidos em eleições indiretas, voto censitário, separação dos três poderes: Poder Executivo, Poder Judiciário e Poder Legislativo. A Igreja Católica é a igreja oficial do país. O regime político implantado é a constitucionalização do absolutismo, em especial ao criar o Poder Moderador, exercido diretamente pelo imperador e acima dos outros três. Dá-lhe o direito de interferir no Executivo e no Legislativo e de atuar como mediador entre as forças políticas em disputa. No Segundo Império, vai garantir a alternância de conservadores e liberais no poder e o equilíbrio do regime. O texto constitucional proíbe a organização de corporações e assegura a liberdade de trabalho. Nenhum gênero de trabalho, de cultura, indústria ou comércio pode ser proibido, conquanto não se oponha aos costumes públicos, à segurança e à saúde dos cidadãos. Todo cidadão pode ser admitido aos cargos públicos civis, políticos ou militares, sem outra diferenciação que não seja a de seus talentos e virtudes.* (grifo nosso) (Câmara dos Deputados, 2022)

Além de ser a carta constitucional mais duradoura da história brasileira, o texto ditado por Dom Pedro I é ainda utilizado como base nos textos constitucionais subsequentes, como, por exemplo, a instauração dos três poderes: Executivo, Judiciário e Legislativo. Deveras, Dom Pedro I era um homem muito culto e amava o Brasil e seu povo, enfatizando na Carta Magna os direitos aos cidadãos, a igualdade de trabalho e a liberdade.

Mesmo havendo tornado independente o Brasil de Portugal, Dom Pedro I ainda possui laços com a corte portuguesa, ele ainda é o sucessor do trono de Portugal e ao mesmo tempo Imperador do Brasil. Com o falecimento de Dom João VI em 10 de março de 1826, a questão sucessória do trono português deve ser resolvida, pois Dom Pedro I não poderia governar ambos os impérios (Portugal e

Brasil) ao mesmo tempo sob o risco de gerar a união de duas coroas, o que representaria retrocesso à emancipação brasileira. Uma crise de incertezas e inseguranças se instaurou na coroa portuguesa e no Brasil, todos temiam por seu próprio destino. (Fausto, 2006)

Graças a esse impasse, em 7 de abril de 1831, Dom Pedro I resolve abdicar do trono brasileiro em prol de seu filho Dom Pedro II, na época com 5 anos, para governar a coroa portuguesa, justificando a sua atitude em carta:

Meu querido filho e imperador. Muito lhe agradeço a carta que me escreveu. Eu mal pude ler porque as lágrimas eram tantas que me impediam de ver. Agora que me acho, apesar de tudo, um pouco mais descansado, faço esta para lhe agradecer a sua e para certificar-<lhe> que enquanto vida tiver, as saudades jamais se extinguirão em meu dilacerado coração. Deixar filhos, pátria e amigos, não pode haver maior sacrifício, mas levar a honra ilibada, não pode haver maior glória. Lembre-se sempre de seu pai, ame a sua e a minha pátria, siga os conselhos que lhe derem aqueles que cuidarem na sua educação e conte que o mundo o há de admirar, e que eu me hei de encher de ufania por ter um filho digno da pátria. Eu me retiro para a Europa, assim é necessário para que o Brasil sossegue, o que Deus permita e possa para o futuro chegar àquele grau de prosperidade de que é capaz. Adeus, meu amado filho. Receba a bênção de seu pai que retira saudoso e sem mais esperanças de o ver (Barcellos, 2005, p. 7)

De 1831 a 1840 o Brasil segue governado em um regime de regência trina, composta por senadores até o alcance da maioria de Dom Pedro II. Mas, devido a inúmeras revoltas civis envolvendo a centralização do poder no governo sem levar em consideração as demandas das províncias, ou seja, o federalismo o qual proporcionaria maior autonomia as mesmas. As principais revoltas ocorridas, segundo Morel (2003), foram:

- Cabanagem (1835 e 1840): deflagrada no Pará pela insatisfação popular com a pobreza, desigualdade social e disputas políticas locais.
- Balaiada (1838 e 1841): ocorreu no Maranhão devido a disputas políticas locais.
- Sabinada (1837 e 1838): sucedeu na Bahia pelo clamor da população pela separação da monarquia e criação de uma república na Bahia.
- Revolta dos Malês (1835): ocasionada pela rebelião de escravos na cidade de Salvador, Bahia.
- Revolta dos Farrapos ou Revolução Farroupilha (1835 a 1845): ocorre no Rio Grande do Sul e é motivada pelas insatisfações da elite local com o governo sobre questões econômicas e políticas.

O fim do período regencial eclode como resposta às inúmeras disputas políticas entre os liberais e os conservadores, os primeiros criticavam a regência defendendo a maioria do príncipe, Pedro de Alcântara, alcançando êxito com aprovação da maioria dos deputados e senadores, o que foi chamado de o Golpe da Maioridade em 1840. Em consequência, Pedro de Alcântara obteve a antecipação de sua maioria e se tornou imperador do Brasil aos 14 anos de idade, satisfazendo assim o desejo dos liberais e colocando fim nas revoltas que ocorriam nas províncias brasileiras. (Morel, 2003)

Assim, Dom Pedro II é declarado maior de idade em 23 de julho de 1840 e em seguida, coroado imperador em 18 de julho de 1841. Embora os distúrbios nas províncias que assolaram a regência continuassem nos cinco anos seguintes, a curiosidade intelectual e profunda preocupação com seus súditos logo se tornou aparente. Observa-se no novo imperador o mesmo ideal aristocrático do pai, ou seja, de uma sociedade baseada na agricultura. O imperador e seus apoiadores viam o comércio, a indústria e a urbanização como desejáveis apenas na medida em que essas instituições apoiassem seu mundo agrícola. (Dolhnikoff, 2017)

O novo imperador se considerava o árbitro da vida política do Brasil e usava o poder que lhe era concedido pela Constituição para regular os grupos antagônicos que buscavam dominar o país. Ele foi muito auxiliado nesta atividade pelo apoio oferecido pela figura militar dominante do país, o duque de Caxias, Luiz Alves de Lima e Silva. Importa salientar que Dom Pedro II foi o primeiro monarca brasileiro nascido no Brasil e assim, guardou a soberania de seu país nas disputas com a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, liderando ainda, o Brasil na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870), ganhando novo território e prestígio para o Brasil. Para Dolhnikoff (2017) a identidade brasileira foi forjada no reinado de Dom Pedro II, permanecendo viva ainda na atualidade.

O governo de Pedro II trouxe estabilidade e progresso à conturbada economia. Na realidade a própria personalidade de Dom Pedro II o auxiliava na mediação e solução dos conflitos, pois era um homem calmo, sério e inteligente. Ele incentivou a produção de café em vez de açúcar e, sob sua orientação, o Brasil obteve ganhos significativos na construção de ferrovias, telégrafos e cabos. Como resultado de sua liderança, ele desfrutou de um apoio quase incondicional por 40 anos. (Fausto, 2006; Dolhnikoff, 2017)

A despeito de sua liderança benigna e progressista, no final de seu reinado seu apoio havia enfraquecido. A questão crucial foi a abolição da escravatura, ocorrida em 13 de maio de 1888. Pessoalmente contrário à escravidão, ele próprio já havia libertado seus próprios escravos em 1840, Pedro achava que a abolição na economia brasileira de base agrícola teria que ocorrer gradualmente para não incomodar os latifundiários. Quando a emancipação completa foi finalmente decretada, com sua filha Isabel atuando como regente, foram libertos 700.000 escravos sem qualquer compensação feita para os proprietários, gerando inúmeros conflitos e prejuízos à produção agrícola. (Napolitano, 2016)

Pedro também teve relações tensas com a Igreja Católica Romana depois de 1872 por causa de sua oposição às leis antimacônicas aprovadas pela Igreja. Além disso, o imperador, que representava o campo colonial e as classes agrárias, viu-se afastado de elementos cada vez mais poderosos da sociedade, particularmente a emergente classe média urbana e os militares. Esses e outros fatores se combinaram para provocar sua queda. (Dohnikoff, 2017)

Em 1899, uma revolta militar liderada pelo marechal Floriano Peixoto depôs o monarca. A família real se exilou na Europa. Os restos mortais de Dom Pedro II e de sua esposa foram devolvidos ao Brasil, em 1920, e colocados em uma capela na cidade de Petrópolis, batizada em sua homenagem. (Napolitano, 2016)

Floriano Peixoto e seus colegas oficiais não buscavam nenhum tipo de democracia. A constituição que eles promulgaram posteriormente concedeu a menos de cinco por cento da população masculina o direito de voto. Em vez disso, eles queriam fazer de sua nação uma potência industrial moderna. Para isso, eles incentivaram a imigração em massa em um esforço para branquear a população. Da Itália, da Alemanha, do Japão, da Espanha, Rússia, Polônia e Portugal e Síria, milhões chegaram. Enquanto as cidades cresciam e as exportações de matérias-primas como a borracha e as culturas agrícolas tradicionais aumentavam, a prosperidade nunca foi generalizada e grande parte da população permaneceu pobre e analfabeta. (Dohnikoff, 2017)

É importante salientar que tanto Dom Pedro I como Dom Pedro II amavam o Brasil e seu povo, lutaram e abdicaram de seus direitos monárquicos em favor da paz da nação. O legado de ambos os imperadores se faz presente em toda a legislação brasileira, um legado reto e equitativo. Esse fato é importante, pois demonstra uma influência paternalista desses imperadores. Portanto, o constructo

sociocultural do brasileiro é influenciado pelo regime monárquico não ditatorial, antes justo e pacífico. A história do Brasil a partir desse momento é contada nas Cartas Magnas elaboradas em períodos de transição, enquanto se buscava adaptar a legislação às demandas sociais do brasileiro. Essa disputa de direitos sociais influencia a formação social do indivíduo, a identidade do brasileiro, sendo portanto, essencial para o presente estudo.

Com o golpe de Estado em 15 de novembro de 1889, colocando fim a monarquia, proclama-se a República Federativa do Brasil. Portanto, o primeiro ato jurídico do movimento armado foi a edição do Decreto nº 1, redigido por Rui Barbosa, no qual ficava provisoriamente decretada a forma de governo da nação brasileira: a República Federativa. A Constituição de 1891, conhecida como Brasil República, incorpora espíritos liberais, inspirados na tradição republicana dos Estados Unidos. Estabelece o presidencialismo com regime político, confere maior autonomia aos estados da federação e garantindo a liberdade partidária. Elimina o Poder Moderador, estabelecendo apenas os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. (Martins, 2002)

Institui eleições diretas para a Câmara, o Senado e a Presidência da República, com mandato de quatro anos. O voto passa a ser universal e aberto (não secreto) para homens acima de 21 anos e vetado a mulheres, analfabetos, soldados e religiosos. Determina também a separação oficial entre o Estado e a Igreja. Mesmo sendo promulgada a participação popular ficou restrita exclusivamente ao seguimento de eleitores restritos, excluindo parte significativa da sociedade. (Napolitano, 2016)

Em 1930 inicia-se um período de crises internas, os governadores de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul e da Paraíba, discordam do Presidente Washington Luiz quando este designou seu sucessor, sem consulta aos estados. Descontentes, os opositores formaram a Aliança Liberal, tendo como candidatos Getúlio Vargas e João Pessoa, para o cargo de presidente e vice-presidente respectivamente. (Napolitano, 2016)

Esses conflitos culminaram com a revolução de 1930 cujo objetivo era finalizar a experiência liberal da primeira República, buscando a renovação da política brasileira. A primeira república trazia marcas nada favoráveis aos brasileiros, fruto de um estado liberal que não se preocupava com o cidadão do povo, mas somente com a elite e com os políticos. Havia uma propaganda ilusória de um Brasil

próspero, com território rico, dando como exemplo o Rio Amazonas, o maior rio do mundo, a Mina de Morro Velho, a mais rica do mundo, e, as inúmeras belezas naturais, como a Baía de Guanabara no Rio de Janeiro. Em resumo, o estado liberal ignorava o homem-cidadão com um governo não dirigido em benefício do povo, mas sim, para seus representantes políticos. (Gomes, 2005)

Para agravar a situação o mundo era assolado pela crise econômica de 1929 e pelo surgimento de movimentos sociais pleiteando melhores condições de vida, trabalho e distribuição de renda, os quais geraram divergências quanto à validade da democracia liberal e do liberalismo econômico. Promulgada pela Assembleia Constituinte em julho de 1934, a Constituição do primeiro governo Vargas reproduz a essência do modelo liberal: confere maior poder ao governo federal; estabelece o voto obrigatório e secreto a partir dos 18 anos e o direito de voto às mulheres, já instituído pelo Código Eleitoral de 1932; prevê ainda, a criação da Justiça Eleitoral e da Justiça do Trabalho. A participação popular foi para o referendo, a margem dos eleitores tinha se ampliado significativamente, portanto havia a participação popular. (Martins, 2002)

Mas, em 1937, o Presidente da República, Getúlio Vargas, revoga a Constituição de 1934, dissolve o Congresso e outorga ao país, sem qualquer consulta prévia, a Carta Constitucional de 1937, com a supressão dos partidos políticos e a concentração de poder nas mãos do chefe supremo, ele, Getúlio Vargas. A Constituição de 1937 inspirou-se nos modelos fascistas europeus, institucionalizando o regime ditatorial do Estado Novo, de cunho eminentemente autoritário. (Napolitano, 2016)

Entre as medidas instituídas ressalta-se: instituição da pena de morte; supressão da liberdade partidária; anulação da independência dos poderes e da autonomia federativa. Permite ainda, a suspensão de imunidade parlamentar, a prisão e o exílio de opositores. Estabelece eleição indireta para presidente da República, com mandato de seis anos. Fortalecimento do Poder Executivo, com a extinção do cargo de Vice-Presidente; permite a intervenção Federal dos Estados-Membros; a Censura Prévia e cria a Polícia-Política. (Napolitano, 2016)

Com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945 e com a vitória dos países democráticos, o então Presidente Getúlio Vargas, através de lei complementar, Lei Constitucional nº 9, fixa eleições para 02 de dezembro do mesmo ano. Ocorre então, uma animosidade na campanha eleitoral e diversos fatos como a prisão de

candidatos para governadores e deputados estaduais, provocando um clima de insatisfação generalizada, culminando com a queda do governo de Getúlio Vargas no mesmo ano. No ano seguinte é convocada uma Assembleia Constituinte, que concluiu seus trabalhos em setembro do mesmo ano, sendo promulgada a Constituição em 18 de setembro de 1946. Promulgada durante o governo Dutra, reflete a derrota do nazi-fascismo na II Guerra Mundial e a queda do Estado Novo. Procura definir alinhamento com os regimes democráticos vigentes no Ocidente, da mesma forma que dava continuidade a linhas da evolução democrática anteriormente iniciada no País. (Martins, 2002)

Em 1961 a Constituição sofre importante reforma com a adoção do parlamentarismo, posteriormente anulada pelo plebiscito de 1963, que restaura o regime presidencialista, decisões estas tomadas sem a participação popular. (Martins, 2002)

Apesar da restauração do sistema de governo Presidencialista, com os seus poderes, a crise interna não cessou. Com resistência no Congresso e revolta da sociedade, a marcha da cidade de São Paulo, com a presença de mais de quinhentas mil pessoas, manifestando-se contra a ordem reinante no país, as Forças Armadas intervêm, tomando o poder em 31 de março de 1964. Instaura-se a ordem revolucionária no País, é editado no dia 09 de abril de 1964 o Ato Institucional nº 1/64, prevalecendo o ato de força. Sendo nomeado Castelo Branco como presidente, pelo regime militar. Emerge então, nova Constituição em 1967, coincidindo com a posse do presidente Marechal Artur de Costa e Silva. A Constituição mantém o bipartidarismo, estabelece eleições indiretas para presidente da República, com mandato de quatro anos. (Martins, 2002)

Esse período de regime militar foi considerado o mais negro da história do Brasil frente a participação popular, todo e qualquer ato ou movimento que envolvesse várias pessoas era visto como atentado a segurança nacional, a população foi excluída das decisões de governo, o que valia era a vontade das forças armadas. Inúmeros brasileiros foram expulsos do país, intelectuais dos diversos segmentos sociais, ligados a grupos de possíveis ameaça ao regime, foi banido. Toda manifestação cultural sofria a Censura Prévia, sendo liberadas as que não representassem ameaça a Segurança Nacional. (Napolitano, 2016)

A “Nova República” é sancionada em 1988 com a promulgação de nova Constituição elaborada por uma Assembleia Constituinte e promulgada no governo

de José Sarney. Essa é a primeira constituição que permite a incorporação de emendas populares. Entre as principais medidas mantém a tradição republicana brasileira do regime representativo, presidencialista e federativo. Amplia e fortalece os direitos individuais e as liberdades públicas que haviam sofrido restrições com a legislação do Regime Militar, garantindo a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. Conserva o Poder Executivo forte permitindo a edição de medidas provisórias com força de lei (vigoram por um mês e são reeditadas enquanto não forem aprovadas ou rejeitadas pelo Congresso). Estende o direito de voto facultativo a analfabetos e maiores de 16 anos. Estabelece a educação fundamental como obrigatória, universal e gratuita. (Martins, 2002, Napolitano, 2016; Senado Notícias, 2022)

Enfatiza ainda, a defesa do meio ambiente, transformando o combate à poluição e a preservação da fauna, flora e paisagens naturais em obrigação da União, estados e municípios. Reconhece também o direito de todos ao meio ambiente equilibrado e a uma boa qualidade de vida. Determina que o poder público tenha o dever de preservar documentos, obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, bem como os sítios arqueológicos, combate às desigualdades sociais, entre outros. É considerada a Constituição Cidadã ampliando as liberdades civis e os direitos e garantias individuais, estabelecendo o direito a greve e liberdade sindical, restabelecimento do habeas corpus, leis de proteção ambiental, entre outras. (Napolitano, 2016; Senado Notícias, 2022)

### **2.1.3 Similitudes encontradas na história**

Inicialmente é preciso dizer que a carga cultural brasileira foi profundamente embasada no período colonial português. Ambos os países passaram por períodos de ditadura e de regime militar, guerras civis e invasões. Claro que o Brasil possui uma historicidade curta, pois é jovem, encontra-se em um continente novo e jovem; em comparação à Portugal. O Brasil, enquanto nação, tem muito a aprender no que se refere à administração pública. Mas, graças a herança sociocultural fornecida portuguesa e de todas as nações, representadas no processo imigratório, tornaram o Brasil algo único, peculiar. A miscigenação de todos os povos resultou no perfil brasileiro, uma nação única e detentora de uma carga sociocultural ampla e profunda.

Ressalta-se o fato de ambos os países terem em sua história inúmeros conflitos civis oriundos de divergências entre as classes sociais, resultando na criação do estado moderno.

Quem observar os movimentos de resistência, no sentido mais largo da palavra, do mundo de hoje, não tardará a dar-se conta da persistência destes critérios: contra um governo despótico, contra uma potência colonial ou imperialista, contra um sistema econômico ou político considerado injusto e opressivo, o direito de resistência ou de revolução é justificado ora através da referência à vontade popular vilipendiada, e portanto à necessidade de um novo contrato social, ora ao direito natural à autodeterminação que vale não apenas para os indivíduos mas também para os povos, ora à necessidade de abater aquilo que está condenado pela História e de se introduzir no sulco do devenir histórico, que procede inexoravelmente em direção a novas e mais justas formas de sociedade. (Bobbio, 2007, p. 91)

Ambos os países foram construídos por demanda de direitos oriundos dos governados unidos em classes, pois sozinhos não possuíam voz ou poder. E isso, provavelmente influenciou a teoria de Bordieu sobre a necessidade de generalização para o estudo do todo, dedução esta, criticada por Lahire, defensor da singularidade do homem plural. Questão esta, importante para o presente estudo e aprofundada no capítulo da metodologia.

Enfim, o importante a ressaltar é o fato de que o Estado, independente de qual denominação, é criado mediante construções e demandas oriundas dos governados.

A seguir é apresentado o quadro comparativo dos dados gerais de Portugal e do Brasil.

Quadro 1 – Comparativo das informações gerais de Portugal e do Brasil

Informações	Portugal	Brasil
<b>Designação oficial</b>	República Portuguesa	República Federativa do Brasil
<b>Capital</b>	Lisboa	Brasília - Distrito Federal
<b>Sistema Político</b>	República semipresidencialista	República Federativa Presidencialista
<b>Área</b>	92.212 km <sup>2</sup>	8.510.345,540 km <sup>2</sup> <sup>5</sup>
<b>População</b>	10.28 milhões	211,05 milhões

<sup>5</sup> IBGE (2022)

Informações	Portugal	Brasil
<b>Densidade demográfica</b>	111,3 hab./km <sup>2</sup>	23,8 hab./km <sup>2</sup>
<b>Religião</b>	Católica Romana	Cristã
<b>Língua Oficial</b>	Português	Português
<b>Moeda</b>	Euro	R\$ Real
<b>PIB nacional</b>	US\$ 212,3 bilhões	2,141 USD Trilhões
<b>PIB <i>per capita</i></b>	US\$ 24.460	US\$ 10,019 por habitante

Fonte: Material adaptado da Embaixada de Portugal, Nacionalidade Portuguesa e IBGE (2019, 2022)

Como é possível observar no quadro acima, existem diferenças impactantes entre os países, destacando-se: área territorial, população, densidade demográfica, PIB nacional e *per capita*. O Brasil possui vasta extensão territorial e em comparação a Portugal, tem baixa densidade demográfica. É nítida a compreensão de que o Brasil é um País em desenvolvimento, seu PIB *per capita* é muito baixo em comparação ao de Portugal, enquanto que a produção interna brasileira é praticamente 10 vezes maior do que a de Portugal.

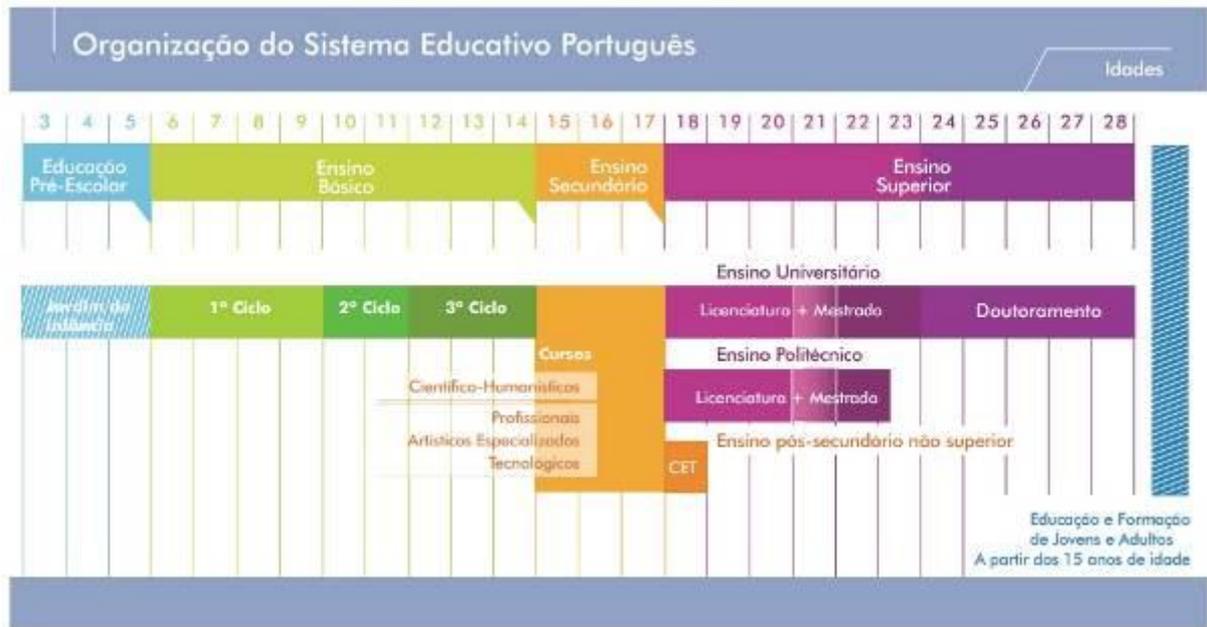
## 2.2 A LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL

Neste capítulo é efetuada uma breve menção sobre a legislação envolvendo o sistema de educação, Portugal e Brasil, com o objetivo de compreender o funcionamento, a organização dos sistemas educacionais em ambos os países.

### 2.2.1 Portugal

O sistema educativo português é regido pelo Estado por meio do Ministério da Educação (ME) em conjunto ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. A regulamentação do sistema educativo se dá pela Direção-Geral da Educação (DGE) – ligada ao Ministério da Educação, pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e por uma legislação específica, denominada Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE).

Figura 8 – Organização do Sistema Educativo Português



Fonte: ME (2007, p. 9)

Como demonstra a figura acima, a organização do sistema educativo português se encontra delimitado em quatro níveis principais: educação pré-escolar, ensino básico, ensino secundário e ensino superior. Destes níveis incorrem subdivisões para comportar as peculiaridades e especificidades de cada nível principal. (ME, 2007)

A educação pré-escolar abrange o jardim de infância, cuja frequência é facultativa e envolve crianças de idades de 3 anos a 5 anos. (ME, 2007)

O ensino básico é obrigatório e possui a duração de 9 anos, segundo o DGE (2022) e o ME (2007), cuja estrutura envolve três ciclos sequenciais, sendo que o ensino obrigatório atualmente é de 12 anos:

- 1º Ciclo com duração de 4 anos, iniciando com crianças na faixa etária de 6 anos, carga horária de 25 horas semanais e abordagem das disciplinas de Português, Matemática e Mundo Actual. Seu funcionamento pode ocorrer em escolas públicas ou particulares ou cooperativas.
- 2º Ciclo com duração de 2 anos, carga horária de 30 horas semanais e abordagem das disciplinas de Português, Língua Estrangeira, O homem e o ambiente, Matemática e Formação Complementar.

- c) e 3º Ciclo com duração de 3 anos, carga horária de 30 horas semanais e abordagem das disciplinas de Português, Matemática, Língua Estrangeira (Inglês, Francês, Alemão), Ciências do Ambiente, Ciências Sociais e Formação Cívica) e Áreas de Formação Técnica (Electricidade e Electrónica, Metalomecânica, Construção Civil, Administração, Serviços e Comércio, Artes Visuais, Comunicação e Animação Social, Química).

O ano letivo se inicia no mês de setembro a junho, as férias escolares ocorrem de junho a setembro – verão europeu.

O 2º Ciclo e 3º Ciclo são ofertados na modalidade recorrente podendo ser à Distância, por módulos capitalizáveis e cursos científicos-humanísticos.

O ensino secundário com diferentes vias e modalidades visando fomentar no aluno o prosseguimento dos estudos, abrangendo o mercado de trabalho, e para tal envolve cursos científico-humanísticos, os quais podem ser continuados em nível superior; cursos tecnológicos para o ingresso ao mercado de trabalho; cursos artísticos especializados visando promover a formação artística nas artes visuais, audiovisuais, dança e música; cursos profissionais para o ingresso do aluno ao mercado de trabalho.

De acordo com o ME (2007) tanto os cursos tecnológicos, os cursos artísticos especializados e os cursos profissionais podem ser continuados no ensino pós-secundário não superior e no ensino superior. A todos os alunos é fornecido diploma de conclusão de curso do ensino secundário, enquanto que os cursos profissionalizantes e artísticos conferem ainda uma certificação de qualificação profissional de nível 3. Em todo o ensino secundário os alunos possuem acesso aos serviços de psicologia e de orientação a fim de fornecer orientações educacionais e profissionais, suporte e medidas de apoio educativo aos alunos que demonstrem dificuldades na aprendizagem.

Existe ainda, segundo o ME (2007), a educação e a formação de jovens e de adultos ofertando novas oportunidades para alunos com baixos níveis de qualificação. Vários cursos garantem a dupla certificação escolar e profissional – equivalente aos ensinos básico, secundário e à qualificação profissional de nível 1, 2 ou 3.

O ensino superior português se encontra estruturado de acordo com os princípios da Declaração de Bolonha, podendo ser ministrado por institutos

politécnicos e universidades, os quais podem ser ofertados por instituições públicas, privadas, cooperativas e concordatárias. (ME, 2007)

A Declaração de Bolonha é um acordo entre a comunidade europeia visando trazer mais coerência e unificação dos sistemas de ensino superior europeu. Criou o Espaço Europeu de Ensino Superior (EEES)<sup>6</sup> para facilitar a mobilidade de estudantes e funcionários, tornando o ensino superior mais inclusivo e acessível. Além disso, tornou o ensino superior na Europa mais atraente e competitivo em todo o mundo. O acordo entre os países participantes envolve as seguintes premissas: introdução de um sistema de ensino superior de três ciclos composto por estudos de bacharelado, mestrado e doutorado; assegurar o reconhecimento mútuo das qualificações e dos períodos de aprendizagem no estrangeiro concluídos noutras universidades; implantação de um sistema de garantia de qualidade, para fortalecer a qualidade e a relevância da aprendizagem e do ensino. (EEA, 2022)

O Ministério da Educação (ME) definiu políticas para o ensino superior, em acordo com a Declaração de Bolonha, tendo como prioridades:

- garantir a qualificação dos portugueses no espaço europeu, concretizando o processo de Bolonha;
- reforçar o sistema de ensino superior com instituições autónomas, facilitando a reforma do sistema de governo das instituições;
- o fomentar um sistema nacional de garantia de qualidade reconhecido internacionalmente;
- o promover o acesso e a igualdade de oportunidades. (ME, 2007, p. 26)

Portanto, o aluno formado em Portugal tem o seu certificado aceito em toda a comunidade europeia, totalizando 49 países, ou seja, o egresso pode atuar reconhecidamente nesses países. E isso, indubitavelmente, aumenta a oferta de trabalho, incentiva os estudantes e promove a busca por maior qualificação profissional.

---

<sup>6</sup> O Espaço Europeu do Ensino Superior (EEES) é uma colaboração internacional única no ensino superior e o resultado da vontade política de 49 países com diferentes tradições políticas, culturais e académicas, que, passo a passo durante os últimos vinte anos, construíram uma área de implementação um conjunto comum de compromissos: reformas estruturais e ferramentas compartilhadas. Esses 49 países concordam e adotam reformas no ensino superior com base em valores-chave comuns – como liberdade de expressão, autonomia para instituições, associações estudantis independentes, liberdade académica, livre circulação de estudantes e funcionários. Através deste processo, os países, instituições e partes interessadas do espaço europeu adaptam continuamente os seus sistemas de ensino superior tornando-os mais compatíveis e reforçando os seus mecanismos de garantia de qualidade. Para todos estes países, o principal objetivo é aumentar a mobilidade do pessoal e dos estudantes e facilitar a empregabilidade. (EEA, 2007)

### 2.2.2 Brasil

A estrutura organizacional da educação brasileira é regida na esfera federal pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) e Conselho Nacional de Educação (CNE); na esfera estadual, atribuindo-se a cada unidade da federação as Secretarias Estaduais de Educação (SEE), os Conselhos Estaduais de Educação (CEE), as Delegacias Regionais de Educação (DRE) ou Subsecretarias de Educação; na esfera municipal os órgãos responsáveis são as Secretarias Municipais de Educação (SME) e os Conselhos Municipais de Educação (CME). (MEC, 2022)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 1996, define as atribuições da União, Estados, Municípios, docentes e pais ou responsáveis em relação à educação, sendo a responsável por estabelecer as diretrizes e bases da educação nacional. Dispõe ainda, em seus artigos 1.º, 2.º e 3.º, a igualdade de direitos a todos os cidadãos, responsabilizando a família como premissa básica à educação e especificando o seu objetivo principal a evolução do homem, tanto a nível psicológico (personalidade) como a nível profissional. (Moll, 2013)

Em 2014 é aprovado o Plano Nacional da Educação (PNE), Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, com objetivos elencados em seu artigo 2º:

- I - erradicação do analfabetismo;
- II - universalização do atendimento escolar;
- III - superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação;
- IV - melhoria da qualidade da educação;
- V - formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade;
- VI - promoção do princípio da gestão democrática da educação pública;
- VII - promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do País;
- VIII - estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do Produto Interno Bruto - PIB, que assegure atendimento às necessidades de expansão, com padrão de qualidade e equidade;
- IX - valorização dos (as) profissionais da educação;
- X - promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental. (MEC, 2014)

O PNE forneceu às diretrizes da LDB de 1996 uma atualização e um reforço quanto a necessidade emergencial de solucionar os problemas educacionais

brasileiros, principalmente no que se refere à questão da alfabetização e da qualidade do ensino ofertado.

Os níveis de ensino da educação brasileira se subdividem em três grupos principais: educação básica, educação escolar, modalidades de ensino.

Figura 9 – Níveis e modalidades da educação brasileira segundo LDB/96



Fonte: A autora baseada no MEC (2014)

A LDB/96 estabelece a educação escolar em dois níveis (artigo 21): educação básica e educação superior. A educação básica por sua vez, apresenta três níveis, educação infantil, educação fundamental e ensino médio. As modalidades de ensino estabelecidas pela LDB/96 envolvem a educação a distância (EAD), educação especial, educação profissional e educação de jovens e adultos (EJA).

Os níveis da educação básica, segundo Moll (2013), envolvem:

- Educação Infantil: compreendendo a Creche e abrangendo as etapas do desenvolvimento da criança até 3 anos e 11 meses; e a Pré-Escola, com duração de 2 anos. O objetivo é fornecer o desenvolvimento integral da criança até os 5 anos de idade, abrangendo aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual e social como um fator de complemento à ação da família e da comunidade. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na educação infantil garante seis direitos de aprendizagem:

(...) conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. São eles que asseguram as condições para que as crianças “aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as

convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural". (Rossieli, 2018, p.25, 37)

- b) Ensino Fundamental: de caráter obrigatório e gratuito, com duração de 9 anos, organizado e tratado em duas fases – dos 5 anos iniciais e a dos 4 anos finais. Nesta fase o cidadão se define gradativamente de acordo com a evolução do educando ao assumir a condição de um sujeito de direitos. As disciplinas ministradas aos alunos da primeira etapa envolvem arte (incluindo música), ciências, educação física, geografia, história, língua portuguesa, matemática e ensino religioso (facultativo). As disciplinas ministradas aos alunos da segunda fase estudam todas as disciplinas elencadas na primeira fase acrescidas de línguas estrangeiras: inglês e espanhol. (Moll, 2013; Rossielli, 2018)
- c) Ensino Médio: duração de 3 anos, atendendo adolescentes em idade entre 15 a 17 anos, atua como preparação para concluir o processo formativo da Educação Básica (art. 35 LDB). Entre seus objetivos destaca-se: a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; a preparação básica para o trabalho, tomado este como princípio educativo, e para a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de enfrentar novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; o aprimoramento do estudante como um ser de direitos, pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; a compreensão dos fundamentos científicos e tecnológicos presentes na sociedade contemporânea, relacionando a teoria com a prática. As disciplinas ministradas possuem conteúdos mais específicos como língua portuguesa, matemática, arte (incluindo música), química, física, biologia, geografia, história, filosofia, sociologia, mídias, educação física, inglês e espanhol.

A LDB/96 impõe um período mínimo de atividades na educação básica, totalizando 800 horas anuais distribuídas em, no mínimo, 200 dias de trabalho escolar. (MEC, 1996)

O ensino superior é dividido pela LDB/96 em cursos sequenciais, programas de graduação, pós-graduação e de extensão. Sua finalidade é estabelecida no art. 43:

I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira e colaborar na sua formação contínua; III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive; IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação; V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração; VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade; VII - promover a extensão, aberta a participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição. (MEC, 1996)

A educação superior, regulamentado pela LDB/96 e CNE e o Conselho de Educação Superior (CES), Portaria nº 612 de 12 de abril de 1999, segundo Cavalcante (2000), estabelece os seguintes cursos/níveis e programas:

- Cursos (níveis)
  - Sequenciais: cursos organizados por campo de saber, com diferentes níveis de abrangência, sujeitos a autorização e reconhecimento do MEC, abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos pelas instituições de ensino e portadores de certificados de nível médio, sendo eles os cursos sequenciais de formação específica, com destinação coletiva; e, cursos sequenciais de complementação de estudos, com destinação coletiva ou individual, exclusivamente para egressos ou matriculados em cursos de graduação.
  - Graduação: abertos a candidatos que tenham concluído o ensino médio ou equivalente e tenham sido classificados em processo seletivo.
  - Pós-Graduação: cursos de especialização e outros, abertos a candidatos diplomados em cursos de graduação e que atendam às exigências das instituições de ensino.
  - Extensão: abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos, em cada caso, pelas instituições de ensino.

- Programas de pós-graduação
  - Mestrado: etapa preliminar para a obtenção do grau de doutor, não constituindo condição indispensável à inscrição no curso de doutorado, com duração mínima de um ano.
  - Mestrado Profissional: dirigido à formação profissional, com estrutura curricular clara e consistentemente vinculada à sua especificidade, articulando o ensino com a aplicação profissional, de forma diferenciada e flexível, admitido o regime de dedicação parcial.
  - Doutorado: é o segundo nível de formação pós-graduada, com o objetivo de proporcionar formação científica ou cultural ampla e aprofundada, desenvolvendo a capacidade de pesquisa do aluno, com duração mínima de dois anos.

Quanto às modalidades de ensino a LDB/96 (MEC, 1996), com o intuito de equalizar oportunidades a todos os cidadãos brasileiros, oferta:

- a) Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Seção V da LDB/96 foi criada com o objetivo de escolarizar pessoas excluídas do processo da educação básica. “Art. 37: A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”.
- b) Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) – realizado pela primeira vez em 2002 com o objetivo de mensurar competências, habilidades e saberes de jovens e adultos que não concluíram o Ensino Fundamental ou Ensino Médio na idade adequada, sendo realizada apenas por alunos do EJA. Por meio dessa prova, em formato supletivo, ofertada para aqueles que precisam concluir os estudos. Nela, faz-se necessária a demonstração de conhecimentos mínimos daqueles exigidos no ensino médio para alcançar aprovação. (INEP, 2022)
- c) Educação Especial – essa modalidade é estabelecida no artigo 58 da LDB – a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do

desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Sua caracterização é encontrada nos artigos 59 e 60, bem como nas inúmeras legislações que foram necessárias para que o processo de inclusão pudesse acontecer. Os sistemas de ensino, públicos ou particulares, devem matricular os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular e no Atendimento Educacional Especializado (AEE), complementar ou suplementar à escolarização, ofertado em salas de recursos multifuncionais ou em centros de AEE da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos. (MEC, 1996)

- d) Educação Profissional e Tecnológica – regida pelo capítulo III da LDB/96, integra-se às diferentes formas de educação, ciência e tecnologia para promover o desenvolvimento constante de aptidões do indivíduo para o mercado de trabalho. Articula-se com o ensino regular e com outras modalidades educacionais: Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial e Educação a Distância. Como modalidade da Educação Básica, a Educação Profissional e Tecnológica ocorre na oferta de cursos de formação inicial e continuada ou qualificação profissional e nos de Educação Profissional Técnica de nível médio.
- e) Educação Básica do Campo – baseada no artigo 28 da LDB/96, envolve a oferta da educação básica adaptada às necessidades e às peculiaridades da população rural, definindo orientações para a organização da ação pedagógica: conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos estudantes da zona rural, organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas e, ainda, adequação à natureza do trabalho na zona rural.
- f) Educação Escolar Indígena – abrangendo os arts. 32, § 3 e art. 78 da LDB/96. A educação escolar indígena visa o desenvolvimento de programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação

escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas. Dessa forma, é ofertada em unidades educacionais inscritas em terras indígenas, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada povo ou comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira.

- g) Educação Escolar Quilombola – A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, bem como nas demais, deve ser reconhecida e valorizada a diversidade cultural.
- h) Educação a Distância – elencada no artigo 80 da LDB/96 esclarece que o “Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada”. É uma modalidade educacional onde alunos e professores mantêm contato a distância, utilizando meios e tecnologias de informação e comunicação. Caracteriza-se ainda, pela mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem que ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. Modalidade esta utilizada em todos os níveis da educação durante o pico da pandemia do COVID19.

### **2.2.3 Similitudes encontradas na estrutura educacional**

As estruturas educacionais de Portugal e Brasil são similares nos órgãos que regem a educação – Ministério da Educação e Conselho Nacional de Educação – e

também na Lei que estabelece as bases da educação nacional, ou seja, a Lei de Bases.

As principais diferenças é que em Portugal a oferta de modalidades é mais segmentada, com ciclos, ao passo que no Brasil praticamente é dividida em dois níveis (Educação Básica e Educação Superior). No Brasil também é possível observar uma maior variedade de modalidades de ensino, em face de seu vasto território, há a necessidade de equalizar a educação às minorias como comunidades rurais, quilombolas (afro-brasileiros) e indígenas. Demandas estas, a princípio inexistentes em Portugal, mas que no Brasil representam uma parcela elevada, haja vista, a densidade demográfica brasileira ser 23,8 hab./km<sup>2</sup>, ou seja, existem muitas comunidades rurais distantes de centros urbanos, mas com populações que devem ser atendidas no que se refere a oferta de ensino básico.

Quanto ao ensino superior, pode-se afirmar que a oferta no Brasil dessa modalidade é limitada ao território brasileiro, ao passo que, graças a Declaração de Bolonha, o profissional formado em Portugal pode atuar reconhecidamente em 49 países.

Quanto ao tempo de cada nível de educação – infantil, fundamental, secundário e superior – ambos os países possuem normalizações similares. Algumas especificidades, como o ensino de línguas como francês e alemão no ensino básico português, devem-se a proximidade com países estrangeiros. No Brasil, os países mais próximos são de língua latina, como o espanhol. Além de que, o território é vasto podendo o egresso da universidade, escolher livremente com uma ampla gama de possibilidades de atuação no próprio território brasileiro. Igualmente, o sistema educativo de Portugal possui características adaptativas a sua realidade, como por exemplo, a do hemisfério, onde o verão se dá nos meses de junho a setembro, períodos estes de férias para os alunos portugueses.

### 2.3 APRESENTAÇÃO DAS UNIVERSIDADES E CURSOS

Neste capítulo é apresentada abreviadamente a historicidade das universidades – Universidade do Porto e Universidade Federal do Paraná – e dos cursos – Ciências da Educação e Pedagogia – objetos de estudo da presente

pesquisa. O intuito é compreender as características desses objetos e se estas se tornaram critério de escolha pelos entrevistados.

### 2.3.1 Universidade do Porto – Portugal

A Universidade do Porto, localizada na cidade do Porto, é uma das mais conceituadas instituições em toda a Europa. Com mais de cem anos, a Universidade do Porto foi formalmente fundada em 22 de março de 1911, imediatamente após a instauração da República Portuguesa. (UP, 2022)

Mas, a sua origem está atrelada a história da educação superior em Portugal, remontando ao século XVIII com a criação da Aula de Náutica, por Dom José I – marco do início da oferta de ensino público na cidade do Porto – cujo funcionamento se dava nas instalações no Colégio dos Meninos Órfãos e Aula de Debuxo e Desenho, cujo objetivo era o curso para pilotos e também suprir as demandas da indústria fabril, funcionando no mesmo local.

Figura 10 – Fotos do Antigo Seminário de Santo António e a Ponte Maria Pia antes das obras para Colégio dos Órfãos (1811) e da Academia Politécnica (1890)



Fonte: PORTOARC (2015)

No século seguinte são criadas a Academia Real de Marinha e Comércio da Cidade do Porto, a qual ministrava aulas oficiais de comércio, matemática e línguas estrangeiras (francesa e inglesa); a Academia Politécnica do Porto cujo intuito era suprir o mercado de trabalho da época formando engenheiros civis (minas, pontes, calçadas) e construtores, oficiais de marinha, pilotos, comerciantes, agricultores,

diretores de fábricas e artistas; a Régia Escola de Cirurgia visando a formação e capacitação de cirurgiões para assumirem cargos no Exército e na Armada, além de atender populações em locais distantes; a Escola Médico-Cirúrgica do Porto com plano curricular incluindo nove cadeiras distribuídas em cinco anos de curso; a Escola de Farmácia, a ciência farmacêutica surgiu em conjunto com as escolas médicas, sendo determinado no Decreto de 29/12/1836 que “em cada uma das Escolas Médico-Cirúrgicas haverá anexa uma Escola de Farmácia”. (UP, 2022)

Paralelamente, a Aula de Desenho e Desenho deu origem a outras escolas – a Academia Portuense de Belas Artes (1836), mais tarde a Escola de Belas Artes do Porto (1881), e finalmente o Instituto Superior de Belas Artes do Porto (1950). Esta última transformou-se, ao longo do último quartel do século XX, nas atuais faculdades de arquitetura e belas artes da Universidade do Porto. (Fernandes e Ribeiro, 2001)

Inicialmente a Universidade do Porto se estruturou em torno de duas faculdades (Ciências e Medicina), ao longo do século XX, emerge uma diversificação de saberes e as escolas ganharam autonomia. Ainda durante a 1ª República, em 1915, nasceu a Faculdade Técnica (renomeada Faculdade de Engenharia em 1926), juntamente com a Faculdade de Letras em 1919 e a Faculdade de Farmácia em 1921. (UP, 2022)

Durante o regime autoritário, criado após o movimento militar de 28 de maio de 1926, o crescimento da Universidade do Porto foi condicionado: a Faculdade de Letras foi extinta em 1928, e só restaurada em 1961; apenas a Faculdade de Economia foi criada neste período, em 1953.

Após a revolução de abril de 1974 e até ao final do século, a Universidade do Porto começou finalmente a expandir-se. As seis faculdades existentes na altura foram completadas por mais oito: o Instituto Abel Salazar de Ciências Biomédicas (1975), a Faculdade de Desporto (1975), a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (1977), a Faculdade de Arquitectura (1979), Faculdade de Medicina Dentária (1989), Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação (1992), Faculdade de Belas Artes (1992) e Faculdade de Direito (1994). Atualmente, a Universidade do Porto tem catorze faculdades e uma escola de pós-graduação, a *Porto Management School*, criada em 1988 e cujo nome mudou para Universidade do Porto *Business School* em 2008.

Figura 11 – Foto Atual da Reitoria da Universidade do Porto



Fonte: Eurodicas (2020)

Atualmente a infraestrutura e serviços de apoio da UP (2002) abrangem: 4 Polos universitários; 14 Faculdades; 1 Escola de Negócios; 48 Unidades de investigação; 18 Bibliotecas; 12 Museus; 4 Instalações desportivas; 20 Unidades de alimentação; 10 Residências universitárias; 2 *e-learning* cafés.

A oferta formativa da UP abrange: 315 Cursos (conferentes de grau); 50 Licenciaturas (1.º ciclo); 6 Mestrados Integrados (1.º e 2.º ciclo); 165 Mestrados (2.º ciclo); 94 Doutoramentos (3.º ciclo). Conta ainda com 48 unidades de investigação, das quais 90% foram avaliadas com “Excelente” ou “Muito Bom” pela Fundação para Ciências e Tecnologia (FCT).

Produção científica abrangendo mais 23.500 artigos e outros documentos indexados na *Web of Science* (WoS) e mais de 19.000 artigos e artigos de revisão - (documentos citáveis) na *Web of Science* (WoS), segundo dados de 2015 a 2019.

Todo esse trabalho científico rendeu inovação: mais de 400 patentes ativas, 337 Patentes concedidas, 331 patentes internacionais concedidas, 99 *Spin-offs* U.Porto, 1800 Inventores apoiados, 600 Projetos de empreendedorismo apoiados, mais de 3.000 Empregos qualificados criados.

A UP também investe em ação social com mais de 5.400 bolsheiros SASUP, mais de 200.000 refeições servidas nas unidades de alimentação dos SASUP, aproximadamente 1.000 camas em residências universitárias e mais de 6.500 consultas de apoio médico e psicológico realizadas.

Apesar do início das atividades da UP se dar como instituição pública, a UP atua como instituição particular, no quesito de que os cursos tem custos e não são gratuitos, tendo o Curso de Licenciatura em Ciências da Educação para estudantes nacionais, o valor de 697,00 € anuais. (UP, 2022)

### 2.3.1.1 Curso Licenciatura em Ciências da Educação

Ciências da Educação é definida por Boavida e Amado (2008, p. 197-198) como

uma «família», cujos objectivos centrais são: «descrever, explicar, compreender, levantar novos problemas teórico-práticos, e justificar os processos internos e os condicionamentos de qualquer prática educativa ou formativa, quer atendendo a níveis de interação como os que se verificam no frente a frente entre educador e educando, quer atendendo aos níveis mais amplos, como os de gestão e administração organizacional ou de administração política e económica do sistema educativo. Às Ciências da Educação compete, ainda, analisar a evolução, tanto presente como passada, das referidas práticas educativas e formativas, bem como contribuir para a elaboração de um conjunto de saberes e de técnicas que suportem cientificamente as decisões, aos mais diversos níveis, destinadas a melhorar os condicionalismos, os processos e os efeitos daquelas práticas, contrapondo-se às “receitas” geralmente sem base, do senso comum, e tomando uma atitude crítica contra os obstáculos de qualquer ordem que impeçam aquelas melhorias. Para alcançar estes objectivos, a teoria e a prática constituem o cerne das Ciências da Educação» (Boavida & Amado, 2008, p.197-198).

A história do curso Ciências da Educação esbarra na própria história da educação. O intuito de unir a ciência à educação, segundo Amado (2011), deve-se a necessidade de um estudo aprofundado e epistemológico da educação. Justificando a existência das “ciências da educação” para análise específica de saberes, ao invés da análise de um agrupamento aleatório de disciplinas, antes envolvendo uma discussão de valores abordados estritamente à prática educativa.

A história da pedagogia é claramente marcada por inúmeras disputas sobre a definição e a natureza do estatuto e da tarefa da pedagogia que devem ser considerados corretos e adequados cientificamente. (Tenorth, 2014, *apud* Devechi & Bisol, 2019)

Estas controvérsias evidenciam a problemática relação entre valores e fatos estudados na educação e as finalidades da pedagogia. Melanctone afirmava o quanto fazia falta para a humanidade uma “*scientia educandorum liberorum*”<sup>7</sup>. Desde o século XVIII a ciência empírica, baseada na observação entra em competição com a pedagogia filosófica, onde o escritor e ensaísta alemão Karl Philip Moritz (1756-1793), critica a “tagarelice moral” em torno da educação (Tenorth, 2014, p.6, *apud* Devechi & Bisol, 2019, p. 6).

Das Ciências da Educação se espera ainda, a construção progressiva de um património de saberes ao dispor das práticas, em domínios tão diversos como as famílias, as escolas, as associações sociais e culturais, as autarquias, os centros de formação, os centros de acolhimento de crianças e idosos, os centros de saúde, etc. etc.. Nessas práticas se concretiza uma espécie de compromisso ético com a transformação e o melhoramento dos indivíduos, das instituições e da sociedade em geral. (Amado, 2011, p. 51)

Após esse *briefing* do que envolve a natureza conceitual das Ciências da Educação, parte-se para o que é propriamente ensinado na UP referente ao curso de Ciências da Educação e como o profissional formado pode atuar no mercado de trabalho.

A licenciatura em Ciências da Educação pela UP (2022) tem a duração de três anos e possui uma estrutura curricular baseada em cinco componentes de formação:

- a) Formação teórica pluridisciplinar em Educação distribuída por várias áreas científicas, tais como educação, psicologia, currículo, história, sociologia, entre outras;
- b) Formação em metodologias de investigação quantitativas e qualitativas bem como investigação-ação capacitando o formando com o carácter investigativo e de intervenção acerca dos fenómenos e problemas oriundos do universo educativo em seus vários contextos;
- c) Teórico-prática por meio do qual se busca a promoção de competências gerais de natureza cognitiva e prática, abrangendo dimensões relacionais, de comunicação e de desenvolvimento social e pessoal;
- d) Seminário de iniciação à mediação e à formação (SIMF) cujo objetivo confere aos estudantes a possibilidade de contactar com profissionais,

---

<sup>7</sup> Tradução literal: Ciência educar crianças → o conhecimento de educar as crianças. (Dicionário Latim, 2022)

contextos e práticas nas áreas de especialização do curso como: Educação, Cidadania e Proteção Social; Educação em Contextos de Cultura e Lazer, Educação/Formação de Adultos e Desenvolvimento Local; Educação e Gestão Educacional;

- e) Opcional livre, possibilitando o ingresso do acadêmico ao grupo de Ciências da Educação do Mestrado Integrado em Psicologia ou em qualquer 1.º ciclo da UP.

O ingresso ao curso ocorre de acordo com duas modalidades, previstas em Lei, a primeira envolve o Concurso Nacional de Acesso, com provas de biologia, geologia, matemática aplicada às ciências sociais ou português, além disso, o candidato precisa ter completado o ensino secundário; a segunda Concursos Especiais de Acesso ao Ensino Superior, cujo candidato precisa ter idade superior a 23 anos e/ou titulares de cursos superiores e/ou reingresso e/ou mudança de curso e/ou transferência. (UP, 2022)

O 1º Ciclo do Curso, a Licenciatura, capacita os formandos para se tornarem especialistas em educação/formação, ou seja, os profissionais atuarão em contextos de educação e de formação diversos, inseridos no sistema educativo e fora dele, quais sejam: Agências de Desenvolvimento Local, Associações culturais, recreativas, desportivas, Câmaras Municipais, Casas de Juventude, Centros de Educação e Formação de Adultos, Centros de Dia, Centros Sociais, Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), Departamentos de Educação para a Saúde, Escolas e Agrupamentos do Ensino Básico e Secundário e TEIP, Instituições de Proteção Social, Juntas de Freguesia, Lares de Infância e Juventude, Serviços Educativos para a Infância, Juventude e 3ª idade.

O plano curricular do curso de licenciatura em Ciências da Educação possui a seguinte grade:

Quadro 2 – Plano do Curso de Licenciatura em Ciências da Educação

<b>1º Ano</b>	
<b>1º Semestre/Disciplinas</b>	<b>Horas Totais</b>
Introdução às Ciências Sociais	162
Introdução às Ciências da Educação	162

Psicologia do Desenvolvimento	162
SIMF: Contextos de Trabalho em Educação e Mediação	162
Laboratório Multimédia e Educação	162
<b>2º Semestre/Disciplinas</b>	<b>Horas Totais</b>
História da Educação Contemporânea	162
Comunicação e Relação Humana	162
Expressões e Dinâmica de Grupos	162
Oficina de Escrita	162
Psicologia da Educação	162

<b>2º Ano</b>	
<b>1º Semestre/Disciplinas</b>	<b>Horas Totais</b>
Sociologia da Educação	162
Psicossociologia da Formação de Adultos	162
Teoria e Desenvolvimento do Currículo	162
Metodologias de Investigação: Laboratório de Metodologias Qualitativas	162
Mediação Social e Trabalho Educativo	162
<b>2º Semestre/Disciplinas</b>	<b>Horas Totais</b>
Avaliação em Educação e Formação	162
Organizações e Administração Educacional	162
Metodologias de Investigação: Laboratório de Metodologias Quantitativas	162
Concepção e Gestão de Projetos	162
Oficina de Mediação de Conflitos	162

<b>3º Ano</b>	
<b>1º Semestre/Disciplinas</b>	<b>Horas Totais</b>
Sociologia da Família e da Educação Familiar	162
Análise de Políticas Sociais e Educativas	162
SIMF: Iniciação às áreas de profissionalização em Educação/Formação	243

Intervenção Comunitária e Desenvolvimento Local Opção I*	162
<b>2º Semestre/Disciplinas</b>	<b>Horas Totais</b>
Socio antropologia do Desenvolvimento e da Cultura	162
Trabalho, Economia e Justiça Social	162
SIMF: Unidade de Contacto com o exterior	243
Investigação-Ação em Educação	162
Opção II**	

\* Opção I envolve a escolha de cursar as seguintes disciplinas: A Comunidade como prática - Um espaço transdisciplinar e colaborativo de intervenção; Desigualdades Socioeconómicas e Educação: avaliação e intervenção; Educação, Género e Justiça Social; Mentoria Inter pares no Ensino Superior. Cada uma dessas disciplinas possui o total de 81 horas (3 créditos). É pré-requisito de aprovação obter um mínimo de 3 créditos; mínimo de 0 unidades curriculares e máximo de 1 unidade curricular, no 1º Semestre da Universidade do Porto; mínimo de 0 unidades curriculares e máximo de 1 unidade curricular, no 1º Semestre do curso/CE Mestrado Integrado em Psicologia.

\*\* Opção II envolve a escolha de cursar as seguintes disciplinas: Diversidade na Educação: Migração e Multiculturalismo; Introdução à Ética e Deontologia em Educação; Justiça Social e Políticas de Avaliação de Escolas. É pré-requisito de aprovação obter um mínimo de 3 créditos; mínimo de 0 unidades curriculares e máximo de 1 unidade curricular, no 1º Semestre da Universidade do Porto; mínimo de 0 unidades curriculares e máximo de 1 unidade curricular, no 1º Semestre do curso/CE Mestrado Integrado em Psicologia.

Fonte: Adaptado de UP (2022)

Neste estudo interessa a análise do primeiro ciclo apenas, o qual já capacita o formando com o conhecimento teórico, metodológico e prático para atuar em diversas áreas formativas. O formando se capacitará na compreensão e conceitualização dos fenómenos educativos; na observação, na análise e na investigação da realidade educativa; no planeamento, na organização e na avaliação educacional; na inovação e na concepção de metodologias e recursos educativos, e finalmente, no acompanhamento e na orientação educativa e formativa.

### 2.3.2 Universidade Federal do Paraná – Brasil

A Universidade Federal do Paraná (UFPR) pode ser considerada a maior instituição cultural criada e mantida pelos paranaenses e também a mais avançada expressão da ciência, da tecnologia e da cultura do Paraná. Localizada na capital paranaense, Curitiba, a UFPR foi fundada em junho de 1912 por uma comissão

formada por Fernando Moreira, Pamphilo de Assumpção e Vitor Ferreira do Amaral e Silva. (UFPR, 2022)

Essa não havia sido a primeira tentativa para criação de uma Universidade no Estado, em 1882, a Lei n. 63, impetrada por Rocha Pombo no Congresso Legislativo Estadual, consegue autorização para a criação de uma Universidade em Curitiba, recebendo inclusive terreno para construção de sua sede. Entretanto, tal fato não ocorreu devido a problemas econômicos e legais da época. (Rodrigues, 2016)

Mas, liderados pelo médico Nilo Cairo, outros intelectuais também tiveram o ideal da Universidade. Os dois grupos são unidos judiciosamente, e são apoiados pelo Governo de Carlos Cavalcanti, trabalhando no decorrer dos últimos meses do ano de 1912 reunindo a primeira Assembleia Universitária de fundação e instalação da Universidade do Paraná, em 19 de dezembro do mesmo ano. O objetivo era destinar à cidade de Curitiba uma instituição de ensino superior, utilizando-se da vigência da chamada Lei Rivadávia<sup>8</sup> que permitia a liberdade de ensino em território nacional. (UFPR, 2022)

A criação da Universidade também foi justificada pelo número considerável de paranaenses migravam para outros Estados, a fim de realizarem estudos superiores e também por aqueles que por falta de recursos não podiam fazê-lo. A Universidade deveria manter os cursos de Ciências Jurídicas e Sociais, Engenharia Civil, Engenharia Industrial, Engenharia Mecânica e Eletricidade, Agronomia, Medicina Veterinária, Farmácia, Odontologia, Obstetrícia, Medicina e Cirurgia e Comércio, além de curso preparatório. Os seus fundadores afirmavam “Não nos propomos fazer rótulos para dourar a ignorância, mas sim ministrar um ensino profícuo e sólido, que prepare o aluno para a vida prática”. (UFPR, 2022)

As aulas iniciaram em 15 de março de 1913, com 97 alunos e 26 professores, dos cursos de Ciências Jurídicas e Sociais, Engenharia, Odontologia, Obstetrícia, Farmácia e Comércio. Pouco mais tarde funcionaria o curso de Medicina e Cirurgia. No início, as aulas foram dadas à Rua Comendador Araújo, em casa alugada, onde hoje encontra-se o “Omar Shopping”. (Cintra, 2010, p. 10)

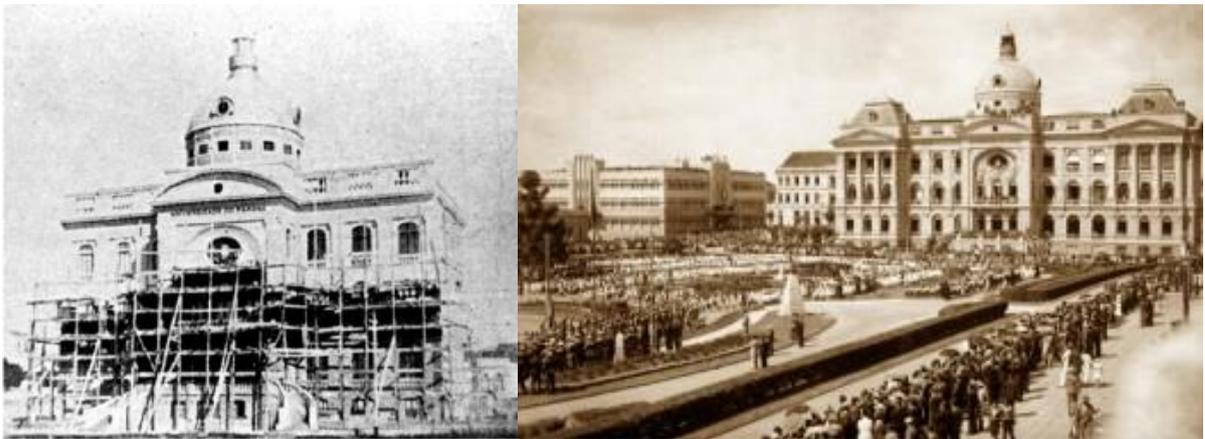
---

<sup>8</sup> A Lei Rivadávia Corrêa, ou Reforma Rivadávia Corrêa, Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental foi implementada em 5 de abril de 1911 pelo Decreto n° 8.659. Esta Reforma adotava a liberdade e a desoficialização do ensino no país, retirando da União o monopólio da criação de instituições de ensino superior. Pela Lei o governo dispensava a exigência de equiparação a uma instituição modelo de nível federal, o que tornava possível a criação de universidades pela iniciativa privada. (HELB, 2022)

Certificado comprova a inclusão de seu recorde na edição brasileira do Guinness Book – O livro dos recordes de 1995, como PRIMEIRA UNIVERSIDADE BRASILEIRA – Inaugurada em 1913. (A Universidade do Paraná foi fundada oficialmente em 19 de dezembro de 1912 e iniciou suas atividades de ensino na segunda quinzena de março de 1913, portanto, antes da fundação da Universidade de Manaus, que data de 13 de julho de 1913). (UFPR, 2020)

A Universidade foi reconhecida pela Lei nº 1284, de 27 de março de 1913, e em 11 de abril de 1914, recebe da Prefeitura Municipal de Curitiba, a doação do terreno à frente da Praça Santos Andrade. (Rodrigues, 2016)

Figura 13 – Prédio da Reitoria UFPR em Obras (1913) e Praça Santos Andrade (1926)



Fonte: UFPR (2022)

Em 1949, o novo Reitor, Flávio Suplicy de Lacerda, lança a campanha pela federalização da Universidade, conseguindo este feito em 4 de dezembro de 1950, por dispositivo da Lei nº 1254. A Lei foi assinada pelo Presidente Eurico Gaspar Dutra e o ministro da Educação Pedro Calmon. Assim, a UFPR se torna uma instituição pública gratuita. A partir de 1952 eram então ministrados os cursos de Direito, Engenharia Civil, Medicina, Odontologia, Farmácia, Matemática, Física, Química, História Natural, Ciências Sociais, Filosofia, Geografia e História, Letras Clássicas, Letras Neolatinas, Letras Anglogermânicas, Pedagogia e Ciências Econômicas. As faculdades de Odontologia e de Farmácia, em 1958, foram criadas separando-se da Faculdade de Medicina. (UFPR, 2022)

Como Reitor, Flávio Suplicy de Lacerda, teve mandatos sucessivos de 1948 à 1964, onde desenvolveu as atividades, concluindo a Policlínica Garcez do Nascimento (1951), concluiu o edifício central (1955), construiu o conjunto de

edifícios da Reitoria, do Auditório, da Faculdade de Ciências Econômicas, à rua XV de Novembro (1956) e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1958). Construiu ainda o Hospital de Clínicas (1960), a Imprensa Universitária (1966), bem como o Centro Politécnico (1961). (Rodrigues, 2016)

Neste período, em 1953, a Escola Superior de Química foi incorporada à Universidade. Foram ainda incorporadas as Escolas Superiores de Agronomia e de Veterinária. Em 1960 foram criados os cursos de Engenharia Mecânica, Biblioteconomia e Ciências Contábeis em 1958. Com a criação em 1958 do Conselho de Pesquisa da Universidade do Paraná, surgem o Instituto de Bioquímica (1959), o Instituto de Geologia (1959), o Instituto de Pesquisas Químicas (1959), o Instituto de Matemática (1959), o Instituto de Física (1959), o Instituto de Mecânica (1960), e o Instituto de Ciências Sociais e Direito Comparado (1961). (Rodrigues, 2016)

Também em 1959, criou-se o Coral Universitário, a reativação da Orquestra Sinfônica e a instalação do Museu de Arqueologia e Artes Populares, este último em Paranaguá. Flávio Suplicy de Lacerda deixou a Reitoria da Universidade Federal do Paraná, com a Revolução de 1964, exercendo o cargo de Ministro da Educação e Cultura, retornando para mais um mandato em 1969. Em 1973, foi nomeado o Reitor Theodócio Jorge Atherino, instalando novas Pró-Reitorias, a Coordenação de Pós-Graduação e elaborou o Plano Global da Universidade, reorganizando e fixando os três “campi” universitários (Centro, Jardim das Américas e Bacacheri). Construiu o Almoxarifado Central no Campus Jardim das Américas e iniciou a construção do Setor de Ciências Biológicas e do Centro de Desportos e Recreação. Criou novos cursos de graduação em Psicologia, Comunicação Visual, Desenho Industrial, Educação Artística, Estudos Sociais, Geologia, Engenharia Cartográfica, Estatística, Processamento de Dados, Enfermagem e Turismo. Efetivou a incorporação à Universidade, da Escola Superior de Educação Física e Desportos do Paraná com o curso de Educação Física. (UFPR, 2022)

São mais de 100 anos de história, “marcada por perseverança e resistência. A UFPR é a maior criação da cultura paranaense, tendo sido eleita símbolo de Curitiba. Fruto da audácia de seus criadores, a UFPR é a mais antiga universidade do Brasil e motivo de orgulho para todos os paranaenses”. (UFPR, 2022)

Figura 14 – Sede Reitoria UFPR Curitiba Atual



Fonte: UFPR (2022)

A UFPR possui mais de 11 milhões de m<sup>2</sup> em terrenos, dos quais 500 mil m<sup>2</sup> são de área construída comportando os seguintes itens físicos: 17 Campus, 2 Unidades Administrativas, 8 Fazendas, 3 Hospitais e 3 Unidades Acadêmicas.

Quadro 3 – Áreas Físicas da UFPR

<b>Território</b>	<b>Área (m<sup>2</sup>)</b>
Campus Batel (Artes)	3.774,60
Campus Cabral (Agrárias)	161.142,00
Campus Centro (DANC)	2.084,84
Campus Centro (Demais Áreas)	2.089,83
Campus Centro (Estudantes)	4.919,02
Campus Centro (PROGEPE)	6.474,67
Campus Centro (Reitoria)	7.255,00
Campus Centro (Santos Andrade)	4.422,91
Campus Centro (Saúde)	2.247,80
Campus Jandaia do Sul	253.550,00
Campus Jardim Botânico	455.184,19
Campus Jardim das Américas (Centro Politécnico)	588.156,44
Campus Juvevê (SACOD)	15.064,00
Campus Matinhos (Litoral)	27.915,52
Campus Palotina	273.171,31
Campus Pontal do Paraná (Centro de Estudos do Mar)	66.650,94
Campus Rebouças	15.739,54
Conjunto administrativo Alto da Glória	1.896,46
Conjunto Administrativo Piraquara	100.971,06
Demais Unidades localizadas no Litoral	3.454,29
Fazenda Castro	2.205.250,00
Fazenda Palotina	234.222,00

Fazenda Castro	2.205.250,00
Fazenda Palotina	234.222,00
Fazenda Paranavaí	1.009.999,00
Fazenda Pinhas (Canguiri)	4.238.643,26
Fazenda Rio Negro	1.218.958,00
Fazenda São João do Triunfo	194.599,00
Hospital Água Verde (Maternidade Victor Ferreira do Amaral)	3.198,66
Hospital Batel (Centro da Visão)	774,48
Hospital Centro (Hospital de Clínicas)	57.393,19
Unidade Acadêmica Maripá	55.660,00
Unidade Acadêmica Mirasso	8.232,00
Unidade Acadêmica Toledo	36.310,01

Fonte: UFPR (2022)

A UFPR oferta cursos de educação técnica, cursos de graduação, cursos de especialização, cursos de mestrado e cursos de doutorado. São 136 cursos de graduação (entre bacharelados, licenciaturas e tecnólogos), cursos de nível médio e pós-médio, 126 especializações e 88 programas de pós-graduação (mestrado e doutorado).

Para ingressar na UFPR é preciso fazer o concurso, vestibular, o qual permite ingresso pela ampla concorrência (para o ano 2022/2023 são ofertadas 5284 vagas no total), pelo sistema de cotas (para o ano de 2022/2023 são ofertadas 2648 vagas destinadas a cotistas de baixa renda, pessoas com deficiência e autodeclarados pretos, pardos ou indígenas) e pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU) - candidatos que realizaram o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). (UFPR, 2022)

A gestão da UFPR ocorre de forma transparente mantendo disponível ao público as informações financeiras da instituição.

A UFPR ainda conta com um departamento restrito à área de inovação, a Superintendência de Parcerias e Inovação (SPIn), criada em 2021, com o objetivo de fomentar diálogo e relacionamento entre instituições públicas e privadas para fornecer suporte à comunidade UFPR nas demandas de proteção do conhecimento; orientação de procedimentos sobre transferência de tecnologia, disseminação da cultura empreendedora para a comunidade UFPR, gerando ambientes para geração de negócios inovadores. (UFPR, 2022)

A inovação disseminada pela UFPR atinge todas as áreas científicas, sendo importante citar as estações experimentais – quatro fazendas – as quais são utilizadas para atividades didático-pedagógicas nos cursos de Agronomia,

Engenharia Florestal, Engenharia Industrial Madeireira, Medicina Veterinária e Zootecnia.

Possui ainda, mais de 100 laboratórios distribuídos entre os setores acadêmicos, sendo 51 laboratórios só para a área de Ciências Exatas e mais de 15 laboratórios para a área de ciências e tecnologia. Todos os laboratórios são utilizados para a realização de pesquisas e de atividades de ensino e extensão.

A UFPR ainda possui uma imprensa para a produção e distribuição de materiais gráficos e impressos da própria universidade, atendendo inclusive, demandas particulares mediante orçamento. A missão é de fomentar, construir e disseminar o conhecimento, contribuindo assim, para a formação cidadã e o desenvolvimento humano sustentável de toda a sociedade. (Imprensa UFPR, 2022)

A UFPR é uma instituição gigante com um amplo potencial aplicado na educação de jovens e adultos, ensinamentos técnico e superior, bem como, para atendimento de toda a sociedade paranaense e brasileira.

#### 2.3.2.1 Curso de Pedagogia

Traçar um histórico da Pedagogia envolve a análise de toda evolução da civilização humana, pois sempre foi necessário educar as crianças. A educação envolve a pedagogia com profissionais desenvolvendo programas por meio do repensar de sua própria experiência. Devido a ampla gama de informações e teorias relativas ao desenvolvimento da pedagogia, a qual continua em evolução, optou-se por abreviar expondo alguns conceitos básicos para então, adentrar na exposição do Curso de Pedagogia pela UFPR.

Considerado o pai da pedagogia moderna, Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), reformador social e educador suíço, acreditava que a educação deveria desenvolver os poderes de cabeça, coração e mãos. A educação baseada nesse princípio auxiliaria na criação de indivíduos capazes de saber o que é certo e o que é errado e de agir de acordo com esse conhecimento. “A vida educa. Mas a vida que educa não é uma questão de palavras, e sim de ação. É atividade.” (Vaiano, Araujo & Márquez, 2017)

O bem-estar de cada indivíduo pode ser melhorado e cada indivíduo pode se tornar um cidadão responsável. Ele acreditava que capacitar e enobrecer cada indivíduo dessa maneira era a única maneira de melhorar a sociedade, trazendo paz

e segurança ao mundo. Seu objetivo era uma teoria completa da educação que levasse a uma maneira prática de trazer felicidade à humanidade. “Insistia na importância dos primeiros anos de vida e na relação entre mãe e filho para o desenvolvimento moral da criança”. (Boto, 2019, p. 82)

A palavra pedagogia significa etimologicamente “arte de condução de crianças.” (Franco, Libâneo e Pimenta 2007, p. 64).

A pedagogia surge como uma prática da educação, salientada por Popkewitz (1998) como sendo “uma prática da administração social do indivíduo social” dentro da escola. Bernstein (1999, p. 259) aprofunda:

A pedagogia é um processo sustentado em que uma ou mais pessoas adquirem novas formas ou desenvolvem formas existentes de conduta, conhecimento, prática e critérios, de uma ou mais pessoas, ou algo, destinados a ser um provedor e avaliador apropriados. Apropriados do ponto de vista ou do adquirente ou de alguma(s) outra(s) pessoa(s), ou de ambos. (*apud* Daniels, 2001, p. 15)

Ressalta-se a existência de uma constante discussão conceitual científica da pedagogia e da sua aplicabilidade, tornando-se uma problemática nas ciências humanas, entretanto, é fundamental e imperativa a investigação de cunho científico da educação. (Saviani, 2008)

O pedagogo, por sua vez, segundo Saviani (1985) *apud* Secretaria de Estado da Educação (2009, p. 23) tem uma definição clara e inequívoca:

Pedagogo é aquele que possibilita o acesso à cultura, organizando o processo de formação cultural. É, pois, aquele que domina as formas, os procedimentos, os métodos através dos quais se chega ao domínio do patrimônio cultural acumulado pela humanidade. (...) A palavra pedagogia traz sempre ressonâncias metodológicas, isto é, de caminho através do qual se chega a determinado lugar. Aliás, isto já está presente na etimologia da palavra: conduzir (por um caminho) até determinado lugar.

Efetuada a breve caracterização e conceituação da pedagogia e da função do pedagogo, passa-se para a análise da oferta do Curso de Pedagogia pela UFPR.

O Curso de Pedagogia ofertado pela UFPR tem por objetivo formar pedagogos (as) em uma perspectiva crítica, democrática e comprometida com a educação pública; compreender o caráter integrado da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental; compreender o trabalho do pedagogo e seu papel na escola, envolvendo a organização do trabalho pedagógico e a gestão escolar; compreender os processos de gestão escolar e coordenação das relações com estudantes, docentes e demais atores escolares, agentes internos e

externos e toda a comunidade escolar; compreender as possibilidades de ação do pedagogo(a) na produção, organização e articulação do conhecimento e da práxis pedagógica no âmbito das relações sociais e culturais concretas. (Feira de Cursos, 2022)

As áreas da atuação do formando envolvem a Educação Infantil; Ensino Fundamental; Ensino Médio; Educação de Jovens e Adultos; Educação Especial; Educação Profissional; Hospitais; Editoras; Museus; Assistência Social; entre outros espaços. (Feira de Cursos, 2022).

O ingresso ao Curso de Pedagogia na UFPR pode ser feito mediante: processo seletivo (vestibular), vagas remanescentes (SISU), Processo de Ocupação de Vagas Remanescentes (Provar).

O curso tem duração de 5 anos e pode ser ingressado nos turnos diurno e noturno. O curso é ofertado em duas modalidades: presencial e ensino a distância (EAD) com módulos anuais. A seguir são demonstrados os currículos de cada curso atentando para o fato de que estes são regulamentados pela Resolução CEPE 30/08.

Quadro 4 – Ementas Curso Pedagogia Presencial (5 anos)

1º Ano	
Disciplinas	Horas Totais
Filosofia da Educação I	90
História da Educação I	60
Biologia Educacional	120
Função Social do Pedagogo	30
Organização e Gestão da Educação Básica I	60
Organização e Gestão da Educação Básica II	60
Fundamentos da Educação Infantil I	30
Pesquisa Educacional	60
Fundamentos da Educação Especial	60
Optativa	30
<b>Carga Horária Anual</b>	<b>600</b>
<b>Carga Horária Semanal</b>	<b>20</b>

2º Ano	
Disciplinas	Horas Totais
Filosofia da Educação II	90
História da Educação II	60
Sociologia da Educação	120
Psicologia da Educação I	60
Metodologia de Ensino da Educação Infantil	30 + 15
Metodologia de Ensino de Artes	30 + 15
Didática	90
Educação de Jovens e Adultos	30
Educação e Trabalho	60
<b>Carga Horária Anual</b>	<b>600</b>
<b>Carga Horária Semanal</b>	<b>20</b>

3º Ano	
Disciplinas	Horas Totais
Prática Pedagógica A – Estágio em Docência na Educação Infantil	120
Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa	30 + 15
Metodologia de Ensino de História	30 + 15
Psicologia da Educação II	60
Comunicação em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS: Educação Bilíngue de Surdos	60
Políticas Educacionais	60
Alfabetização	60
Trabalho Pedagógico em Espaços Não Escolares	90
Estudos da Infância	30
Optativas	30
<b>Carga Horária Anual</b>	<b>600</b>
<b>Carga Horária Semanal</b>	<b>20</b>

4º Ano	
Disciplinas	Horas Totais
Prática Pedagógica B – Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental	120
Metodologia de Ensino de Matemática	30 + 15
Metodologia de Ensino de Geografia	30 + 15
Metodologia de Ensino de Educação Física	30 + 15
Metodologia de Ensino de Ciências	30 + 15
Currículo: Teoria e Prática	60
Tópicos Especiais em Psicologia da Educação	60
Avaliação Educacional	60
Optativas	120
<b>Carga Horária Anual</b>	<b>600</b>
<b>Carga Horária Semanal</b>	<b>20</b>

5º Ano	
Disciplinas	Horas Totais
Prática Pedagógica C – Estágio Supervisionado na Organização Escolar	240
Organização do Trabalho Pedagógico	90
Educação, Tecnologia e Cultura das Mídias	30
Trabalho de Conclusão de Curso	110
Optativas	120
<b>Carga Horária Anual</b>	<b>600</b>
<b>Carga Horária Semanal</b>	<b>20</b>

Fonte: Adaptado de UFPR (2022)

A carga horária das disciplinas obrigatórias totalizam 2.800 horas. A carga horária das disciplinas optativas totalizam 300 horas. O total da carga horária das atividades formativas é de 110 horas e o total da carga horária do curso é de 3.200 horas. O Curso de Pedagogia na modalidade EAD, com duração de 4 anos, com

ingresso mediante processo seletivo (vestibular), tem suas disciplinas distribuídas em quatro principais eixos, sendo eles:

Eixo 1 – Concepções e Fundamentos do Trabalho Pedagógico;

Eixo 2 – Infância, Juventude e Cultura;

Eixo 3 – Docência em Espaços Escolares e Não Escolares;

Eixo 4 – Organização e Gestão Escolar.

Carga horária total do Curso: 3635 horas sendo que 40% da carga horária do currículo do Curso ocorre na forma presencial nos polos de Apoio Presencial autorizados pela UFPR.

A universidade tem seu caráter público evidenciado no aspecto de custo financeiro zero para os estudantes em todos os cursos ofertados, incluindo pelo óbvio, a licenciatura em Pedagogia.

### **2.3.3 Similitudes encontradas entre as universidades e os cursos**

Importa ressaltar que tanto a UP quanto a UFPR são universidades gigantescas, envolvendo a estrutura, qualidade, capacitação profissional e suporte a comunidade/social. A principal diferença é o fato de que a UFPR fornece seus cursos gratuitamente (universidade 100% pública, incluindo o atendimento hospitalar e laboratorial disponível ao público), enquanto que a UP é instituição pública, porém seus cursos não são gratuitos; apresenta a oferta de cursos no sistema de bolsas. A qualidade dos cursos e o respeito da comunidade são elevados para ambas. No caso a UP é respeitada por toda a Europa, pois está inserida no contexto integração e de qualidade no nível europeu, já nasceu em berço privilegiado. O Brasil, por sua vez, com imenso potencial, mas inegavelmente, em comparação a Portugal, é um país em desenvolvimento. A UFPR e todas as universidades públicas brasileiras se mantêm no limite de suas capacidades financeiras, contudo, tal fato não anula ou diminui o valor do ensino e da pesquisa das mesmas, estando em alguns casos, no mesmo patamar europeu. Contudo, no *ranking* internacional a UFPR se encontra entre 800-1000.

Com relação aos cursos, nota-se obviamente, a similaridade nos currículos, afinal ambos possuem um único fundamento: o estudo da educação. As diferenças envolvem a duração – 3 anos para Portugal e 5 anos no Brasil (curso presencial) e o

valor, na UP o aluno desembolsa 2.091 € para se formar em Ciências da Educação, ao passo que na UFPR todo o ensino, incluindo o suporte, é gratuito.

O currículo do Curso de Ciências da Educação aprofunda-se na análise científica do fenômeno educativo, possui enfoque diferente ao da Pedagogia. O profissional em ciências da educação pode exercer qualquer função na qual seja exigida a análise formativa do indivíduo, pois está capacitado para atuar conforme a necessidade de conhecimento do mesmo.

O currículo do Curso de Pedagogia, por sua vez, se preocupa mais com a prática da educação, razão pela qual, o formando sai capacitado para assumir as funções de pedagogo, professor e professor pedagogo. No currículo de pedagogia se observam disciplinas que capacitam o pedagogo a dar aula para o ensino infantil e primeiras séries do ensino fundamental (ciências, matemática, educação física, geografia).

O tempo de duração de cada curso é bem diferente, pois cada um atende as especificidades e necessidades da demanda de cada País. Enquanto o curso de Ciências da Educação forma um profissional capaz de interpretar e auxiliar no processo de formação do indivíduo pela via científica, o profissional de Pedagogia precisa estar imbuído de capacitação para dar aula e, além disso, tornar-se um auxiliador e mediador entre as funções dos diferentes agentes da instituição escolar (professores, diretores, secretarias, comunidade, alunos e pais).

Mais uma vez, importa salientar o contexto sociocultural embutido em ambos os cursos. O Curso de Ciências da Educação aparenta satisfazer, enquanto formação específica na área da educação, a demanda da realidade do povo português e do mercado europeu, enquanto que, o Curso de Pedagogia igualmente, aparenta satisfazer as necessidades do ensino brasileiro, atendendo as demandas imediatas do ensino na educação básica para o funcionamento do sistema de ensino. Óbvio, cada qual com seus desafios a serem superados e implementados à medida da complexificação das relações da sociedade moderna.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 CARACTERÍSTICAS METODOLÓGICAS

O presente estudo possui como base metodológica o método de pesquisa desenvolvido por Lahire (2004), o qual demanda a coleta de informações biográficas do entrevistado. Essa metodologia foi desenvolvida para “julgar em que medida algumas disposições sociais são ou não transferíveis de uma situação para outra” ao mesmo tempo em que se avalia “o grau de heterogeneidade ou homogeneidade do patrimônio de disposições incorporadas pelos atores durante suas socializações anteriores”. (p. 32)

O ponto de partida de Lahire para a sua teoria disposicionalista e contextualista da ação no nível individual implicou na construção de novas ferramentas metodológicas. Para apreender a complexidade interna dos atores, é preciso elaborar ferramentas metodológicas que permitam observar diretamente ou reconstruir indiretamente (através de várias fontes, incluindo longas e repetidas entrevistas) a variação dos comportamentos individuais de acordo com os contextos sociais. Somente esses dispositivos metodológicos permitem avaliar em que medida certas disposições são transferíveis de uma situação para outra, enquanto outras não, bem como avaliar o grau de heterogeneidade ou homogeneidade na herança de disposições incorporadas pelos atores durante sua socialização. Embora a observação direta de comportamentos ainda seja o método mais relevante e adequado, raramente é inteiramente possível obter dados confiáveis, segundo Lahire (2020), na medida em que seguir atores em suas diferentes situações de vida seria incômodo e eticamente problemático. As entrevistas por outro lado, podem revelar uma infinidade de pequenas contradições e algumas heterogeneidades comportamentais que passam despercebidas pelos próprios atores.

Lahire (2004) delineou um roteiro básico o qual é sintetizado a seguir para o presente estudo:

- Número de entrevistas: seis entrevistas, uma entrevista com duração máxima de 2 horas para cada caso pesquisado;
- Número de pesquisados: seis pessoas;
- Objetivos: coletar informações sobre práticas, comportamentos, maneiras de ver, sentir, agir em diferentes atividades (situações) ou microcontextos

(aprofundamento da situação) das seguintes categorias: escola, trabalho, família, sociabilidade, lazer, práticas culturais e cuidados com o corpo (saúde, alimentação, esporte, estética, entre outros).

- Entrevistador: um único entrevistador para cada pesquisado visando atingir um nível de continuidade e confiabilidade por meio da continuidade das informações coletadas nas entrevistas anteriores. Importa salientar que próprio Lahire reconhece que o construto metodológico é pesado, por isso a adoção de um único entrevistador.

- Aceite Inicial: todo entrevistado seria abordado para a explicação de como seriam efetuadas as entrevistas, abordagem dos assuntos e justificativa da mesma, como estudo sobre os estilos de vida para facilitar o entendimento do entrevistado quanto a ampla abordagem de perguntas.

- Pesquisa etnográfica: análise dos padrões mais previsíveis das percepções e do comportamento no cotidiano do entrevistado.

A pesquisa efetuada com essa metodologia proposta por Lahire rendeu mais de 110 horas de material verbal, análise comportamental dos entrevistados em tarefas como lazer, alimentação, conversas informais, entre outros.

Havia inúmeras regras a ser seguidas pelos entrevistados, razão pela qual eram inicialmente cientificados e aceitavam ou não participar da pesquisa, dentre elas destacam-se: todas as seis entrevistas possuíam duração de tempo longa, pessoas próximas ou desconhecidas dos pesquisadores eram excluídas (limitação de como o entrevistado poderia relatar com veracidade as suas experiências), pessoas adultas com vida familiar, escolar e profissional.

As entrevistas foram efetuadas em diferentes locais e profissionais, um clínico geral efetuou a entrevista em seu consultório médico, casa do entrevistador, mas a maioria ocorreu na casa do entrevistado.

É importante salientar que o objetivo da pesquisa de Lahire era a coleta de material autobiográfico e pesquisa etnográfica dos entrevistados.

Para o presente estudo, a metodologia de Lahire foi adaptada haja vista existir um objetivo a ser pesquisado, o qual não é a biografia do entrevistado, mas sim, como as categorias (família, escola, formação profissional, práticas culturais e mercado de trabalho) influenciaram a escolha para o curso de Ciências da Educação em Portugal na UP e Pedagogia no Brasil na UFPR. Partindo desse pressuposto, a metodologia criada por Lahire foi alterada tornando mais objetiva, leve e curta a

entrevista, em face da característica transnacional dos entrevistados.

Assim, foram elencados os seguintes passos:

1) Elaboração de roteiro de entrevista biográfica adequado aos objetivos da pesquisa, mas, também, questionando o ator sobre seu posicionamento em esferas da vida diversificadas;

2) Indicação de oito entrevistados por coordenadores da UP e da UFPR: quatro de Portugal e quatro do Brasil, destes apenas seis, três de Portugal e três do Brasil, aceitaram efetuar a entrevista. Todos os entrevistados foram previamente esclarecidos sobre o conteúdo das entrevistas e se prontificaram livremente a participar da pesquisa, mediante aceite do termo de consentimento enviado via email para cada um.

3) Realização de uma única sessão de entrevista, com tempo máximo de 1.30hrs. Inicialmente na entrevista é novamente lido e confirmado o Termo de Consentimento;

4) Transcrição das entrevistas de acordo com o questionário, respeitando assim, a confidencialidade e anonimato do entrevistado;

5) Adoção de apelido, sigla do nome, para cada entrevistado visando o respeito ao anonimato, estabelecido previamente via termo de consentimento.

6) Construção do retrato, articulando recursos teóricos e material empírico, inserindo uma vertente interpretativa superficial ao relato exposto pelos entrevistados.

As categorias pesquisadas foram:

a) família, no qual o egresso deve descrever o nível de escolarização e a situação econômica e social de seus pais, irmãos, tios, primos e avós;

b) vida escolar do egresso no Ensino Fundamental e Ensino Médio, no qual os alunos descreveriam a idade com a qual cursaram as diferentes séries, o tipo de estabelecimento escolar, como era sua relação com os professores e colegas, como era o seu rendimento escolar e qual era a participação da sua família na vida escolar;

c) Ensino Superior, o egresso relata se fez curso preparatório, com qual idade ingressou no Ensino Superior, como se deu a escolha do curso de graduação, como a sua família enxergou essa escolha, como é o seu rendimento escolar no Ensino Superior, início e término do curso;

d) Práticas Culturais, o egresso relata suas experiências fora do ambiente de

trabalho e se há outros interesses além da formação superior;

e) Mercado de Trabalho, o egresso relata como se deu a entrada no mercado de trabalho e se a rotina profissional satisfaz as expectativas iniciais na entrada do curso superior.

O entrevistador, no caso esta pesquisadora, não utilizou a pesquisa etnográfica limitada a biografia dos entrevistados, as entrevistas foram efetuadas na casa do entrevistado via *software Zoom*, sendo que cada entrevistado agendou de acordo com a possibilidade de deixar livre um mínimo de 2 horas para essa entrevista.

O contato com os entrevistados, o agendamento e as entrevistas foram realizadas nos meses de julho a outubro. Foram realizadas seis entrevistas – três licenciados em Ciências da Educação pela UP em Portugal e três licenciados em Pedagogia, brasileiros formados pela UFPR no Brasil. Todas as entrevistas foram realizadas uma única vez e sem interrupções.

Dentre as dificuldades encontradas a mais impactante foi o uso do *software Zoom* para efetuar as entrevistas no sistema *live* (ao vivo). A internet muitas vezes travou atrapalhando o andamento e isso gerou uma demanda de mais tempo dos entrevistados.

Tanto os entrevistados portugueses, quanto os brasileiros utilizaram os horários e dias da semana que melhor lhes favorecia, sendo em diferentes horários do dia comercial ou em finais de semana, sábados e domingos. Tendo situação de 1 brasileiro que realizou a entrevista em seu local de trabalho (escola), no seu intervalo.

A maioria dos entrevistados por sua vez fez a *live* em suas residências.

## 4 RETRATOS SOCIOLÓGICOS DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO

Neste capítulo são expostas as análises sociológicas, elencadas por Lahire (2004), selecionadas da transcrição de entrevistas efetuadas.

### 4.1 A RELEVÂNCIA DA ANÁLISE INDIVIDUAL BASEADA EM BORDIEU E LAHIRE

O uso do retrato sociológico, baseado na teoria de Bordieu lapidada por Lahire, neste estudo se justifica na necessidade de análise dos testemunhos dos atores sociais sem redução à sua educação universitária, mas considerando os atores como indivíduos repletos de aspirações e necessidades construídas ao longo de suas vidas. A profissão exercida pelos egressos de Ciências de Educação em Portugal e Pedagogia no Brasil é oriunda da definição dada pelos próprios atores (os egressos). O processo que pode ser definido como hermenêutica do senso comum, a qual é assim explicado pelo estudo sociológico:

O sociólogo não faz uma obra especificamente sociológica ao se interessar pelos objetivos, obras ou pessoas, ou pelas “condições sociais de produção”; ele o faz descrevendo a forma como os atores, conforme as situações, investem seus momentos para garantir sua relação com o mundo. Em *outros termos*, o sociólogo não deve escolher seus ‘objetos’ (em todos os sentidos do termo): tem de se deixar guiar pelos deslocamentos dos atores no mundo em que habitam. (grifo original) (Heinich, 1998, p. 39-40 citado por Lahire, 2004, p. 24)

Identificar as razões motivadoras dos atores na escolha do curso superior, na satisfação de suas aspirações no transcurso do curso e na inserção no mercado de trabalho é que identifica um perfil do profissional de educação, o qual será comparado em diferentes países e universidades (Portugal e Brasil), mas com o denominador comum da formação superior do profissional de educação. Com esse intuito, analisar a existência de homogeneidade ou heterogeneidade das disposições apresentadas pelos entrevistados em função de sua trajetória de vida (biografia) e de suas experiências no âmbito social. Ocorre mediante a identificação de disposições sob condições similares as quais fornecem esquemas interpretativos para reflexão e elaboração do retrato sociológico de cada ator.

Afinal, como salienta Lahire (2004, p. 318) “o sociólogo está em busca de coerências na complexidade do real” sem a redução de princípios únicos. É preciso

evidenciar coerências e recorrências que se articulam ou se combinam para a produção de fatos observáveis na pesquisa.

#### 4.1.1 A base conceitual do retrato sociológico

A base do retrato sociológico se encontra na própria raiz da sociologia, ou seja, na teorização da sociedade onde ocorre o embate e a observação dicotômica entre o indivíduo e a sociedade, entre o subjetivismo e o objetivismo e atualmente entre agência e estrutura, dos quais emergem as principais correntes sociológicas fornecendo maior importância a uma ou a outra categoria na tentativa de explicar a ordem social.

Para desvendar as determinações sociais e sua dinâmica na vida social é necessário analisar as dimensões individuais. Não há como separar a parte do todo. E isso sempre gerou caloroso debate para a sociologia. Para Foucault e Bourdieu, no ver de Martucelli (2007), o poder era o foco de análise para explicar o desenvolvimento e a mudança social do indivíduo.

Durkheim discute em “O Suicídio” que o homem individual é um homem de desejos, e, por isso, a primeira necessidade da moral e da sociedade é a disciplina. O homem precisa ser disciplinado por uma força superior, autoritária e amável, isto é, digna de ser amada. Esta força, que ao mesmo tempo se impõe e atrai, só pode ser a própria sociedade (Lucena, 2012, p. 300).

Enquanto Foucault vê o poder como algo onipresente além da agência<sup>9</sup> ou estrutura<sup>10</sup>, Bourdieu vê o poder como cultural e simbolicamente criado e constantemente relegitimado por meio de uma interação de agência e estrutura. A principal maneira de isso acontecer é através do que ele chama de *habitus* ou normas ou tendências socializadas que orientam o comportamento e o pensamento, o qual é definido como:

---

<sup>9</sup> Agência é a capacidade de o indivíduo realizar atos por iniciativa própria produzindo efeitos duradouros além do próprio ato. (Alves, 2021)

<sup>10</sup> Estrutura envolve todos os elementos socioculturais que podem afetar a capacidade da agência. A relação entre agência e estrutura é interessante porque explica mudança social, movimentos sociais, convulsões políticas e revoluções. A falta de agência (e as oportunidades de exercê-la) pode explicar o empoderamento, privação relativa ou não de direitos, a alienação e a anomia. (Alves, 2021)

(...) sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, que dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação combinadas de um maestro (Bourdieu, 2007, p. XLI).

Em contrapartida, Lahire chega a propor que o conceito de *habitus* seja definitivamente abandonado e substituído pela noção de disposição patrimonial individual. Esta proposta tem um foco particular nos repertórios de disposições, com suas diferentes origens, graus de ativação e força. As disposições em algumas situações podem ser ativadas e mobilizadas, enquanto que em outras podem ser inibidas ou tornadas adormecidas.

Aprofunda Lahire (2020) a questão, afirmando que a tradição sociológica francesa considera o indivíduo como uma realidade aquém de sua compreensão e investigação. Para Durkheim o indivíduo é considerado um objeto psicológico por excelência. Seu raciocínio parece implacável/intratável: o indivíduo é apenas uma parte de um todo, ou seja, o social (sociedade ou grupo); o todo é mais do que a soma de suas partes, portanto, as partes não são elas mesmas sociais. Mesmo que a sociologia favoreça o estudo de coletivos – grupos, classes, categorias, instituições, microcosmos – o indivíduo é considerado uma realidade aquém do social, pois o foco da sociologia é o social, ou seja, o coletivo e não o individual. Nesse rol de teóricos se encontram Durkheim e Bourdieu.

O fato é que a sociologia tem funcionado amplamente com base nesse entendimento, excluindo o indivíduo da análise do todo, afugentando qualquer desvio considerado psicologizante e essa, é a principal crítica de Lahire e a força motriz para a elaboração de sua teoria denominada sociologia contextualista-disposicionalista.

Sustenta Lahire (2020) que o avanço da transdisciplinaridade no âmbito da sociologia fomenta a adoção de conhecimentos científicos focados no indivíduo e nas suas realidades mentais tais como a psicologia cultural, a psicanálise, a psicologia cognitiva e/ou as neurociências. Os estudos de caso, retratos, histórias de vida ou abordagens biográficas permitiram perscrutar singularidades individuais sem perder de vista o objetivo de explicar o social pelo social.

Ao elaborar a teoria sociológica disposicionalista-contextualista em escala individual, Lahire empregou uma reapropriação crítica da teoria do *habitus* de Bourdieu, a qual visa abrir as caixas misteriosas e seladas que os sociólogos se contentavam em simplesmente evocar ao falar de esquema, de disposição, de estruturas mentais ou cognitivas, de *habitus*, etc. Associou-a à psicologia histórica e cultural, pois ambas as abordagens convergem, concordando sobre a natureza cultural (ou social) das estruturas mentais e comportamentais, ao mesmo tempo em que objetivam a apreensão de algumas das variações sociais, históricas, geográficas e culturais, em vez de enfatizar o caráter universal das características humanas, como poderia ser feito no campo da biologia ou das neurociências. (Lahire, 2020)

Constituir o indivíduo como um objeto sociológico legítimo leva a redefinir o social, reconhecendo que a chamada realidade social não pode ser reduzida à de grupos ou classes. Assim que alguém se refere à existência de diferenças sociais, a maioria dos sociólogos interpretaria a existência de discrepâncias entre classes sociais ou entre grupos. E assim, os sociólogos estariam menos propensos a pensar nas diferenças de gênero socialmente construídas ou diferenças entre gerações, que muitas vezes são diferenças entre diferentes estados do mundo social e entre diferentes condições de socialização dos indivíduos. Mas, as diferenças mentais ou comportamentais entre dois indivíduos singulares do mesmo meio social, ou ainda, da mesma família, quase nunca seriam compreendidas espontaneamente como diferenças sociais, no sentido de que essas diferenças seriam socialmente geradas por experiências sociais (socializadoras) diferenciadas. Da mesma forma, é muito raro considerar a realidade social pela lente das variações nos comportamentos de um indivíduo, de acordo com as situações sociais em que está imerso. (Lahire, 2020)

As disposições são realidades que não podem ser observadas diretamente, mas que, pode-se supor como ativos (no sentido de um agente ativo) para explicar a coerência do que se observa. Para falar em disposição, segundo Lahire (2004), faz-se necessária uma análise interpretativa do comportamento, das práticas e das opiniões do indivíduo. “Trata-se de fazer aparecer o ou os princípios que geraram a aparente diversidade das práticas. Ao mesmo tempo, essas práticas são constituídas como tantos outros indicadores da disposição”. (p. 27)

Cada disposição possui um início identificável, “instância de socialização e momento da socialização” ou a reconstrução de “modalidades específicas da socialização”. Compreende ainda, que a sociologia disposicional se encontra ligada à sociologia da educação, ou seja, uma sociologia da socialização. Além disso, cada disposição abrange vários comportamentos, atitudes e práticas para que se torne coerente, não sendo possível deduzir uma disposição mediante observação de um acontecimento. Não existem ocorrências únicas ou ocasionais de um comportamento, elas são recorrentes na noção de disposição, portanto, ocorre a repetição relativa de acontecimentos e/ou práticas.

A ideia filosófica, segundo a qual poderíamos falar de disposição permanente, sem nunca ter observado sua atualização, ou de acordo com a qual uma única ocorrência comportamental permitiria deduzir a existência de uma disposição, parece pouco razoável no âmbito das ciências sociais empiricamente fundamentadas. Com efeito, embora uma disposição como a solubilidade do açúcar possa ser suposta de antemão, sem a observação do acontecimento que representa a dissolução de um pouco de açúcar (é preciso verificar anteriormente, porém, se realmente se trata de açúcar), nenhuma disposição social se encontra em situação similar. Ainda que possamos dissertar abstratamente sobre a ausência de um vínculo lógico entre “série de comportamentos” e “disposição”, os rigores da pesquisa empírica no âmbito das ciências sociais obrigam a não falar nunca de disposição sem aportar as provas empíricas de sua existência. (Lahire, 2004, p. 28)

A disposição se origina da incorporação, explícita ou implícita, de uma socialização experienciada, constituída por meio da repetição de experiências similares. Essa incorporação de hábitos ou disposições não ocorre uma única vez e também, não é adquirida de forma abrupta, ou seja, todas “as disposições não são todas equivalentes do ponto de vista da precocidade, da duração, da sistematicidade e da intensidade de sua incorporação”. (Lahire, 2004, p. 29)

Apesar de a disposição implicar uma operação cognitiva evidenciando a coerência em atitudes (comportamentos, opiniões, práticas diversas e muitas vezes dispersas), isso não é uma regra obrigatória. A disposição geralmente é transcontextual e ativa em todos os momentos da vida do indivíduo. Deve-se evitar veementemente, salienta Lahire (2004), a generalização de supostos efeitos de uma disposição. A psicologia cognitiva ressalta a existência de baixa relação entre disposição e situações em que foi adquirida, ou seja, não é possível afirmar a existência de disposições genéricas, para Lahire (2004) isso além de ser abusivo, é um erro.

De igual maneira, a disposição não funciona como uma resposta a um estímulo, mas sim, a uma forma de agir, sentir e ver, ajustada com flexibilidade às situações encontradas. Em alguns casos, o processo de adaptação não é possível, então, ela pode se encontrar inibida ou transformada devido aos reajustes sucessivos.

É preciso ainda, diferenciar situações diferentes para não ocorrer um conceito reduzido de disposição, ou seja, “reduzir tudo a uma noção muito vaga de ‘disposição’ que, pela sua amplitude, acaba perdendo sua pertinência relativa”. É preciso distinguir competências (capacidades) de disposições (situações onde há tendência, inclinação, propensão e não um simples recurso que pode ser mobilizado potencialmente), distinguir disposições de apetências (paixão), desgostos (mania de limpeza) ou de indiferença (rotina). (Lahire, 2004, p. 43)

Finalmente, Lahire (2004), conclui indicando que a natureza individual das disposições só pode ser analisada mediante trabalho empírico.

As próprias disposições têm graus de robustez desiguais, explicam Gomes, Cerdeira, Lopes, Vaz *et al* (2015), são altamente dependentes da sua origem, ou seja, de modo particular como o processo de socialização – sempre plural, mais ou menos contraditório e ativado por múltiplos agentes, mesmo no seio da família – se desenvolveu num determinado indivíduo. Dessa forma, é importante compreender os detalhes das variações intraindividuais, como cada indivíduo se desdobra em múltiplos compromissos e metamorfoses ao longo de suas diferentes áreas de atuação.

A proposta de Lahire inova por não considerar o indivíduo como capaz de exercer o livre arbítrio ou como um indivíduo fragmentado; mas sim, analisar a complexa produção social do indivíduo. Afinal, o indivíduo é multissocializado e multideterminado. Os indivíduos, como corpos socializados e socializadores, traçam caminhos que espelham a arquitetura invisível das forças sociais, desenvolvendo formas de se relacionar consigo mesmo e com os contextos e situações que o cercam.

É nesse âmbito que Lahire (2004) propõe os retratos sociológicos como dispositivo metodológico, os quais emergem como um dispositivo metodológico capaz de captar uma dupla pluralidade nas trajetórias individuais: por um lado, a pluralidade de disposições internas, considerando sua origem, “força” desigual e sistematicidade; e, por outro, a pluralidade de contextos, como fator externo,

associado à multiplicidade de processos, agências e contextos de socialização ou modos de vida.

Em outras palavras, todos são indivíduos plurais colocados em contextos igualmente plurais. Lahire (2002) oferece uma teoria que consegue acomodar a pluralidade e a complexidade contemporâneas. Dentro da genealogia da teoria da prática, desenvolveu uma série de projetos de pesquisa e acabou por propor um programa baseado no ator plural. O ator plural está exposto a múltiplos princípios de socialização, atualizados de forma diferenciada no decurso de sua trajetória social e fortemente relacionados com áreas de atuação, situações e contextos.

Essa característica inovadora do estudo sociológico apresentado por Lahire, transforma-se em recurso valioso para a presente pesquisa. Afinal, o intuito aqui proposto é analisar o indivíduo, único, e a sua escolha de formação profissional influenciada pelas categorias família, escola, vida social e trabalho.

Mediante o aporte teórico da metodologia de Lahire, demonstram-se a seguir a interpretação dos dados coletados em entrevistas com profissionais da educação formados em Ciência da Educação pela Universidade do Porto em Portugal e os licenciados em Pedagogia, pedagogos, formados pela Universidade Federal do Paraná no Brasil.

## **5 RETRATOS SOCIOLÓGICOS: ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES**

Neste capítulo são apresentados excertos importantes das entrevistas realizadas com egressos dos cursos de Licenciatura em Ciências da Educação, Universidade do Porto em Portugal, e Pedagogia, Universidade Federal do Paraná no Brasil.

### **5.1 ANÁLISES ENTREVISTAS UNIVERSIDADE DO PORTO – PORTUGAL**

Neste capítulo são apresentadas as três entrevistas realizadas com profissionais formados em Ciências da Educação na Universidade do Porto. As entrevistas foram realizadas em agosto a outubro de 2022 e as transcrições se encontram nos Apêndices.

#### **5.1.1 Entrevistada ECAC**

ECAC é do sexo feminino, tem 36 anos e é natural de Vila Nova de Farmalhão. É solteira, embora em união de facto, possui três filhos e mora com o companheiro e os três filhos em residência própria. Atua há 14 anos como educadora social no mesmo sítio, em Pedome atua há 13 anos na mesma escola e atuou um ano em uma escola na cidade do Porto. Formada pela Universidade do Porto em licenciatura de 4 anos (anterior ao Tratado de Bolonha) e possui Mestrado em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária pela Universidade do Minho.

A escolarização dos pais envolve o ensino secundário até o 12º ano para o pai e até a quarta classe do 1º ciclo para mãe. Os pais são casados e empresários, donos do próprio restaurante. Possui um irmão mais velho o qual completou o 3º ciclo no programa das novas oportunidades. Apenas os primos possuem o ensino superior. A situação econômica dos pais é de classe média, trabalhadores, os quais valorizaram e forneceram suporte financeiro para a educação.

A educação inicial de ECAC se deu em escolas públicas e com rendimento acima do regular, graças ao próprio empenho. Seus pais não participaram da sua vida e de seus afazeres escolares, em face da sua atividade profissional.

*Não muito, porque eles tinham um restaurante que ainda tem e isso é muito exigente. Trabalham de manhã, à noite e fins de semana. Então era muito difícil para eles participarem, iam a algumas reuniões, participavam de algumas atividades, mas eu ia sempre com os pais dos meus amigos. Não eram muito ativos nesta participação.*

*Sim, eles assinavam o boletim, mas não ajudavam nas tarefas. Também tinha a vantagem de não ser preciso. Eu era muito disciplinada então eles confiavam, não tinham que mandar ir estudar, eu sabia me organizar. Eu era muito autônoma.*

O fato dos pais de ECAC, apesar de não possuírem uma educação formal completa e não acompanharem mais de perto as suas atividades escolares, não implicou na desvalorização da educação, ao contrário, muito se alegravam nos rendimentos apresentados por ECAC na escola:

*Eles interessavam-se, eles ficavam muito, muito contentes ao ver-me a estudar, a chegar da escola e fazer resumos, a fazer os trabalhos de casa. Sempre me manifestavam que eu merecia também algumas regalias, que tinha né? Das saídas com os amigos ao fim de semana, aquela roupa que a gente pedia que era mais de pronto. Eles sempre me mostravam que valorizavam e que eu também merecia por ser muito, porque eles podiam confiar em mim. Sim e muito contentes sempre e acho que também esta questão da participação, eles diziam-me que quando eu dizia a esta reunião tens que ir e eles: Mas está tudo bem, por que eu tenho que ir à escola? Ou seja, aquela mentalidade de só ir à escola se fosse uma coisa má. Eu dizia não, tens que ir nem que seja só para ouvir. Bom, então eles lá iam mesmo. Pronto, está bem. Mas sim, sempre me valorizaram e incentivaram. Sim, eles iam. Claro que eu tinha que dar um empurrãozinho, mas eles iam.*

As disciplinas que possuía mais dificuldades era Matemática e Latim. Nas quais ECAC se empenhou muito mais para aprender, pois havia muito estímulo familiar para que ECAC continuasse os estudos. Os pais de ECAC não tiveram dificuldades econômicas para adquirir materiais e sustentar o seu ensino, portanto, ECAC não se obrigou a trabalhar para bancar os estudos. ECAC auxiliava no

restaurante, mas provavelmente não era um trabalho formal, apenas auxiliava os pais.

Quanto a escolha do curso, ECAC, possuidora de uma personalidade e determinação independentes, foi por iniciativa própria atrás de cursos que encaixassem em suas tendências já adquiridas, como a atuação com pessoas.

*Eu sabia que queria alguma coisa relacionada com pessoas, com a parte humana. Queria lidar com pessoas e fiz uma pesquisa e ao ver mais ou menos os currículos dos cursos, percebi que calharia primeiro de psicologia, depois ciências da educação e já depois acho que pus várias opções na área da educação. Não entrei em psicologia. Hoje agradeço porque gosto muito daquilo que faço. Mas, mais pelo facto que eu queria muito trabalhar para as pessoas e com pessoas. (...) Foi uma, tive informação, mas foi uma informação muito autónoma. Ou seja, fui eu que fui procurar áreas de interesse, de currículos. Fui aos sites das universidades um bocadinho por aí. Porque a orientação vocacional que tive era muito simplificada na altura. Sim, era muita base de testes, mas que eu achei que não podia não ser fidedignos.*

Esse gosto pela área de Humanas ECAC credita à própria mãe, a qual sempre foi atuante na comunidade:

*Mas a minha mãe sempre foi uma pessoa muito (...) muito de comunidade, de viver em comunidade, de partilha, de se juntar muita gente lá em casa. E eu sempre estive muito neste contexto. Ou seja, e gostava muito de conviver, de ajudar, de ajudar os filhos dos amigos que tinham dificuldades de ensino. Não era outra pessoa na minha. Mas acho que pelos exemplos do meu dia a dia que acabei por descobrir, no fundo a mim próprio e aquilo que eu gostava, o que e não prestava. Acho que terminou dessa maneira indireta o meu percurso.*

Partindo-se dessas experiências em casa, ECAC fez sua primeira opção para Psicologia e segunda opção para o curso de Ciências da Educação, acabando por ingressar em Ciências da Educação. A escolha das universidades ficou entre a do Porto e o Minho, mas ao pesquisar as referências de cada uma acabou por escolher

a do Porto, a qual é muito conceituada. As dificuldades iniciais que obtive na Universidade se deu com relação a disciplina de História da Educação, mas nada grave.

O período de experiência na Universidade do Porto proporcionou à ECAC um maior entendimento sobre si mesma e sobre o mundo, além de estimular o trabalho voluntariado.

*(...) Eu acho que é que em termos de currículo, em termos profissionais, eu acho que a que a universidade me trouxe uma abrangência muito maior de pensamento, não só na minha área, mas de uma forma geral, também pela diversidade de públicos, de faixas etárias abordadas, mas também pela diversidade de contextos. Permitiu conseguir estar integrada em vários estágios. (...) E também fora da universidade, mas que aconteceram por causa da universidade. (...) A questão do voluntariado, que é muito significativo para mim e que comecei a fazer no Porto. Lembro-me de uma associação, eu fiz o estágio, penso que no segundo ano para as metodologias de investigação em educação. Fiz o trabalho na Associação de Surdos do Porto. E foi muito marcante, também estar lá a perceber esta dinâmica, perceber aquelas dificuldades. Formas de ajudar, ou seja, acho que me despertou também para muitas questões sociais e outras até porque fiz um estágio na Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão e depois adorei o meu estágio. (...) Não é por estar muito relacionado com as questões políticas, então acho que me ajudou a perceber, a abrir horizontes, mas também a perceber aquilo que eu realmente quero e aquilo que eu gosto e onde sou feliz.*

A família se sentiu gratificada por ECAC concluir a universidade, “Acho que é importante no sentido em que pensam que me garantiram um futuro melhor por ter uma escolaridade melhor.” Provavelmente, pelo fato de que eles próprios não tiveram a oportunidade e suporte emocional e financeiro para ingressarem no ensino superior.

Um detalhe importante é que o curso na Universidade do Porto é pago, existem as propinas (mensalidades) portanto, os pais de ECAC arcaram com todo o

custo sem a necessidade de solicitar bolsa: “*Sei que na universidade os meus pais tiveram que fazer alguma gestão, mas nunca uma dificuldade séria*”.

Inegável é o fato de que o envolvimento dos pais é fundamental para incentivar seus filhos o gosto pelos estudos, a questão da valorização, aumentando deveras o rendimento escolar de seus filhos.

(...) A participação dos pais nos órgãos da escola, podendo ser importantes, não traduzem benefícios concretos na aprendizagem dos alunos, embora possam ter efeitos positivos no aumento da segurança, na melhoria dos transportes escolares, na ocupação dos tempos livres dos alunos. Muitas vezes e em muitos casos, as práticas de comunicação, o *envolvimento dos pais no apoio educativo aos filhos e a sua participação em grupos de consulta trazem, regra geral, mais benefícios para a aprendizagem dos alunos do que a própria tomada de decisão.* (Martins, 2001, *apud* Picanço, p. 40)

Com relação ao aumento de qualidade de vida com a aquisição do diploma de ensino superior, ECAC afirma não haver um aumento substancialmente em relação ao padrão de vida de seus pais. Melhorou com a conclusão do ensino superior, tornou-se melhor do que o padrão de vida dos pais, mas não muito quando comparado ao padrão de seus familiares (tios).

Na universidade ECAC participava ativamente dos eventos realizados no Campus, os quais eram gratuitos. Dentre as disciplinas que mais gostou no decorrer do curso na Universidade do Porto foram: “*Foi a disciplina de comunidade educativa e contexto escolar, a psicologia da educação, as metodologias de investigação também e a sociologia da educação.*”

Quanto as atividades sociais e lazer, ECAC destaca ser o seu principal *hobby* o voluntariado nas áreas de “*gestão da associação e o desporto*”, o qual participa sozinha. O lazer com os seus familiares e amigos envolve atividades voltadas para viagens e piqueniques na natureza.

Quanto a atividade religiosa, esclarece que já foi ativa, mas atualmente não mais. E quanto ao tempo dedicado à leitura, devido à sua infante pequena, deu uma pequena parada por falta de tempo, mas garante ser algo que gosta e muito de fazer.

Com relação à atividade profissional, ECAC afirma que entrou no mercado de trabalho formal aos 22 anos, logo após terminar a licenciatura. Nesse período ainda, entrou no programa de mestrado com suporte do estatuto do trabalhador estudante.

*Eu comecei a trabalhar com 22 anos depois da licenciatura, logo a seguir. E fiz um mestrado quando já estava a trabalhar e consegui conciliar com o estatuto de trabalhador estudante para assistir a algumas aulas, não todas. Claro que é difícil, mas consegui conciliar. Com essa possibilidade do Estatuto do Trabalhador Estudante que diminui a carga horária, facilitou.*

Sobre a atividade profissional exercida desde a saída da Licenciatura, ECAC alegar assumir o posto de educóloga:

*Então eu trabalho na minha área e fui colocada aqui nesta escola, como educóloga, estou a tocar há 13 anos, embora já trabalhava há 14 e a minha função é técnica do Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família. Eu integro uma equipa com mais pessoas, as psicólogas e uma animadora, pois temos uma mediadora também para o gabinete de mediação escolar, que está com mais com os casos de disciplina. Isso já é um recurso mais recente. Há quatro anos está ao mesmo tempo para este gabinete e tem a formação de educação na Universidade do Minho, com a vertente de mediação escolar. Uma licenciatura equivalente a Ciências da Educação com a especialização em mediação de conflitos.*

Sobre a sua rotina profissional esclarece a sua atuação com famílias:

*Eu trabalho com as famílias, formação das famílias e articulação com as entidades externas. Porque para intervir com as famílias e a acompanhar tem que articular com a ação social, com os mecanismos de proteção das crianças e jovens. É um bocadinho nesse sentido. E depois faço atividades com os alunos e com as turmas para prevenção de algum tipo de comportamentos. A prevenção da indisciplina e a promoção das competências pessoais e sociais. Os hábitos e métodos de estudo. Coordeno a tutoria, que é o apoio entre professores e alunos, depois vão tendo vários projetos assim, conforme as necessidades. Antes, até à pandemia, estava com o projeto Empatia, que é um projeto que eu fui buscar a inspiração no Canadá, que era um projeto de intercâmbio dos nossos jovens daqui da nossa escola com bebés. E fazia este intercâmbio com uma creche aqui pertinho da nossa escola. Já estive com um*

*clube de teatro, com um professor de teatro, em que íamos buscar aqui alguns alunos de contextos carenciados para integrar aqui neste clube. Este ano vou iniciar com um clube de voluntariado, ou seja, vamos tendo assim várias ofertas para trazer os alunos para a escola. Tentando sempre que nestas atividades estejam aqueles alunos que não se identificam tanto com um currículo formal, mas que depois de outra forma estejam na escola, porque também em casa também não é uma resposta, são contextos desfavorecidos e trazê-los para a escola, mas com atividades que não o currículo formal, que são essas que eles rejeitam. E então tentamos integrá-los depois para motivá-los para a escola, para depois não entrarem em percursos de abandono e de absentismo.*

ECAC atua em um agrupamento, “*nós temos nove escolas de primeiro ciclo e temos uma escola, a escola sede, que tem do primeiro até ao terceiro ciclo*”, a sua função é circular por todas as escolas “*E eu circulo por todas as escolas. Quer nestes projetos de intervenção em turma, quer na intervenção com as famílias que são sinalizadas de todas as escolas.*”

ECAC adentrou no mercado de trabalho mediante um concurso público do Ministério da Educação, plataforma de colocação dos professores e dos técnicos, sendo contratada como educóloga.

Ao ser questionada sobre o título de educóloga, ECAC explica a terminologia adotada:

*(...) educóloga são só as pessoas que saíram da licenciatura de Ciências da Educação na Universidade do Porto. Porque aqui em Portugal sempre tivemos esta desvantagem de cursos equivalentes a terem designações diferentes. E estamos a falar das Ciências da Educação, da Educação da Universidade do Minho e da Educação Social da Escola Superior de Educação. Mas todos são equivalentes, ou seja, qualquer um destes cursos pode concorrer para a vaga de educador social ou para a vaga de educólogo. Na Universidade do Minho é uma licenciatura em Educação, equivalente a Ciências da Educação. (...) Agora, como já estamos efetivas a vaga que abriu é Educação social, ou seja, a minha função agora, desde há três anos, está formalizada como educadora social e não como educóloga. Pedagogia social é Educação Social, também equivalente à Ciências da Educação.*

Portanto, os termos educóloga e educador social são equivalentes para o mercado de trabalho quando elencados egressos do Curso de Ciências da Educação.

Com relação à satisfação pessoal ao curso escolhido, ECAC afirma se encontrar plenamente satisfeita: “*Eu acho que escolhi certo e não me arrependo de nada. Sou muito feliz naquilo que faço*”.

O egresso do Curso de Ciências da Educação possui uma capacitação distinta do psicólogo que atua obrigatoriamente nas escolas:

*O psicólogo tem a função de avaliação psicológica, que é uma avaliação cognitiva e a intervenção psicológica, para os alunos com dificuldades. Ou seja, o psicólogo faz uma avaliação de um aluno que um professor diz que tem muitas dificuldades para testar ou não as dificuldades cognitivas, para ele ter as medidas adequadas à sua característica. Podem ser medidas diferenciadoras no currículo, medidas diferenciadoras na avaliação. (...) E o psicólogo faz também um relatório para enviar as equipes médicas, por exemplo, quando é preciso fazer algum despiste (o arquivamento e o encaminhamento) médico. Eles fazem o encaminhamento para os médicos avaliarem a existência de alguma problemática. O que o psicólogo pode fazer é ajudar com atividades do treino, da atenção e da concentração. O treino cognitivo, ou seja, com atividades de estimulação cognitiva, é um complemento.*

*(...) Nós estudamos as várias ciências que interferem para um olhar mais abrangente para as questões de educação. E nós vamos buscar a psicologia, sociologia, antropologia e vamos buscar estes saberes ao olhar da educação daí termos vários olhares. Embora, isto é, numa fase inicial do curso, porque depois acho que no final já começamos a afunilar muito para as questões da educação. Já não é tanto as ciências da educação, mas a educação.*

*(...) Não são poucas as escolas que têm este recurso. E as escolas que têm este recurso são escolas que estão, por algum motivo, indicadas como tendo várias problemáticas sociais. Daí não sei se conhece os projetos de TEIP, ou seja, as escolas candidatam-se a um programa que seria um território educativo de intervenção prioritária, pois por terem algum tipo de contexto que é mais desfavorecido. E são mais estas as escolas, as escolas que são TEIP que têm*

*estes profissionais. (...) Já há aqui um movimento muito grande para tentar que estes profissionais sejam obrigatórios em todas as escolas, para além da psicologia, porque o único profissional, o único técnico obrigatório por lei para estar nas escolas são os psicólogos.*

Os problemas elencados por ECAC na sua prática profissional envolvem a remuneração, o processo avaliativo no sistema educativo português que é limitante para a carreira profissional e até a questão de entendimento do que é a profissão do Licenciado em Ciências da Educação:

*Eu acho que somente uma questão da equidade, da remuneração que agora falou e que é uma questão realmente pertinente e a questão da avaliação. Porque a avaliação é muito complexa aqui, porque nós temos um sistema de avaliação de dois em dois anos, mas esta avaliação é com cotas, ou seja, por exemplo, este ano tem que haver uma avaliação dos profissionais, mas só se pode dar uma cota de excelente a três pessoas ou se pode dar uma cota de muito bom a quatro, só se pode dar uma cota de razoável, ou seja, não pode haver muitos profissionais muito bons. Se houver, tem que se escolher a quem é que vai ser atribuída a cota de excelência, quem vai ser atribuído a cota de muito bom. Mas desta avaliação depois depende da nossa progressão na carreira. Ou seja, se nós não tivermos, nós só progredimos na carreira se tivermos uma avaliação excelente e isto só de dez em dez anos. Ou seja, a perspectiva de progressão é muito reduzida. Não é porque se pensarmos que temos 40 anos de trabalho e se só podemos progredir de dez em dez e ainda por cima, com uma limitação nas cotas, nós sabemos que não vai ser muito diferente.*

*(...) Se eu disser Licenciado em Ciências da Educação, ainda há muita gente que não conhece. Mas se disser educador social? Quase toda a gente conhece. Eu acho que vê como sendo algo necessário agora, já começam a entender como algo muito exigente é porque se lida com jovens e com adultos e trabalhar com pessoas. Nem sempre é fácil. Mas também é algo muito desvalorizado tal como a profissão docente hoje em dia, dos professores. Acho que uma imagem social, neste momento já é de muito desvalorização. Com algumas medidas que*

*o Governo implementou, que de pronto contribuíram para isto e está a acontecer uma desvalorização desta função.*

ECAC em seu relato demonstra a disposição de altruísmo, por seu contato familiar desde a mais tenra infância com valores assertivos e de empatia com a realidade do outro. Outro detalhe importante é que os pais de ECAC, apesar de donos de restaurante (empreendedores), sem formação escolar completa e sem ingresso no ensino superior, conseguiram inculcar em ECAC o amor à instrução. De certa forma, eles próprios tenham se sentido realizados ao proporcionar à ECAC uma educação superior completa.

### **5.1.2 Entrevistada MGTM**

MGTM possui 29 anos, é do sexo feminino, natural da cidade do Porto, é solteira, vive com o companheiro em uma residência alugada. Atua há 4 anos como mediadora em um agrupamento – composto por 2 escolas e ocupando a infraestrutura de 3 edifícios – com alunos do primeiro ciclo.

A função de mediador, explica MGTM, é relativamente nova compreendendo as seguintes atividades:

*Mediador está em um nível de profissionalidade novo, a figura do mediador é a designação profissional que foi mudando ao longo dos anos e utiliza a denominação de mediador socioeducativo, penso que é a mais recente. Mas, sei que isso não é consensual ainda que depois no meu dia a dia de trabalho. Eu me designo perante as famílias e perante os alunos, como técnica social para ter uma designação mais abrangente, para que assim eu tenha uma maior aproximação com o público alvo e que entendam melhor o que eu possa ser.*

*O mediador na escola, naquilo que eu entendo, é alguém que trabalha aqui muito a parte comportamental do aluno. Eu faço o processo de acompanhamento de alunos que tem questões de indisciplina ou outro tipo de questões mais marcadas. Naquilo que é a função do mediador perante a formação superior que eu tenho, é uma função muito mais abrangente. (...) se eu tenho um aluno com uma determinada problemática eu faço um trabalho*

*muito com a família, mas depois o aluno, depois tem a própria mãe, poderá se pronunciar discernimento social por meio da instrução, o que faz com que tenha uma assistente social alocado. E muitas vezes temos numa mesma mesa várias entidades a discutir o mesmo processo de acompanhamento. A mediação daquilo que é, as diferentes linguagens e as diferentes questões de intervenção das várias instituições, nós também fazemos muito isso.*

Cursou mestrado em Avaliação, Supervisão e Lideranças o qual fornece subsídios para orientar questões organizacionais com foco específico no processo de autoavaliação de escolas.

Com relação às informações sobre família e faixa econômica, MGMTM mostrou-se mais reservada, optando por não responder todas as perguntas. A mãe possui escolaridade até o 12º ano. Não possui irmãos e nem parentes que cursaram o ensino superior. No decorrer da entrevista foi possível coletar informações complementativas desses quesitos, indicando que a classificação econômica da família de MGMTM é baixa e que a figura masculina que exerceu influência sobre ela, foi um tio.

*Se não fosse pela minha mãe ou pelo meu tio, que era a minha segunda figura de referência. E sem dúvida, depois o meu tio que com papel muito, muito específico no cumprimento das minhas obrigações, lá está, às vezes circunstâncias de vida, família a trabalhar fora e outras pessoas foram assumindo.*

Outro detalhe importante foi o tipo de educação fornecida pela família direta de MGMTM, na qual estimula a liberdade de escolha, de pensamento, tornando-a uma criança inquisidora de tudo e de todos. Tal constatação se dá em seu discurso sobre a trajetória escolar inicial, efetuada em instituições públicas:

*Eu sempre fui uma aluna média. A escola também nem sempre foi estimulante. Esta versão tradicional da escola, para mim, nem sempre foi estimulante. Sempre fui uma aluna média. Era uma aluna responsável, com capacidade, mas não era aquela aluna que estudava e que tinha as notas mais altas, digamos assim.*

*(...) Eu venho de uma família que dá muito valor à parte emocional e o meu bem estar global, ainda que em determinadas alturas eu tinha que ser repreendida como qualquer jovem que se desleixa, não é? Mas não havia uma pressão e nunca sentia uma pressão muito alta para ser a melhor. Eu tinha que ser o que eu quisesse ser, com umas regras de respeito. (...) A determinada altura, também com o meu crescimento, começaram a tentar perceber o que é que eu queria fazer, até para me conseguirem orientar mais, porque, claro, depois esse investimento mais quantitativo, digamos assim, pois no futuro prejudica muito.*

A mãe participava dos eventos de maior responsabilidade, voltados para a educação de MGTM, assinava boletins, conversava com os professores. Graças a essa educação mais aberta, mas com respeito e entendimento das responsabilidades a serem assumidas por MGTM, esta se tornou independente na sua busca de formação profissional no ensino superior:

*Foi uma busca muito solitária e bem solitária. E as poucas vezes que analisei e tentei, tentei saber junto da faculdade em que consistia e experimentei com o risco de que poderia não gostar, mas tive sorte.*

A escolha do curso Ciências da Educação, o qual foi a segunda opção, a primeira era psicologia, foi sempre muito clara para MGTM.

*Eu não posso dizer que escolhi Ciências da Educação de uma forma consciente, até porque a maior parte dos colegas que entram em ciências da educação têm psicologia de primeira opção. E eu era mais uma dessas que sabia claramente que não queria psicologia. No entanto, fui uma feliz aluna de Ciências de Educação e eu frequentei com gosto e no final do primeiro semestre tinha a certeza que nunca iria transferir o curso. Acho que eu assumidamente sou das ciências da educação e depois o meu ano de conclusão no mestrado foi um ano muito intenso.*

Os motivos por escolher a UP se devem à localidade, na mesma região onde morava e por ser muito conceituada. “Era frequentar uma instituição credível e ao

*mesmo tempo perto de casa para que eu conseguisse ter também condições financeiras de frequentar.”*

O período universitário foi um período significativo representando

*(...) uma oportunidade de ascensão social, de conquistar independência, solidificar também aquilo que era a minha autonomia. Venho de uma família que não teve oportunidade nem sempre de frequentar. Havia um sonho que eu frequentasse e essa preocupação de me garantir as condições para que eu pudesse efetivamente ter estudos superiores, digamos assim, e o entrar na universidade, tendo eu também tido um percurso escolar, ainda que positivo, mas com algumas dificuldades. Foi uma superação.*

MGTM entrou na UP e se tornou ativa nas atividades extra-curriculares, além de conseguir uma bolsa para ali estudar, evitando assim, trabalhos que atrapalhassem a sua rotina acadêmica:

*Ao longo do curso sempre fui tendo vários trabalhos temporários. Não eram trabalhos que me ocupavam todo o tempo. Em determinados períodos eu fui abraçando alguns trabalhos também para ter maior independência financeira, ainda que fosse bolseira. Nunca, nunca abracei nada muito consistente também para não atrapalhar os meus estudos, mas tinha sempre a preocupação de, em determinados períodos, trabalhar e a juntar algum dinheiro, porque consegui com isso e com uma bolsa, ter cinco anos em que a minha família não sentiu necessidade de intervir diretamente com os custos e eu consegui estudar praticamente com a ajuda do Estado, mas praticamente por minha conta. Isso foi muito bom.*

Sua vida social e lazer não são tão ativas quanto gostaria, pois prefere focar o trabalho, contudo possui um círculo de amizades consistente e sempre dá prioridade aos amigos:

*Tento sempre ter espaço de lazer com amigos, coisas que me estimulem e que, apesar de tudo, me permitam desapegar daquilo que é tamanho stress diário de trabalhar com esta população que é uma população desafiante e*

*que do ponto de vista emocional exige muito do profissional, porque no fundo estamos a falar de histórias de vida, de coisas reais que estão a acontecer. Eu não trabalho com um computador, não trabalho com algo que seja mecânico, trabalho com vidas de pessoas que estão permanentemente a mudar. E por mais que nos tentemos desapegar a dias mais difíceis, não... É por isso, às vezes, rodear-me dos meus, sair, divertir-me, viajar são hobbies que eu tento sempre aplicar quando posso.*

MGTM se iniciou formalmente no mercado de trabalho após a licenciatura, com 25 anos, “*E eu só comecei mesmo a trabalhar depois de estar com o grau de mestre concluído. Até lá, era um trabalho de esporádicos*”.

Ingressou logo após a conclusão dos cursos graças ao seu estágio e passar pela avaliação de portfólio:

*Inscrevemo-nos numa porta, numa plataforma. Depois temos que enviar portfólio. Temos que enviar comprovativos de toda a experiência que se tem. Há uma pontuação específica para o tempo de serviço. Isso acaba por ser também ainda tem muito peso, o que acaba por ser prejudicial nos concursos. E lá está eu aqui mais uma vez tive a sorte de terem me visto a trabalhar e disso ter sido um voto a favor meu, porque senão estaria em desvantagem para com outras pessoas que tinham muito mais tempo de serviço. É um procedimento muito burocrático, que tem muitas regras.*

Sobre a escolha da profissão esclarece objetivamente “*Eu posso dizer que trabalho exatamente para aquilo que eu me preparei e quis*”.

Sobre os aspectos que mais gosta na profissão, várias vezes afirma ser o contato com as pessoas, o poder auxiliar e interagir com outras instituições e auxiliar as famílias:

*Trabalhar com as famílias. Tenho muito dessa área do trabalho com as famílias de criar relação de confiança, de sentir que posso ser útil nas suas dinâmicas e nas minhas dificuldades diárias. (...) O tipo, o terreno, o trabalhar em articulação com as instituições na busca das soluções. Gosto muito do papel social da escola.*

Sobre o que não gosta afirma ser a “*resistência dos professores*”. Também, sente não ser remunerada de forma satisfatória: “*Zero, um zero, é carreira salarial estagnada. Aliás, técnico contratado nem sequer tem carreira, não tem perspectiva de aumento salarial porque não está efetivo*”.

E faz as seguintes críticas:

*(...) Eu acho que às vezes quem está a gerir o país não tem noção do que é o exercício das funções de um técnico social, dos riscos de usarmos o nosso carro pessoal para fazer diligências sem qualquer tipo de retorno financeiro.*

*(...) Por isso, a parte social nunca foi muito valorizada em Portugal. (...) não se vê a forma como os técnicos poderão contribuir para que, no futuro, até haja menos delinquência, mais inserção no mercado de trabalho. Aliás, não, não existe essa perspectiva. (...) Este governo tem investido mais nesta parte mais escolar dos psicólogos e dos técnicos, mas acho que não há uma noção clara.*

Solicitado à MGTM a explicação sobre o sistema de cotas nas escolas, pois interfere na motivação do profissional em sua atividade laboral:

*Agora, isso tem a ver com o número de profissionais que se têm no terreno. Há um cálculo específico que se faz e que depois só pode haver, por exemplo, um excelente, dois relevantes e adequado, ou seja, que tem a ver por cabeça, ou seja, o número de profissionais que há. E depois, legalmente, existe uma fórmula que nos dá a cota e, por exemplo, só tivemos direito a um excelente automaticamente. Pode haver outras pessoas que merecem, mas que não poderão ter e então acabam por acabam por nos dar uma avaliação qualitativa maior, mas em número. Estamos na cota do relevante ou do adequado.*

Esse tipo de sistema de remuneração e carreira do Estado, realmente pode prejudicar a motivação dos funcionários. Afinal, a motivação gerada pelo reconhecimento das atividades executadas e demonstrado via remuneração e/ou possibilidade de galgar novos patamares no plano de carreira é fundamental para a melhoria da produtividade, organização e resultados na rotina dos funcionários.

Ramos (2009) considera que Adams defende a necessidade de justiça no local de trabalho, assente na ideia central de que os colaboradores equiparam os seus contributos (empenhamento, formação, esforço) para a organização com aquilo que dela recebem (salários, recompensas, estatuto, segurança, etc.). Numa lógica de igualdade, quem investe mais, deve receber mais da organização. (Cerqueira, 2020, p. 11-12)

Em decorrência a esse cenário emerge o maior problema da profissão, segundo MGTM:

*A precariedade é o maior problema neste momento. Essa falta de valorização, o facto de chegarmos ao mês de agosto e não sabermos se temos trabalho no mês seguinte e somos avisados em cima do joelho da nossa situação laboral. Não há aqui qualquer tipo de regra que nos prevê que nos preveja efectivar ao fim de X tempo.*

Essa instabilidade sentida por MGTM é refletida no “como” a sociedade vê o licenciado em Ciências da Educação, ocasionando uma falta de identidade do profissional:

*Mestiçagem faz com que haja algumas dúvidas do que é que se é exatamente. Ok pode trabalhar em escolas, mas também pode trabalhar em câmaras municipais ou em clubes desportivos. Pronto, ainda há muito caminho a percorrer para essa definição profissional, mas o que eu sinto, no que vou percebendo e falando com mais alguns colegas é que quando nos observam a trabalhar, percebem as nossas valências.*

*(...) Todas as profissões têm uma identidade própria. A minha profissão não é superior nem inferior à de ninguém. Eu acho que é uma profissão simplesmente menos reconhecida socialmente, mais invisível e às vezes, para chegarmos a um objetivo, esquece-se que houve um técnico por trás a fazer uma série de coisas para chegarmos ali.*

Sobre sentir-se valorizada por seus familiares, MGTM afirma encontrar esse sentimento em todos os seus familiares, tornando assim, o seu esforço na sua escolha de formação, além da rotina profissional, muito válida e satisfatória. O período experienciado na formação superior foi de fato para MGTM muito revelador

e compensador: *“Tudo mudou e está o facto de eu ter a mesma profissão que sempre quis o estar a fazer, ter um exercício profissional que me motiva.”*

Em MGMTM encontram-se disposições voltadas para o altruísmo e o olhar crítico, o que para a sua profissão, em muito se encaixa na necessidade de analisar e identificar os problemas e encontrar soluções.

### **5.1.3 Entrevistada MARN**

MARN tem 45 anos, é do sexo feminino, natural de Amarante, casada com dois filhos, vive com o esposo e os filhos em casa própria. Atualmente atua em um Centro de Formação Profissional, localizado em Santa Maria da Feira, como técnica de orientação, reconhecimento e validação de competências há um ano e meio. Os pais, casados, possuem escolaridade até o quarto ano do primeiro ciclo e MARN mais velha dentre os quatro irmãos. É a única que concluiu o ensino superior, além do círculo familiar direto, MARN possui primos que também possuem o ensino superior.

A faixa econômica da família de MARN é baixa, seus pais não possuíam cultura voltada para a valorização do ensino em face da necessidade de sobrevivência da família.

*Os meus pais eram pessoas com muito baixos recursos. E não havia grande possibilidade de estudarmos e de ingressarmos no ensino superior. Os meus estudos proporcionados na altura pelos meus pais, foram apenas o sexto ano de escolaridade, que é o segundo ciclo do ensino básico.*

Cursou o ensino inicial em escola pública, sendo obrigada pelos pais a desistir dos estudos para trabalhar e auxiliar financeiramente na criação dos demais irmãos. Entretanto, MARN conservava em si o desejo em continuar os estudos, demarcados pela trajetória no rendimento obtido no ensino inicial.

*Nunca repeti nem um ano e tive um desempenho escolar sempre muito bom. Mas não havia meios financeiros para que eu desse continuidade, porque era a mais velha. Portanto, éramos cinco, cinco irmãos e eu era a mais velha.*

*(...) Eu não tenho memória de ter dificuldade em alguma disciplina. Eu gostava muito da escola, tanto que quando os meus pais me disseram que eu tinha que terminar os meus estudos no sexto ano, eu fiquei muito triste. Porque eu queria dar continuidade.*

Os pais não participavam da vida escolar de MARN, em face da própria cultura de desvalorização do ensino, em consequência não havia incentivo e/ou acompanhamento nas fases iniciais de sua escolaridade.

Entretanto, essa história se transformou na trajetória laboral de MARN:

*Então eu depois comecei a trabalhar com 12 anos e terminei a escola aos 12 anos e fui logo trabalhar. Depois aos 18 anos eu conheci uma família para quem eu trabalhava que me ajudou. Ela era professora e ele era farmacêutico. Portanto, eram pessoas com curso, escolaridade e me incentivaram a estudar e eu comecei a perceber. Eu comecei a conviver com outras pessoas e eu queria ser como essas pessoas. Eu queria estudar, eu queria saber falar, queria saber estar no meio dessas pessoas. Um dia eu disse que queria estudar e essas pessoas apoiaram e incentivaram e então, fui com o objetivo de fazer ensino básico, concluir o nono ano depois. Aquilo correu bem e eu comecei a gostar e decidi avançar para 12.º. E quando terminei o 12.º, agora eu quero ir para a faculdade. E candidatei-me e entrei e tirei e fiz a licenciatura em Ciências da Educação.*

Graças ao estímulo dos padrões, MARN conclui o ensino secundário. Mas, toda o seu percurso escolar estava marcado por dificuldades “*Sim, econômicas e se calhar culturais também. Exatamente pela não grande valorização da escola*”.

Conseguiu conciliar o trabalho com a escola e assim, concluiu o terceiro ciclo aos 21 anos e o 12º com 24 anos.

Sobre o período de inserção na graduação, MARN não fez um cursinho, apesar de atualmente existir um curso preparatório dirigido à demanda de adultos com mais de 23 anos:

*Agora há uns cursos, porque a modalidade para entrar no ensino superior, a modalidade maior de 23, e há quem faça uns cursos para se preparar para*

*entrar no ensino superior. Na altura não sei se havia porque eu não fiz nenhum curso para me preparar. Eu quando terminei o 12.º ano, decidi candidatar-me ao ensino superior. Candidatei-me com muitas poucas expectativas de conseguir entrar, porque eu trabalhava durante o dia e estudava à noite. E não era fácil, não tinha ao mesmo tempo para poder estudar, que tinham os jovens que só estudavam. E então a minha média de secundário não era uma média muito, muito alta. Tinha média de 14. E então eu tive que fazer um exame para poder entrar na faculdade. Para fazer esse exame tive que me preparar. Quando eu fui fazer o exame, eu não tinha muita, muitas expectativas de conseguir entrar. (...) E quando saíram os resultados eu fui ver qual era a minha situação, em que lugar é que eu tinha ficado. E eu achava, eu ia pelo caminho, a pensar. Eu nem sei o que é que eu vou lá fazer, porque eu não entrei, vou perder a viagem. E depois cheguei e tinha entrado. E fiquei muito, muito surpreendida, porque o exame realmente tinha corrido bem e eu tinha sido admitida no ensino superior.*

Quanto aos motivos para prestar vestibular para Ciências da Educação, MARN alega que foi influência de uma amiga, pois seu desejo inicial era ingressar em economia:

*“Vamos, inscrevemo-nos neste curso de Ciências da Educação, fazemos o exame e vamos entrar e fazemos o primeiro ano. E se não gostarmos, depois vemos a possibilidade de mudarmos de curso no segundo ano”. E foi ela que me falou do curso que ela já tinha ouvido falar. E fomos, inscrevemo-nos, fizemos o exame e eu passei e ela não. Ela não entrou.*

No primeiro ano da faculdade, MARN trabalhava durante o dia e estudava a noite. As disciplinas do curso acabaram por encantar MARN e assim, ela decidiu jamais sair do curso: *“apaixonei-me e então já não pus sequer a hipótese de mudar de curso a perder”*.

A rotina laboral de MARN começou a ser um problema, já no primeiro ano não conseguiu fazer duas cadeiras: *“Não consegui fazê-las porque não tinha tempo para estudar. Faltava muitas aulas por causa do horário, porque quando chegava às vezes já chegava quase no fim dalgumas aulas”*. O que a levou a congelar a

matrícula, pois precisava trabalhar para sobreviver. Mas, o seu futuro marido foi o responsável por incentivar MARN na conclusão do curso. Então, MARN estimulada pelo já esposo retorna à faculdade:

*(...) ele quase me obrigou a voltar. Comecei a trabalhar part time, não a tempo inteiro. No fundo, só ganhava para as viagens e para as festas da faculdade. Pronto, tinha uma bolsa de 80 e tal euros. Ganhava depois mais cento e tal euros. Digamos que dava para pagar as propinas e as viagens de comboio. (...) Era ele que suportava depois todas as restantes despesas. E foi quando voltei e conclui depois.*

O motivo da escolha pela UP se deve à localização, no mesmo distrito onde mora, para continuar com a sua pesada rotina de trabalho:

*Mas continuei sempre a trabalhar. Houve alturas muito difíceis. Porque eu começava a trabalhar às 06h30 da manhã, trabalhava até às 08h30, às 08h30 ia para a faculdade e depois, quando acabavam as aulas, às vezes acabava uma outra vez, às 15hrs eu voltava para vir trabalhar até às 21 hrs, 22h00, para poder ganhar o meu dinheiro, porque eu também não queria viver totalmente dependente do meu marido. Eu trabalhava numa fábrica de confecção de roupas e na embalagem.*

E esse período vivido por MARN na UP foi transformador intelectual, cultural, econômico, social e emocional:

*A universidade mudou a minha vida. Mudou a nível profissional porque passei a poder trabalhar naquilo que eu gostava. Porque eu tive antes de ir para a faculdade. Eu tive vários trabalhos, mas eu nunca me senti realizada em nenhum deles. Eu trabalhava porque eu precisava ganhar o meu dinheiro, precisava ser independente, mas nunca me senti realizada. Havia dias em que eu chorava de manhã antes de começar a trabalhar, porque sabia que aquilo não me acrescentava nada. Não era algo que eu gostasse de fazer e não me imaginava a vida toda a fazer aquilo. (...)Na fábrica eu dobrava a t shirts e estava o dia inteiro a dobrar t shirt. Aquilo não me acrescentava nada.*

*E também sentia que não aprendia nada com as pessoas que trabalhavam aqui. Tinha a escolaridade também muito baixa. Eu não me sentia realizada. E a faculdade deu lhe a possibilidade de eu trabalhar naquilo que eu gosto e de aprender todos os dias, porque agora eu agora convivo com outras pessoas, com pessoas que têm cursos superiores, pessoas que sabem estar, que sabem falar. E eu aprendi isso também com essas pessoas no dia a dia.*

A família também se orgulha muito de MARN, devido a conclusão do ensino superior, a fala do pai era “Tenho uma filha que é doutora”. O padrão de vida de MARN também se transformou, tornando-se muito diferente do padrão de seus pais.

Na universidade conciliava as suas responsabilidades familiares (esposo e filhos) e laborais.

A disciplina que mais impactou e a estimulou no direcionamento da vida profissional de MARN foi a psicologia da educação:

*Ajudou porque no início, quando eu comecei a trabalhar nesta área, tivemos que criar diversos instrumentos de entrevista, diversos questionários e essas disciplinas foram muito importantes porque deram uma base para eu saber. Construir alguns desses instrumentos para poder usar e que utilizo ainda hoje no meu trabalho. Claro que vou adaptando. Quase todos os anos fazemos alterações porque há coisas que deixam de fazer sentido, há outras que faz sentido inserirmos e vamos fazendo essas alterações.*

Por meio dessa base fornecida pela UP, MARN pode retribuir à sociedade os benefícios da formação superior em sua rotina de trabalho:

*Como eu não tive oportunidade de estudar ou de dar continuidade ao meu percurso escolar de forma normal ou aquilo que chamamos de normal. Há muitas pessoas que tiveram que começar a trabalhar muito cedo, também aos dez ou 12 anos, e que tiveram que interromper o seu percurso escolar. E então surge depois a possibilidade delas obterem um diploma. (...) O Programa Qualifica permite que essas pessoas possam reconhecer essas competências e certifica-las de modo a obterem um diploma de equivalência ao básico ou ao secundário a nível secundário. E meu trabalho é ajudar essas*

*peessoas a construir um portfólio de modo a que elas vivenciem as diversas competências que foram adquirindo ao longo da sua experiência de vida. (...) é um processo moroso. Nós fazemos primeiro a fase de diagnóstico, onde nós conversamos com as pessoas e fazemos entrevistas orais e escritas de modo a percebermos se a pessoa tem, de facto um perfil que justifique o encaminhamento para essa modalidade de certificação. (...) Nós temos entrevistas que duram cerca de seis, sete horas durante vários momentos. Se entendermos que a pessoa tem de facto as competências para poder realizar um processo de certificação de competências, encaminhamo-la para o processo que dura um, sete, oito, nove meses. (...) Com a nossa orientação e de acordo com aquilo que é exigido no referencial de competências chave e isso pode ser executado de acordo com a legislação licenciados em Ciências da Educação, Psicologia ou áreas similares.*

Quanto as atividades de lazer, MARN é ativa e explica ser comum as saídas em família com caminhadas e observação das filhas: *“Não, não é preciso às vezes muita, muita pompa e circunstância, que é uma expressão que nós usamos cá em Portugal. Às vezes basta só sentarmo-nos lá fora e apanhar um bocadinho de sol e vê-las andar de bicicleta.”* O hobby de MARN é a leitura: *“o meu vício são livros. Eu adoro comprar livros. Não gosto de livros em formato digital. Gosto do livro em papel. Tenho que comprar os livros em papel, sempre”.* MARN mantém uma atividade religiosa rotineira como católica praticante, ou seja, missa todos os domingos com toda a família.

Sobre a atividade profissional, MARN sustenta que foi no decorrer da universidade que descobriu o que realmente gostaria de fazer:

*Ao longo da licenciatura fomos percebendo o que é que nós poderíamos vir a fazer em termos profissionais com a licenciatura em Ciências da Educação. Os dias depois houve diversos momentos onde nós fomos, em que nós fomos postos em contacto com o mercado de trabalho e com aquilo que nós poderíamos vir a fazer enquanto licenciados em Ciências da Educação. E depois os estágios também são outra realidade. Eu estaguei sempre na mesma área e na mesma entidade, mas houve pessoas que fizeram estágios em entidades diferentes e que diversificaram um bocadinho ali o contacto com*

*o mercado de trabalho. E percebemos durante a licenciatura, percebemos claramente o que é que poderíamos vir a fazer em termos profissionais terminada a licenciatura*

A licenciatura em Ciências da Educação forma também, mediadores que podem atuar nas escolas:

*Mas aquilo que eu entendo da mediação escolar é como que um apoio ao psicólogo, porque as escolas aqui em Portugal todas as escolas estão apoiadas com um psicólogo. Mas existe também a mediação, porque muitas, muitas situações que ocorrem nas escolas não são propriamente necessárias a intervenção do psicólogo, mas sim do mediador. Mas se dois meninos começam a fazer disparates e a discutir um com o outro e começam a bater um no outro, isso requer se calhar muito mais a intervenção de um mediador que a intervenção de um psicólogo no imediato, não quer dizer que o psicólogo não possa intervir depois numa fase posterior, mas na fase do conflito é mais importante a intervenção do mediador, que é o trabalho do mediador.*

Outros formados em Ciências da Educação atuam em outros setores, como MARN:

*Sim, existem muitas colegas licenciadas em ciências da Educação a trabalhar em Centros Qualifica e que estão no reconhecimento de competências. Existem pessoas que trabalham em Câmaras Municipais, nos pelouros da Educação, que criam os projetos de educação dos municípios e até para as escolas. Também porque há muitas escolas aqui que são geridas pelas Câmaras Municipais e as pessoas que trabalham nos pelouros da Educação são licenciadas em Ciências da Educação e apoiam e criam esses projetos, quer para serem realizados pelo município, quer para serem implementados pelas escolas.*

Outro detalhe importante é o conhecimento das pessoas sobre o que é a licenciatura em Ciências da Educação: “Sou licenciada em Ciências da Educação e

*as pessoas já reconhecem a licenciatura, já sabem o que é que eu faço ou o que é que eu posso fazer com essa licenciatura em 2006.”*

As pessoas estão começando a perceber o valor e a necessidade do licenciado em Ciências da Educação:

*Uma medida administrativa foi liberada para dar ciência ao que é que poderia fazer um licenciado em Ciências da Educação. Portanto, as coisas estão a mudar e se calhar os jovens que tiram agora fazem agora a licenciatura em Ciências da Educação daqui, daqui a uns anos terão ainda mais facilidade em entrar no mercado de trabalho, porque a licenciatura começa realmente a ser importante e a ser importante ter a figura do licenciado em Ciências da Educação em diversas áreas e em diversas entidades. Nós somos importantes porque há problemas nas escolas. Porque há dificuldades, mas também porque há muitas coisas que nós podemos fazer com os jovens. Não é o mediador a casa, eu falei que o mediador tem a função de apagar fogos. E ele está lá também para dinamizar atividades, para proporcionar momentos de reflexão e de aprendizagem aos jovens.*

Quanto a expectativa salarial MARN responde com bom senso, segundo seu viés baseado em toda a sua vivência:

*Nós achamos sempre que podemos ganhar mais, que não ganhamos sempre assim, mas, mas sim, tendo em conta o panorama nacional e olhando um bocadinho depois para as outras profissões, para as outras carreiras. Sim, é compensador.*

A sociedade após a medida administrativa expedida pelo governo também está a reconhecer o licenciado em Ciências da Educação:

*E nós trabalhamos muito com pessoas desempregadas. E quando eu chego aos gabinetes de inserção profissional, eu apresento-me e verifico que as técnicas que trabalham nesses gabinetes já não fazem aquela cara de espanto. Mas isso é o que eu apresento, sou licenciada em Ciências da Educação eu trabalho como técnica de orientação, reconhecimento e*

*validação de competências. As pessoas percebem qual é o meu trabalho, qual é o meu papel ali. Portanto, eu acho que há uma maior valorização da licenciatura em Ciências da Educação nestes últimos anos pelo reconhecimento.*

Sobre a distinção da função exercida pelo licenciado em Ciências da Educação, MARN faz uma elucidativa construção do diferencial entre o licenciado e o professor:

*(...) haverá tendência para sermos comparáveis com os professores, por exemplo. Mas não somos. Não somos professores e é aquilo que eu costumo dizer aos adultos com quem trabalho. Os professores transmitem conhecimento e no processo que elas fazem, elas não estão ali para adquirir novos conhecimentos, estão ali para demonstrar aquilo que já sabem e pelo que já aprenderam. E nós vamos reconhecer aquilo como um certificado. Nós não somos professores e nem podemos desempenhar a função de professor. O facto de as pessoas associarem muito a minha profissão à profissão de professor é porque nós trabalhamos em escolas ou em centros de formação profissional, que são espaços de aprendizagem formal. Eu vi as pessoas associarem muito, tanto que às vezes chegam e aí “eu quero falar com a professora MARN. E não, eu não sou professora. Ah, mas e então? Mas não é, não é a professora que me vai ensinar? Não, eu não vou ensinar nada. Você vai demonstrar aquilo que já sabe e vai reconhecer. E vai perceber que aquilo que aprendeu ao longo do seu percurso de vida é muito”.*

O relato de MARN é muito rico e as disposições revelam-se no altruísmo, pela gratidão ao querer retribuir à sociedade o que recebeu na instrução superior e pela empatia com pessoas que vivem situações desfavoráveis, tal como ela própria viveu. E nisso encontra-se a fuga do paradigma de classes de Bordieu, traduzindo-se em um caso onde o indivíduo faz um salto quântico para sair das amarras da generalização e predestinação do meio.

#### **5.1.4 Considerações sobre o discurso dos entrevistados portugueses**

As três entrevistadas apresentam uma mesma disposição principal: o altruísmo. MARN, por sua vez, tem uma disposição a mais: a sede de conhecimento. A qual foi a força motriz para busca, perseverar e terminar seus estudos. Na realidade, até hoje, MARN se autointitula viciada em livros, o que nas entrelinhas indica a necessidade de desvendar novas fronteiras científicas.

Todas as entrevistadas tiveram a felicidade de serem estimuladas e incentivadas no ingresso e término do ensino superior, e, esses agentes de mudança nem sempre faziam parte da família.

Duas das entrevistadas tiveram uma história demarcada por problemas socioeconômicos e emocionais, uma ao assumir a responsabilidade de adulto para auxiliar no sustento da família e a outra por ter uma lacuna afetiva que a obrigou a se tornar independente e autônoma em suas decisões.

A escolha da UP foi para as entrevistadas uma questão de acessibilidade e de história. MGTM foi comedida em toda a sua entrevista e ao falar da UP foi mais concisa. Mas, ECAC e MARN expuseram com alegria e maior abrangência, o que a universidade representou para elas. Os eventos em que participaram e os estágios que influenciaram a escolha da profissão.

Todas as entrevistadas escolheram o Curso de Ciências da Educação a princípio, por acaso, mas ao iniciarem os estudos na universidade acabaram por se apaixonar pelos conteúdos. Todas amam o que fazem. Surge um brilho nos olhos das entrevistadas ao relatarem as suas atividades profissionais e a importância, dessas funções para a sociedade.

Um detalhe muito importante se deve a função exercida pelo licenciado em Ciências da Educação no mercado de trabalho. De fato, não há um consenso sobre a função, emergindo os seguintes cargos Educóloga, Educadora Social, Mediador e Técnica Social. O que ficou claro é que a atuação desse profissional não pode ser comparada ao do professor e/ou do psicólogo.

Apesar desse problema terminológico, observa-se que atualmente a sociedade reconhece com mais propriedade a importância do trabalho do licenciado em Ciências da Educação e até o governo, aparece como a decidir tornar obrigatória nas escolas a permanência de um licenciado em Ciências da Educação.

## 5.2 ANÁLISE DE ENTREVISTAS UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – BRASIL

Neste capítulo são apresentadas as três entrevistas realizadas com profissionais formados em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná, os quais exercem a profissão de professor, professor pedagogo e pedagogo. As entrevistas foram realizadas em julho a outubro de 2022, as transcrições se encontram nos Apêndices.

### 5.2.1 Entrevistado FCCP

FCCP é do sexo masculino, possui 43 anos, natural do interior do Paraná, cidade de Cianorte, casado com dois filhos, provedor único da família e mora em residência alugada. Atua há 17 anos na área de Pedagogia, como professor, professor pedagogo e pedagogo em duas escolas – uma municipal e outra estadual. Em ambas, por meio de concurso público.

Curiosamente FCCP usa o sobrenome da mãe, seu pai já é falecido e ambos (pai e mãe) não concluíram o ensino fundamental. Os pais trabalhavam em profissões de base (mecânico e empregada doméstica). Os pais não eram casados e possui uma irmã por parte de mãe e três irmãos por parte de pai. Os irmãos não concluíram o ensino médio. Apenas, há pouco tempo, a irmã, inspirada pelo exemplo de FCCP, resolveu concluir o ensino superior. Parentes próximos de FCCP que possuem curso superior são primos e familiares da esposa (sogro e cunhado), os quais atuam na área de educação.

A família de FCCP é humilde e disruptiva em sua formação. É o segundo ou terceiro relacionamento dos pais, existe irmãos tanto de relacionamento anterior como posterior. Isso, para a psicologia, indica a existência de conflitos, segundo Garbar e Theodore (2000), os filhos oriundos dessas formações familiares precisam de ajustes para reconstruir relações mais individualizadas com os meio-irmãos e com os novos pais. Portanto, pode-se inferir que o lar onde FCCP cresceu era conflituoso, neste aspecto inicial da formação. Provavelmente, havia disputas pela atenção do pai (padrasto) e da mãe (madrasta), ocasionando conflitos emocionais e de relacionamento entre os irmãos desta formação inicial diferenciada. Tal fato pode ser deduzido pela influência de se profissionalizar com formação superior de FCCP

sobre a irmã materna, mas não ocorreu a mesma influência sobre os irmãos paternos.

Nessa situação já se observa a crítica de Lahire sobre as generalizações de Durkheim, no caso a de classe e de instrução. A família de FCCP é humilde, classe baixa e sem instrução. Contudo, FCCP foi o único filho a cursar ensino superior. Havia uma disposição em FCCP para quebrar o paradigma sociológico tradicional.

*Então a minha família de origem, tanto paterna quanto materna, não tinha estabilidade econômica. São de origem proletária. São trabalhadores assalariados que nunca tiveram acesso a muitas condições de bem cultural e também de estrutura. E foi com muito, muito custo que nós, os filhos, fomos criados. E a questão do acesso à educação foi sempre preconizado como valor por parte dos pais, mas exigiu bastante empenho, esforço pessoal também para poder adquirir.*

Conforme o relato de FCCP a família, apesar de pobre, valorizava o ensino, empenhando-se no incentivo aos filhos para frequentar a escola. Esse incentivo, para FCCP foi importante, pois por meio dele, terminou o ensino fundamental e médio e o impeliu a fazer um curso técnico e posteriormente a universidade. Além do estímulo para estudar, FCCP obteve a disposição para estudar, sentia prazer nessa atividade ao ponto de influenciar o seu rendimento escolar: “*Sim, especialmente na questão da disciplina e da organização*”.

Outro detalhe importante é que FCCP desde a mais tenra infância já trabalhava, inicialmente vendendo picolés e aos 13 anos teve o primeiro trabalho formal em uma empresa de contabilidade. As dificuldades de horário não foram obstáculos para a disposição de FCCP em estudar, nem a dificuldade financeira, a qual foi uma realidade para FCCP durante todo o transcurso da educação básica.

FCCP estudou em escolas públicas e privadas, o ensino fundamental e médio ocorreu em escola pública. Mas, por necessidade pessoal de adquirir formação profissional – na época FCCP já estava inserido no mercado de trabalho – efetuou um curso técnico em Contabilidade, posteriormente ingressou em Pedagogia na UFPR.

No decorrer da educação básica, FCCP não se considerava um aluno modelo, segundo seu relato “não era um estudante tão aplicado”, ou seja, ele próprio

se considerava um “estudante regular”. Contudo, no decorrer da formação profissional técnica e ingresso na universidade, a sua disposição para estudar aumentou, tornando-o “um excelente aluno”. “Tive uma das melhores notas e me dediquei assim com bastante empenho para poder aprender realmente”.

Sua vida social era ativa, participava de atividades da guarda mirim, a qual, segundo ele, promoveu crescimento na formação pessoal no contexto integral.

Sua família não participava continuamente das atividades da escola, entretanto, deixou como legado a valorização dos estudos:

*A participação da minha família, especialmente da minha mãe na vida escolar era mais restrita para atender as convocações para reuniões, entrega de boletins ou conversas específicas pontuais sobre o meu desenvolvimento e menos no que diz respeito a apoio em horário distinto em casa. (...) Minha mãe não tinha tempo e condições e preparo para poder me auxiliar na aprendizagem no dia a dia, mas ela demonstrava o valor pelos estudos e educação incentivando que eu frequentasse as aulas e que eu não desistisse. Sempre me apoiando para que eu não apenas me interessasse, mas desse continuidade aos estudos.*

Como FCCP não possuía suporte familiar para os estudos, aprendeu desde cedo a estudar de forma autônoma, buscando auxílio, quando necessário de colegas e professores. As matérias que mais gostava eram história, geografia e língua portuguesa e a que menos gostava era a relacionada a cálculos, como matemática.

FCCP foi receptivo também aos estímulos fornecidos pelos professores e pela guarda mirim, quanto a buscar continuamente mais conhecimento, o gosto pelo estudo.

*Então, os próprios professores, na época da minha adolescência foram bastante estimulantes para o meu desenvolvimento. Como havia dito anteriormente eu participei de uma instituição chamada guarda mirim que auxilia na formação integral do adolescente até hoje presente no nosso município de São José dos Pinhais. E professores que me estimularam a continuar os estudos e buscar a realização de cursos. Então, além do*

*estímulo da minha própria mãe, professores também me ajudaram bastante a valorizar a educação.*

A escolha do curso superior se deu devido a uma gama de fatores: disponibilidade, custo e vocação. Após um curso intensivo de vestibular, FCCP efetuou um teste vocacional o qual apontou a área de humanas. O primeiro vestibular que fez foi para ingressar no curso de Ciências Contábeis, mas não entrou. Posteriormente e de posse do resultado do teste vocacional optou por Pedagogia na UFPR.

*(...) realizei um breve o teste vocacional onde tive ali o direcionamento que a área de estudos que eu gostaria mesmo de me formar era na área da Educação. Na verdade, na área de humanas, mas especialmente na educação foi quando eu decidi fazer o curso de Pedagogia e ingressei na Universidade Federal.*

Outro fator influenciador da escolha do curso de Pedagogia, segundo FCCP, deu-se pela sua religião, a qual preconiza o altruísmo:

*Na minha juventude eu me converti como cristão. Tomei uma decisão de seguir a Cristo, de participar da igreja e eu tinha um desejo de ser útil na sociedade para ajudar outras pessoas como uma vocação pessoal. Então ao fazer aquele teste vocacional apontou uma área que eu poderia atuar seria na área de humanas, e especialmente, em cursos relacionados à educação ou também no serviço social. Dentre as possibilidades que o analisei na época, escolhi a pedagogia onde eu poderia trabalhar com educação e auxiliar na formação de outros jovens, crianças e pessoas que atenderia não somente a uma questão pessoal vocacional, como também uma aspiração profissional.*

A religiosidade, a igreja, é uma estrutura de poder que realmente contribuiu para a escolha de FCCP do curso de Pedagogia.

A escolha da universidade, por sua vez, segundo FCCP, foi óbvia devido à falta de recursos próprios e de seus pais. Não havia como arcar com as custas de uma universidade privada.

*Na época ou eu ia para Universidade Federal ou eu ficava sem estudar porque não tinha condições de pagar a PUC ou outras instituições privadas que são muito caras e o que eu ganhava no meu trabalho, não era suficiente. Então, eu me obriguei a tentar Universidade Federal e graças a Deus tive ali êxito no segundo vestibular que eu prestei e acabei ingressando na Universidade Federal no ano de 2001.*

As dificuldades encontradas nos primeiros anos na UFPR envolveram conteúdos de aprendizagem não adquiridos na sua educação básica pública, mas que foram solucionadas pela própria dedicação e apoio tanto de professores quanto de colegas. Esse período sustenta FCCP, foi de extrema realização pessoal:

*Foi quando realmente eu estudei por prazer, foi quando realmente eu consegui me destacar como estudante entre os melhores alunos da turma e foi o período onde eu mais aprendi. Transformou muito a minha perspectiva de vida, minha visão de mundo, me inseriu em outro contexto de compreensão da realidade da minha volta foi o ensino superior.*

Outro detalhe importante desse período de aprendizagem universitária é que FCCP já havia formado uma família, casou-se e já possuía um filho. Com uma rotina pesada abrangendo trabalho formal, estudo na universidade e responsabilidade como pai de família, FCCP, participou ativamente de atividades culturais da universidade, desde que estas, não exigissem viagens. FCCP ficou entre os três estudantes com maior rendimento na UFPR:

*Fiquei entre os três estudantes que tiveram melhor índice de rendimento e fiquei, se não me falha a memória, com rendimento de 8,7. Então para mim foi bastante importante porque eu não só cursei, mas eu aproveitei e aprendi muito na universidade.*

A importância de dar esse salto quântico além do universo compreendido pela estrutura familiar (economia e cultura baixas), não passou despercebido por FCCP:

*(...)se eu não tivesse cursado ensino superior e não tivesse me formado e não tivesse uma profissão hoje eu trabalharia em subempregos. Em trabalhos talvez braçais ainda que dignos e honestos, mas que não me oportunizariam ter as condições que eu tenho hoje para viver, então foi importante sim. Quanto à minha família, acredito que fez diferença sim, sendo inspiração para alguns familiares.*

As atividades culturais e de lazer de FCCP se limitam a atividade religiosa e a frequentar restaurantes com os familiares, assim o seu círculo de amizades se resume à igreja e à família.

No que se refere a atividade profissional, FCCP começou a atuar como professor pedagogo e pedagogo logo após conclusão do curso de Pedagogia, mediante a participação em concurso público Estadual e Municipal.

*No Estado trabalho com os anos finais do Ensino Fundamental e com Ensino Médio e no município de São José dos Pinhais eu trabalho com os anos iniciais do Ensino Fundamental.*

Na realidade, FCCP nunca parou de trabalhar no mercado formal desde os 13 anos de idade e hoje, FCCP trabalha cerca de 60 horas semanais divididas nas duas escolas oriundas do concurso público, ou seja, 17 anos de trabalho no mesmo local.

Quanto a atividades para atualização profissional, novos cursos, FCCP alega que mesmo com a elevada carga horária de trabalho, ainda se sente estimulado a estudar em função da necessidade da profissão escolhida:

*Eu preciso para o trabalho, para uma formação que está em curso, pois nós estamos em contínua formação, né? Sempre estamos nos requalificando profissionalmente por meio de cursos online, especializações. Eu já fiz duas especializações e vários cursos de formação continuada então nos obriga a constantemente efetuar leituras para dar conta dessas formações.*

Importa ainda salientar, no discurso de FCCP o seu amor à profissão, o qual alega que apesar dos problemas existentes como burocracia e falta de regulamentação do pedagogo, considera a sua escolha acertada:

*Acredito que deveria ter um pouco mais de organização profissional como um órgão que regulamentasse a profissão do pedagogo. Nós ainda somos confundidos com outras áreas de atuação, como professores de áreas específicas e também, sempre está em voga a questão da identidade do profissional de pedagogia, né? E que também é uma questão mesmo que a crise de identidade e que é muitas vezes ela acomete os profissionais dessa área, mas eu acho muito importante, sim. Como a minha formação foi uma formação do pedagogo, pedagogo unitário que nos formava não para ser especialistas supervisores ou orientadores, mas como realmente cientistas da educação que trabalham a educação como um todo né? Então a importância da carreira de pedagogo está em contemplar a educação como um todo né? Então tudo é importante na área da educação e o pedagogo deve estar atento a todos os aspectos que envolvem a formação, né? O professor, o estudante, as famílias, os processos legais, os processos documentais então eu considero muito relevante a profissão e a carreira do pedagogo. Só acho que falta um pouco mais de organização da classe para subsidiar o nosso trabalho também.*

A remuneração percebida também é um dos fatores que frustram FCCP, na realidade, frustra todo profissional de educação no País. A realidade é que profissional de educação não é reconhecido pela sociedade e pelo governo. Contudo, há o reconhecimento de pessoas do entorno do profissional de educação: familiares, alunos, pais, colegas de trabalho. Ver o resultado do trabalho como pedagogo, na realidade, para FCCP é muito recompensador:

*O que eu mais gosto são das pessoas, de poder lidar com as pessoas, de poder me relacionar com as pessoas, dos colegas de trabalho, dos estudantes, das famílias, de poder perceber que nós podemos ser úteis e fazer a diferença na vida de outras pessoas, acrescentar na formação e no desenvolvimento humano de outros seres humanos também. Entendendo que*

*é sempre uma relação recíproca dialética: nós nunca apenas contribuímos, muitas vezes nós também somos beneficiados com essas relações e ajudam também na formação pessoal.*

A disposição de FCCP para exercer Pedagogia emergiu desde cedo, com a família, a escola e a guarda mirim: o altruísmo. E essa disposição foi sendo lapidada na formação técnica, na formação religiosa e no curso superior. Hoje, como demonstrado em seu relato, a sua recompensa é a satisfação em poder auxiliar alguém, ser útil para a sociedade, fazer a diferença.

Atentando para o fato de que todo ambiente em que FCCP vivia em sua infância e adolescência, prognosticava algo diferente. Nesse tocante, Lahire, está coberto de razão ao enfatizar a inadmissibilidade de generalizar e muito menos de reduzir o ser humano como parte de um todo. Particularmente, acredito que o todo nem sempre transforma a parte, mas, a parte pode transformar o todo.

### **5.2.2 Entrevistado BHL**

BHL possui 26 anos, é do sexo masculino, natural de Curitiba, capital do Paraná, solteiro e mora com os pais em residência financiada. Integra o mercado de trabalho via CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas, (a conhecida carteira profissional assinada), desde 2019 na função de professor auxiliar do currículo internacional do Colégio Positivo da rede privada. Possui 2 irmãos, um deles com ensino superior (Designer Gráfico pela UTFPR).

Os pais possuem ensino superior e atuam na área da Educação, o pai como educador e a mãe na área administrativa da UFPR. A família se encontra na faixa econômica de classe média.

BHL cursou o ensino fundamental e médio em escolas públicas, com um bom rendimento *“Acima da média, eu diria. Já ganhei algumas certificações de desempenho bimestral. Eu sempre, sempre gostei bastante de estudar e me dedicava bastante desde a época do Fundamental dois”*.

A família sempre se mostrou participativa e interessada nos estudos de BHL. Graças as peculiaridades de BHL os pais não precisavam auxiliar constantemente em suas tarefas escolares:

*Eles praticamente confiavam no meu desempenho, na dedicação que eu impunha nos meus estudos e dificilmente precisavam me auxiliar ou me auxiliar em alguma questão. Mas sempre que precisei, ambos eram bastante solícitos em relação a dúvidas e questionamentos. Na época também não havia internet ou estava começando a internet, principalmente no início do fundamental dois. E com o passar do tempo e eles vendo a progressão dos resultados que eu tinha, eles depositaram uma confiança em mim. Não interferiam tanto na minha jornada estudantil de maneira mais direta.*

BHL recebia ainda, estímulo por parte de um tio, professor universitário da Universidade Estadual de Ponta Grossa, o qual incentivava todos os primos.

A trajetória escolar inicial de BHL foi tranquila, sem percalços financeiros, o que fez com que concluísse o ensino médio aos 17 anos de idade.

Fez vestibular inicialmente para Engenharia Florestal na UFPR, cursou um semestre e desistiu. Fez cursinho em 2015 para tentar novamente a UFPR.

A escolha do curso e da faculdade foi motivada pela influência familiar, estabilidade fornecida pela própria carreira e referência:

*Olha, teve muita influência assim da própria estabilidade que a carreira proporciona, das oportunidades de trabalho que não são dificultadas ao longo dos estudos, mesmo porque eu não me sentia confortável com a minha experiência profissional até eu ingressar no curso de Pedagogia.*

*(...) Então meu pai por ter trabalhado boa parte da carreira dele no Estado como professor do Estado. A minha mãe, por ter se aposentado pela Universidade Federal, e também a carreira do meu tio também me inspirava. Por ele ser PhD na área que ele atua lá na universidade onde ele trabalha também. Acredito que os três tenham influenciado essa escolha de ingressar no campo educacional.*

*(...) Por ela ser uma instituição de referência tanto na área de pesquisa. A reputação que existe em torno das universidades públicas também me levou a escolher a instituição e pelo fato também da minha mãe ter trabalhado alguns anos ali na reitoria. Sabe, talvez uma memória afetiva tenha me levado para esse caminho também.*

Já no primeiro ano do curso de Pedagogia, BHL se sentiu realizado, primeiro por entrar na área de Humanas e nos anos seguintes, os estágios promoveram muitos aprendizados, a participação em grupo de pesquisa e extensão também tornaram mais edificante o curso.

*No terceiro ano, eu comecei a participar de um grupo de pesquisa de extensão com a professora Yasmin Bori, que ela era professora de educação especial na época. Eu estava participando deste projeto e visitando alguns municípios de Campo Largo, também que haviam alunos de inclusão na sala de aula. (...) Eu pude avançar bastante em relação a como os cenários podem ser diferentes. Em diferentes contextos, o campo educacional de uma escola para outra, de uma rede para outra.*

A Universidade para BHL foi muito reveladora para a parte intelectual, profissional e pessoal.

*Hoje eu consigo perceber que eu não estaria onde estou se eu não tivesse ingressado na Universidade Federal do Paraná, porque as experiências que ela me proporcionou, tanto intelectualmente como na parte profissional também. Com os estágios obrigatórios. Eu consegui alcançar os meus objetivos, que era se formar numa universidade pública e era um sonho de infância. E desde então eu me sinto muito realizado, muito feliz.*

Entre as atividades extracurriculares e eventos da UFPR, BHL destaca:

*Fizemos algumas viagens. (...) A primeira vez que eu fui para o Rio de Janeiro foi numa viagem organizada pelo Centro Acadêmico de Pedagogia, que foi um encontro regional. (...) Passamos um final de semana lá e lá tinham várias atividades. (...) Durante a viagem me aproximei mais do pessoal do centro acadêmico e eu tentei participar na medida do possível, assim, na organização das reuniões, etc. (...) Também participei de muitos seminários durante a graduação. Praticamente todos os anos os professores nos levavam para assistir a seminários, visitas e eventos acadêmicos que ocorriam na universidade e atividades extracurriculares. Também participei*

*durante a graduação no Projeto de Extensão de Educação Especial. Participei aproximadamente um ano como voluntário no campo da extensão.*

A dificuldade encontrada por BHL foi a de conciliar a rotina laboral com a dos estudos, comprometendo o seu rendimento

*Eu fui percebendo dentro da minha graduação, o primeiro ano não trabalhei, no segundo ou no terceiro fiz o estágio, o que também já comprometeu, digamos assim, o meu rendimento. Não muito, mas comprometeu. E no ano de 2019, a partir do quarto ano, no penúltimo ano de faculdade, que eu comecei a trabalhar o dia inteiro no setor privado. Com uma carga de trabalho mais alta e eu percebi que realmente o desempenho foi só caindo. A minha dedicação para as leituras, para os trabalhos acabou diminuindo. Porque me sobrava menos tempo para fazer as leituras necessárias, enfim.*

Entre as disciplinas as que mais impactaram a vida acadêmica de BHL foram a Psicologia da Educação, Sociologia da Educação, História da Educação, Filosofia e Filosofia da educação, as quais “*contribuíram muito para minha formação, para o meu pensamento, para o meu amadurecimento intelectual, tanto nas aulas quanto nas leituras, nos trabalhos a serem realizados de acordo com as ementas*”. Para BHL as disciplinas teóricas foram a parte mais importante para o curso.

BHL entrou em 2016 e concluiu o curso em 2021, a maioria do tempo no turno noturno.

Quanto as questões sociais e de lazer, BHL gosta de “*jogar futebol, ouvir música, jogar videogame, jogos, leitura de literatura, romances*” sendo que os familiares, amigos e a namorada participam dessas atividades, incluindo também, passeios e viagens. Não possui qualquer tipo de atividade religiosa atualmente, mas já teve.

BHL adentrou no mercado de trabalho em 2014, ao terminar o ensino médio e antes de ingressar em Pedagogia, parando de trabalhar assim que ingressou na UFPR. Sobre a busca de informações quanto a escolha do curso, BHL afirma ter obtido informações de várias fontes:

*Enquanto aluno do ensino médio, a minha escola organizou uma visita à Feira de Profissões da Universidade Federal do Paraná. Tive algumas instruções, indicações, conselhos de familiares, conversas com amigos para escolher o curso de Pedagogia. O maior peso foi justamente pelo fato dos meus pais terem trabalhado em instituições de cunho educacional.*

Atualmente trabalha como professor docente auxiliar em uma turma do segundo ano do Ensino Fundamental um. Colocação esta adquirida ao assumir a vaga por indicação de um amigo da graduação que estava saindo. Sobre a satisfação de ter cursado Pedagogia, BHL afirma “*Até o momento estou feliz com o que eu conquistei, com o que eu construí. Tanto profissionalmente como pessoalmente em relação aos estudos, em relação ao trabalho.*”

Sobre o que mais gosta na prática profissional, BHL sustenta serem os “resultados” de sua ação nos alunos: “*Ver o progresso, o desenvolvimento dos alunos, das crianças e as mudanças que ocorrem. E que também fazem parte do processo educacional que é observado e cultivado cotidianamente no ambiente escolar. Isso é bastante gratificante.*” O que menos gosta as atividades além do horário de trabalho, as quais sobrecarregam os profissionais de educação:

*Um acúmulo, as tarefas a serem realizadas que exigem muito mais tempo do que é disponibilizado durante a jornada de trabalho e que acaba sendo realizada fora do ambiente de trabalho, em horários, na minha perspectiva, inconvenientes para a saúde física e mental.*

BHL considera a profissão de pedagogo como interessante “*eu acredito que a carreira seja bastante interessante. E não falo da parte financeira e sim das experiências que se tem nesta área.*”

Quanto ao salário, BHL considera “*Eu diria que dá para sobreviver com dignidade e com sabedoria. Você vive bem, com certo conforto.*”

O maior problema encontrado na profissão, segundo BHL, abrange a desigualdade dos problemas enfrentados pelas esferas privadas e públicas: “*Há um abismo gigantesco entre um e outro. Eu acredito que este abismo seja um dos fatores mais preponderantes para as desigualdades sócio econômicas e culturais existentes no nosso país.*”

A solução para esse problema, segundo BHL, seria “*retirar da Constituição ou da Lei de Diretrizes e Bases a parte que menciona a participação da iniciativa privada no campo educacional a ser ofertada nas instituições de ensino*”. Assim, a educação seria responsabilidade apenas da esfera pública.

A sociedade vê o Pedagogo, segundo BHL, de forma dúbia:

*Imagino que exista certo prestígio, certa consideração das pessoas em relação aos profissionais da educação e que isso é bastante relativo. Imagino que deveria se ter uma maior e melhor perspectiva das pessoas em relação à própria formação durante a vida. Como se essa sociedade pudesse ser mais pedagógica por outros meios que não só pela educação básica ou por graduações. É que muitas vezes as pessoas precisavam de formações diferenciadas e não necessariamente práticas técnicas ou relacionadas à escola ou à universidade.*

A escola, onde BHL atua, fornece incentivo financeiro para promover maior capacitação profissional, principalmente relativo à aprendizagem de segunda língua – inglês: “*O próprio colégio oferece cursos de capacitação, financia as provas a serem realizadas com a certificação de reconhecimento internacional e, enfim, sempre há esse estímulo para que os professores estejam participando dos cursos*”.

Sobre a distinção da profissão de Pedagogo para com as demais profissões é, para BHL, notória:

*Imagine que a responsabilidade de você desenvolver as qualidades de um ser humano enquanto estudante da escola seja muito importante e bastante delicado, com um impacto que muitas vezes a gente desconsidera e nem imagina. Então, muitas vezes, por mais que a pessoa envelheça, cresça, se desenvolva, ela vai ter lembranças todas em relação ao conhecimento que ela possui. A bagagem é fruto de uma experiência pedagógica que foi realizada nas instituições de educação às quais ela passou. E isso é algo extremamente valioso e que deve ser bastante considerado enquanto diferencial da profissão.*

Com esse pensar, BHL se considera afortunado e reconhecido pelos familiares e amigos, afirmando estar satisfeito com o resultado de todo investimento efetuado para a sua formação superior. Com relação ao padrão de vida, BHL, disse que pouco se alterou, continuando o padrão já estabelecido pelos pais.

Na realidade a influência dos pais foi fundamental para a escolha de BHL, pois a transmissão do conhecimento ocorre no interior das famílias provocando a reprodução de comportamentos dos indivíduos. (Albuquerque, 2013)

BHL nasceu em um ambiente que exalava educação, a rotina dos pais incentivaram e estimularam BHL. Mas, o que realmente chama a atenção no relato de BHL é que por mais que tivesse estímulo da família, o que lhe dá prazer, o que lhe dá satisfação real em sua prática profissional é ver o “progresso” de seus alunos. É participar do desenvolvimento das crianças. E isso, não poderia ser repassado na convivência dos pais, pois há a necessidade de participar e ver concretamente os resultados da prática docente. BHL apresenta então, a disposição de altruísmo, cooperativismo, alegrando-se com o outro e participando da evolução do outro.

### **5.2.3 Entrevistado PS**

PS é uma mulher de 33 anos, natural da cidade de Campo Mourão no Estado do Paraná, casada e tem uma filha. Mora com o esposo, a filha e a enteada em uma residência alugada. Atua como Pedagoga há 7 anos e atualmente exerce a profissão de responsável pela Seção de Apoio as Escolas Integrais do Município na Secretaria de Educação do Município de Pinhais, Região Metropolitana da Cidade de Curitiba. É uma funcionária pública atuando em dois cargos, pedagoga e professora, 20 horas em cada função totalizando 40 horas semanais.

Com relação ao grau de escolarização e profissão dos pais, PS explica que o pai possui ensino fundamental completo e atua na área de construção civil, a mãe, por sua vez, tem o ensino médio completo e atua como funcionária de limpeza. Os pais são divorciados e tem um irmão formado em graduação superior como “tecnólogo em Mecatrônica”, é proprietário de uma empresa do ramo de tecnologia. Vários membros da família, primos e tios, possuem ensino superior e atuam nas áreas em que se formaram.

A faixa econômica da família, segundo PS, encontra-se na classe média, sendo os pais trabalhadores, influenciando a escolha das escolas, nos ensinos

fundamental e médio, instituições públicas situadas próximas ao local de residência de PS e de seu irmão.

A trajetória escolar inicial de PS era boa: *“Então sempre era uma estudante que me dedicava, não tinha dificuldade de aprendizagem nenhuma. Então, considero que foi uma boa trajetória”*. A disciplina que mais gostava era a matemática.

Os pais participaram da trajetória escolar de PS, em especial a mãe:

*Eu acho a minha mãe ajudava um pouco mais, mais os dois participavam assim, sempre que necessário, né? Não era uma criança, às vezes era chamada porque conversava bastante da sala, mas como eu não tinha uma dificuldade nenhuma assim. A família era bem pouco convocada na escola, então não tinha tanta necessidade de acompanhamento. Aí a minha mãe acompanhava um pouco mais e meu pai, então os dois.*

Com os pais trabalhando PS e seu irmão não possuíam muito acompanhamento dos pais, contudo, os pais cobravam resultados, boas notas no boletim. Assim, PS e o irmão se esforçavam para executar as tarefas diárias. As dificuldades que provavelmente PS tinha credita a metodologia utilizada pelos professores:

*E isso quando eu olho a trajetória, eu acho que era mais problema de metodologia. Talvez às vezes, né. Porque hoje eu gosto muito desse, quando eu vou ter a opção de escolher quando eu dava, eu estava atuando como professora, eu gosto das artes, eu gosto da parte de alfabetização, da parte lúdica. E na minha trajetória não tinha isso. Os professores não trabalhavam dessa forma. Então, acho que era mais uma questão de metodologia de ensino do que dificuldade de aprendizado, de aprendizagem mesmo.*

A pessoa que mais incentiva PS era o irmão, dois anos mais velho, o qual fornecia informações sobre conteúdos que já havia aprendido na escola. Na realidade, PS sempre mostrou muita curiosidade e ficava lendo os materiais do irmão:

*Então, algumas coisas que ele estava aprendendo na escola eu tinha interesse em aprender também, apesar de não ser o meu ano de estudo, né? Então isso facilitava, porque daí eu conversava bastante com ele, via os cadernos dele também. Então, quando chegava na minha vez de aprender aquele conteúdo, aquela matéria, eu já tinha visto alguma coisa porque tinha conversado com ele, mas não tinha. Não era um incentivo assim. A criança geralmente briga bastante. Então não é que ele me incentivava, não. Era por curiosidade mesmo.*

O percurso escolar não foi marcado por dificuldades financeiras dos pais, os quais conseguiram fornecer todo suporte e as escolas eram públicas.

No ensino médio PS cursou o técnico em “Formação de Docentes” e começou a trabalhar, ficou dois anos trabalhando em uma escola particular, e resolveu prosseguir na capacitação profissional optando por Pedagogia no ensino superior.

*Lá eu já estava atuando enquanto o professor estava dando aula em escola particular e era minha área de interesse. Eu queria aprofundar o meu trabalho, então havia necessidade de um aprofundamento, porque só o nível médio não era suficiente. Então era necessária, não tinha obrigação ter um ensino superior para poder avançar na carreira. Então foi por esse motivo.*

Quanto a existência de pessoas que estimularam a escolha do curso, PS alega que suas experiências no ensino fundamental e no ensino médio (técnico em formação de docentes) com bons professores foram o motivo principal.

*Uma professora de língua portuguesa que eu admirava muito trabalho que ela fazia. Um professor de geografia que era um excelente professor e uma professora que dava metodologia de artes também. Mas dentro de um curso de formação de docentes ter tão poucos professores é para se admirar, né? Geralmente seriam todos eles, né? E aí me lembro de uma professora de primeira série assim também, que era a primeira série. Me lembro dela também de ser uma professora muito carinhosa, muito competente, muito amorosa, que saiu de licença maternidade. Nunca mais voltou. Eu acho que*

*eu queria ter aproveitado mais dela. Mas eu acho que eu tenho poucas referências. Aí você lembra negativamente de muitos outros vários professores que marcaram negativamente a carreira. Principalmente em matemática, que eu gostava muito. E os professores de matemática eram realmente bem ruins.*

O primeiro vestibular feito por PS tinha como objetivo adentrar no curso de Arquitetura em uma universidade particular, mas as condições financeiras de PS não bancavam um curso em universidade particular, portanto, deveria ser uma universidade pública e assim, optou por aumentar a sua qualificação com o curso de Pedagogia. Mas, não teve muito apoio familiar.

*Tanto que foi quando fui fazer e pagar o boleto da inscrição lá e meu pai falou “Por que você vai fazer vestibular? Você nem está estudando” e realmente eu não estava, eu estava trabalhando. Então a família incentivou bastante assim, né? Com certeza acreditou que eu ia passar no vestibular, mas foi bem isso, né? Era a primeira opção enquanto universidade pública, porque como eu tinha uma trajetória de escola pública, a gente sempre acredita que a gente também não é capaz. (...) Então, como eu tinha várias disciplinas voltadas para a parte de formação de docentes, algumas coisas como língua portuguesa, matemática, química, física eram muito aquém de alguém que estava focado no ensino médio. Então eu tinha essa noção também de que eu precisaria, caso fosse tentar outra área. Eu precisaria recuperar todos esses aprendizados que eu não tive nem no ensino médio.*

Na universidade PS estudava a noite, mas havia várias disciplinas optativas em outros turnos, chamando a sua atenção e para poder cursar as disciplinas que lhe chamavam a atenção acabou diminuindo a carga de trabalho, até se desligar totalmente para se dedicar à universidade. Atitude esta que foi muito bem aceita pela família, recebendo total apoio e com isso ingressou na iniciação científica.

*Então, já no segundo semestre eu já peguei uma bolsa de iniciação científica e fui reduzindo a minha carga horária de trabalho, que depois só aumentou. E eu tive uma trajetória desde o segundo semestre da faculdade até o último*

*ano, toda dentro da Universidade de Iniciação científica, grupo de pesquisa. Então, isso me criou um vínculo muito positivo. Assim sabe? De vários repertórios, de várias conversas que eu considero bem importante. (...) Então eu considero muito positivo já ter ingressado lá já no primeiro ano. Eu acho que foi mais positivo ainda. Não era nem a área que eu atuo hoje no meu grupo de pesquisa. Era o primeiro volume, a primeira iniciação científica era da linha de história, historiografia e arquitetura escolar, que não criei tantos vínculos. Era uma bolsa bem curtinha, mas depois eu mudei para um grupo de pesquisa que daí eu fiquei desde o segundo ano da graduação até dois anos depois de eu ter terminado a graduação, eu continuei nesse mesmo grupo de pesquisa como CLT e como pesquisadora autônoma lá nesse grupo. Então, foi uma trajetória muito legal, que era pesquisa voltada do ensino médio, né? Então foi bem positivo. Mesmo assim, eu tenho um vínculo bem, bem legal.*

Com a bolsa PS conseguiu se dedicar integralmente ao curso. E nesse sentido, PS se sente muito grata à UFPR por fornecer tantas oportunidades de crescimento profissional e pessoal.

*Eu acho que para mim foi uma parte de formação profissional e amadurecimento muito grande, sabe. Que eu tive muitas experiências positivas (...) Mas eu acho que a universidade foi um processo de formação muito boa. Acho que quem passa por uma universidade pública federal você tem acesso a discussões muito mais profundas, humanas, sociais, né, que às vezes não são levadas em consideração. É a luta pela escola pública, né? Então porque a gente não acha que nas faculdades particulares talvez não são tão discutidas, né? Então, eu acho que isso é muito positivo e é por isso que eu optei desde sempre fazer um concurso público para atuar na escola pública, porque eu sabia que eu, de alguma forma, poderia mudar a trajetória de várias pessoas, de várias famílias, de várias crianças, né? Então e incentivar. Então, sempre que eu posso, eu incentivo alguém. Faça vestibular para universidade federal, não vai pagar a faculdade particular, né? Porque realmente o acesso às discussões, aprofundamento teórico que a gente tem é muito além.*

PS foi uma aluna participativa de todas as atividades culturais e eventos da UFPR. *“Dentro dos eventos com diversidade, participava o grupo de pesquisa. Eu participava, organizava vários eventos dentro do grupo de pesquisa também. Então tinham várias oportunidades trabalhar de atividade cultural, sim.” “(...) Participei de vários eventos em Brasília, no Rio Grande do Sul, São Paulo. E fóruns que eu fui para outras cidades, também participei de vários eventos. E isso a universidade fornecia, né? De semana, pesquisa, extensão, né?”*

Quanto ao seu rendimento, PS considera-o *“100% positivo”*. Apesar de ter reprovado em algumas disciplinas por falta. *“Tive porque eu queria cursar uma disciplina de manhã e aí acabava se perdendo no caminho da distância também, que eu não morava na universidade, então dependia de transporte público”*. Assim, teve que desistir de algumas disciplinas *“que eu não gostava e o que eu não entendia, o professor tava (sic) tentando fazer e aí tive algumas reprovadas no percurso”*. Contudo, não se arrepende, pois, *“a parte de acompanhamento de pesquisa que eu tive, esse envolvimento no grupo de pesquisa eu acho que foi muito além de qualquer outra disciplina que eu poderia ter feito, né?”*

O relacionamento interpessoal com os colegas abrangeu todos os turnos, manhã e noite, pois PS cursava disciplinas em outros turnos e acabava por integrar grupos com os mesmos.

*Então é essa possibilidade de estar recebendo uma bolsa auxílio da universidade, né? Isso me dava a possibilidade de fazer disciplinas em vários horários. Então tem matéria que eu fiz de manhã e teve matéria que fiz à tarde, teve matéria que eu fiz à noite e aí eu conheci o grupo dos três horários da universidade. Então isso também foi bem interessante. Ver que cada horário da universidade também tem um perfil assim, né?*

O padrão de vida de PS aumentou com a sua formação superior, tornando-o maior do que o de seus pais. *“Eu acho que ter essa garantia de uma estabilidade de médio emprego, estabilidade financeira realmente ajudou na trajetória.”*

A disciplina que mais chamou a atenção de PS foi a organização do trabalho pedagógico em espaços não escolares, na qual fez visita a um assentamento dos Sem Terra. *“E acho que perceber essa importância da formação política, social e*

*como a escola tem essa função. (...) É adequada à realidade dos sujeitos, principalmente.”*

PS cursou os cinco anos de Pedagogia de forma ininterrupta, as reprovações em disciplinas foram refeitas sem atrapalhar o progresso do currículo.

Quanto a questão de hobbies e lazer, PS esclarece que já teve mais tempo para o lazer, mas com uma filha pequena ressalta que o lazer se resume a atividades familiares. Possui um círculo de amizade ativo, encontrando-se frequentemente nos finais de semana. Não possui uma atividade religiosa atualmente, mas já teve no passado.

Com relação à entrada no mercado de trabalho, PS explica que iniciou sua carreira na Educação aos 15 anos de idade, no decorrer do ensino médio (técnico em formação de docentes), *“trabalhava com recreação em escolas de educação infantil, né, como estagiária. Mas a gente nem era estagiária, a gente assumia a turma mesmo, né?”* E desde então, não parou mais.

Quanto a trabalhar desde cedo para pagar os estudos, PS explica que não precisava trabalhar para pagar os estudos, na realidade tanto ela quanto o irmão, auxiliavam na manutenção da casa (simbolicamente), cada um pagava uma fatura. Todo o salário recebido era utilizado para subsídio próprio. O início de sua carreira como Pedagoga se iniciou mediante um concurso chamado Processo Seletivo Simplificado (PSS) no município de Pinhais, região metropolitana de Curitiba:

*(...) eu trabalho como pedagoga desde 2015, aqui no município de Pinhais. Primeiramente, como concurso de Processo Seletivo Simplificado. Então era PSS, um prazo mais curto de duração e mais no ano de 2016 eu já fiz o concurso público, então trabalhei 2015 como pedagoga PSS, 2016 como professor no PSS. E aí, em 2017, daí eu fui convocada no concurso e aí comecei a trabalhar aqui em 2017 como pedagoga. Fiquei um período numa escola regular, que eu ficava responsável pela turma de terceiro, o quinto ano. E aí depois, no segundo início do segundo semestre, eu fui para uma escola integral do município, porque paralelamente eu ainda estava finalizando alguns projetos na Universidade Federal, porque eu era CLT lá, trabalhava como assessora pedagógica lá do grupo de pesquisa, mas como o recurso público estava se esgotando, estava acabando o financiamento da nossa pesquisa e o projeto também foi encerrado em 2017. Foi quando eu vim*

*trabalhar 40 horas no município. (...) E aí em 2018, aí eu fui chamada no outro concurso como professora e aí fiquei na mesma escola, trabalhando como professora e como pedagoga nos dois horários. (...) E aí esse ano eu fui chamada para trabalhar na Secretaria de Educação, justamente na seção de Apoio às Escolas de Educação Integral em tempo ampliado. Então, pensando no currículo, na proposta pedagógica, na formação de professores, na formação de pedagogos que atuam nessas escolas de educação integral. Trabalho 40, 45, 50 horas na Secretaria de Educação agora.*

Com relação à profissão de Pedagoga PS se mostra muito satisfeita:

*Sim, acho interessantíssimo. Uma coisa que sempre eu converso com meu marido a gente sempre está se desafiando e se atualizando, né? Ele é policial militar e ele fala que ele pode fazer o trabalho dele do mesmo jeito, do começo ao fim da carreira, né? E a gente não. A gente tem muito que se atualizar, muito que se aprofundar, muito que refletir sobre o processo de ensino aprendizagem. Então, realmente é uma profissão muito, muito interessante.*

Com relação ao salário PS diz que a tendência é achar pouco, pois a profissão exige grande responsabilidade e não possui perspectivas (plano de carreira) para motivar, então, esses fatos acabam por pesar na análise do salário justo.

Quanto aos problemas enfrentados e as soluções possíveis, PS alerta sobre uma questão importante na educação das crianças em escolas de tempo integral:

*Eu acho que a maior dificuldade de agora, no momento que eu tenho enfrentado, que eu tenho percebido, é a relação que a gente precisa construir com as famílias, de identificar qual é o papel da escola, qual é o papel da família. Porque as famílias acham que muita coisa é só responsabilidade da escola, né? Principalmente nas escolas que eu atuo, que são de educação integral. As crianças passam 09h00 dentro da escola, então a maior parte das coisas que acontecem na vida dela em relacionamento, convivência, aprender até a ir ao banheiro, higiene, toda essa parte que é função da família que ela*

*estaria ali fazendo em convívio com a família, ela faz com a gente na escola. Então eu acho que aí a família acaba chegando em casa, a criança chega a 18hrs, 18:30hrs, porque às vezes vai de transporte escolar. Aí já almoça, toma banho e vai dormir. Então, a família não tem essa relação de ter um tempo para brincar, de ter um tempo de passar, conviver junto, de conversar como foi o dia na escola, de quais são as dificuldades, né? A família vem quando a situação já está muito crítica e aí realmente não sabe como lidar. Então, eu acho que nesse momento a maior dificuldade é mesmo essa relação com a família. E como construir isso? Eu entendo que as famílias aí tem uma carga horária de trabalho intensa também, porque a maioria tem condições financeiras muito baixas. Então mãe solos né, que não tem outra opção. Então, como criar esses vínculos é uma grande dificuldade do trabalho.*

A solução desse problema, segundo PS, envolve tempo e a intervenção de psicólogo com palestra para instruir as famílias. São ações reflexivas, mas que ainda não apresentam uma solução definitiva para o problema.

Sobre como a sociedade vê o pedagogo, PS informa que o tema é complexo pois envolve a definição da função do pedagogo:

*Eu acho que ainda é necessário se criar esse papel do pedagogo. Qual a função dele, né? Porque aqui no município mesmo tem o cargo mais antigo de pedagogo é de nove anos. Esse tinha antes uma pessoa que era indicada para estar atuando nesse cargo, então se percebia no ambiente escolar alguém que tinha essa desenvoltura para fazer aquela função. Atualmente não, é por meio de concurso público, então qualquer um que tem formação em Pedagogia pode assumir esse cargo. E aí nem todo mundo tem essa desenvoltura para desenvolver o cargo, né? Então, tanto as famílias eu acho que esperam que a gente resolva todos os problemas, mas na verdade, para muitas coisas falta experiência, falta processo. Tem cursos de formação muito fragilizados. A gente vê que profissionais fazem cursos de um ano e meio, dois anos, tudo a distância e que aí não tem discussões, não tem repertório para se posicionar com a família, né? E acho que a família esperaria que esse profissional estivesse ali para resolver todos os seus problemas e dessem*

*todas as soluções. Mas o profissional não tem condições de fazer essa discussão com a família. Acho que tem uma alta expectativa em relação à função do pedagogo, mas tem muitos profissionais que atuam que ainda não atendem essas expectativas da família, infelizmente.*

Apesar disso, PS distingue a profissão de Pedagogo com as demais profissões afirmando ser necessária uma atualização constante sobre a educação.

*(...) justamente pelo fato da necessidade de se manter atualizado e em processo constante de discussão e atualização. Eu acho que é necessário, as coisas no processo educativo. Elas são atualizadas constantemente. Então eu acho que esse é o maior diferencial. E principalmente, porque vai se tornando cada vez mais complexo. As crianças têm outras necessidades que a gente precisa ir acompanhando o desenvolvimento da humanidade como um todo, até chegar naquele indivíduo que está ali na nossa presença. Então, acho que essa é a maior complexidade da nossa profissão.*

Sobre as mudanças que ocorreram em sua vida, PS diz que a responsável por essas mudanças foi a universidade:

*Acho que todo processo de ter uma profissão, de ser formado, de ter um diploma de universidade federal, eu acho que é isso é uma responsabilidade grande, né? Então, vindo da escola pública ser formada em universidade pública, eu acho que isso realmente dá uma guinada sim. E quando você chega com seu diploma de universidade federal assim, e é uma responsabilidade social também, né? Então eu acredito que foi todo o processo que eu vivi de aprofundamento de conhecimento lá. Eu acho que isso formou o profissional que eu sou hoje. Então, muita coisa eu tenho referência dos contatos que eu tive lá, de como eu executo meu trabalho hoje, então realmente foi bem importante.*

PS tem um percurso escolar diferenciado. Desde cedo se encontra inserida no mercado de trabalho, por interesse próprio oriundo do estágio do curso técnico efetuado no ensino médio, adquirindo certa desenvoltura para buscar novos

caminhos para a sua vida profissional. E dessa forma, conseguiu passar na UFPR e na universidade aproveitou todas as oportunidades possíveis para adquirir conhecimento, aprimorar o já obtido no ensino técnico e aumentar a sua capacidade de raciocínio na discussão de temas importantes para a área da educação, para a área da formação social.

A disposição encontrada em PS além do altruísmo envolve a desenvoltura, a flexibilidade e dinamismo necessários para exercer a sua profissão com excelência.

#### **5.2.4 Considerações sobre o discurso dos entrevistados brasileiros**

Os entrevistados brasileiros, dois homens e uma mulher, atuam na área da pedagogia, ora como professores e ora como pedagogos. O fato é que o Curso de Pedagogia deixa claro que a função a ser exercida pelo formando é a de pedagogo, professor e/ou professor pedagogo. Os alunos ao ingressarem à universidade já se encontram cientes do que lá encontrarão. Um dos entrevistados, BHL, escolheu Pedagogia por influência do meio familiar, mas a real satisfação que sente ao exercer a profissão é oriunda de um desejo interno.

O fato é que todos os entrevistados possuem algo adquirido em seu percurso escolar, no seu ambiente familiar e no seu contexto social, a necessidade de aprender, a necessidade de doação e a empatia constante com a dor do próximo. A satisfação ao ver o progresso e o desenvolvimento de alunos, ser responsável por essa evolução é algo, conforme declarado por BHL, algo inestimável e por si só, já fornece satisfação profissional.

A escolha da UFPR a princípio se deve ao caráter público, ou seja, a gratuidade do ensino. Contudo, é inegável que a UFPR oferta uma vastidão de oportunidades aos seus alunos para capacitação, para discussão, para evolução e para desenvolvimento sociocultural. Por meio de eventos, estágios e congressos os alunos acabam introjetando valores culturais de outros estados e universidades.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo comparativo, entre Portugal e Brasil, promoveu elevados aportes informacionais e científicos sobre novas formas de avaliar e interpretar o processo educativo de formação do adulto.

Na análise da formação dos países, pode-se considerar, de forma analógica, Portugal um país maduro, seguro e equilibrado em termos de legislação e governança, ao passo que o Brasil é um país mais jovem, analogicamente adolescente, com um imenso potencial, mas preso pelas intempéries humorais, as quais provocam oscilações que interferem na condução legal e na governabilidade e em consequência, retardam o seu desenvolvimento.

Levando em conta o período obscuro da Idade Média, com sua limitação ao acesso à educação restrita ao clero e à realeza, o qual prejudicou o desenvolvimento da educação em todo o mundo e só no século XVI, com o Iluminismo, a educação se tornou acessível a todos e assim, evoluiu. E é exatamente nessa época que o Brasil é descoberto e se torna colônia de Portugal. A evolução da educação no Brasil, então, ocorre em paralelo com o restante do mundo, a diferença é que o Brasil ainda se encontra em fase de construção identitária.

Em termos de legislação, Portugal e Brasil, possuem uma estrutura similar, quase idêntica. Afinal, quem instaurou as legislações iniciais foi a realeza portuguesa: Dom João VI, Dom Pedro I e Dom Pedro II. Os fundamentos legais brasileiros são reflexos da legislação portuguesa. A estrutura dos sistemas educacional de ambos os países é similar, como um ministério de educação e uma lei que rege a educação de todo o país.

As universidades estudadas, Universidade do Porto (Portugal) e Universidade Federal do Paraná (Brasil), também possuem muitas semelhanças. A principal diferença é que a UP é uma instituição pública (com cobrança de propina nos cursos) e a UFPR é uma instituição pública, sem cobrança de mensalidade nos cursos, embora as duas instituições são gigantes, fornecendo uma imensa gama de oportunidades para o aluno e para a sociedade. Ressalta-se que a UFPR possui três hospitais (escola) para o atendimento da população e oito fazendas para estudos nas áreas de agropecuária e ambiental. O reconhecimento da UP é em toda a

Europa e possui elevados índices. A UFPR, novamente adentra-se, simbolicamente falando no universo do adolescente, tendo em vista a aprimorar a qualidade do seu ensino, que depende também em parte de estruturas governamentais, embora apresente no tempo presente, reconhecido e imenso potencial na sociedade brasileira.

Nos cursos pesquisados, Ciências da Educação (Portugal) e Pedagogia (Brasil), pode-se afirmar que ambos envolvem a área e o mercado da educação. Contudo, possuem fundamentos totalmente diferentes. As diferenças envolvem o tempo de duração de curso, 3 anos para Ciências da Educação e 5 anos para Pedagogia; periodicidade semestral para Ciências da Educação e periodicidade anual para Pedagogia; formações diferentes estabelecidas no currículo, mediador para Ciências da Educação e professor, professor pedagogo e pedagogo para Pedagogia. De fato, o curso de Pedagogia tem uma formação voltada para a prática docente, ao passo que Ciências da Educação têm um olhar analítico e científico da educação voltada para a mediação de conflitos principalmente relacionando o ambiente familiar.

Outro detalhe importante é que a UP não deixa claro em seu site, a formação de seu egresso, enquanto a UFPR por sua vez explica que o egresso pode assumir os seguintes cargos: pedagogo, professor e/ou professor pedagogo.

Nas entrevistas efetuadas e na construção dos retratos sociológicos, observou-se que todos os entrevistados estão realizados com o curso e com a prática profissional, não se arrependem, são reconhecidos pela sociedade e familiares.

Certo descontentamento com a remuneração é algo pontual encontrado tanto em Portugal quanto no Brasil. Obviamente que os benefícios levados à sociedade pela atuação desses profissionais suplantam qualquer tipo de remuneração, mas nem o mínimo é ofertado. Alguns entrevistados confirmam que a remuneração não é de acordo, mas é o suficiente para viver com qualidade. O fato é que os profissionais de educação são desvalorizados pelas instituições governamentais em praticamente todo o planeta.

Quatro entrevistados tiveram dificuldades econômicas na sua trajetória escolar, obrigando-os a trabalhar desde cedo e um caso abandonar os estudos na educação básica. Entretanto, graças ao estímulo de familiares, amigos e terceiros,

continuaram os estudos. Essa capacidade de transpor limites, socioeconômicos, é algo que torna singular o ser humano, comprovando a tese de Lahire.

Os entrevistados licenciados em Ciências da Educação ao ingressarem no curso percebem como vão atuar no mercado de trabalho, ou seja, estão conscientes de sua capacitação profissional. Ainda que, existam várias nomenclaturas como educóloga, educador social, técnico social, mediador. Ficou implícito que a diferença na nomenclatura da profissão seria oriunda da universidade onde se cursava Ciências da Educação, segue o relato de ECAC:

*Embora educóloga são só as pessoas que saíram da licenciatura de Ciências da Educação na Universidade do Porto. Porque aqui em Portugal sempre tivemos esta desvantagem de cursos equivalentes a terem designações diferentes. E estamos a falar das Ciências da Educação, da Educação da Universidade do Minho e da Educação Social da Escola Superior de Educação. Mas todos são equivalentes, ou seja, qualquer um destes cursos pode concorrer para a vaga de educador social ou para a vaga de educólogo. Na Universidade do Minho é uma licenciatura em Educação, equivalente a Ciências da Educação. Agora, porque eu tive muitos anos com um contrato anual. Todos os anos eu tinha que concorrer para estar nesta função. Agora, como já estamos efetivas a vaga que abriu é Educação social, ou seja, a minha função agora, desde há três anos, está formalizada como educadora social e não como educóloga. Pedagogia social é Educação Social, também equivalente à Ciências da Educação.*

Havendo uma variedade de nomenclaturas para uma mesma formação, entende-se que tal reflita na sociedade certa confusão sobre a atuação do licenciado em Ciências da Educação. E isso é observado no relato de MARN:

*Eu vi as pessoas associarem muito, tanto que às vezes chegam e aí eu quero falar com a professora MARN. E não, eu não sou professora. Ah, mas e então? Mas não é, não é a professora que me vai ensinar? Não, eu não vou ensinar nada. Você vai demonstrar aquilo que já sabe e vai reconhecer e vai perceber que aquilo que aprendeu ao longo do seu percurso de vida é muito.*

Essa confusão de identidade também ocorre com o profissional formado em Pedagogia, o qual se deve a algumas alterações na legislação do curso, ocasionando a limitação da formação e de atuação do profissional à área docente.

Esse problema de identidade encontrado em Portugal e no Brasil é algo relevante e de emergencial e recorrente reflexão, pois envolve a própria capacidade de ação do profissional. Sobre isso é preciso haver coerência, a capacidade relativa de contar uma história geral de “quem somos” para “nós mesmos” e “para os outros” sem experimentar dissonância ou conflito psicológico. Os indivíduos mantêm esse senso de si mesmos ao longo do tempo por meio do envolvimento no trabalho de identidade, definido como um envolvimento em processos de formação, reparo, manutenção, fortalecimento ou revisão das construções que produzem um senso de distinção e coerência pessoal. Distorções identitárias podem ocasionar insatisfação e baixa de rendimento, provocando em alguns casos até depressão.

Dos relatos emergiram informações importantes que trouxeram delimitaram melhor a atuação dos licenciados em Ciências da Educação, destacando-se:

- a ação invasiva, enquanto mediador, ao possuir autonomia para ir até a residência dos alunos, interagindo, interferindo e identificando fatores que provocam problemas no rendimento do aluno, enquanto busca soluções efetivas.
- avaliação qualitativa do potencial do aluno, Programa Qualifica, efetuada mediante inúmeras entrevistas para identificar e elaborar um *portfólio* para requerimento da certificação, ou seja, não se limita à análise quantitativa do conhecimento/das competências de cada indivíduo, antes efetua a escuta do indivíduo e avalia qualitativamente as suas competências para então, averiguar a possibilidade de certificação.

Para essas duas ações não existem paralelismos à ação de profissionais da educação no Brasil, talvez o assistente social, mas não alguém ligado diretamente a formação educativa do indivíduo. Salienta-se ainda, a ampla autonomia e elevada responsabilidade que o cargo assumido em escola, como educóloca, no caso de ECAC, podendo inclusive intervir no currículo apresentado aos alunos com problemas de aprendizagem, visando trocar e até incluir atividades promotoras de

aumento no rendimento das disciplinas onde os alunos sentem dificuldades. É ele quem faz o diagnóstico e intervêm sobre os alunos e familiares. Existem atividades que podem substituir as disciplinas, pois o intuito é encaminhar o aluno ao cumprimento do currículo e entendimento do conteúdo apresentado.

O profissional de Pedagogia, por sua vez, tem o seu campo de atuação mais voltado à escola, sendo obrigatória a sua presença de acordo com a legislação vigente. Contudo, a sua práxis leva em consideração o aluno em sua totalidade. Como ressalta Paulo Freire, a educação exige comprometimento com a realidade do aluno. A formação empenha-se em um processo sistemático e organizado, individual e grupal e com princípios formativos em constante construção.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto será alcançada por sua leitura crítica implica na percepção das relações entre texto e contexto. (Freire, 2005, p.11).

Foi possível observar um denominador comum em todos os entrevistados: o altruísmo, a dedicação e o amor à sua práxis.

Toda a pesquisa, apresentada sob um viés de imparcialidade, comum à redação científica, demonstrou que para ser um profissional da área da educação, precisa antes de tudo, ter “amor ao próximo e empatia”. Toda a problemática da atividade profissional, a qual não é pouca, se esvai no momento em que é observado o desenvolvimento concreto do aluno, a ascensão deste como cidadão. É preparar o outro para o mundo.

## 7 REFERÊNCIAS

- Abrantes, P. (2016). A educação em Portugal: princípios e fundamentos constitucionais. *Sociologia, Problemas e Práticas*. 23-32.  
<https://journals.openedition.org/spp/2588>
- Albuquerque, U.P. (2013). *Etnobiologia: bases ecológicas e evolutivas*. NUPPEA.
- Alves, L.M. (2021, fevereiro) O que são agência e estrutura. *Ensaios e Notas*.  
<https://ensaiosnotas.com/2021/02/17/o-que-sao-agencia-e-estrutura/>
- Amado, J. (2011). Ciências da Educação – Que estatuto epistemológico. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Extra-série, 45-55.
- Areán-García, N. (2009, set./dez.) Breve histórico da Península Ibérica. *Revista Philologus*, 15(45), 25-48.  
[https://www.academia.edu/14902702/Breve\\_Hist%C3%B3rico\\_da\\_Pen%C3%ADnsula\\_Ib%C3%A9rica](https://www.academia.edu/14902702/Breve_Hist%C3%B3rico_da_Pen%C3%ADnsula_Ib%C3%A9rica).
- Barcellos, S.G. (2005). Segregação e vida familiar na pós-abdicação do primeiro reinado (1831-4). XXIII Simpósio Nacional de História, ANPUH, Londrina.  
[https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206568\\_4750149a199c3f29613ae8b6ddbb7f70.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206568_4750149a199c3f29613ae8b6ddbb7f70.pdf)
- Bastos, C.R. (2010). *Curso de Direito Constitucional*. Malheiros.
- Boavida, J. & Amado, J. (2008). *Ciências da Educação: Epistemologia, Identidade e Perspectivas*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bobbio, N. (2007). *Estado, governo e sociedade: para uma teoria geral da política*. 14. ed. Paz e Terra.
- Bordieu, P. (2007) *A economia das trocas simbólicas*. Perspectiva.
- Boto, C. (org.)(2019). *Clássicos do pensamento pedagógico: olhares entrecruzados*. EDUFU.
- Camara dos Deputados (2022). *História do Brasil*. <https://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/historia/cronoindice.html>
- Cavalcante, J.F. (2000). *Educação Superior: conceitos, definições e classificações*. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP).
- Cerqueira, M. (2020, julho). Motivação do trabalhador: caso de estudo IMAN Portugal. *Mestrado* (Mestre em Gestão de Empresas), Porto.
- Cintra, E.P.U. (2010) “Scientia Et Labor” no “Palácio de Luz”: a institucionalização da ciência médica e a Faculdade de Medicina do Paraná (Curitiba 1912-1946). *Doutorado* (Tese em Educação). Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.  
[http://www.ppge.ufpr.br/teses%20d2010/d2010\\_Erica%20Piovam%20de%20Ulh%C3%B4a%20Cintra.pdf](http://www.ppge.ufpr.br/teses%20d2010/d2010_Erica%20Piovam%20de%20Ulh%C3%B4a%20Cintra.pdf)
- Costa, A.L. (2019). *História de Portugal*. Dom Quixote.

- Costa, G. (2021, november). *The History of Portugal*. Portugal. <https://www.portugal.com/history-and-culture/the-history-of-portugal/>
- Daniels, H. (2003) *Vigotsky and Pedagogy*. Loyola.
- Daveau, S. (1995) *Portugal Geográfico*. João Sá da Costa. <https://web.letras.up.pt/asaraujo/geofis/t1.html#2%20-%20A%20posicao>
- Devechi, C.P.V. & Bisol, B. (2019). Ciências da educação: especificidade epistemológica, objetividade e prática pedagógica. *Educação*, Universidade Federal de Santa Maria, 44, 1-19. <https://www.redalyc.org/journal/1171/117158942094/html/>
- DGE. (2022) *Programas: 1º Ciclo*. <https://www.dge.mec.pt/programas-1o-ciclo>
- DGE. (2022) *Programas: 2º Ciclo*. <https://www.dge.mec.pt/programas-2o-ciclo>
- DGE. (2022) *Programas: 3º Ciclo*. <https://www.dge.mec.pt/programas-3o-ciclo>
- Dicionário Latim. (2022) *Scientia educandorum liberorum*. <https://www.dicionariodelatim.com.br/>
- Diolina, K. (2022). *Língua Portuguesa I*. Senac.
- Dolhnikoff, M. (2017). *História do Brasil Império*. Contexto.
- Domingues, J.E. (2022) Conquista da Península Ibérica pelos muçulmanos. *Ensinar História*. <https://ensinarhistoria.com.br/linha-do-tempo/conquista-da-peninsula-iberica-pelos-muculmanos/>
- EEA. (2022) *The Bologna Process and the European Higher Education Area*. European Education Area (EEA). Quality education and training for all. <https://education.ec.europa.eu/education-levels/higher-education/inclusive-and-connected-higher-education/bologna-process>
- Embaixada de Portugal (2022). *Informações Gerais*. Portugal e Brasil. <https://brasil.embaiadaportugal.mne.gov.pt/pt/sobre-o-brasil/dados-gerais>
- Eurodicas (2020, julho). *Universidade do Porto*: conheça uma das melhores instituições do país. <https://www.eurodicas.com.br/universidade-do-porto/>
- Fasi, M.E. (2010) *História geral da África: África do século VII ao XI*. V. III, Unesco. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000320.pdf>
- Fausto, B. (2006). *História do Brasil*. USP.
- Feira de Cursos. (2022). *Pedagogia*. Licenciatura Curitiba. UFPR Virtual. <http://www.feiradecursos.ufpr.br/portal/cursos/pedagogia-curitiba/>
- Feldman, S. (2020) O cerco em torno de uma minoria: As legislações antijudaicas na Hispânia romana e visigótica. *História Revista*, 25 (1), 4-23. <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/61988>.
- Fernandes, M.E.M. e Ribeiro, F. (2001). *A Universidade do Porto*: Estudo orgânico-funcional. Reitoria da Universidade do Porto.

- Ferreira, D. & Dias, P. (2016). *História de Portugal*. Verso de Kapa.
- Franco, M.A.; Libâneo, J. C. & Pimenta, S.G. (2007). Elementos para a formulação de diretrizes curriculares para cursos de Pedagogia. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, 37(130), 63-98.
- Freire, P. (2005). *A importância do ato de ler*. em três artigos que se completam. 46. ed. Cortez.
- Frota, G.A. (1983). *Uma Visão Panorâmica da História do Brasil*. O Autor.
- Gomes, A.C. (2005). *A invenção do trabalhismo*. FGV.
- Gomes, L. (2010). *1822*. Nova Fronteira.
- Gomes, R., Cerdeira, L., Lopes, J.T., Vaz, H.M. et al. (2015, august ) Sociological Portraits: General Results. *Brain Drain and Academic Mobility from Portugal to Europe*.  
[https://www.researchgate.net/publication/313633860\\_Sociological\\_Portraits\\_General\\_Results](https://www.researchgate.net/publication/313633860_Sociological_Portraits_General_Results)
- HELB. (2022). *Reforma Rivadávia Correia*. História do Ensino de Línguas no Brasil. [http://www.helb.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=167:reforma-rivadavia-correa-&catid=1100:1911&Itemid=2](http://www.helb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=167:reforma-rivadavia-correa-&catid=1100:1911&Itemid=2)
- IBGE (2022, fevereiro). *Áreas territoriais*.  
<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15761-areas-dos-municipios.html#:~:text=Para%20a%20superf%C3%ADcie%20do%20Brasil,21%20de%20fevereiro%20de%202022>
- Imprensa UFPR. (2022). *A imprensa*. <http://www.imprensa.ufpr.br/a-imprensa/>
- INEP. (2022). *Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja)*. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio
- Jungstedt, A.O.C. (2021). A Batalha Naval dos Abrolhos (1631). *Revista Navigator – Dossiê O Poder Naval e as disputas pelo território no Brasil Colonial (1500-1808)*. 17(33), 68-87.  
<http://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/navigator/article/view/2034/2191>
- Justos, A.S. (2008, Abril). A influência do Direito Português na formação do Direito Brasileiro. *RevJurFA7*, Fortaleza, v. V, n. 1, p. 242 197-242.
- Lahire, B. (2002). *Portraits Sociologiques*. Dispositions et variations individuelles. Nathan.
- Lahire, B. (2004). *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Artmed.
- Lahire, B. (2013). O Singular Plural. *Cadernos do Sociófilo*, 4, 16-26.
- Lahire, B. (2020). Sociology at the individual level, psychologies and neurosciences. *European Journal of Social Theory*, 23(1), 52–71.  
<https://doi.org/10.1177/1368431018809548>

Lopes, J. T. (Org.). (2012). *Registos do actor plural: Bernard Lahire na sociologia portuguesa*. Afrontamento.

Lourenço, A.A. & Bravo, A.D. (2010) Da Ibéria à Hispânia, da Espanha à Ibéria. *Revista de História das Ideias*, Universidade de Coimbra, 31, 285-301.  
<https://digitalis-dsp.uc.pt/handle/10316.2/41512>

Lucena, C. (2012) O pensamento educacional de Émile Durkheim. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, 10 (40), 295–305.  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639820>.  
 Acesso em: 26 set. 2022.

Martins, I.G.S. (2002). *As vertentes do direito constitucional contemporâneo: estudos em homenagem a Manoel Gonçalves Ferreira Filho*. América Jurídica.

ME (2007, setembro). *Educação e Formação em Portugal*. Editorial do Ministério da Educação. [https://www.dgeec.mec.pt/np4/97/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=147&fileName=educacao\\_formacao\\_portugal.pdf](https://www.dgeec.mec.pt/np4/97/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=147&fileName=educacao_formacao_portugal.pdf)

MEC. (1996). *Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996*.  
[http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf)

MEC. (2014). *Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014*. Plano Nacional de Educação – PNE. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm)

Moll, J. (org.) (2013). *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. MEC, SEB, DICEI. <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>

Morel, M. (2003). *O período das regências (1831-1840)*. Jorge Zahar.

Nacionalidade Portuguesa (2019). *Dados gerais de Portugal*.  
<https://labs.cinetica.ag/nacionalidade-portuguesa/dados-gerais-de-portugal/>

Napolitano, M. (2016). *História do Brasil República: Da queda da monarquia ao fim do estado novo*. Contexto.

Picanço, A.L.B. (2012). A relação entre escola e família – as suas implicações no processo de ensino aprendizagem. *Mestrado (Supervisão Pedagógica)*. Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa.

Polo Textil (2017, junho). *Status na idade média era representado pela cor de suas roupas*. <http://polo-textil.com.br/2017/06/30/status-social-e-profissional-na-idade-media-era-representado-pela-cor-de-suas-roupas/>

Porto Editora. (2022) *Península Ibérica na Infopédia*. Porto.  
[https://www.infopedia.pt/\\$peninsula-iberica](https://www.infopedia.pt/$peninsula-iberica).

PORTOARC. (2015). Porto, de Agostinho Rebelo da Costa aos nossos dias.  
<http://portoarc.blogspot.com/2015/02/>

Pueyo, T. (2022, august) *A Brief History of Portugal*.  
<https://unchartedterritories.tomaspuoyo.com/p/a-brief-history-of-portugal/comments>

- Ramos, R., Sousa, B.V. & Monteiro, N.G. (2021) História de Portugal. Dom Quixote.
- Rodrigues, R.C. (2016, novembro). A Universidade do Paraná e suas transformações em resposta as demandas legais: uma trajetória da criação da universidade brasileira. *Revista Eletrônica de Ciências da Educação*, Campo Largo, 15 (2), 1-24.
- Rossieli, S.S. (2018) *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. MEC. [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_sit e.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf)
- Saviani, D. A. (2008). *Pedagogia no Brasil: história e teoria*. Autores Associados.
- Secretaria de Estado da Educação. (2009). Reflexão sobre o trabalho do professor-pedagogo na escola pública. Trabalho do professor-pedagogo: ação / transformação na escola. Governo do Paraná. [https://www.academia.edu/12429587/A%C3%A7%C3%A3o\\_Transforma%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_Pedagogo](https://www.academia.edu/12429587/A%C3%A7%C3%A3o_Transforma%C3%A7%C3%A3o_do_Pedagogo)
- Senado Notícias. (2022) *Constituições brasileiras*. <https://www12.senado.leg.br/noticias/glossario-legislativo/constituicoes-brasileiras>
- Silveira, A.D. (2009) Europeização e/ou Africanização da Espanha Medieval: diversidade e unidade cultural europeia em debate. *História*, 28 (2). <http://www.scielo.br/pdf/his/v28n2/22.pdf>.
- Só História. (2022) *Os nomes do Brasil*. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2009-2022. <http://www.sohistoria.com.br/curiosidades/nomes/>
- Soares, C.J.M. (1939). *Fronteiras do Brasil no Regime Colonial*. José Olympio.
- Teixeira (INEP). <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/encceja>
- UFPR.(2022). *Histórico*. <https://www.ufpr.br/porta/ufpr/historico-2/>
- UFPR.(2022). *Indicadores*. <https://indicadores.ufpr.br/#>
- UP. (2022) *História*. <https://www.up.pt/porta/pt/conhecer/sobre-a-uporto/historia/>
- UP. (2022) *UP em números*. <https://www.up.pt/porta/pt/>
- UP. (2022) *Valores de propinas 2021-2022*. [https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/legislacao\\_geral.legislacao\\_ver\\_ficheiro?pct\\_gdoc\\_id=2168485&pct\\_nr\\_id=102&pct\\_codigo=43](https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/legislacao_geral.legislacao_ver_ficheiro?pct_gdoc_id=2168485&pct_nr_id=102&pct_codigo=43)
- UP. (2022). *Licenciatura em Ciências da Educação*. Plano Oficial. [https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/cur\\_geral.cur\\_planos\\_estudos\\_view?pv\\_plano\\_id=3087&pv\\_ano\\_lectivo=2022&pv\\_tipo\\_cur\\_sigla=&pv\\_origem=CUR#div\\_id\\_288399](https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/cur_geral.cur_planos_estudos_view?pv_plano_id=3087&pv_ano_lectivo=2022&pv_tipo_cur_sigla=&pv_origem=CUR#div_id_288399)
- Vaiano, A.Z; Araújo, J.C. & Márquez, R.G. (2017). Explorando as oficinas de sólidos. *Revista Scientiarum Historia*, 1(1). <http://revistas.hcte.ufrj.br/index.php/RevistaSH/article/view/119/108>

## 8 APÊNDICES

### 8.1 TERMO DE CONSENTIMENTO

Prezado (a) entrevistado (a),

Sou Raquel Santana, licenciada em pedagogia e com mais de 15 anos de trabalho como pedagoga em diferentes contextos no Brasil, atualmente servidora pública no governo do Estado do Paraná e do município de São José dos Pinhais, como pedagoga, sendo que no Estado, trabalhando em Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEEBJA e no município na secretaria de educação. Também, atualmente concluinte do Mestrado em Educação e Formação de Adultos – MEFA, da Universidade do Porto, em Portugal. Para a conclusão deste mestrado, realizo esta pesquisa e conto com sua importante contribuição, respondendo esta entrevista compartilhando informações de sua trajetória como pessoa, estudante da educação básica e depois formado em Pedagogia e também profissional da área da educação. Nessa conformidade, com esta entrevista pretende-se abordar o percurso de vida de cada entrevistado (a), o que inclui a trajetória educacional desde as primeiras séries ou anos, bem como dados sobre a vida social, econômica, cultural e familiar para adentrar na trajetória educacional a nível de ensino superior (graduação), expectativas profissionais e aspectos atuais, referente às licenciaturas de Pedagogia, no caso do Brasil e de Ciências da Educação, no caso de Portugal.

Todos os dados recolhidos serão estritamente confidenciais e só serão usados no âmbito do estudo, sendo garantido o seu anonimato. A sua participação é voluntária, ou seja, poderá abandonar esta entrevista se por algum motivo entender fazê-lo, sem que essa decisão tenha qualquer consequência para si. De modo a mais integralmente dar conta do seu testemunho, solicito-lhe autorização para a gravação desta entrevista, a qual será destruída após o tratamento dos dados recolhidos.

Esta autorização corresponde assim ao seu consentimento em participar no estudo.

## 8.2 TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS EFETUADAS

### 8.2.1 Entrevista 1 – FCCP (Brasil)

Iniciais do nome: FCCP

Mês e ano de Nascimento: 14/07/1979

Cidade e Estado de Nascimento: *Cianorte, Paraná, Brasil*

Orientação Sexual: *Masculino*

Estado Civil: *Casado*

Tem filhos (as)? *Sim, dois filhos.*

Composição familiar (quantas pessoas residem em sua casa (nome, parentesco, idade, escolaridade, profissão, renda), além de você?

*Total de quatro pessoas: o casal e os dois filhos (20 anos e 11 anos, ambos do sexo masculino). Renda familiar bruta total acima de R\$ 12.000,00.*

Situação de Moradia (Residência própria/alugada/cedida/financiada/etc): *Residência alugada*

Está inserido no mercado de trabalho? Tem registro? Qual seu local de trabalho? Há quanto tempo?

*Sim, eu trabalho como pedagogo na Escola Municipal Padre José de Anchieta. Sou parte do quadro próprio do magistério, ou seja, concursado desde o ano de 2005, mais precisamente desde 4 de outubro de 2005. E trabalho também como professor pedagogo na Rede Estadual Paranaense de Educação, no Colégio Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira, desde o dia 23 de fevereiro de 2005.*

Qual sua função? (pedagogo/professor/licenciado em ciências da educação)

*Sim, eu trabalho como pedagogo na Escola Municipal. Sou parte do quadro próprio do magistério, ou seja, concursado desde o ano de 2005, mais precisamente desde 4 de outubro de 2005. E trabalho também como professor pedagogo na Rede Estadual Paranaense de Educação, no Colégio Estadual, desde o dia 23 de fevereiro de 2005.*

GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO DA FAMÍLIA:

1. Escolaridade e profissão do seu pai:

*Sim, o meu pai é falecido, não é o CCP e ele era mecânico. A minha mãe é o nome dela, IS. E ela trabalha como empregada doméstica*

2. Escolaridade e profissão da sua mãe:

*A minha mãe, o ensino fundamental incompleto e o meu pai também.*

3. Estado civil dos seus pais:

*Não eram casados.*

4. Você tem irmãos? *Sim, eu tenho.*

*Eu tenho uma irmã por parte de mãe e tenho mais três irmãos por parte de pai.*

5. Eles estudaram?

*Estudaram, mas não chegaram a concluir o ensino médio.*

6. Algum fez o Ensino Superior?

*Os meus três irmãos, agora minha irmã por parte de mãe, tem superior completo.*

7. Tem algum familiar que fez Ensino Superior? Quem (parentesco) e qual curso?

*Bom, eu tenho na verdade um primo que tem ensino superior completo e tem o meu sogro, que é da área da educação. Ele já é aposentado, mas ele era professor, formado em Geografia e em História, lecionou por muitos anos. Tenho também um cunhado meu que trabalha na área de educação e professor também atuante e formado em geografia e no contexto familiar da minha casa, a minha esposa e o meu filho, mais velhos. Eles estão estudando, mas com o superior incompleto. Irmã formada em administração.*

## SITUAÇÃO ECONÔMICA DA FAMÍLIA

1. Sua família tinha estabilidade econômica? Você acha que isso influenciou na sua escolaridade e na vida escolar de seus irmãos?

*Então a minha família de origem, tanto paterna quanto materna, não tinha estabilidade econômica. São de origem proletária. São trabalhadores assalariados que nunca tiveram acesso a muitas condições de bem cultural e também de estrutura. E foi com muito, muito custo que nós, os filhos, fomos criados. E a*

*questão do acesso à educação foi sempre preconizado como valor por parte dos pais, mas exigiu bastante empenho, esforço pessoal também para poder adquirir.*

2. Em que faixa econômica você situaria sua família?

*Trabalhadores.*

## ESCOLARIZAÇÃO INICIAL

1. Você cursou o ensino fundamental em escola pública ou privada? Quantos anos em cada tipo de instituição? Você sentiu diferença na qualidade do ensino entre as escolas pública e privada?

*Eu cursei toda a educação básica, ensino fundamental e médio, o que na verdade, à época, era primeiro e segundo graus em escola pública. Depois eu cursei um curso técnico pós-médio de contabilidade. Técnico em Contabilidade, mas daí a partir de recursos próprios do meu trabalho. E eu sou formado em Técnico em Contabilidade e depois ingressei na Universidade Federal do Paraná para cursar Pedagogia. Isso no ano 2001.*

2. Você cursou o ensino médio em escola pública ou privada? Quantos anos em cada tipo de instituição? Você sentiu diferença na qualidade do ensino entre as escolas pública e privada?

*O curso técnico foi particular no Colégio A. em Curitiba.*

3. Como você considera o seu desempenho escolar (excelente, bom, médio, regular)? Repetiu alguma série?

*Sim, especialmente na questão da disciplina e da organização. Não tanto quanto com relação à capacidade e informação dos professores. Nesse quesito, a escola pública também percebe bastante qualidade. Mas na questão da estrutura, da organização, da segurança e da disciplina, aí a escola pública deixou a desejar em relação à privada.*

*Então, durante a minha trajetória escolar, tive fases distintas à época em que eu cursava primeiro e segundo graus, ou seja, a educação básica não era um estudante tão aplicado. E eu posso dizer que eu era um estudante regular no meu desempenho, mas com potencial para ser um ótimo estudante. Mas a partir do meu curso técnico profissionalizante e especialmente quando eu cursei a*

*Universidade então eu tive outra disposição e outro vínculo com os estudos e o meu curso superior eu posso afirmar que eu fui um excelente aluno. Tive uma das melhores notas e me dediquei assim com bastante empenho para poder aprender realmente.*

4. Participou em atividades extra-aulas como grêmio, jornal estudantil, teatro?

*Esporadicamente. Teatro com maior frequência, grêmio estudantil e jornal não fazia parte da nossa rotina estudantil na época que eu era estudante. A única formação paralela à educação escolar no município onde eu resido desde criança que é São Jose dos Pinhais, que foi participar da instituição guarda mirim que também acrescentou na minha formação pessoal no contexto integral.*

5. Qual disciplina você mais gostava?

*Eu sempre gostei muito de história, geografia um pouco de língua portuguesa. Eu sou mais inclinado as áreas humanas. No ensino médio sociologia, filosofia. Então essas áreas eu sempre me dei melhor.*

6. Sua família participava de sua vida escolar? ( )Não ( )Sim

*Sim.*

7. Quem normalmente ia assinar seu boletim escolar/notas?

*A participação da minha família, especialmente da minha mãe na vida escolar era mais restrita para atender as convocações para reuniões, entrega de boletins ou conversas específicas pontuais sobre o meu desenvolvimento e menos no que diz respeito a apoio em horário distinto em casa.*

8. Quem ajudava nas tarefas escolares?

*Geralmente eu estudava com mais autonomia mesmo em casa.*

9. Os seus familiares se interessavam pelo seu rendimento escolar? Como esse interesse era demonstrado?

*Minha mãe não tinha tempo e condições e preparo para poder me auxiliar na aprendizagem no dia a dia, mas ela demonstrava o valor pelos estudos e educação incentivando que eu frequentasse as aulas e que eu não desistisse.*

*Sempre me apoiando para que eu não apenas me interessasse, mas desse continuidade aos estudos.*

10. Em quais matérias possuía dificuldade de aprendizagem?

*A matéria que mais possuía dificuldade era matemática e isso durante toda a minha carreira escolar por isso foi a que eu mais precisei de esforço e ajuda de colegas. O apoio que às vezes eu não tinha no contexto familiar para aprendizagem eu buscava em outros estudantes, colegas que tinham mais facilidade com a disciplina.*

11. Quais foram as matérias em que mais se dedicou?

*Respondido na anteriormente: história, geografia e língua portuguesa.*

12. Seus pais iam à escola, conversavam com os professores?

*Já respondido anteriormente: apenas a mãe acompanhava os estudos na escola.*

13. Havia alguém que estimulava você em estudar?

*Então, os próprios professores, na época da minha adolescência foram bastante estimulantes para o meu desenvolvimento. Como havia dito anteriormente eu participei de uma instituição chamada guarda mirim que auxilia na formação integral do adolescente até hoje presente no nosso município de São José dos Pinhais. E professores que me estimularam a continuar os estudos e buscar a realização de cursos. Então, além do estímulo da minha própria mãe, professores também me ajudaram bastante a valorizar a educação.*

14. Sua família se preocupava com a escola? Participava de atividades na escola?

*Ajudava na conservação da escola?*

*Então na verdade não. Somente comparecia as reuniões quando era solicitada, mas não se envolviam com a Associação de Pais ou em projetos. A minha mãe se preocupava quase todo tempo dela trabalhando fora, então não tinha essa participação efetiva.*

15. Seu percurso escolar foi marcado por dificuldades econômicas?

*Sim, porém sempre com o esforço da minha mãe e do meu padrasto também, nós tínhamos o mínimo necessário para poder garantir a continuação dos estudos sem passar maiores necessidades. Mas, não tínhamos assim fartura e não tínhamos recursos disponíveis para aquilo que gostaríamos, mas também não tinha escassez daquilo que é mais básico para subsistência.*

16. O critério de escolha da escola de ensino médio estava ligada à perspectiva de trabalho?

*Então, inicialmente não. Inicialmente dei sequencia aos estudos sem ter muito entendimento do que aquilo implicaria para o meu futuro profissional, mas desde muito cedo, eu fui encaminhado ao mercado de trabalho, ao mundo do trabalho, através daquela instituição que eu mencionei a guarda mirim. Onde me encaminhou por mérito de uma boa participação nos estudos, dos cursos daquela instituição oferecia para o meu primeiro emprego que foi no escritório de contabilidade. Nesse trabalho eu fiquei 13 anos e aprendi muito com o meu empregador daquele escritório aonde me incentivou a dar continuidade nos estudos e após concluir ensino médio, eu fiz o curso técnico contábil com recursos próprios na área privada. Mas ao concluir o curso técnico, realizei um breve teste vocacional onde tive ali o direcionamento que a área de estudos que eu gostaria mesmo de me formar era na área da Educação. Na verdade na área de humanas, mas especialmente na educação foi quando eu decidi fazer o curso de pedagogia e ingressei na Universidade Federal.*

17. Com quantos anos você concluiu o ensino médio/secundário?

*Eu tinha aproximadamente 18 anos.*

#### INSERÇÃO NA GRADUAÇÃO

1. Você fez cursinho pré-vestibular/preparatório para entrar no ensino superior? Qual tipo (cursinho particular ou popular)?

*Fiz um cursinho preparatório intensivo de férias que durou pouco mais de um mês, ou seja, 30 dias, e esse curso deu uma base mínima não tão sólida. Mas, o que me ajudou foi o teste vocacional que fiz nesse curso. Após concluir esse curso preparatório intensivo, prestei vestibular para ciências contábeis, mas não ingressei e ao fazer o teste vocacional que me apontou a área de humanas, eu*

*tentei um segundo vestibular no ano seguinte daí para pedagogia e desta vez consegui sucesso e ingressei na Universidade Federal do Paraná.*

2. Por quanto tempo fez cursinho/preparatório?

*Respondido anteriormente: 30 dias.*

3. Quantas vezes prestou vestibular até ingressar em Ciências da Educação e/ou Pedagogia?

*Respondido anteriormente: uma vez.*

4. Quais os motivos que o levaram a prestar vestibular para esse curso?

*Na minha juventude eu me converti como cristão. Tomei uma decisão de seguir a Cristo, de participar da igreja e eu tinha um desejo de ser útil na sociedade para ajudar outras pessoas como uma vocação pessoal. Então ao fazer aquele teste vocacional apontou uma área que eu poderia atuar seria na área de humanas, e especialmente, em cursos relacionados à educação ou também no serviço social. Dentre as possibilidades que o analisei na época, escolhi a pedagogia onde eu poderia trabalhar com educação e auxiliar na formação de outros jovens, crianças e pessoas que atenderia não somente a uma questão pessoal vocacional, como também uma aspiração profissional.*

5. Havia alguém em seu círculo de amizades, família ou algum professor que influenciou a sua escolha (curso, profissão)?

*Não, não especificamente. Todos os professores de modo geral contribuíram, mas a decisão para cursar pedagogia foi mais pessoal mesmo.*

6. Conte um pouco, sobre sua escolha do curso. Foi a sua primeira opção? Qual era a sua primeira opção?

*Na verdade foi um processo de amadurecimento das decisões pessoais e processo de descoberta também na fase da juventude. Eu estava bastante inclinado a cursar ciências contábeis porque eu havia trabalhado nessa área durante alguns anos. Desde o meu primeiro trabalho quando iniciei com 13 anos até eu concluir ensino médio e fazer o curso técnico já com 19 anos. Mas, eu acabei descobrindo que não era a área que eu realmente gostaria de atuar*

*profissionalmente durante toda a minha vida, então acabei mudando de direção dando um novo direcionamento indo para a área de humanas especialmente para a educação e escolhi fazer pedagogia.*

7. E a Universidade, por qual motivo escolheu a UP ou UFPR?

*Quanto a Universidade Federal foi uma escolha bastante óbvia para mim na época porque como eu não tinha recursos e meus pais não tinham condições de custear uma universidade particular para mim, eu não tinha muitas opções. Porque naquela época não tinha uma diversidade de opções como temos hoje, como educação à distância, como educação semipresencial, várias instituições de ensino superior concorrendo entre si e fazendo com que a relação de oferta e procura e a demanda criem oportunidades de cursar com um valor mais acessível. Na época eu ia para Universidade Federal ou eu ficava sem estudar porque não tinha condições de pagar a PUC ou outras instituições privadas que é muito caras e o que eu ganhava no meu trabalho, não era suficiente. Então, eu me obriguei a tentar Universidade Federal e graças a Deus tive ali êxito no segundo vestibular que eu prestei e acabei ingressando na Universidade Federal no ano de 2001.*

8. Você fez curso ou iniciou curso técnico ou outro curso superior antes de ingressar em Ciências da Educação ou Pedagogia?

*Respondido anteriormente: Curso técnico pós médio em Contabilidade.*

9. Como foi o seu primeiro ano na Faculdade? Quais as dificuldades que você teve? Algo foi significativo?

*Então é o meu primeiro ano foi um ano assim muito importante, Porque realmente eu tive algumas dificuldades por conta da formação, talvez um pouco precária que eu tive na educação pública que não me apresentou todos os conteúdos de aprendizagem que era para requisitos para eu poder dar continuidade nos estudos no ensino superior de uma maneira mais tranquila ou satisfatória. Então, eu tive dificuldades especialmente em disciplinas de cálculos, porque havia muitos conteúdos que eu não havia visto no Ensino Médio. Mas as dificuldades, consegui superar com bastante dedicação e apoio dos professores e de alguns colegas também. E, para mim todo o ensino superior, os quatro*

*anos foram muito significativos foi a melhor fase de estudos da minha vida. Foi quando realmente eu estudei por prazer, foi quando realmente eu consegui me destacar como estudante entre os melhores alunos da turma e foi o período onde eu mais aprendi. Transformou muito a minha perspectiva de vida, minha visão de mundo, me inseriu em outro contexto de compreensão da realidade da minha volta foi o ensino superior.*

10. E no segundo e terceiro ano, mudou algo em relação a Universidade? E ao final do curso?

*E eu gostaria de compartilhar uma experiência muito significativa que eu tive no trabalho de conclusão de curso na universidade. Foi um trabalho diferenciado, alternativo naquela época em que nós somos estudantes que estavam para se formar em pedagogia, participamos do projeto de assessoramento aos professores da rede pública nos municípios da região do Vale do Ribeira, então nós íamos até aqueles municípios como Itaperuçu, Rio Branco, Cerro Azul, Adrianópolis, Tunas, entre outros e nós dávamos minicursos de assessoria pedagógica aos professores daquela região e daqueles municípios. Para nós foi muito significativo, porque foi como se nós tivéssemos uma experiência in loco, já antecipando o nosso futuro profissional no contexto escolar e da sala de aula e da convivência com professores. Foi muito importante.*

11. O que a Universidade foi para você?

*A universidade para mim abriu portas para o meu futuro profissional. Na verdade a universidade para mim ela acabou sendo um divisor de águas na minha vida, da perspectiva, de aspirações de trabalho, de realização de sonhos e também me colocou no contexto de conhecer novas pessoas então aumentou o meu círculo de amigos, de experiências do meu círculo social também.*

12. Para sua família, você saberia me dizer qual a importância da Universidade para eles?

*Sim, na verdade nós rompemos um ciclo na minha família de gerações que não tiveram acesso aos estudos, de acesso ao ensino superior. Então, para minha família não só os meus pais, mas para os meus tios e outros familiares eu fui motivo de orgulho para família, de alguém da família ter acesso ao ensino*

*superior e ter conseguido se formar, né? Então, foi muito importante e parece que servi para outros familiares, um pouco mais jovens também, como primos, para poder ir também buscar a continuidade dos estudos acessando ao ensino superior também.*

13. Você participou de alguma atividade cultural dentro da Universidade?

*Sim, participamos de várias oficinas, minicursos algumas feiras educacionais. Mas eu não era muito envolvido com centro acadêmico porque precisava viajar muito e nesse contexto da universidade, já havia me casado e já tinha o meu primeiro filho, então já tinha construído pela família. Então eu não tinha muito tempo disponível para dedicar as atividades extracurriculares, mas especialmente as atividades que eram no próprio entorno da Universidade, aqui no centro de Curitiba ou entorno da região, eu procurava participar. Mas, quando precisava viajar geralmente eu não participava, né?*

14. Como classificaria seu rendimento escolar dentro da Universidade?

*E quanto ao meu rendimento de estudante na universidade eu tive um aproveitamento ótimo. Fiquei entre os três estudantes que tiveram melhor índice de rendimento e fiquei, se não me falha a memória, com rendimento de 8,7. Então para mim foi bastante importante porque eu não só cursei, mas eu aproveitei e aprendi muito na universidade.*

15. Você teve alguma dificuldade com o curso (leituras, com os colegas) ou com os professores?

*Respondida anteriormente, disciplinas ligada a cálculos.*

16. O seu padrão de vida é diferente do que seus familiares? Você acredita que isso se deve ao fato de ter nível superior?

*Sim, acredito que eu consegui manter um padrão digno de vida. Ainda que nos últimos anos a valorização dos profissionais da educação não tenha sido a altura do merecimento desses profissionais. Mas ainda assim, a formação superior me oportunizou eu ter um padrão de qualidade de vida minimamente digno para poder também oferecer a minha família ali as mínimas condições, né? Para que eles possam também ter ali acesso aos estudos e aquilo que é necessário para*

*a vida, então com certeza se eu não tivesse cursado ensino superior e não tivesse me formado e não tivesse uma profissão hoje eu trabalharia em subempregos. Em trabalhos talvez braçais ainda que dignos e honestos, mas que não me oportunizariam ter as condições que eu tenho hoje para viver, então foi importante sim. Quanto à minha família, acredito que fez diferença sim, sendo inspiração para alguns familiares. A minha irmã, por exemplo, ela só cursou ensino superior porque ela viu no meu exemplo a possibilidade real de conseguir acessar e concluir uma universidade. Então, acredito que foi importante para a família também.*

17. E quando você estava na Universidade, enquanto estudante você trabalhou? Fez estágios? Foi bolsista?

*Durante todo o período do curso universitário eu trabalhava no trabalho de subsistência na área contábil, não era a área que eu estava me formando. Foi importante esse trabalho, por que me ajudou nesse período. Mas, graças a Deus e também pelas circunstâncias da época, quando eu me formei na universidade já abriu alguns concursos públicos. Na ocasião no estado do Paraná, Prefeitura de Curitiba e na prefeitura de São José dos Pinhais. Então, quando estava concluindo o curso no ano de 2004, eu já prestei esses concursos públicos e no início de 2005, quando eu me formei eu já estava aprovado no concurso público do Estado do Paraná e da Prefeitura de São José dos Pinhais, para poder trabalhar como professor pedagogo e como pedagogo. Então, quando eu saí da universidade já entrei no mundo do trabalho, para atuar na área que eu havia me formado, ou seja, para trabalhar como pedagogo ou professor pedagogo na área da educação pública escolar.*

*No estágio obrigatório eu tive duas experiências que foram muito boas e importantes para mim. Uma delas foi trabalhar como professor adjunto ali no estágio ou professor substituto, professor de apoio junto ao CEEBJA Paulo Freire em turma de Jovens e Adultos, especialmente adultos na verdade. E foi muito importante e outra experiência que eu tive foi trabalhar também com EJA, mas no contexto aqui dos anos iniciais do ensino fundamental em São José dos Pinhais, fiz um estágio na escola na Escola Mário Flores, foi muito assim significativo, porque não tive uma experiência para também trabalhar na sala de*

*aula diretamente com os estudantes, mas também com o apoio de professores, então foi muito importante, me auxiliou bastante na esfera profissional.*

18. Você participou na Universidade de Congressos, Seminários, atividades extracurriculares?

*Não participou.*

19. Frequentou os eventos realizados no Campus (inclusive os pagos)?

*Pelo que recordo nenhum dos eventos eram pagos, sempre eram eventos gratuitos quando era organizado pela Universidade, inclusive o projeto que nós participamos de conclusão de curso lá nos municípios da região do Vale do Ribeira, foi totalmente custeado pela Universidade Federal do Paraná, transporte, alimentação, estadia então não recordo de haver cobranças pela participação de eventos que eram ligados à universidade.*

20. No contexto da graduação, qual das disciplinas foi mais significativa na sua formação e para o exercício profissional?

*Difícil dizer porque muitas disciplinas foram marcantes para mim, mas história da educação, eu acredito que foi muito importante. Mas, a mais importante tenha sido a disciplina da professora Acássia Kuenzer, trabalho e educação alguma coisa que fala do trabalho, por que nos deu bastante informações e bastante subsídio na questão do aspecto prático da formação profissional, dos direitos do trabalhador e dos deveres também. Acho que é trabalho e educação o nome da disciplina da professora Acácia Kuenzer. Apesar que história da educação gostei muito também.*

21. Fale o ano de inserção e conclusão do seu Curso de Graduação. Ocorreram lacunas no período de graduação? Você trancou a matrícula? Quais foram os motivos?

*Então eu fui do início ao fim sem nenhuma lacuna grande no curso, porém o início do curso teve que ser postergado devido a uma greve que estava correndo na época, foram alguns meses. Então, o curso começou tardiamente quase um semestre e depois disso não tem mais nenhuma intercorrência, foram 4 anos ininterruptos.*

22. Estudou em qual período? Houve mudanças de período?

*Eu estudei somente no período noturno que era o único período que eu tinha disponibilidade de tempo para estudar, uma vez que eu precisava trabalhar no período diurno porque eu tinha uma família para sustentar. E eu estudei no prédio da Reitoria no Centro de Curitiba.*

#### ATIVIDADES SOCIAIS E LAZER

1. Você possui hobbies? Quais são?

*Bom, são poucas atividades de lazer devido a pouco tempo também disponível, pois uso a maior parte do tempo para trabalhar e o pouco tempo que sobra juntamente com a família nos dedicamos a trabalhos na igreja. Então que tipo de lazer temos? Passeios gastronômicos, né? Restaurantes, pizzaria. Raramente vamos à praia ou a piscina. Em algum Parque Aquático, especialmente na época do calor. E temos programações que envolvem o contexto da igreja. Um dia nós participamos de conferências, viagens, de trabalhos com jovens, eventos em praças ou nas casas das famílias e também quando estamos em casa, gostamos muito de cinema, né? Então na verdade um lazer externo também que posso citar é que a gente vai com alguma frequência no cinema. Teatro muito raramente, até porque é para consumir esse bem cultural é um pouco mais difícil, porque ele tá um pouco um pouco menos acessível para nossa condição financeira, né? Então nós vamos mais ao cinema e em casa gostamos muito de assistir filmes e séries. Programas em famílias assim no contexto do lar mesmo.*

2. Quais são as suas atividades de lazer?

*Respondido na pergunta anterior.*

3. Quem participa dessas atividades (familiares, amigos)?

*Respondido na pergunta anterior.*

4. Você possui um círculo de amizade? Fazem confraternizações com frequência?

*Respondido anteriormente: família, igreja.*

5. Quais lugares de lazer mais gosta de frequentar? Fale sobre eles.

*Respondido anteriormente.*

6. Você dedica algum tempo para leitura?

*Atualmente bem pouco, já dediquei mais tempo a leitura. Estou numa fase da minha vida onde o tempo é uma moeda muito valiosa que a gente dispõe de pouco, né? Então eu tenho dedicado pouco tempo a leitura, mais me dedico à leitura obrigatória, né? Eu preciso para o trabalho, para uma formação que está em curso, pois nós estamos em contínua formação, né? Sempre estamos nos requalificando profissionalmente por meio de cursos online, especializações. Eu já fiz duas especializações e vários cursos de formação continuada então nos obriga a constantemente efetuar leituras para dar conta dessas formações. Mas, leitura de prazer, leitura de lazer pouco tempo tenho dedicado atualmente. Já tive mais tempo uns 10 anos atrás eu lia um pouco mais, nos últimos cinco anos, principalmente somente leituras obrigatórias.*

7. Você tem alguma atividade religiosa?

*Já respondido anteriormente. Sim.*

## TRABALHO

1. Com quantos anos iniciou a trabalhar? Conseguiu conciliar as suas tarefas educacionais com o trabalho?

*Eu desde muito pequeno já estava inserido no contexto do mundo do trabalho, com nove anos eu já vendia picolé com a caixa de isopor pelas ruas, primeiro a pé e depois de bicicleta e já fazia o meu dinheirinho. Também quando era ainda criança e naquela época o Conselho Tutelar não se opunha a essa atividade desde que nós conseguíssemos conciliar os estudos. Eu sempre estudava e dava um jeitinho de trabalhar. Mas, o meu primeiro trabalho formal foi aos 13 anos de idade trabalhando como office-boy no escritório de contabilidade onde eu persisti nesse trabalho por 13 anos da minha vida, onde eu depois fui promovido para auxiliar contábil e só saí desse trabalho quando eu ingressei no trabalho na área de educação como Servidor Público trabalhando com professor, professor pedagogo e pedagogo nas escolas públicas. Aí já com 25 anos de idade. Então dos 13 anos em diante, eu nunca fiquei desempregado, graças a Deus.*

2. Você trabalhou desde cedo para pagar os estudos?

*Não, nos primeiros anos da minha vida, eu usava para questões pessoais mesmo, roupas, calçados. Minha mãe não exigia que ajudasse em casa porque ela entendia que se eu comprar as coisas para mim mesmo, já era uma ajuda para ela, né? E eu comecei a usar parte dos recursos para os estudos quando eu concluí o ensino médio, porque queria fazer o meu curso técnico e daí eu mesmo paguei as mensalidades, matrículas e despesas com os estudos para me formar em técnico em contabilidade. Depois disso quando eu fui para a Universidade também usava os recursos para aquisição de livros, fotocópia de materiais impressos para os estudos, a questão da alimentação e transporte. Então, a minha fase do pós-médio e superior usava parte dos recursos para custear os estudos. Mas como eu consegui estudar pela Universidade Federal do Paraná, não comprometeu uma parte tão significativa da minha renda do meu salário, então foi bem tranquilo.*

3. Como foi a escolha da sua profissão (Ciências da Educação e Pedagogo)? Teve informações sobre outras profissões, outros cursos?

*Quando eu fui escolher a minha profissão de pedagogo, cursar Pedagogia na Universidade, inicialmente eu fiz um teste vocacional, como havia dito anteriormente, que apontou ali as áreas que eu tinha mais facilidade para estudar, isso foi uma confirmação daquilo que eu já sabia, né? Que eu já percebi e tinha alguns cursos em vista. Eu pensei em cursar serviço social, gostava muito de história e também contemplei a pedagogia, mas o que pesou mesmo para eu escolher pedagogia foi a disponibilidade no horário de estudos noturnos. Porque o curso de História ele não tinha a disponibilidade exclusivamente para o ensino noturno ele era ou diurno ou misto e Serviço Social da mesma forma. Na verdade na Universidade Federal do Paraná naquela ocasião não tinha serviço social, só havia em instituições particulares e história que eu também tinha interesse em estudar não tinha no período noturno. Então, optei pela pedagogia porque era o curso que tinha disponível no período noturno entre aqueles que eu queria estudar.*

4. Você trabalha na sua formação (Ciências da Educação e Pedagogo)? Qual é o cargo que ocupa? Há quanto tempo atua?

*Desde 2005 tanto na Secretaria de Estado de Educação do Paraná quanto na Secretaria Municipal de Educação de São José dos Pinhais, atuo como pedagogo e professor pedagogo.*

5. Foi fácil conseguir emprego na sua área de graduação?

*Diferente da maioria das respostas que as pessoas costumam dizer, mas, sim. Porque logo que eu me formei, já prestei concurso público e tive uma boa colocação nos dois concursos e entrei assim, já na primeira chamada. Então, não tive maiores dificuldades para ter a minha primeira colocação que depois me deu acesso a um plano de carreira nessa função, tanto no Estado do Paraná quanto na Prefeitura de São José dos Pinhais, então foi fácil sim. Sou muito agradecido pelas oportunidades que tive e por ter conseguido aproveitá-las. No Estado trabalho com os anos finais do Ensino Fundamental e com Ensino Médio e no município de São José dos Pinhais eu trabalho com os anos iniciais do Ensino Fundamental,*

6. Qual sua opinião sobre a profissão que escolheu, você escolheu certo, ou se arrepende?

*Eu escolhi certo, mas tenho a consciência que temos enfrentado muitos desafios nos últimos anos tanto pela questão da precarização da estrutura de trabalho no setor público, quanto também pela crescente baixa valorização do magistério e da educação por parte de vários setores da sociedade, inclusive das mantenedoras que depende muito das gestões que administram. Então nós percebemos muita descontinuidade de bons programas ou projetos de educação oscilando conforme os grupos políticos que alternam o poder. Então falta um programa de nação, ou melhor, um programa de educação permanente que não dependesse apenas das oscilações de governo e de linhas político-partidárias.*

7. O que você mais gosta na sua profissão? E o que não gosta?

*O que eu não gosto é da burocracia que faz parte de nosso trabalho que infelizmente atrapalha o nosso trabalho, mas a gente entende que existe toda uma questão de documentação legal que tem que ser atendida, de registros, mas essa parte eu gosto pouco. O que eu mais gosto são das pessoas, de poder lidar com as pessoas, de poder me relacionar com as pessoas, dos*

*colegas de trabalho, dos estudantes, das famílias, de poder perceber que nós podemos ser úteis e fazer a diferença na vida de outras pessoas, acrescentar na formação e no desenvolvimento humano de outros seres humanos também. Entendendo que é sempre uma relação recíproca dialética: nós nunca apenas contribuímos, muitas vezes nós também somos beneficiados com essas relações e ajudam também na formação pessoal.*

8. Você acha a carreira de pedagogo e profissional em ciência da educação, interessante?

*Sim, eu acho interessante. Acredito que deveria ter um pouco mais de organização profissional como um órgão que regulamentasse a profissão do pedagogo. Nós ainda somos confundidos com outras áreas de atuação, como professores de áreas específicas e também, sempre está em voga a questão da identidade do profissional de pedagogia, né? E que também é uma questão mesmo que a crise de identidade e que é muitas vezes ela acomete os profissionais dessa área, mas eu acho muito importante, sim. Como a minha formação foi uma formação do pedagogo, pedagogo unitário que nos formava não para ser especialistas supervisores ou orientadores, mas como realmente cientistas da educação que trabalham a educação como um todo né? Então a importância da carreira de pedagogo está em contemplar a educação como um todo né? Então tudo é importante na área da educação e o pedagogo deve estar atento a todos os aspectos que envolvem a formação, né? O professor, o estudante, as famílias, os processos legais, os processos documentais então eu considero muito relevante a profissão e a carreira do pedagogo. Só acho que falta um pouco mais de organização da classe para subsidiar o nosso trabalho também.*

9. Quanto a expectativa de salário, é recompensador?

*Então, é um pouco frustrante não só para nós professores pedagogos. Mas para todos os profissionais que atuam na área de educação ver que nós não somos valorizados à altura das nossas formações, né? Então a expectativa nossa é que nós tivéssemos um pouco mais organização não apenas no que diz respeito à remuneração especificamente, melhores condições de trabalho, um plano de saúde ou um olhar um pouco mais favorável para incentivar, para*

*fomentar o profissional de educação e o profissional pedagogo também. Então as nossas expectativas estão muito aquém da realidade, a realidade não alcança nossas expectativa ainda, mas acredito sim que vale a pena lutar dentro dos âmbitos da lei para que esse cenário possa ser revertido.*

10. Atualmente, qual seria o maior problema na sua profissão?

*Então, o maior problema que nós percebemos atualmente na nossa profissão é a dificuldade que as famílias encontram atualmente de dar o mínimo de condições da formação prévia que os estudantes deveriam ter nos lares, aquela formação familiar, aquele cuidado, aquele acompanhamento. E nós recebemos muitas vezes estudantes que vem de famílias com outras estruturas que antigamente se diziam desestruturadas, mas hoje nós falamos outras estruturas, mas são famílias muitas vezes que não conseguem atender as mínimas necessidades estudantes. Então os estudantes eles chegam com muitas feridas emocionais, muitas carências nos diversos aspectos da vida. Então, nós temos que muitas vezes dar conta de situações não fazem parte do papel e das atribuições específicas da atuação do pedagogo, ou professor ou do profissional da educação. E muitas vezes, nós temos que entrar na área da Psicologia, na área da saúde, na área da Assistência Social para poder atender situações diversas que fazem parte mais de um contexto social, precarizado e adoecido da sociedade em que vivemos atualmente. Então, essa é a maior dificuldade: atender um público que já vem com muitas lacunas para escola, não só estudantes, mas de famílias também. Então ao mesmo tempo em que é uma dificuldade é um desafio que nos motiva também a cada vez tentar fazer o nosso melhor.*

11. Você teria alguma solução para este problema?

*Não vejo solução. Vejo medidas para podermos minimamente atenuar ou amenizar esse problema porque seria muito utópico citar qualquer solução imediatista; uma solução seria a longo prazo, mas a curto e médio prazo é o envolvimento de vários setores da sociedade no trabalho de rede, isso auxiliaria bastante. Uma rede de proteção mais efetiva. Existe hoje rede proteção, mas nós percebemos que é pouco efetiva. Então se cada setor, área da saúde, área da segurança, área de lazer, área da educação, área do esporte, área da*

*tecnologia trabalhasse de forma conjunta em rede poderíamos encontrar soluções a médio prazo, como por exemplo: inserir as crianças, os adolescentes em programas sociais, culturais, esportivos. Para que eles pudessem ter um apoio além do apoio da família e além do apoio da escola, para se inserir no contexto de sociedade com mais qualidade para que pudessem ter outras expectativas do projeto de vida. Uma dimensão da formação integral do sujeito então o trabalho em rede com os diversos setores e âmbitos e ferramentas da sociedade pública e privada poderiam ajudar a mudar esse cenário a médio e longo prazo.*

12. As atribuições de professor/pedagogo e licenciado em ciência da educação, são as mesmas? O que na sua opinião as difere?

*Bom, eu não tenho conhecimento sobre toda a grade curricular e a formação dos professores licenciados em educação, eu sei de pedagogia. O que eu posso por inferência, conjecturas dizer é que a formação do pedagogo perdão, ela tem uma abrangência maior e mais completa uma visão mais holística da educação e do processo de desenvolvimento humano e escolar, ao passo que a formação específica do professor às vezes não dá conta dessa abrangência, mas é mais restrita e mais direcionada, né? Então, penso que todo professor deveria ter um pouco mais de formação pedagógica na sua graduação. Isso contribuirá mais para que os professores não se tornassem especialistas tão fechados no seu componente curricular, na sua área de atuação, mas que pudessem compreender que outros aspectos externos a sala de aula e externos a relação professor-aluno e externos à aprendizagem daquele componente curricular, daquela área específica, também interfere e muito no desenvolvimento e na aprendizagem do estudante. Como questões relacionadas à família a saúde e a questão mesmo da relação interpessoal e intrapessoal daquele ser em desenvolvimento que nós chamamos muitas vezes de estudante.*

13. Na sua opinião como a sociedade vê o papel do pedagogo e do licenciado da ciência da educação?

*Então, a nossa visão de profissional formado é que nós somos mediadores e articuladores no processo educacional, entre o estudante e o conhecimento passando pelo professor e pelos sistemas de ensino também. O nosso trabalho*

*é lidar com planejamento, o nosso trabalho é lidar com orientação, o nosso trabalho é lidar com formação continuada, o nosso trabalho lida com a mediação de conflitos, o nosso trabalho é lidar com a facilitação da aprendizagem. Mas, a sociedade nem sempre nos percebe dessa maneira, por conta da precarização da estrutura de trabalho na qual nós estamos inseridos. Então muitas vezes nós acabamos tendo que dar conta de situações que são alheias a nossa atribuição principal e daí, somos percebidos como aquele que sempre está resolvendo problemas imediatos e apagando situações de incêndio na escola. Aquele que fica separando problema de briga na escola, tratando questões disciplinares, lidando com questões de ordem de relacionamento, então parece que boa parte da sociedade não percebe o pedagogo como o cientista ou como um agente que atua estritamente na educação. Mas, parece que nós somos como se fosse um tarefeiro na escola que lida com diversas questões e também com a educação. Então, às vezes parece que nosso objeto principal de trabalho se torna secundário por conta dessas situações de cunho imediato que nós temos que atender na escola, por falta de trabalhadores da educação que possam atender essas questões também. E acaba acumulando situações de trabalho para o pedagogo, professor pedagogo as quais poderiam ser atendidas por outros trabalhadores na área de educação com outras formações.*

14. Você consegue se manter atualizado? De que maneira?

*Conseguimos nos manter atualizado, mas de uma maneira mínima. Talvez não satisfatória quanto gostaríamos, porque devido talvez, a necessidade de trabalharmos uma carga horária maior, muitos profissionais da educação como eu por exemplo, trabalham 60 horas semanais, né? Então, trabalham 12 horas por dia e acaba não tendo um tempo de qualidade para leitura, para a formação pessoal. Então, nós acabamos participando daquelas formações continuadas que são ofertadas pelas mantenedoras e que são incentivadas como obrigatórias ou quando há ali um constrangimento de participação dessas formações para o avanço do plano de carreira ao qual estamos ligados. Então, nós estudamos sim, nós participamos de formação sim, mas bem menos do que nós gostaríamos ou poderíamos. Mas isso também é um sintoma de uma questão maior, que é a questão do sistema ao qual nós estamos subordinados*

*que não nos dá estrutura adequada e necessária para termos tempo para essa atividade.*

15. Aonde você trabalha atualmente, recebe incentivo financeiro para essas capacitações?

*O incentivo financeiro é irrisório, é mínimo. Por exemplo no governo do Estado do Paraná, nós estamos praticamente há 12 anos sem termos reajustes de reposição das perdas inflacionárias. Salvo três por cento que foi concedido em 2 anos atrás que não foram suficientes para poder valorizar ou repor as perdas dos nossos ganhos dos últimos anos. E também tivemos alguns anos em que não foi concedido os avanços e progressões pelas participações nas formações e no plano de carreira. Então, nós não temos um incentivo adequado por outro lado no âmbito do sistema de ensino municipal, nós percebemos que temos mais incentivos. Nos últimos anos a gestão que tem atuado no sistema de ensino municipal tem fornecido mais incentivos para os trabalhadores na educação, para os professores, para os pedagogos então sentimo-nos um pouco mais estimulados a estudar. Mas, é claro que ainda que não tenhamos incentivo financeiro em toda nossa dimensão profissional, mesmo assim nós participamos dessas formações porque nós entendemos que elas são importantes para o nosso trabalho também. É claro que gostaríamos de ter mais incentivo.*

16. A sua profissão se distingue de outras profissões? Como? No que em específico?

*A nossa profissão se distingue de maneira muito peculiar de todas as profissões. Porque a partir da nossa profissão – os profissionais da educação, os professores, os professores pedagogos, os pedagogos – é que todas as outras profissões elas tem o seu início e a sua origem. Se não fosse o seu professor ou pedagogo é aquele que atua na formação do ser humano, aquele que atua na formação básica na pré-escola, nos anos iniciais do ensino fundamental, nos anos seguintes no ensino fundamental e no ensino médio não haveriam profissionais de nenhuma área. Então, nós entendemos que a nossa profissão, ela é impar, singular e demasiadamente relevante para a formação do tecido*

*social coeso e de qualidade. E o paradoxo de tudo isso é que a nossa profissão é uma das menos valorizadas.*

17. Você é respeitado por ser um profissional da educação ou pedagogo? Sua família o respeita?

*Eu sou respeitado por vários âmbitos da minha experiência de vida, mas não por todos. Eu sou muito respeitado pelos meus familiares pela minha profissão, pela minha atuação, pela minha formação. Sou respeitado por boa parte dos meus colegas de trabalho, por boa parte dos estudantes e por boa parte dos familiares dos estudantes. Há uma minoria que não respeita satisfatoriamente a nossa atuação e nossa formação, mas nós entendemos que dentro de uma estatística, nós estamos sendo bastante respeitados. Porém, percebemos também que nós não somos tão respeitados e tão valorizados por aqueles que deveriam dar condições de trabalho para nossa atuação em alguns âmbitos do nosso trabalho. Então, nós percebemos que os responsáveis pelo sistema de ensino poderiam nos dar mais estrutura de trabalho, né? Isso seria um respeito maior para nós também. Mas, de forma geral sim, eu me considero respeitado no meu trabalho.*

18. Valeu todo o investimento material, intelectual e o esforço para sua formação?

*Sim. Valeu, não me arrependo. Se eu tivesse oportunidade quando era mais jovem, eu ainda gostaria de ter uma segunda formação para poder auxiliar no meu conhecimento e formação profissional e talvez pudesse abrir outras oportunidades ainda de crescimento profissional. Hoje eu tenho possibilidade de ter acesso a outra informação, no sentido de custear essa formação, mas não tenho tempo disponível para isso. Então eu incentivo os estudantes, os jovens, inclusive os meus filhos para procurar o mais jovem possível, acesso a mais de uma formação e se especializar e se prepararem o quanto antes para poder ter no futuro condições de exercer a profissão da melhor maneira possível. Mas eu não me arrependo dos investimentos que eu fiz de tempo, de trabalho de recursos financeiros, mas principalmente o investimento da minha energia de vida, minha energia vital e do meu tempo na minha formação.*

19. O padrão de vida que você tem, condiz com o que esperava quando estava cursava pedagogia ou ciência da educação?

*Então, nos primeiros anos de vida até relacionado a um momento social em que nosso país viveu naquele período, nós experimentamos um grande otimismo na expectativa e da qualidade de vida e até experimentamos alguns acessos a situações que nós não esperávamos ter. Porém, nos últimos anos talvez até devido ao contexto social, não apenas regional, mas mundial a expectativa com relação à qualidade de vida e de acesso a bens, a bens de cultura a bens de consumo, diminuiu bastante e nós estamos vivendo um momento menos otimista, né? Então as minhas expectativas oscilaram tinha os momentos de otimismo onde tinha expectativas assim, talvez além daquelas que eu esperava quando era estudante universitário, mas agora estamos passando por um momento de menos otimismo onde nós percebemos que nosso poder aquisitivo ele diminuiu que nós poderíamos ter esse momento melhor. Então, atualmente a minha expectativa está frustrada não só a minha, mas a de todos os colegas que atuam na área da educação. Então são momentos distintos que nós passamos, mas nós temos a esperança de viver outros momentos com outras expectativas também, né? E que a situação possa melhorar no futuro.*

20. Condiz com o padrão de seus pais? É igual, pior ou melhor?

*No contexto específico da minha família é melhor, mas percebo que quando os colegas vêm de um contexto familiar onde os seus pais já tinham ali uma condição mais estruturada, talvez a situação seja equivalente ou até inferior.*

21. O que mudou na sua vida após a sua graduação?

*Mas assim eu consigo dizer o seguinte que após a minha graduação, a minha vida mudou em alguns aspectos, eu tive um pouco mais de acesso ou bem mais acesso a conhecimento, a recursos financeiros, mas eu tive bem menos acesso a qualidade de vida e de tempo ocioso produtivo. Aquele tempo em que nós podemos relaxar, pensar, meditar. A minha vida se tornou também muito mais atarefada depois da minha formação universitária. Mas, principalmente depois da entrada no mundo do trabalho, na área de atuação. Então sinto que hoje temos pouco tempo para dedicar a questões de realização pessoal e familiar. Por que a maior parte do tempo é tomada pelo trabalho.*

22. Você faria tudo de novo? O que mudaria?

*Eu faria tudo de novo no que diz respeito a formação, a profissão, mas eu teria cuidado se eu soubesse, se eu tivesse assessoria e conhecimentos prévios da minha gestão financeira. Porque nós temos muita deficiência na educação para administração de recursos financeiros. Eu teria me programado de uma forma diferente, teria administrado os meus recursos de uma forma diferente para poder preparar um pouco melhor o meu futuro. Então demorei muito para entender e para aprender algumas lições na gestão financeira dos recursos na minha vida. E isso fez falta.*

23. Tem alguma outra coisa que queira falar sobre a sua trajetória acadêmica e profissional?

*Eu me sinto realizado na minha trajetória acadêmica e profissional. E eu realmente sou uma experiência, uma prova viva de que a educação ela é transformadora. Ela pode transformar sim, não somente a condição material de uma pessoa, mas a condição também, da consciência e também a condição espiritual da vida humana, por que a educação não é simplesmente a uma educação escolar, a educação e a formação humana ela também acontece no espaço escolar, mas ela passa para outros âmbitos também. E fazem parte da minha formação. Minha formação não foi só a escola, não foi só o curso técnico e não foi só a universidade. A minha formação foi a minha família, a minha formação foram as minhas relações e as pessoas que passaram pela minha vida. A minha formação foi a igreja, a minha formação também foi a escola a minha formação também foi a universidade. Tudo isso faz parte da formação e tudo isso faz parte da educação e tudo isso transformou a minha vida. E isso eu hoje pego como uma lição, como uma experiência que a educação pode transformar a vida também de outras pessoas que chegam muitas vezes para nós sem condição nenhuma, sem estrutura nenhuma, vivendo uma precarização em diversos sentidos. Então a gente entende sim, que a educação ela realmente é transformadora e na minha trajetória transformou minha vida. E eu quero tentar ser um agente multiplicador, de levar essa experiência transformadora da educação para outras pessoas também, especialmente para as crianças, para os adolescentes que estão no processo de formação inicial. E o que eu poderia*

*acrescentar a uma pesquisa como essa, é uma pesquisa que me fez várias reflexões importantes da minha vida que me ajudou a retomar como se fosse uma retrospectiva daquilo que eu passei na vida. Então, eu tenho a agradecer.*

24. Tem algo que queira acrescentar ou deixar registrado como sugestão.

*O que eu tenho a acrescentar é a gratidão por ter participado dessa pesquisa, contribuindo minimamente para o seu trabalho e desejar que você tenha muito sucesso e muita felicidade na tua atuação profissional, na tua formação que você vai ser excelente mestra e profissional.*

### **8.2.2 Entrevista 2 – ECAC (Portugal)**

Iniciais do nome: *ECAC*

Mês e ano de Nascimento: *01/07/1986*

Cidade e Estado de Nascimento: *Vila Nova de Famalicão*

Orientação Sexual: *feminino*

Estado Civil: *solteira embora em união de facto*

Tem filhos (as)? ( ) Não ( ) Sim. Qtos: *Sim, tenho 3 filhos.*

Composição familiar (quantas pessoas residem em sua casa (nome, parentesco, idade, escolaridade, profissão, renda), além de você?

*Total de 5 pessoas. Casal e filhos.*

Situação de Moradia (Residência própria/alugada/cedida/financiada/etc): *residência própria.*

Está inserido no mercado de trabalho? Tem registro? Qual seu local de trabalho? Há quanto tempo?

*Estou inserida no mercado de trabalho há 14 anos, sou educadora social e estou no mesmo sítio, trabalho em escolas, estou na escola de Pedome há 13 anos. Estive um ano em uma escola no Porto.*

Qual sua função? (pedagogo/professor/licenciado em ciências da educação)

*Licenciada em Ciências da Educação. Licenciatura antiga ao Tratado de Bologna, fiz a licenciatura de 4 anos e depois tenho o mestrado em Educação de Adultos e*

*Intervenção Comunitária. Mas, o mestrado fiz na Universidade do Minho.*

#### GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO DA FAMÍLIA:

1. Escolaridade e profissão do seu pai:

*Pai tem secundário, até o 12º ano e a minha mãe tem a 4ª classe (1º ciclo).*

2. Escolaridade e profissão da sua mãe:

3. Estado civil dos seus pais: ( ) Casados ( ) separados

*Casados.*

4. Você tem irmãos? ( ) Não ( ) Sim Qtos?

*Sim, tenho um irmão mais velho com 40 anos.*

5. Eles estudaram? ( ) Não ( ) Sim.

*Meu irmão tem o segundo ciclo. Não ele fez o 3º ciclo nas novas oportunidades a noite. Fez o segundo ciclo no contexto escolar e o 3º ciclo, enquanto trabalhador à noite.*

6. Algum fez o Ensino Superior? ( ) Não ( ) Sim. Qual curso de graduação?

*Já respondido na questão anterior.*

7. Tem algum familiar que fez Ensino Superior? Quem (parentesco) e qual curso?

*Mais próximo tenho primos. Primos tem muitos.*

#### SITUAÇÃO ECONÔMICA DA FAMÍLIA

1. Sua família tinha estabilidade econômica? Você acha que isso influenciou na sua escolaridade e na vida escolar de seus irmãos?

*Acho que sim, embora não sendo uma família muito abastada de um nível econômico superior, era uma família de classe média. Mas os meus pais sempre trabalharam os dois e então, acho que interferiu no sentido de poderem suportar os gastos com a minha educação e de valorizarem o meu percurso e a minha educação.*

2. Em que faixa econômica você situaria sua família? ( ) baixa ( ) média ( ) alta

*Já respondido na questão anterior: classe média.*

## ESCOLARIZAÇÃO INICIAL

1. Você cursou o ensino fundamental em escola pública ou privada? Quantos anos em cada tipo de instituição? Você sentiu diferença na qualidade do ensino entre as escolas pública e privada?

*Escola pública.*

2. Você cursou o ensino médio em escola pública ou privada? Quantos anos em cada tipo de instituição? Você sentiu diferença na qualidade do ensino entre as escolas pública e privada?

*Escola Pública.*

3. Como você considera o seu desempenho escolar (excelente, bom, médio, regular)? Repetiu alguma série?

*Não, não repeti nenhum ano. Considero o meu percurso bom, sempre fui muito empenhada.*

4. Participou em atividades extra-aulas como grêmio, jornal estudantil, teatro?

*Frequentar os clubes de línguas, no segundo ciclo frequentava o balé e música e acho que só. E depois na universidade também. Na universidade comecei a fazer voluntariado no Porto, no Grupo de Ação Social do Porto e até hoje faço parte. Eu fiz com vários públicos, eu fiz como idosos em Lages fiz com adultos em recuperação de tóxico dependências, dependências como álcool e fiz voluntariado internacional em Moçambique e em Cabo Verde.*

5. Qual disciplina você mais gostava?

*Acho que gostava muito de francês.*

6. Sua família participava de sua vida escolar? ( ) Não ( ) Sim

*Não muito, porque eles tinham um restaurante que ainda tem e isso é muito exigente. Trabalham de manhã, à noite e fins de semana. Então era muito difícil para eles participarem, iam a algumas reuniões, participavam de algumas atividades, mas eu ia sempre com os pais dos meus amigos. Não eram muito ativos nesta participação.*

7. Quem normalmente ia assinar seu boletim escolar/notas?

*Sim, eles assinavam o boletim mas não ajudavam nas tarefas. Também tinha a vantagem de não ser preciso. Eu era muito disciplinada então eles confiavam, não tinham que mandar ir estudar, eu sabia me organizar. Eu era muito autônoma.*

8. Quem ajudava nas tarefas escolares?

*Respondido na questão anterior. Não era necessário.*

9. Os seus familiares se interessavam pelo seu rendimento escolar? Como esse interesse era demonstrado?

*Eles interessavam sim, eles ficavam muito, muito contentes ao ver Mané estudar a chegar da escola e fazer resumos a fazer os trabalhos de casa. Sempre me manifestavam que eu merecia também algumas regalias que tinha das saídas com os amigos ao fim de semana. Aquela roupa que a gente pedia que era mais pronta. Eles sempre me mostravam que valorizavam e que merecia e que eu também merecia por ser muito, porque eles podiam confiar em mim sim e muito contentes sempre eu. E acho que também esta questão da participação. Eles diziam-me que quando eu dizia a esta reunião tens que tens que ir eles. Mas está tudo bem, por que eu tenho que ir à escola? Não seja aquela mentalidade de só ir à escola se fosse uma coisa. Mas eu dizia não tens que me nem que seja só para ouvir. Bom, então eles lá iam mesmo. Não está bem. Mas sim, sempre me valorizaram e incentivaram.*

10. Em quais matérias possuía dificuldade de aprendizagem?

*Acho que eu tinha mais dificuldade. Era na matemática e no latim que eu tive latim, e então tinha mesmo que estudar muito mais e aplicar muito mais, ir ver e treinar muito mais, porque era mais difícil.*

11. Quais foram as matérias em que mais se dedicou?

*Respondido anteriormente, latim devido a dificuldade que possuía.*

12. Seus pais iam à escola, conversavam com os professores?

*Já respondido anteriormente: sim, os pais iam com “empurrãozinho”.*

13. Havia alguém que estimulava você em estudar?

*Eram só eles (os pais).*

14. Sua família se preocupava com a escola? Participava de atividades na escola?

Ajudava na conservação da escola?

*Não. Eu acho que não. Que não havia essa necessidade a não ser os meus materiais e os meus materiais pessoais que a escola pedia para nós. Enquanto alunos, eles sempre proporcionavam tudo. Agora, coisas da própria escola, eu acho que também nunca foi pedido, nunca foi envolvido os pais nesse sentido. Mas tudo aquilo que era pedido da parte da escola eles garantiam.*

15. Seu percurso escolar foi marcado por dificuldades econômicas?

*Não que eu tenha percepção, não. Sei que na universidade os meus pais tiveram que fazer alguma gestão, mas nunca uma dificuldade séria.*

16. O critério de escolha da escola de 12.<sup>o</sup> ano, no caso, estava ligada à perspectiva de trabalho?

*Não.*

17. Com quantos anos você concluiu o ensino médio/secundário?

*Eu tinha aproximadamente 18 anos.*

## INSERÇÃO NA GRADUAÇÃO

1. Você fez cursinho pré-vestibular/preparatório para entrar no ensino superior?

Qual tipo (cursinho particular ou popular)?

*Não. Aqui não é muito comum. Não fiz.*

2. Por quanto tempo fez cursinho/preparatório?

*Respondido anteriormente: não fez cursinho.*

3. Para ingresso na universidade, você ingressou na primeira possibilidade que tentou?

*Na primeira tentativa.*

4. Quais os motivos que o levaram a prestar vestibular para esse curso?  
*Eu. Eu sabia que queria alguma coisa relacionada com pessoas, com a parte humana. Queria lidar com pessoas e fiz uma pesquisa e ao ver mais ou menos os currículos dos cursos, percebi que calharia primeiro de psicologia, depois ciências da educação e já depois acho que pus várias opções na área da educação. Não entrei em psicologia. Hoje agradeço porque gosto muito daquilo que faço. Mas, mais pelo facto que eu queria muito trabalhar para as pessoas e com pessoas.*
  
5. Havia alguém em seu círculo de amizades, família ou algum professor que influenciou a sua escolha (curso, profissão)?  
*Não acho que não. Acho que de exemplos, como é que eu vou explicar? Exemplos do dia a dia, ou seja, não pela profissão, porque não tinha ninguém direto que eu conversasse sobre esta profissão. Mas a minha mãe sempre foi uma pessoa muito e os meus pais, muito de comunidade, de viver em comunidade, de partilha, de se juntar muita gente lá em casa. E eu sempre estive muito neste contexto. Ou seja, e gostava muito de conviver, de ajudar, de ajudar os filhos dos amigos que tinham dificuldades de ensino. Não era outra pessoa na minha. Mas acho que pelos exemplos do meu dia a dia que acabei por descobrir, no fundo a mim próprio e aquilo que eu gostava, o que e não prestava. Acho que terminou dessa maneira indireta o meu percurso.*
  
6. Conte um pouco, sobre sua escolha do curso. Foi a sua primeira opção? Qual era a sua primeira opção?  
*Integrei na segunda opção. A primeira opção era psicologia.*
  
7. E a Universidade, por qual motivo escolheu a UP ou UFPR?  
*Na altura era das universidades eram o Minho e o Porto, eram as que havia uma referência muito boa em termos destes cursos no Norte. Acho que foi. Eu também não queria propriamente ir para muito longe se pudesse ficar perto. Mas a Universidade do Porto é muito conceituada, quer o Porto e o Minho. Mas a minha opção era o Porto.*

8. Você fez curso ou iniciou curso técnico ou outro curso superior antes de ingressar em Ciências da Educação ou Pedagogia?

*Não, não.*

9. Como foi o seu primeiro ano na Faculdade? Quais as dificuldades que você teve? Algo foi significativo?

*Tive dificuldade na disciplina de História da Educação. Tive assim dificuldades em termos de currículo da universidade, certo. Mas não me recordo de algo a mais por acaso. Acho que se fosse significativo, eu teria me lembrado, né?*

10. E no segundo e terceiro ano, mudou algo em relação a Universidade? E ao final do curso?

*Não acho que não.*

11. O que a Universidade foi para você?

*Uia, significou muitas coisas. Em termos, como é que eu posso explicar? Eu acho que é que em termos de currículo, em termos profissionais, eu acho que a que a universidade me trouxe uma abrangência muito maior de pensamento, não só na minha área, mas de uma forma geral, também pela diversidade de públicos, de faixas etárias abordadas, mas também pela diversidade de contextos. Permitiu conseguir estar integrada em vários estágios. Na altura ainda havia muitos estágios. Agora, com Bolonha acho que não é tanto assim, mas trouxe uma diversidade de experiências. E também fora da universidade, mas que aconteceram por causa da universidade. Os grupos dentro da universidade, a praxe que também acho que foi marcante. A questão do voluntariado, que é muito significativo para mim e que comecei a fazer no Porto. Lembro-me de uma associação, eu fiz o estágio, penso que no segundo ano para as metodologias de investigação em educação. Fiz o trabalho na Associação de Surdos do Porto. E foi muito marcante, também estar lá a perceber esta dinâmica, perceber aquelas dificuldades. Formas de ajudar, ou seja, acho que me despertou também para muitas questões sociais e outras até porque fiz um estágio na Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão e depois adorei o meu estágio. Mas agora percebo que se calhar não é um sítio onde eu que estava a trabalhar. Não é por estar muito relacionado com as questões políticas, então acho que me*

*ajudou a perceber, a abrir horizontes, mas também a perceber aquilo que eu realmente quero e aquilo que eu gosto e onde sou feliz.*

11.1 E você falou de Bolonha. Se você puder explicar um pouquinho por que você entende que tem menos espaço a partir de Bolonha.

*Porque, com a redução da licenciatura para três anos, nos três anos, por exemplo, eu tive o estágio de seis meses e isto não acontece naqueles três anos agora. Acontece no mestrado, que já está integrado. Pronto. Mas se alguém só ficar pela licenciatura, isto não é garantido dentro da licenciatura, nem obriga a pessoa a fazer o mestrado para ter estas experiências.*

12. Para sua família, você saberia me dizer qual a importância da Universidade para eles?

*Eu acho que ainda é aquela mentalidade de a minha filha foi estudar para a universidade, eu tenho um curso. Acho que é importante no sentido em que pensam que me garantiram um futuro melhor por ter uma escolaridade melhor. Embora hoje em dia nós sabemos que não é bem assim. Mas, mas acho que é bom para eles pensarem e eles veem que contribuiu para aquilo que eu sou hoje, quer como pessoa, quer como profissional. Mas acho que tem muita importância, sim.*

13. Você participou de alguma atividade cultural dentro da Universidade?

*Sim, as atividades culturais, muito impulsionadas pela praxe. Sempre que nos que nos indicavam momentos que iam acontecendo, concertos. Nós próprios a dinamizar algum tipo de atividades, mas muito relacionadas com isto, muito ligadas à vida acadêmica.*

14. Como classificaria seu rendimento escolar dentro da Universidade?

*Muito bom. Não tive nenhuma dificuldade (curso, leituras, colegas) a esse nível. Considero que foi um rendimento muito bom.*

15. Você teve alguma dificuldade com o curso (leituras, com os colegas) ou com os professores?

*Respondida anteriormente, não.*

16. O seu padrão de vida é diferente do que seus familiares? Você acredita que isso se deve ao fato de ter nível superior?

*Em relação aos meus pais, acho que sim. Mas se alargar, por exemplo, para os tios, não.*

17. E quando você estava na Universidade, enquanto estudante você trabalhou? Fez estágios? Foi bolsista?

*Eu fiz os estágios de demanda da licenciatura, que já falei há bocado e trabalhava no restaurante dos meus pais.*

18. Você participou na Universidade de Congressos, Seminários, atividades extracurriculares?

*Enquanto estava na licenciatura? Não. Mas, mas eu como assistido, não como dinamizadora e como assistido sim, vários.*

19. Frequentou os eventos realizados no Campus (inclusive os pagos)?

*Eram poucos os que eram pagos, mas grande parte das vezes eram gratuitos.*

20. No contexto da graduação, qual das disciplinas foi mais significativa na sua formação e para o exercício profissional?

*Foram. Já não sei se dizer bem. Foi a disciplina de comunidade educativa e contexto escolar, a psicologia da educação, as metodologias de investigação também e a sociologia da educação.*

21. Fale o ano de inserção e conclusão do seu Curso de Graduação. Ocorreram lacunas no período de graduação? Você trancou a matrícula? Quais foram os motivos?

*Fiz o curso seguido e não, não parei em momento nenhum.*

22. Estudou em qual período? Houve mudanças de período?

*Eu estive essencialmente no da tarde.*

#### ATIVIDADES SOCIAIS E LAZER

1. Você possui hobbies? Quais são?

*O meu principal hobby é o voluntariado. Eu já falei embora, agora estou mais com questões relacionadas com a gestão da associação e o desporto. Mais o desporto, mas também fazia sozinha o voluntariado. Em termos de família, não. Eu também vou sozinha. Mais nada assim.*

2. Quais são as suas atividades de lazer?

*Respondido na pergunta anterior.*

3. Quem participa dessas atividades (familiares, amigos)?

*Respondido na pergunta anterior.*

4. Você possui um círculo de amizade? Fazem confraternizações com frequência?

*Sim, sim. Fazemos com os grupos de amigos, mesmo com família, e fazemos várias, vários encontros. Estamos juntos, muitas vezes com os primos, com os amigos que já de longa data de passar fins de semana fora, todos juntos. Férias sim, temos essa tem essa prática.*

5. Quais lugares de lazer mais gosta de frequentar? Fale sobre eles.

*Pois é um bocadinho viagens. Faço muito piqueniques na natureza, percursos a pé com a família. Acho que quando temos assim um tempinho é muito isto que fazemos, é na natureza. Os percursos a pé e piqueniques.*

6. Você dedica algum tempo para leitura?

*Não. Neste momento não estou muito ativa na parte, na parte religiosa. Já estive, agora não. Mas leads sempre li bastante, embora agora com uma bebé pequenina, ainda estou na fase dos quatro dos três filhos e então deixei de ler há uns meses atrás. Mas é algo que eu gosto muito de fazer. Muita coisa para gerir e então não tenho tempo.*

7. Você tem alguma atividade religiosa?

*Já respondido anteriormente. Não.*

## TRABALHO

1. Com quantos anos iniciou a trabalhar? Conseguiu conciliar as suas tarefas educacionais com o trabalho?

*Eu comecei a trabalhar com 22 anos depois da licenciatura, logo a seguir. E fiz um mestrado quando já estava a trabalhar e consegui conciliar com o estatuto de trabalhador estudante para assistir a algumas aulas, não todas. Claro que é difícil, mas consegui conciliar. Com essa possibilidade do Estatuto do Trabalhador Estudante que diminui a carga horária, facilitou.*

2. Você trabalhou desde cedo para pagar os estudos?

*Não.*

3. Como foi a escolha da sua profissão (Ciências da Educação e Pedagogo)? Teve informações sobre outras profissões, outros cursos?

*Foi uma, tive informação, mas foi uma informação muito autónoma. Ou seja, fui eu que fui procurar áreas de interesse, de currículos. Fui aos sites das universidades um bocadinho por aí. Porque a orientação vocacional que tive era muito simplificada na altura. Sim, era muita base de testes, mas que eu achei que não podia não ser fidedignos.*

4. Você trabalha na sua formação (Ciências da Educação e Pedagogo)? Qual é o cargo que ocupa? Há quanto tempo atua?

*Então eu trabalho na minha área e fui colocada aqui nesta escola, como educóloga, estou a tocar há 13 anos, embora já trabalhava há 14 e a minha função é técnica do Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família. Eu integro uma equipa com mais pessoas, as psicólogas e uma animadora, pois temos uma mediadora também para o gabinete de mediação escolar, que está com mais com os casos de disciplina. Isso já é um recurso mais recente. Há quatro anos está ao mesmo tempo para este gabinete e tem a formação de educação na Universidade do Minho, com a vertente de mediação escolar. Uma licenciatura equivalente a Ciências da Educação com a especialização em mediação de conflitos. Eu trabalho com as famílias, formação das famílias e articulação com as entidades externas. Porque para intervir com as famílias e a acompanhar tem que articular com a ação social, com os mecanismos de proteção das crianças e*

*juvens. É um bocadinho nesse sentido. E depois faço atividades com os alunos e com as turmas para prevenção de algum tipo de comportamentos. A prevenção da indisciplina e a promoção das competências pessoais e sociais. Os hábitos e métodos de estudo. Coordeno a tutoria, que é o apoio entre professores e alunos, depois vão tendo vários projetos assim, conforme as necessidades. Antes, até à pandemia, estava com o projeto Empatia, que é um projeto que eu fui buscar a inspiração no Canadá, que era um projeto de intercâmbio dos nossos jovens daqui da nossa escola com bebés. E fazia este intercâmbio com uma creche aqui pertinho da nossa escola. Já estive com um clube de teatro, com um professor de teatro, em que íamos buscar aqui alguns alunos de contextos carenciados para integrar aqui neste clube. Este ano vou iniciar com um clube de voluntariado, ou seja, vamos tendo assim várias ofertas para trazer os alunos para a escola. Tentando sempre que nestas atividades estejam aqueles alunos que não se identificam tanto com um currículo formal, mas que depois de outra forma estejam na escola, porque também em casa também não é uma resposta, são contextos desfavorecidos e trazê-los para a escola, mas com atividades que não o currículo formal, que são essas que eles rejeitam. E então tentamos integrá-los depois para motivá-los para a escola, para depois não entrarem em percursos de abandono e de absentismo.*

4.1 Então é uma escola de educação básica, digamos assim. A.D. Até o 12.º ano.

*Não. É até ao nono, até ao terceiro ciclo. Sim, e não é só uma escola, é um agrupamento, ou seja, nós temos nove escolas de primeiro ciclo e temos uma escola, a escola sede, que tem do primeiro até ao terceiro ciclo.*

4.2 Mas no caso, na tua função você atende ao agrupamento ou você atende a uma escola.

*Ao agrupamento. E eu circulo por todas as escolas. Quer nestes projetos de intervenção em turma, quer na intervenção com as famílias que são sinalizadas de todas as escolas.*

5. Foi fácil conseguir emprego na sua área de graduação?

*Um concurso pelo Ministério da Educação e o concurso é na plataforma de colocação dos professores e dos técnicos. Mas é concurso público, não é*

*contratação direta. Nós temos o Gabinete de Apoio à Família, mas é a estrutura da escola, e eu entro como educóloga.*

5.11 Existem outros cursos de licenciatura que utilizam essa terminologia, educóloga, para os formandos?

*Não, não. Embora educóloga são só as pessoas que saíram da licenciatura de Ciências da Educação na Universidade do Porto. Porque aqui em Portugal sempre tivemos esta desvantagem de cursos equivalentes a terem designações diferentes. E estamos a falar das Ciências da Educação, da Educação da Universidade do Minho e da Educação Social da Escola Superior de Educação. Mas todos são equivalentes, ou seja, qualquer um destes cursos pode concorrer para a vaga de educador social ou para a vaga de educólogo.*

*Na Universidade do Minho é uma licenciatura em Educação, equivalente a Ciências da Educação. Agora, porque eu tive muitos anos com um contrato anual. Todos os anos eu tinha que concorrer para estar nesta função. Agora, como já estamos efetivas a vaga que abriu é Educação social, ou seja, a minha função agora, desde há três anos, está formalizada como educadora social e não como educóloga. Pedagogia social é Educação Social, também equivalente à Ciências da Educação.*

6. Qual sua opinião sobre a profissão que escolheu, você escolheu certo, ou se arrepende?

*Eu acho que escolhi certo e não me arrependo de nada. Sou muito feliz naquilo que faço.*

7. O que você mais gosta na sua profissão? E o que não gosta?

*Aquilo que eu mais gosto é de poder ser criativa e dinâmica e de fazer ter várias vertentes de atuação: de trabalhar com os alunos pequenos mais velhos, de trabalhar com os pais, de ter actividades individuais, mas também de ter actividades de grupo, com turmas com os pais também em reuniões individuais, mas também com formações, com formações de pequeno grupo, com eventos para pais de todo o agrupamento. De agora, a pensar num projecto novo e de antes, deixa de fazer sentido e tenho que pensar noutra coisa. Gosto desta possibilidade de não ser sempre igual, de estarmos sempre a inovar e a fazer*

*diferente e a responder às necessidades. Gosto muito desta vertente. Aquilo que eu menos gosto: não gosto da burocracia que implica. Não gosto da burocracia, de fazer dossiês, de ter que documentar tudo, de ter que ter evidências fotográficas e de registros de tudo para termos um dossiê para comprovar que fizemos aquilo que tivemos. Acho que é aquilo que eu menos gosto. Agora, se há alguma atividade que eu na minha profissão, que eu não gosto. Não gostei, por exemplo, de estar na equipa da alta avaliação da escola. Não gostei nada. Porque eu acho que tem esta componente muito formal e muito de análise de conteúdo, de análise de relatórios, de questionários e depois, a parte de estar a avaliar o trabalho dos outros, quase não é bem isto, mas que às vezes também é um bocadinho, não com a intenção de avaliar o trabalho do outro, mas de querer melhorar. Mas isto nem sempre é entendido dessa forma e então acho que acho que é uma equipa ingrata. Para além de ser um trabalho muito burocrático, eu acho.*

8. Você acha a carreira de educóloga, licenciatura em ciência da educação na Universidade do Porto, é interessante?

*Acho muito interessante.*

- 8.1 Pode me esclarecer um pouco mais sobre a terminologia que você usou educóloga, educador social. Ela é mais recente?

*Então é uma terminologia recente que eu falei é de educador social, porque quando foi para ficar efetiva, ou seja, já afeta a este agrupamento, a vaga que abriu é educador social, que é a tal designação do curso da Educação Social e que uma pedagogia social de que falávamos há um bocado. Mas como são equivalentes os cursos, não têm mal. Agora educóloga é uma designação até mais antiga, que entretanto foi alterada pela Universidade do Porto. Agora, os que terminam a licenciatura em Ciências da Educação têm a designação, eu espero não estar errada, a designação é mediador educativo da formação, que tem a função mediador da educação e da formação? Talvez, a designação foi alterada quando eu saí era educólogo e agora a designação alterou para os estudantes que saem da licenciatura.*

- 8.2 Você lembra quando foi efetuada essa alteração na Universidade do Porto?

*Eu saí em 2008 da licenciatura e acho que esta alteração foi eu diria cinco, seis anos.*

8.3 Imaginei que o formado em Ciências da Educação saía como cientista.

*Não. Nós estudamos as várias ciências que interferem para um olhar mais abrangente para as questões de educação. E nós vamos buscar a psicologia, sociologia, antropologia e vamos buscar estes saberes ao olhar da educação daí termos vários olhares. Embora isto é numa fase inicial do curso, porque depois acho que no final já começamos a afunilar muito para as questões da educação. Já não é tanto as ciências da educação, mas a educação.*

8.4 E esse profissional possui obrigatoriedade para atuar nas escolas.

*Não. Não são poucas as escolas que têm este recurso. E as escolas que têm este recurso são escolas que estão, por algum motivo, indicadas como tendo várias problemáticas sociais. Daí não sei se conhecer os projetos de TEIP, ou seja, as escolas candidatam-se a um programa que seria um território educativo de intervenção prioritária, pois por terem algum tipo de contexto que é mais desfavorecido. E são mais estas as escolas, as escolas que são TEIP que têm estes profissionais. Mas agora já não se sente tanto esta diferença entre as escolas TEIP e as escolas que não são TEIP, ou seja, que têm este projecto e as que não têm. Já há aqui um movimento muito grande para tentar que estes profissionais sejam obrigatórios em todas as escolas, para além da psicologia, porque o único profissional, o único técnico obrigatório por lei para estar nas escolas são os psicólogos.*

8.5 E esse projeto TEIP tem a ver com as escolas de novas oportunidades?

*Não, não. Essas escolas que têm esta vertente das novas oportunidades é muito voltada para a formação de adultos.*

8.6 Qual a função do psicólogo na escola?

*O psicólogo tem a função de avaliação psicológica, que é uma avaliação cognitiva e a intervenção psicológica, para os alunos com dificuldades. Ou seja, o psicólogo faz uma avaliação de um aluno que um professor diz que tem muitas dificuldades para testar ou não as dificuldades cognitivas, para ele ter as*

*medidas adequadas à sua característica. Podem ser medidas diferenciadoras no currículo, medidas diferenciadoras na avaliação. Depois desta avaliação psicológica é que se vai determinar, mediante o resultado da avaliação, quais são as medidas que o aluno precisa. Porque há alunos com déficit cognitivo, alunos com dislexia, com problemas de aprendizagem, mesmo questões de Asperger, autismo, etc. E o psicólogo faz também um relatório para enviar a equipas médicas, por exemplo, quando é preciso fazer algum despiste (o arquivamento e o encaminhamento) médico. Eles fazem o encaminhamento para os médicos avaliarem a existência de alguma problemática. O que o psicólogo pode fazer é ajudar com atividades do treino, da atenção e da concentração. O treino cognitivo, ou seja, com atividades de estimulação cognitiva, é um complemento.*

8.7 Você pode falar sobre a obrigatoriedade do profissional de ciências da educação estarem nas escolas?

*Posso, porque hoje em dia nós já não conseguimos dizer que os alunos com dificuldades de aprendizagem ou com dificuldades de comportamento são os alunos que vêm de famílias desfavorecidas. Porque isto já acontece em vários contextos familiares, então não faz sentido haver só estes recursos numa escola em que está num contexto social fragilizado, porque também há problemas disciplinares, porque também há problemas de aprendizagem numa escola que não está num contexto social desfavorecido e tem estas problemáticas. E as escolas que não são TEIP também têm problemas de absentismo, também têm problemas de insucesso. Daí a necessidade de ter estes recursos em todas as escolas. A sigla TEIP significa território educativo de intervenção prioritária.*

9. Quanto a expectativa de salário, é recompensador?

*Não. Não é recompensadora para aquilo que é em comparação com o ordenado mínimo. E perante a responsabilidade daquilo que eu faço e os outros técnicos, não é recompensadora.*

10. Atualmente, qual seria o maior problema na sua profissão?

*Não. Eu acho que somente uma questão da equidade, da remuneração que agora falou e que é uma questão realmente pertinente e a questão da avaliação.*

*Porque a avaliação é muito complexa aqui, porque nós temos um sistema de avaliação de dois em dois anos, mas esta avaliação é com cotas, ou seja, por exemplo, este ano tem que haver uma avaliação dos profissionais, mas só se pode dar uma cota de excelente a três pessoas ou se pode dar uma cota de muito bom a quatro, só se pode dar uma cota de razoável, ou seja, não pode haver muitos profissionais muito bons. Se houver, tem que se escolher a quem é que vai ser atribuída a cota de excelência, quem vai ser atribuído a cota de muito bom. Mas desta avaliação depois depende da nossa progressão na carreira. Ou seja, se nós não tivermos, nós só progredimos na carreira se tivermos uma avaliação excelente e isto só de dez em dez anos. Ou seja, a perspectiva de progressão é muito reduzida. Não é porque se pensarmos que temos 40 anos de trabalho e se só podemos progredir de dez em dez e ainda por cima, com uma limitação nas cotas, nós sabemos que não vai ser muito diferente.*

11. Você teria alguma solução para este problema?

*Poderia ser um sistema de avaliação diferente, em momentos de progressão mais curtos que dependessem, claro, de uma avaliação, mas que não houvesse uma avaliação, também ela limitadora.*

12. As atribuições de professor/pedagogo e licenciado em ciência da educação, são as mesmas? O que na sua opinião as difere?

*Não sei.*

13. Na sua opinião como a sociedade vê o papel do pedagogo e do licenciado da ciência da educação?

*Se eu disser Licenciado em Ciências da Educação, ainda há muita gente que não conhece. Mas se disser educador social? Quase toda a gente conhece. Eu acho que vê como sendo algo necessário agora, já começam a entender como algo muito exigente é porque se lida com jovens e com adultos e trabalhar com pessoas. Nem sempre é fácil. Mas também é algo muito desvalorizado tal como a profissão docente hoje em dia, dos professores. Acho que uma imagem social, neste momento já muito de desvalorização. Com algumas medidas que o*

*Governo implementou, que de pronto contribuíram para isto e está a acontecer uma desvalorização desta função.*

14. Você consegue se manter atualizado? De que maneira?

*Sim, sempre que há formações específicas, a direção é muito aberta para participarmos nas formações e se coincidir com um horário de trabalho. E temos muitas ofertas também para formações curtas que são importantes.*

15. Aonde você trabalha atualmente, recebe incentivo financeiro para essas capacitações?

*Não respondido.*

16. A sua profissão se distingue de outras profissões? Como? No que em específico?

*Já respondido anteriormente.*

17. Você é respeitado por ser um profissional da educação ou pedagogo? Sua família o respeita?

*Sim, sim.*

18. Valeu todo o investimento material, intelectual e o esforço para sua formação?

*Sim.*

19. O padrão de vida que você tem, condiz com o que esperava quando estava cursava pedagogia ou ciência da educação?

*Sim.*

20. Condiz com o padrão de seus pais? É igual, pior ou melhor?

*É Melhor.*

21. O que mudou na sua vida após a sua graduação?

*A questão econômica. Mudou para melhor.*

22. Você faria tudo de novo? O que mudaria?

*Eu faria tudo de novo. Eu não faria nada de novo. Eu faria tudo igual.*

23. Tem alguma outra coisa que queira falar sobre a sua trajetória acadêmica e profissional?

*Eu posso acrescentar que eu senti a necessidade de fazer o meu mestrado noutra universidade, que não a da licenciatura. Foi muito ponderado, porque acho que seria um enriquecimento muito maior. O facto de ter novas perspectivas, novos professores foi no sentido de enriquecimento. Fiz também uma pós graduação em serviço social para complementar também aqui com a questão social, porque senti que a licenciatura não respondia tanto a esta questão e eu lidava com questões sociais no meu local de trabalho aqui na escola. Por isso foi sempre complementando e fiz esta formação também superior em serviço social, em que acho que é só isso que posso complementar.*

24. Tem algo que queira acrescentar ou deixar registrado como sugestão.

*E eu acho que já captou tudo. Raquel já disse que eu falo com muita calma e um brilhinho nos olhos da minha profissão. Por isso eu acho que não tenho nada a acrescentar. Eu sou muito feliz naquilo que faço. É porque damos muita abrangência às pessoas e sentimos que temos impacto na vida das pessoas.*

### **8.2.3 Entrevista MGTM (Portugal)**

Iniciais do nome: *MGTM*

Mês e ano de Nascimento: *26/04/1993*

Cidade e Estado de Nascimento: *Porto*

Orientação Sexual: *feminino*

Estado Civil: *solteira*

Tem filhos (as)? ( ) Não ( ) Sim. Qtos: Não.

Composição familiar (quantas pessoas residem em sua casa (nome, parentesco, idade, escolaridade, profissão, renda), além de você?

*Total de 2 pessoas. Um companheiro, só.*

Situação de Moradia (Residência própria/alugada/cedida/financiada/etc): *residência alugada.*

Está inserido no mercado de trabalho? Tem registro? Qual seu local de trabalho? Há quanto tempo?

*Eu sou mediadora em um agrupamento de escolas há 4 anos. Em Portugal nós temos o sistemas de agrupamento. No nosso agrupamento significa que tem mais de um estabelecimento de ensino. Nós somos 3, temos 2 escolas de primeiro ciclo, depois a escola sede que tem alunos do 5º ao 12º ano de escolaridade. Neste caso são 3 edifícios independentes mas que são dirigidos, digamos assim, pela mesma direção. Aqui nós temos a figura unipessoal que é o diretor, ainda que depois tenhamos adjuntos também que compõem a equipa.*

Qual sua função? (pedagogo/professor/licenciado em ciências da educação)

*Eu exerço funções na escola sede e depois, como nós somos 2 mediadoras no agrupamento, eu estou numa escola de primeiro ciclo e a colega está na outra, dividimos.*

*Mediador está em um nível de profissionalidade novo, a figura do mediador e aquilo que é a designação profissional foi mudando ao longo dos anos e utiliza a denominação de mediador socioeducativo, penso que é a mais recente. Mas, sei que isso não é consensual ainda que depois no meu dia a dia de trabalho eu me designo perante as famílias e perante os alunos, como técnica social para ter uma designação mais abrangente, para que assim eu tenha uma maior aproximação com o público alvo e que entendam melhor o que eu possa ser.*

*O mediador na escola, naquilo que eu entendo, é alguém que trabalha aqui muito a parte comportamental do aluno. Eu faço o processo de acompanhamento de alunos que tem questões de indisciplina ou outro tipo de questões mais marcadas. Naquilo que é a função do mediador perante a formação superior que eu tenho, é uma função muito mais abrangente. Aqui a questão da comunicação interinstitucional é muito feita também por mediador, o contato com outras instituições comunitárias ou na rede, faço esse trabalho. Ou seja, se eu tenho um aluno com uma determinada problemática eu faço um trabalho muito com a família, mas depois o aluno, depois tem a própria mãe, poderá se pronunciar discernimento social por meio da instrução, o que faz com que tenha uma assistente social alocado. E muitas vezes temos numa mesma mesa várias entidades a discutir o mesmo processo de acompanhamento. A mediação daquilo que é, as diferentes linguagens e as diferentes questões de intervenção das várias instituições, nós também fazemos muito isso. Agora na*

*escola acabamos por ser um agente multifacetado, integro também a equipa de autoavaliação do agrupamento, até porque o meu mestrado, sendo em Ciências da Educação, ainda fiz o mestrado em Avaliação, Supervisão e Lideranças que é um mestrado muito mais orientar para questões organizacionais e com foco específico no processo de autoavaliação de escolas. E nesse aspecto até por eu inteirar a equipa a parte autoavaliativa no processo de formação, também trabalho as questões disciplinares naquilo que no nosso agrupamento se chama de equipa de intervenção disciplinar, faz uma atuação em crise, é uma atuação mais mediativa, mais perante um conflito e esse tipo de mediação caracteriza as minhas funções. Agora nas escolas os técnicos acham muito multifacetado, nós, por norma, não trabalhamos exclusivamente numa função, até porque as nossas valências de curso nos permite contribuir para a escola noutro sentido. As vezes auxiliar na construção de projetos educativos, quando precisa ser revisto, trabalhar com equipas educativas algo mais com dificuldades e flexibilidade curricular, o qual é também um novo caminho que está a se solidificar. Em Ciências da Educação tem muito que se faça e as vezes nas escolas tentamos trabalhar com os professores nesta reflexão. Agora ainda que eu tenha que assumir, a minha função principal é trabalhar no gabinete para apoiar a família, aqui estou eu, outra mediadora, 2 psicólogas e mais 1 assistente social. Essa é a minha função principal, depois vou colaborando e contribuindo, mas a minha formação é ambígua e atuo onde o a direção solicita.*

Diferença entre psicólogo e a sua função

*Nós fazemos um complemento ao psicólogo, mas atuando não como psicólogo. O psicólogo tem aqui uma função muito mais clínica e muito mais de intervenção emocional no indivíduo, ali, numa questão mais psicológica, mental. Nós fazemos aqui algum trabalho de desenvolvimento de competências, entende? Ficou claro. E eu tenho alunos que acompanho, que têm no mesmo ciclo psicólogo, digamos assim.*

GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO DA FAMÍLIA:

1. Escolaridade e profissão do seu pai:

*Posso lhe responder da minha mãe. Minha mãe tem no 12.º ano um. Não sei. Sinceramente, acho que não sei se isso é muito pertinente. Também não tenho muito mais informações para dar, mas a minha mãe tem.*

2. Escolaridade e profissão da sua mãe:  
*Respondido na questão anterior.*
3. Estado civil dos seus pais:  
*Não respondido.*
4. Você tem irmãos?  
*Não respondido.*
5. Eles estudaram?  
*Não respondido.*
6. Algum fez o Ensino Superior?  
*Com ensino superior familiar direto não.*
7. Tem algum familiar que fez Ensino Superior? Quem (parentesco) e qual curso?  
*Respondido anteriormente.*

#### SITUAÇÃO ECONÔMICA DA FAMÍLIA

1. Sua família tinha estabilidade econômica? Você acha que isso influenciou na sua escolaridade e na vida escolar de seus irmãos?  
*Não respondido.*
2. Em que faixa econômica você situaria sua família?  
*Não respondido.*

#### ESCOLARIZAÇÃO INICIAL

1. Você cursou o ensino fundamental em escola pública ou privada? Quantos anos em cada tipo de instituição? Você sentiu diferença na qualidade do ensino entre as escolas pública e privada?  
*Escola pública.*
2. Você cursou o ensino médio em escola pública ou privada? Quantos anos em cada tipo de instituição? Você sentiu diferença na qualidade do ensino entre as escolas pública e privada?  
*Escola pública.*

3. Como você considera o seu desempenho escolar (excelente, bom, médio, regular)? Repetiu alguma série?

*Eu sempre fui uma aluna média. A escola também nem sempre foi estimulante. Esta versão tradicional da escola, para mim, nem sempre foi estimulante. Sempre fui uma aluna média. Era uma aluna responsável, com capacidade, mas não era aquela aluna que estudava e que tinha as notas mais altas, digamos assim. Ainda que depois no ensino superior se tenha revelado como positivo, porque aí tive um interesse muito concreto e o meu desempenho subiu consideravelmente.*

4. Participou em atividades extra-aulas como grêmio, jornal estudantil, teatro?

*Na escola tinha atividades extras, mas não ligadas ao estabelecimento de ensino no estabelecimento de ensino. Pouco me envolvia. Só podia, às vezes, alguma atividade pontual extra que algum professor me desafiasse. Mas não tinha uma participação ativa em mais nada, a não ser a componente letivo.*

5. Qual disciplina você mais gostava?

*Filosofia. No meu secundário tive filosofia e psicologia e eram as disciplinas que mais me cativava. Ainda que eu tenha seguido um percurso científico com a matemática e com as ciências, na altura não muito bem refletido por mim e depois. Mas essas disciplinas que estimulavam o pensamento eram as que mais me cativava. E o português também gostava.*

6. Sua família participava de sua vida escolar? ( ) Não ( ) Sim

*Ainda que eu sempre tive um bom acompanhamento, a vida nem sempre foi fácil. Não venho de uma família propriamente de estatuto alto ou com grandes posses, mas dentro daquilo que eram as suas competências, sempre me deram a melhor retaguarda.*

*Conversavam e conversavam muito comigo e davam em cima daquilo que precisava. Nunca tive uma família propriamente muito preocupada com a classificação dos testes. Eu venho de uma família que dá muito valor à parte emocional e o meu bem estar global, ainda que em determinadas alturas eu tinha que ser repreendida como qualquer jovem que se desleixa, não é? Mas não havia uma pressão e nunca sentia uma pressão muito alta para ser a*

*melhor. Eu tinha que ser o que eu quisesse ser, com umas regras de respeito. Muito bem. No sítio isso era mais importante. A determinada altura, também com o meu crescimento, começaram a tentar perceber o que é que eu queria fazer, até para me conseguirem orientar mais, porque, claro, depois esse investimento mais quantitativo, digamos assim, pois no futuro prejudica muito. E se calhar a minha família percebeu isso nessa altura, não é? Quando percebeu que eu não tinha as mesmas possibilidades de escolha, uma vez que a média em Portugal a média numérica tem muito peso, mas ao longo do meu crescimento sempre foram valorizados outros tipos de coisas. Independentemente se eu tinha 19 ou 20, não era, não era o mais importante.*

7. Quem normalmente ia assinar seu boletim escolar/notas?

*Os pais.*

8. Quem ajudava nas tarefas escolares?

*Respondido na questão anterior. Não era necessário.*

9. Os seus familiares se interessavam pelo seu rendimento escolar? Como esse interesse era demonstrado?

*Sim, respondido anteriormente.*

10. Em quais matérias possuía dificuldade de aprendizagem?

*Sem dúvida a matemática, física e química.*

11. Quais foram as matérias em que mais se dedicou?

*Respondido anteriormente, as que mais possuía dificuldade.*

12. Seus pais iam à escola, conversavam com os professores?

*Participava naquilo que eram as minhas questões direitas relacionadas comigo. Muita responsabilidade, aí sim Mas não participavam nem as funções sexuais nem nada do género.*

13. Havia alguém que estimulava você em estudar?

*Sim, tudo o que eram as funções de ir à escola estavam todas asseguradas. Se não fosse pela minha mãe ou pelo meu tio, que era a minha segunda figura de referência. E sem dúvida, depois o meu tio que com papel muito, muito específico no cumprimento das minhas obrigações, lá está, às vezes circunstâncias de vida, família a trabalhar fora e outras pessoas foram assumindo. Mas sempre tive o respeito*

14. Sua família se preocupava com a escola? Participava de atividades na escola? Ajudava na conservação da escola?

*Sim, respondido anteriormente.*

15. Seu percurso escolar foi marcado por dificuldades econômicas?

*Em determinadas alturas, sim.*

16. O critério de escolha da escola de 12.º ano, no caso, estava ligada à perspectiva de trabalho?

*Ainda não foi escolhida a escola da área onde estudava. Escolhia a área que pretendia estudar, mas ainda num processo de descoberta do que queria fazer. Não foi uma escolha totalmente consciente do que iria ser no futuro. Ok, mas foi uma boa escola. Mas era a escola que eu e a maior parte dos meus colegas frequentavam.*

17. Com quantos anos você concluiu o ensino médio/secundário?

*Uns 19, 20 anos, porque depois fiquei a fazer melhorias nas áreas mais científicas.*

#### INSERÇÃO NA GRADUAÇÃO

1. Você fez cursinho pré-vestibular/preparatório para entrar no ensino superior? Qual tipo (cursinho particular ou popular)?

*Eu sei que em algumas instituições há modalidade do ano zero, que é um ano de transição, a gente quando estudante quando não tem uma questão econômica que lhe possibilite frequentar. No meu caso, não. Eu fui. Eu fiz o ingresso direto.*

Fale mais sobre o ingresso ano zero.

*Eu não sei, eu não conheço muitos pormenores. Sei de algumas pessoas que fizeram inscrições em anos zero, até em privadas, nomeadamente. Penso que nessa perspectiva de não terem possibilidades de pagar ainda o curso e em uma perspectiva também um bocadinho mais exploratória daquilo que é o seu interesse. Se era por ali, se não era. Às vezes aquele meio termo para não ficar parado e depois, no ano seguinte, às vezes vão trabalhar e depois desligam se da parte de estudar. Agora, eu não conheço profundamente em que é que consiste o ano 0 ou a legislação, mas sei que existem algumas instituições.*

2. Por quanto tempo fez cursinho/preparatório?

*Respondido anteriormente: não fez cursinho.*

3. Para ingresso na universidade, você ingressou na primeira possibilidade que tentou?

*Já respondido, ingresso direto.*

4. Quais os motivos que o levaram a prestar vestibular para esse curso?

*Já respondido anteriormente, escolha própria.*

5. Havia alguém em seu círculo de amizades, família ou algum professor que influenciou a sua escolha (curso, profissão)?

*Não. Foi uma busca muito solitária e bem solitária. E as poucas vezes que analisei e tentei, tentei saber junto da faculdade em que consistia e experimentei com o risco de que poderia não gostar, mas tive sorte.*

6. Conte um pouco, sobre sua escolha do curso. Foi a sua primeira opção? Qual era a sua primeira opção?

*Foi a segunda. Eu tinha sim, porque era como eu partilhava há pouco. Todos nós tínhamos a questão da psicologia e eu, mesmo sabendo que não ia entrar, arrisquei e a coloquei. Mas coloquei como uma consciência muito clara de que não tinha hipótese, mas tinha que tentar.*

7. E a Universidade, por qual motivo escolheu a UP ou UFPR?

*Primeiro, a área de residência não é só o Porto. Depois, a Universidade do Porto é bastante conceituada naquilo que são as várias áreas. E eu acho que é mesmo. A Universidade do Porto é das mais conceituadas em Portugal e eu tenho a sorte de também residir no Porto, por isso eram dois em um. Era frequentar uma instituição credível e ao mesmo tempo perto de casa para que eu conseguisse ter também condições financeiras de frequentar.*

8. Você fez curso ou iniciou curso técnico ou outro curso superior antes de ingressar em Ciências da Educação ou Pedagogia?

*Não.*

9. Como foi o seu primeiro ano na Faculdade? Quais as dificuldades que você teve? Algo foi significativo?

*A universidade, para mim foi uma oportunidade de ascensão social, de conquistar independência, solidificar também aquilo que era a minha autonomia. Venho de uma família que não teve oportunidade nem sempre de frequentar. Havia um sonho que eu frequentasse e essa preocupação de me garantir as condições para que eu pudesse efetivamente ter estudos superiores, digamos assim, e o entrar na universidade, tendo eu também tido um percurso escolar, ainda que positivo, mas com algumas dificuldades. Foi uma superação.*

10. E no segundo e terceiro ano, mudou algo em relação a Universidade? E ao final do curso?

*Respondido anteriormente.*

11. O que a Universidade foi para você?

*Respondido anteriormente.*

12. Para sua família, você saberia me dizer qual a importância da Universidade para eles?

*Sim, é sim. E eu venho de uma família que reconhece exatamente essa importância do saber, do cada vez me explorar mais a fundo e ter estudos. A questão de ter estudos foi mesmo uma questão de vida e de oportunidade, porque mesmo do ponto de vista dos meus familiares, eram pessoas que eu*

*reconheço muita competência para frequentar um estudo superior. Simplesmente a vida exigia outro tipo de passos. E depois comigo já houve essa preocupação de garantia da frequência legal.*

13. Você participou de alguma atividade cultural dentro da Universidade?

*Sim, entrei na Associação de Estudantes, não sei se entrei no segundo ou terceiro. Foi por aí, penso que segundo e depois fiz até ao final o meu mestrado.*

14. Como classificaria seu rendimento escolar dentro da Universidade?

*Do ponto de vista curricular, não tive nenhuma dificuldade. Correspondi ao que me era pedido e tinha boas notas. Com os professores também tinha uma relação saudável. Sempre fui conhecida como sendo uma estudante muito reivindicativa e por vezes isso era agradável por uns e desagradado por outros, mas sempre consegui que isso não interferisse diretamente com a minha avaliação justa. Por isso era muito participativa nas aulas e tinha professores que viam isso com muito bons olhos, outros que achavam que pronto, estava ali alguém a tentar sobressair. Normal. Mas efetivamente, enquanto estudante, enquanto estudante, sempre me coloquei na posição de adulto. E havia certas coisas que eu não permitia e que se não me agradassem no transmitir, sendo eu sendo essa pessoa, meu professor ou não.*

15. Você teve alguma dificuldade com o curso (leituras, com os colegas) ou com os professores?

*Respondido anteriormente.*

16. O seu padrão de vida é diferente do que seus familiares? Você acredita que isso se deve ao fato de ter nível superior?

*Eu não sei se percebi bem a pergunta, mas eu não me considero mais que ninguém por ter curso superior e reconheça se cada vez mais, não só pelo meu historial de família, mas por aquilo, pela minha rede social, de que isso não é garantia de absolutamente nada. E conheço pessoas com nível de qualificação muito mais baixo, que têm grandes contributos nas organizações em questão e pessoas com nível superior em que se esperaria muito mais e que não têm essa capacidade. Aqui estudar é importante, ter conhecimento também. Acho que o*

*frequentar uma universidade é uma possibilidade de abrir horizontes. Agora não é garantia nem de sucesso profissional, nem de discernimento, nem de absolutamente nada. E acho que também temos que ter essa humildade para perceber isso. Agora, se soubermos ter a cabeça no sítio e usar o conhecimento que adquirimos para fazer melhor alguma coisa, aí sim.*

17. E quando você estava na Universidade, enquanto estudante você trabalhou? Fez estágios? Foi bolsista?

*Ao longo do curso sempre fui tendo vários trabalhos temporários. Não eram trabalhos que me ocupavam todo o tempo. Em determinados períodos eu fui abraçando alguns trabalhos também para ter maior independência financeira, ainda que fosse bolsista sempre numa. Nunca, nunca abracei nada muito consistente também para não atrapalhar os meus estudos, mas tinha sempre a preocupação de, em determinados períodos, trabalhar e a juntar algum dinheiro, porque consegui com isso e com uma bolsa, ter cinco anos em que a minha família não sentiu necessidade de intervir diretamente com os custos e eu consegui estudar praticamente com a ajuda do Estado, mas praticamente por minha conta. Isso foi muito bom.*

18. Você participou na Universidade de Congressos, Seminários, atividades extracurriculares?

*Sim, participei alguns seminários mesmo, recomendados por professores de grupos de investigação da própria faculdade. Depois, no mestrado, também éramos incentivados a fazer algumas comunicações e fui fazendo uma, outra comunicação na altura do mestrado, muito fórum no estrangeiro, mas dentro daquilo que é a própria universidade proporcionava. Nós íamos abraçando este desafio.*

19. Frequentou os eventos realizados no Campus (inclusive os pagos)?

*Houve uma vez, mas mesmo aí a universidade contribuiu com parte. Foi na altura de uma comunicação que fiz, mas tive apoio porque no âmbito do mestrado tínhamos vários temas, por isso tive esse apoio. Nunca tive que dispendir muito dinheiro para frequentar ações científicas.*

20. No contexto da graduação, qual das disciplinas foi mais significativa na sua formação e para o exercício profissional?

*Eu não consigo e não consigo dizer disciplinas em si. Eu acho que o curso de Ciências da Educação está estruturado de uma forma que todas as áreas se complementam. Não há uma disciplina específica que eu diga que não contribuiu, ainda que eu tenha tido ali algumas disciplinas relacionadas com a mediação propriamente dita, até com a mediação de conflitos, que eu sei que é algo que na Universidade do Porto, por exemplo, a nossa formação tem mais essa base de mediação. Mas por exemplo, em Coimbra já não é tanto assim. Do que sei eu tive essas disciplinas, mas no fundo tudo se complementa, porque o que o curso mais nos ensina, pelo menos para mim, é a capacidade de pensar mais do que nos dar. Eu não posso dizer que que faço coisas no dia a dia que me tenham sido directamente ensinadas no curso. Não posso dizer isso. O que posso dizer é que há todo um pensamento e um questionamento que se faz sobre a educação em Portugal e haja por contraponto outros países que nos permite ter a capacidade, no futuro, de explorar, de pensar, de ser criativo na busca de soluções como a sociologia da educação, a psicologia da educação, a introdução às ciências sociais. São disciplinas que são muito boas para isso mesmo. Uma própria disciplina que tive, que era a de psicologia política, em que nós analisávamos os decretos lei mais essenciais daquilo que era as normas da educação em Portugal, e aprendíamos a lê-los de uma forma, com outro, com outra lente, digamos assim, e a interpretá-los e a aplica-los. O curso francês de educação é muito, isto é, como que projecto educativo que pretendemos e para o qual nos devemos direccionar do ponto de vista sociológico, psicológico, político. E isso depois é que nos dá ferramentas para ir a terreno e efetivamente a realidade do terreno. Depois, pôr as mãos na massa e fazer é diferente. E há coisas que só se aprendem assim.*

21. Fale o ano de inserção e conclusão do seu Curso de Graduação. Ocorreram lacunas no período de graduação? Você trancou a matrícula? Quais foram os motivos?

*Não, não. Eu fiz licenciatura e mal acabei inscrevi-me no mestrado seguido cinco anos sem qualquer tipo de congelamento. Não tive que fazer aqui e não tive nenhuma situação, por exemplo, de deixar cadeiras para trás. Ou seja, fiz tudo*

*naquilo que era o tempo regulamentar. O meu ano de entrada foi muito positivo. Eu não posso dizer que escolhi Ciências da Educação de uma forma consciente, até porque a maior parte dos colegas que entram em ciências da educação têm psicologia de primeira opção. E eu era mais uma dessas que sabia claramente que não queria psicologia. No entanto, fui uma feliz aluna de Ciências de Educação e eu frequentei com gosto e no final do primeiro semestre tinha a certeza que nunca iria transferir o curso. Acho que eu assumidamente sou das ciências da educação e depois o meu ano de conclusão no mestrado foi um ano muito intenso. Foi um ano de estágio e eu escolhi a modalidade. Nós temos várias modalidades e escolhemos a modalidade de estágio 340 horas, se não me engano, depois com apresentação em defesa do relatório final. E foi um ano de muita aprendizagem, muita intensidade, de estar efetivamente numa escola com um ritmo que isso implica, com uma aprendizagem muito grande. E acho que foi o pico da formação, foi mesmo o poder de sentir o que é que eram as necessidades do terreno.*

22. Estudou em qual período? Houve mudanças de período?

*Ao longo da licenciatura, fui mudando entre manhãs ou tardes. Depois também tinha muitas responsabilidades ao nível do associativismo estudantil e tentava sempre jogar o meu horário com base nessas responsabilidades. No mestrado era praticamente pós-laboral e tinha aulas a partir das 18h00.*

#### ATIVIDADES SOCIAIS E LAZER

1. Você possui hobbies? Quais são?

*Atualmente o meu principal alvo é trabalhar, mais pronto também com foco na formação. Estou um bocadinho preguiçosa ultimamente. É um dos meus principais hobbies viajar e pretendo retomar isso agora, que faz muita falta. Até porque isso também abre muitos horizontes e aprendemos muito com isso.*

2. Quais são as suas atividades de lazer?

*Respondido na pergunta anterior.*

3. Quem participa dessas atividades (familiares, amigos)?

*Tento sempre ter espaço de lazer com amigos, coisas que me estimulem e que, apesar de tudo, me permitam desapegar daquilo que é tamanho stress diário de trabalhar com esta população que é uma população desafiante e que do ponto de vista emocional exige muito do profissional, porque no fundo estamos a falar de histórias de vida, de coisas reais que estão a acontecer. Eu não trabalho com um computador, não trabalho com algo que seja mecânico, trabalho com vidas de pessoas que estão permanentemente a mudar. E por mais que nos tentemos desapegar a dias mais difíceis, não... É por isso, às vezes, rodear-me dos meus, sair, divertir-me, viajar são hobbies que eu tento sempre aplicar quando posso.*

4. Você possui um círculo de amizade? Fazem confraternizações com frequência?  
*Já respondido.*

5. Quais lugares de lazer mais gosta de frequentar? Fale sobre eles.  
*Já respondido.*

6. Você dedica algum tempo para leitura?  
*Não, não tenho. Ultimamente tenho me desleixado muito. Não leio muito, confesso. A não ser que seja artigos de jornal e coisas que eu vou acompanhando de temas que me interessam, porque acaba por ser aquela leitura rápida do dia a dia.*

7. Você tem alguma atividade religiosa?  
*A nível da atividade religiosa, eu considero-me católica. Neste momento não frequento cerimónias religiosas ativamente, mas assumo como tal.*

## TRABALHO

1. Com quantos anos iniciou a trabalhar? Conseguiu conciliar as suas tarefas educacionais com o trabalho?  
*Eu comecei a trabalhar com 25 anos, 24, 20, cinco anos, sim.*
2. Você trabalhou desde cedo para pagar os estudos?  
*E eu só comecei mesmo a trabalhar depois de estar com o grau de mestre concluído. Até lá, era um trabalho de esporádicos.*

3. Como foi a escolha da sua profissão (Ciências da Educação e Pedagogia)? Teve informações sobre outras profissões, outros cursos?

*Na altura explorei alguns cursos na área social e sabia que queria trabalhar na área social, mas como tinha aquele interesse específico pela psicologia, aquela universidade em específico era a que mais me interessava entrar e daí ter optado por ciências da educação. Ainda que depois tenha descoberto que gostava da área.*

4. Você trabalha na sua formação (Ciências da Educação e Pedagogia)? Qual é o cargo que ocupa? Há quanto tempo atua?

*Já respondido. Mediadora há 4 anos.*

5. Foi fácil conseguir emprego na sua área de graduação?

*As poucas colegas do meu ano que conseguiu integrar o mercado de trabalho na área exatamente que ambicionava e ainda por cima no Estado, que foi uma coisa que era muito difícil. Mesmo os próprios, os meus professores universitários, me diziam que eu não devia alimentar essa expectativa de ingressar tão rápido no Estado. Mas, curiosamente, na escola onde eu fiz o estágio abriu vaga logo a seguir e claro que o meu desempenho no estágio ditou muito aquilo que depois viria a ser a minha contratação. Foi puramente sorte. Eu acho que tive um bom desempenho numa instituição pública que abriu vaga e que conseguiu que eu ficasse. Foi aqui vários, vários fatores que realmente não se repetem muitas vezes. Eu não consigo explicar isso de uma forma mais racional. Eu tive alguma sorte por essa valorização e por efetivamente ser um momento em que o próprio governo investia nesse tipo de técnicos. Por isso foi o juntou se aqui o útil ao agradável.*

*Concurso público. Edital? E responde. Inscrevemo-nos numa porta, numa plataforma. Depois temos que enviar portfólio. Temos que enviar comprovativos de toda a experiência que se tem. Há uma pontuação específica para o tempo de serviço. Isso acaba por ser também ainda tem muito peso, o que acaba por ser prejudicial nos concursos. E lá está eu aqui mais uma vez tive a sorte de terem me visto a trabalhar e disse ter sido um voto a favor meu, porque senão estaria em desvantagem para com outras pessoas que tinham muito mais tempo*

*de serviço. É um procedimento muito burocrático, que tem muitas regras. As próprias escolas têm que ter muita atenção, porque isso, pois são procedimentos que têm que estar públicos. E na altura também tive esse apoio para conseguir. Tive algum apoio de quem já estaria no terreno para me aconselhar exatamente sobre os documentos que eu precisava entregar.*

6. Qual sua opinião sobre a profissão que escolheu, você escolheu certo, ou se arrepende?

*Eu posso dizer que trabalho exatamente para aquilo que eu me preparei e quis.*

7. O que você mais gosta na sua profissão? E o que não gosta?

*O que eu mais gosto na minha profissão? Trabalhar com as famílias. Tenho muito dessa área do trabalho com as famílias de criar relação de confiança, de sentir que posso ser útil nas suas dinâmicas e nas minhas dificuldades diárias. Gosto muito. Eu gosto de trabalhar no terreno. Gosto da adrenalina que o terreno me dá nas situações de crise que é preciso resolver. E a escola acaba por ser um local privilegiado, porque as crianças e jovens passam aqui muito tempo. Então há coisas que é a escola que deita, que é a escola que denuncia e eu gosto, ainda que seja mau do ponto de vista de quem sofre. Do ponto de vista profissional, isso desafia-me muito. O tipo, o terreno, o trabalhar em articulação com as instituições na busca das soluções. Gosto muito do papel social da escola. O que eu menos gosto e por vezes esta incapacidade de planeamento, não é um trabalho que tem uma rotina. O facto, muito referido e bom, mas que não tenho uma rotina de planeamento. Nós fazemos 1001 planos e quando vamos a ver, às vezes não fizemos nada para o qual estava destinado naquele dia. E não gosto da resistência dos professores.*

8. Você acha a carreira de educóloga, licenciatura em ciência da educação na Universidade do Porto, é interessante?

*Respondido anteriormente.*

9. Quanto a expectativa de salário, é recompensador?

*Zero um zero, é carreira salarial estagnada. Aliás, técnico contratado nem sequer tem carreira, não tem perspectiva de aumento salarial porque não está efetivo. Nós temos aqui muitos problemas com as cotas. Quem está*

*efetivamente no quadro e que tem acesso a determinado tipo de cotas? Os contratados acabam por ter sempre a avaliação que sobra, não é? Independentemente do seu valor a nível salarial, não é minimamente recompensado. E eu considero que até para que o como técnico social faz no terreno e o risco no exercício das suas funções porque tem risco e nós já nos deparamos com situações difíceis de confronto. Não há aqui uma valorização. Eu acho que às vezes quem está a gerir o país não tem noção do que é o exercício das funções de um técnico social, dos riscos de usarmos o nosso carro pessoal para fazer diligências sem qualquer tipo de retorno financeiro. Por isso e isso, pois também acaba por haver técnicos que cumprem a sua função de uma forma muito mais *widbook*<sup>11</sup>, digamos assim. E há certas coisas que não fazem. E depois há outros técnicos que têm esse espírito mais arrojado, mas que o assumem por sua conta e risco. Por isso, a parte social nunca foi muito valorizada em Portugal. Considera se que é sempre uma atuação muito mediática e não se vê a forma como os técnicos poderão contribuir para que, no futuro, até haja menos delinquência, menos inserção, mais inserção no mercado de trabalho. Aliás, não, não existe essa perspectiva. Não sinto isso ainda em curso. Este governo tem investido mais nesta parte mais escolar dos psicólogos e dos técnicos, mas acho que não há uma noção clara. Não são conhecidos claramente os seus benefícios.*

9.1 Essa inserção do formado do Ciências em Educação na escola, como que isso acontece?. Se há uma obrigatoriedade ou não deste profissional na escola ou não.

*Não há, não há e somos poucos a nível nacional. A figura do psicólogo, sim, está muito instituída na sociedade, mas sem ser na escola, em outros domínios. E há muito essa questão do psicólogo escolar. A figura do mediador não é uma figura reconhecida em todos os sítios. A própria faculdade depara se com esse problema sempre da credibilização daquilo que é o papel do formado em Ciências da Educação. E muitas das vezes, só quando vamos para o terreno, para os estágios ou colaborar voluntariamente em algumas organizações é que*

---

<sup>11</sup> O *Widbook* é um serviço online para a publicação de livros digitais. A plataforma reúne um acervo com mais de três mil obras disponíveis e 12 mil títulos em "processo de escrita". Isso mesmo, livros ainda incompletos que recebem "pitacos" dos leitores e podem ser compartilhados como "novelas", de capítulo em capítulo.

*percebem. Antes, ao fazer isto, tens esta competência, ou seja, só aí no reconhecimento é que valorizam aquilo que nós podemos ser. E em Portugal não existe a obrigatoriedade de ter mediador. Agora a nossa escola em Portugal, aqui em Portugal existe. Escolas TEIPs que são os Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, que são escolas que são marcadamente são, com problemáticas marcadas de insucesso, de abandono, de absentismo, indisciplina, inseridas muitas das vezes em bairros sociais, aqui com uma população muito mais pesada, que tem outro tipo de necessidades e acaba por ao governo ao validar que a escola é tape. A escola tem que apresentar projeto e tem financiamento específico que acaba por ter mais recursos técnicos por comparação com o agrupamento de escolas dito normal. Não gosto desta designação, mas digamos assim, pronto e acabou. E então a nossa escola acaba por ter uma equipa multidisciplinar muito completa. Mas temos muitas outras que não têm ou têm um psicólogo, assistente social ou só têm um psicólogo porque o psicólogo, sim, acabou. Estamos aqui há dois anos para cá. Tem se massificado a figura do psicólogo nas escolas. As escolas que não tinham tiveram autorização para abrir, essas sim. Agora, no resto não entendi.*

#### 9.2 E a questão das cotas?

*Eu tenho aqui uma coisa que domina muito bem essa questão. Agora, isso tem a ver com o número de profissionais que se têm no terreno. Há um cálculo específico que se faz e que depois só pode haver, por exemplo, um excelente dois relevante e adequado, ou seja, que tem a ver por cabeça, ou seja, o número de profissionais que há. E depois, legalmente, existe uma fórmula que nos dá a cota e, por exemplo, só tivemos direito a um excelente automaticamente. Pode haver outras pessoas que merecem, mas que não poderão ter e então acabam por acabam por nos dar uma avaliação qualitativa maior, mas em número. Estamos na cota do relevante ou do adequado.*

#### 10. Atualmente, qual seria o maior problema na sua profissão?

*A precariedade é o maior problema neste momento. Essa falta de valorização, o facto de chegarmos ao mês de Agosto e não sabermos se temos trabalho no mês seguinte e somos avisados em cima do joelho da nossa situação laboral. Não há aqui qualquer tipo de regra que nos prevê que nos preveja efectivar ao*

*fim de X tempo. Se tivermos, porque há anos que somos renovados, há anos que nos podem ter que despedir a 31 de Agosto e depois retomar a contratação e ter que repetir todo o processo de recontração. E sem dúvida que é precariedade e que passa muito por esta negociação política de os trabalhadores se unirem mais, de se organizarem mais. Na nossa área há muitas organizações ainda a fazerem, se fazerem defender os seus direitos e é um bocadinho convencer os decisores políticos daquilo que são as vantagens. E ainda há muito caminho para percorrer. E aí as universidades também têm um papel muito importante na divulgação e nessa negociação, porque, apesar de tudo, têm os cursos em funcionamento. Por isso acabam por ter uma responsabilidade social também que garanta que aquelas pessoas que se estão a formar também vão ter futuro. Por isso passa por esse diálogo social, a meu ver.*

11. Você teria alguma solução para este problema?

*Respondido anteriormente.*

12. As atribuições de professor/pedagogo e licenciado em ciência da educação, são as mesmas? O que na sua opinião as difere?

*Eu confesso que tive alguns colegas pedagogos que vinham depois ter aulas comigo, mas eu nunca entendi muito bem exatamente se tinha que ser numa área muito mais ligada à docência ou não. Agora acho que há aqui alguns pontos em que se toca, nomeadamente nesta perspectiva do pensamento crítico da educação. O pedagogo. Penso que também se terá preocupar por essa diversidade de estratégias, pela criatividade no ato de ensinar. É essa a questão da inclusão e da integração que hoje em dia são questões muito importantes. E eu acho que há questões que se tocam ainda, que eu acho que depois, no final, o exercício profissional poderá ser diferente. Mas isto é uma ideia que eu tenho por não ser certa.*

13. Na sua opinião como a sociedade vê o papel do pedagogo e do licenciado da ciência da educação?

*É uma figura muito conhecida, mas cada vez menos sinto isso. Há seis anos atrás, meu Deus, não sabia o que é, Para que é que nós sabíamos? Aliás, tem*

*um autor que dizia que as mesmas famílias não sabiam para o quê, que nós estávamos a estudar lá, confiavam, não andávamos na universidade, então estava tudo certo. Mas não, não é a mesma coisa que ser. Sou engenheiro, sou psicólogo, sou médico aqui é isso e isso e tal. Mestiçagem faz com que haja algumas dúvidas do que é que se é exatamente. Ok, pode trabalhar em escolas, mas também pode trabalhar em câmaras municipais ou em clubes desportivos. Pronto, ainda há muito caminho a percorrer para essa definição profissional, mas o que eu sinto, no que vou percebendo e falando com mais alguns colegas é que quando nos observam a trabalhar, percebem as nossas valências. E sinto.*

14. Você consegue se manter atualizado? De que maneira?

*Mas às vezes vou lendo algumas coisas, outras vezes entramos aqui no perigo da rotina e vamos fazendo uma outra formação. Ainda que eu tenha procurado ultimamente formações que não estão propriamente ligadas às ciências da educação. Eu, por exemplo, recentemente fiz uma formação de violência doméstica. É uma realidade que eu lido diariamente aqui e precisava de formação sobre como intervir, procedimentos. Quer dizer, as ciências da educação não nos dão isto. Nós não estamos numa escola e temos problemáticas sociais, como a pobreza, a violência doméstica, o tipo de coisas. E temos que procurar algo que nos complemente e que e que possa e que faça com que também não sejam cometidos, às vezes, erros de intervenção na forma como se aborda as pessoas ou não. Se conhecer o procedimento e não saber o que é que se pode fazer quando se tem conhecimento da situação. Por isso acho que tem questões de igualdade de género também. Agora nos jovens e as questões dos LGBT. Por exemplo, temos que nos atualizar obrigatoriamente sobre isso. Por isso as formações tenho feito em que investir mais, mas acho que tenho feito. Foge um bocadinho. A justificação já é um bocadinho o que o contexto me pede.*

15. Aonde você trabalha atualmente, recebe incentivo financeiro para essas capacitações?

*Da entidade patronal? Isso não, é tudo por conta própria.*

16. A sua profissão se distingue de outras profissões? Como? No que em específico?

*Todas as profissões têm uma identidade própria. A minha profissão não é superior nem inferior à de ninguém. Eu acho que é uma profissão simplesmente menos reconhecida socialmente, mais invisível e às vezes, às vezes, para chegarmos a um objetivo, esquece-se que houve um técnico por trás a fazer uma série de coisas para chegarmos ali. Não é aquela profissão que à mesa do jantar se fala, como eu, ao cabo, dizia o ser engenheiro de ser médico. É um bocadinho isso de conhecimento. E não é aquela primeira profissão que nos vem à cabeça agora. Não é melhor nem pior que as outras profissões.*

17. Você é respeitado por ser um profissional da educação ou pedagogo? Sua família o respeita?

*Sim, sei sim. E principalmente, eu sinto falta da minha rede familiar e de amigos mais próximos que há muito. Como é que eu ia dizer? As pessoas elogiam muito o espírito de missão quando ouvem as histórias e as partilhas do dia a dia. Não sei como é que tu aguentas isso e não sei como é que vocês resolvem. E pai ser muito pesado, não dava para mim contar muito de reconhecimento da dor da entrega que tenho. E na minha família há muito esse reconhecimento, porque também para outras pessoas, a minha mãe, principalmente e outros elementos, têm muito preocupações sociais e eu acho que eles valorizam que eu trabalhe nessa área e nunca houve qualquer tipo de pressão para eu escolher uma área mais rentável, por exemplo.*

18. Valeu todo o investimento material, intelectual e o esforço para sua formação?

*Valeu! Eu não me arrependo nada de ter tirado esta formação.*

19. O padrão de vida que você tem, condiz com o que esperava quando estava cursava pedagogia ou ciência da educação?

*Então melhor. Eu neste momento tenho um padrão de vida que me permite ser autônomo. Agora, se me digam que é um padrão de vida que a longo prazo ser estável. Não, não é o ideal. Agora eu lido, como eu lido com população todos os dias que vive no limiar da pobreza, por isso nem sequer tenho coragem de me*

*queixar muito. Agora, por exemplo, aumentando o agregado familiar é difícil. Por exemplo, enquanto sou só eu, é uma coisa independente.*

20. Condiz com o padrão de seus pais? É igual, pior ou melhor?

*Não respondido.*

21. O que mudou na sua vida após a sua graduação?

*Tudo mudou e está o facto de eu ter a mesma profissão que sempre quis o estar a fazer, ter um exercício profissional que me motiva.*

22. Você faria tudo de novo? O que mudaria?

*Acho que acho que não. Mesmo as coisas que fiz menos bem ou era muito fácil, agora para mim dizer que era muito e tinha sido muito fácil. Os 12 anos de escola em 12 anos e não em 14, a que eu me poderia ter empenhado um bocadinho mais no meu ensino básico. Mas lá está, aprendi sempre, sempre me aprendi a superar as dificuldades também me ensinaram. Não posso dizer que mudaria, porque, apesar de tudo, o desfecho foi positivo.*

23. Tem alguma outra coisa que queira falar sobre a sua trajetória acadêmica e profissional?

*Não tenho ideia do que vocês aqui perguntam, mas as que fizeram me resumem muito bem. Não tenho nada agora que me ocorra neste momento.*

24. Tem algo que queira acrescentar ou deixar registrado como sugestão.

*Bem, nada assim. Deixo só como sugestão. Por acaso confesso que não estava à espera de algumas questões que me foram perguntadas e inclusive do meu processo de crescimento e até às vezes, de questões mais privadas, confesso. Não sei se depois isso pode ser refletido a nível de investigação, até que ponto eram necessárias algumas respostas, porque penso que isso poderá inibir, às vezes algumas perguntas. Não é que se tenha nada a esconder, mas às vezes são aspetos mais privados. Isto é uma crítica construtiva. Atenção Raquel, sendo que não tive nenhum problema, mas às vezes senti aqui que há certas questões que não sabia até que ponto poderiam ser úteis ou não para a investigação. Agora de qualquer forma agradecia imenso. Peço desculpa por*

*este atraso na marcação, até porque o professor Henrique sabe que é conhecido e eu valorizo muito aquilo que são as pesquisas, tudo o que posto e em que posso enaltecer o papel da Agência de Educação e divulgá-lo. Para mim são sempre iniciativas muito positivas e quero agradecer também por tudo o que está a encabeçar e desejar lhe os maiores sucessos académicos e profissionais.*

#### **8.2.4 Entrevista MARN (Portugal)**

Iniciais do nome: *MARN*

Mês e ano de Nascimento: *17/01/1977*

Cidade e Estado de Nascimento: *Amarante*

Orientação Sexual: *feminino*

Estado Civil: *casada*

Tem filhos (as)? ( ) Não ( ) Sim. Qtos: *Sim, tenho 2 filhos.*

Composição familiar (quantas pessoas residem em sua casa (nome, parentesco, idade, escolaridade, profissão, renda), além de você?

*Total de 4 pessoas. Casal e filhos.*

Situação de Moradia (Residência própria/alugada/cedida/financiada/etc): *residência própria.*

Está inserido no mercado de trabalho? Tem registro? Qual seu local de trabalho? Há quanto tempo?

*Então, atualmente eu trabalho no Centro de Formação Profissional. Sou técnica de orientação, reconhecimento e validação de competências. E esse trabalho é em Santa Maria da Feira, há um ano e meio.*

Qual sua função? (pedagogo/professor/licenciado em ciências da educação)

*Licenciada em Ciências da Educação exercendo a função de Técnica de orientação, reconhecimento e validação de competências?*

**GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO DA FAMÍLIA:**

1. Escolaridade e profissão do seu pai:

*O meu pai tem apenas o quarto ano do primeiro ciclo do ensino básico, que é em Portugal. E a minha mãe também.*

2. Escolaridade e profissão da sua mãe:

*Respondido na questão anterior.*

3. Estado civil dos seus pais:

*Casados.*

4. Você tem irmãos?

*Sim, tenho 4 irmãos.*

5. Eles estudaram?

*A única que concluiu o ensino superior fui eu.*

6. Algum fez o Ensino Superior?

*Já respondido na questão anterior.*

7. Tem algum familiar que fez Ensino Superior? Quem (parentesco) e qual curso?

*Sim, primos.*

#### SITUAÇÃO ECONÔMICA DA FAMÍLIA

1. Sua família tinha estabilidade econômica? Você acha que isso influenciou na sua escolaridade e na vida escolar de seus irmãos?

*Os meus pais eram pessoas com muito baixos recursos. E não havia grande possibilidade de estudarmos e de ingressarmos no ensino superior. Os meus estudos proporcionados na altura pelos meus pais, foram apenas o sexto ano de escolaridade, que é o segundo ciclo do ensino básico. E depois, mais tarde, já em adulta, é que decidi, por minha iniciativa, a estudar, voltar à escola e concluí depois o nono ano, depois o 12.º e depois ingressei no ensino superior.*

2. Em que faixa econômica você situaria sua família?

*Baixa, referir se à família dos meus pais, portanto.*

#### ESCOLARIZAÇÃO INICIAL

1. Você cursou o ensino fundamental em escola pública ou privada? Quantos anos em cada tipo de instituição? Você sentiu diferença na qualidade do ensino entre as escolas pública e privada?

*Escola pública.*

2. Você cursou o ensino médio em escola pública ou privada? Quantos anos em cada tipo de instituição? Você sentiu diferença na qualidade do ensino entre as escolas pública e privada?

*Escola pública.*

3. Como você considera o seu desempenho escolar (excelente, bom, médio, regular)? Repetiu alguma série?

*Nunca repeti nem um ano e tive um desempenho escolar sempre muito bom. Mas não havia meios financeiros para que eu desse continuidade, porque era a mais velha. Portanto, éramos cinco, cinco irmãos e eu era a mais velha.*

4. Participou em atividades extra-aulas como grêmio, jornal estudantil, teatro?

*Não havia muita oferta na localidade onde vivia. Então não participava em nada disso.*

5. Qual disciplina você mais gostava?

*Eu gostava muito francês e de ciências.*

6. Sua família participava de sua vida escolar? ( ) Não ( ) Sim

*Não. Não havia muito envolvimento, por questões de cultura. Os meus pais tinham uma muito baixa escolaridade e depois tinham a prioridade deles que era o trabalho. Havia porque eu não me sentia diferente da maior parte dos meus colegas, portanto, era o comum naquela zona e era cada um. Nós éramos autônomos na escola, portanto nós é que tínhamos que saber, que tínhamos as nossas responsabilidades e tínhamos que as assumir. Não havia envolvimento dos pais.*

7. Quem normalmente ia assinar seu boletim escolar/notas?

*Respondido na questão anterior.*

8. Quem ajudava nas tarefas escolares?

*Respondido na questão anterior.*

9. Os seus familiares se interessavam pelo seu rendimento escolar? Como esse interesse era demonstrado?

*Respondido na questão anterior – não por questões culturais.*

10. Em quais matérias possuía dificuldade de aprendizagem?

*Eu não tenho memória de ter dificuldade em alguma disciplina. Eu gostava muito da escola, tanto que quando os meus pais me disseram que eu tinha que terminar os meus estudos no sexto ano, eu fiquei muito triste. Porque eu queria dar continuidade. Mas na época eu não tinha a possibilidade de continuar. Então eu depois comecei a trabalhar com 12 anos e terminei a escola aos 12 anos e fui logo trabalhar. Depois aos 18 anos eu conheci uma família para quem eu trabalhava que me ajudou. Ela era professora e ele era farmacêutico. Portanto, eram pessoas com curso, escolaridade e me incentivaram a estudar e eu comecei a perceber. Eu comecei a conviver com outras pessoas e eu queria ser como essas pessoas. Eu queria estudar, eu queria saber falar, queria saber estar no meio dessas pessoas. Um dia eu disse que queria estudar e essas pessoas apoiaram e incentivaram e então, fui com o objetivo de fazer ensino básico, concluir o nono ano depois. Aquilo correu bem e eu comecei a gostar e decidi avançar para 12.º. E quando terminei o 12.º, agora eu quero ir para a faculdade. E candidatei-me e entrei e tirei e fiz a licenciatura em Ciências da Educação.*

11. Quais foram as matérias em que mais se dedicou?

*Respondido anteriormente.*

12. Seus pais iam à escola, conversavam com os professores?

*Já respondido anteriormente: os pais não se envolveram.*

13. Havia alguém que estimulava você em estudar?

*Respondido anteriormente: os patrões para quem trabalhava.*

14. Sua família se preocupava com a escola? Participava de atividades na escola? Ajudava na conservação da escola?  
*Não havia envolvimento em quaisquer atividades, fossem elas curriculares ou extra curriculares.*
15. Seu percurso escolar foi marcado por dificuldades econômicas?  
*Sim, econômicas e se calhar culturais também. Exatamente pela não grande valorização da escola.*
16. O critério de escolha da escola de 12.º ano, no caso, estava ligada à perspectiva de trabalho?  
*Não estava diretamente ligado ao trabalho.*
17. Com quantos anos você concluiu o ensino médio/secundário?  
*O terceiro ciclo eu concluí com 21 anos e o 12º com 24.*

#### INSERÇÃO NA GRADUAÇÃO

1. Você fez cursinho pré-vestibular/preparatório para entrar no ensino superior? Qual tipo (cursinho particular ou popular)?  
*Sim, agora. Agora há uns cursos, porque a modalidade para entrar no ensino superior, a modalidade maior de 23, e há quem faça uns cursos para se preparar para entrar no ensino superior. Na altura não sei se havia porque eu não fiz nenhum curso para me preparar. Eu quando terminei o 12.º ano, decidi candidatar-me ao ensino superior. Candidatei-me com muito poucas expectativas de conseguir entrar, porque eu trabalhava durante o dia e estudava à noite. E não era fácil, não tinha ao mesmo tempo para poder estudar, que tinham os jovens que só estudavam. E então a minha média de secundário não era uma média muito, muito alta. Tinha média de 14. E então eu tive que fazer um exame que chamas aqui, não sei se no Brasil terá outro nome, mas era um exame para poder entrar na faculdade. Para fazer esse exame tive que me preparar. Quando eu fui fazer o exame, eu não tinha muita, muitas expectativas de conseguir entrar. Eu via jovens, achava muito mais jovens que eu. Não é porque eu tinha 24 anos, eu já me achava naquela altura uma pessoa velha para*

*entrar no ensino superior, quando via lá pessoas com 18 anos, algumas até com 17 e achava que não ia estar a altura que não ia estar devidamente preparada. E quando saíram os resultados eu fui ver qual era a minha situação, em que lugar é que eu tinha ficado. E eu achava, eu ia pelo caminho, a pensar. Eu nem sei o que é que eu vou lá fazer, porque eu não entrei, vou perder a viagem. E depois cheguei e tinha entrado. E fiquei muito, muito surpreendida, porque o exame realmente tinha corrido bem e eu tinha sido admitida no ensino superior.*

2. Por quanto tempo fez cursinho/preparatório?

*Respondido anteriormente: não fez cursinho.*

3. Para ingresso na universidade, você ingressou na primeira possibilidade que tentou?

*Na primeira tentativa.*

4. Quais os motivos que o levaram a prestar vestibular para esse curso?

*Eu não conhecia o curso e na altura eu sempre gostei de economia no secundário e eu achava que se fosse para o ensino superior gostava de ir para economia, mas a minha média era muito baixa para eu entrar na universidade, na economia, no curso de economia. E então houve uma amiga lá da escola que tinha andado comigo na secundária, que disse “Vamos, inscrevemo-nos neste curso de Ciências da Educação, fazemos o exame e vamos entrar e fazemos o primeiro ano. E se não gostarmos, depois vemos a possibilidade de mudarmos de curso no segundo ano”. E foi ela que me falou do curso que ela já tinha ouvido falar. E fomos, inscrevemo-nos, fizemos o exame e eu passei e ela não. Ela não entrou.*

5. Havia alguém em seu círculo de amizades, família ou algum professor que influenciou a sua escolha (curso, profissão)?

*Respondido na questão anterior, uma amiga.*

6. Conte um pouco, sobre sua escolha do curso. Foi a sua primeira opção? Qual era a sua primeira opção?

*Foi a primeira opção com o objetivo depois de mudar. Só que no primeiro ano eu continuei a trabalhar. Eu trabalhava durante o dia e as aulas a noite. Só que eu comecei a gostar logo das duas disciplinas que tínhamos, das temáticas que abordava alguns dos trabalhos que tínhamos que fazer. E eu comecei a gostar daquilo porque era um curso que tinha muito de psicologia, era um curso que apaixonei-me e então já não pus sequer a hipótese de mudar de curso a perder. O problema foi depois, no final do primeiro ano, eu deixei duas cadeiras por fazer. Não consegui fazê-las porque não tinha tempo para estudar. Faltava muitas aulas por causa do horário, porque quando chegava às vezes já chegava quase no fim dalgumas aulas. Então, no fim do primeiro ano eu congelei a matrícula e disse que não ia mais, que não dava. Eu precisava trabalhar que eu tinha que ganhar dinheiro e tinha que me sustentar. Não havia hipótese de deixar de trabalhar porque os meus pais nunca puseram sequer a hipótese de não poder pagar os estudos, não me poder sustentar para eu só estudar. E então eu congelei a matrícula e pensei nunca mais eu vou conseguir voltar à faculdade. E entretanto, nessa altura eu já namorava com o homem que hoje é o meu marido e estávamos a construir uma casa, esta casa que vivemos. E entretanto no verão do ano seguinte nós decidimos casar. E meu marido disse vamos casar e tu vais voltar à faculdade. E não, não tenho que trabalhar porque tenho que te ajudar também com as despesas da casa. E então foi quando ele quase me obrigou a voltar. Comecei a trabalhar part time, não a tempo inteiro. No fundo, só ganhava para as viagens e para as festas da faculdade. Pronto, tinha uma bolsa de 80 e tal euros. Ganhava depois mais cento e tal euros. Digamos que dava para pagar as propinas e as viagens de comboio. Não dava para mais nada, não dava para comer, não dava para me vestir, não dava para nada. Era ele que suportava depois todas as restantes despesas. E foi quando voltei e conclui depois.*

7. E a Universidade, por qual motivo escolheu a UP ou UFPR?

*Sim, a escolha da Universidade do Porto foi pela localização, portanto eu pertença. Eu vivo no distrito do Porto e a fazer tinha que ser no distrito do Porto para não ter ainda mais custos com alojamento ou com viagens num outro distrito em Lisboa, ou seja onde for. Mas continuei sempre a trabalhar. Houve alturas muito difíceis. Porque eu começava a trabalhar às 06h30 da manhã,*

*trabalhava até às 08h30, às 08h30 ia para a faculdade e depois, quando acabavam as aulas, às vezes acabava uma outra vez, às 15hrs eu voltava para vir trabalhar até às 21 hrs, 22h00, para poder ganhar o meu dinheiro, porque eu também não queria viver totalmente dependente do meu marido. Eu trabalhava numa fábrica de confecção de roupas e na embalagem.*

8. Você fez curso ou iniciou curso técnico ou outro curso superior antes de ingressar em Ciências da Educação ou Pedagogia?

*Respondido anteriormente. Não.*

9. Como foi o seu primeiro ano na Faculdade? Quais as dificuldades que você teve? Algo foi significativo?

*Respondido anteriormente.*

10. E no segundo e terceiro ano, mudou algo em relação a Universidade? E ao final do curso?

*Respondido anteriormente.*

11. O que a Universidade foi para você?

*A universidade mudou a minha vida. Mudou a nível profissional porque passei a poder trabalhar naquilo que eu gostava. Porque eu tive antes de ir para a faculdade. Eu tive vários trabalhos, mas eu nunca me senti realizada em nenhum deles. Eu trabalhava porque eu precisava ganhar o meu dinheiro, precisava ser independente, mas nunca me senti realizada. Havia dias em que eu chorava de manhã antes de começar a trabalhar, porque sabia que aquilo não me acrescentava nada. Não era algo que eu gostasse de fazer e não me imaginava a vida toda a fazer aquilo. E trabalho trabalhos muito, muito rotineiros. Na fábrica eu dobrava a t shirts e estava o dia inteiro a dobrar t shirt. Aquilo não me acrescentava nada. E também sentia que não aprendia nada com as pessoas que trabalhavam aqui. Tinha a escolaridade também muito baixa. Eu não me sentia realizada. E a faculdade deu- lhe a possibilidade de eu trabalhar naquilo que eu gosto e de aprender todos os dias, porque agora eu agora convivo com outras pessoas, com pessoas que têm cursos superiores, pessoas*

*que sabem estar, que sabem falar. E eu aprendi isso também com essas pessoas no dia a dia.*

12. Para sua família, você saberia me dizer qual a importância da Universidade para eles?

*Sim. Hoje em dia a minha família tem orgulho. Para de dizer, acho dizem as pessoas, a minha fé. Eu já não tenho pai, já faleceu, mas ele quando eu terminei a licenciatura ainda antes de falecer e ao fazê-la vai fazer dez anos. E eu notava que ele tinha imenso orgulho de eu ser filha dele e ser chamada doutora. “Tenho uma filha que é doutora”.*

13. Você participou de alguma atividade cultural dentro da Universidade?

*Sim, participava naqueles momentos típicos da vida acadêmica, das praxes, das festas típicas da faculdade. Não, se calhar com a mesma intensidade que participa um jovem de 18 anos, porque, para além da vida acadêmica, tinha também tinha uma casa, tinha um marido e tinha um trabalho. E acabava muitas vezes as aulas e vinha logo no primeiro comboio para poder trabalhar umas horas ou para vir para casa, para fazer o jantar, para cuidar da casa.*

14. Como classificaria seu rendimento escolar dentro da Universidade?

*Para o relacionamento com as professoras e com as colegas foi sempre muito bom e o meu rendimento foi bom. Sim, considero bom.*

15. Você teve alguma dificuldade com o curso (leituras, com os colegas) ou com os professores?

*Respondida anteriormente, não.*

16. O seu padrão de vida é diferente do que seus familiares? Você acredita que isso se deve ao fato de ter nível superior?

*Sem dúvida. Sim, é bastante diferente e bastante diferente da maioria dos meus familiares. E é bastante diferente daquele que eu teria se não tivesse continuado dando seguimento aos estudos.*

17. E quando você estava na Universidade, enquanto estudante você trabalhou? Fez estágios? Foi bolsista?

*Sim, um estágio integrado no curso sim, não remunerado. Tinha uma bolsa de 80 €. As horas eu não lembro, mas o curso teve o estágio, houve estágio em vários momentos. No terceiro ano nós já tínhamos um estágio, alguns momentos do estágio e depois o mais intenso foi no quarto ano, no último ano e aí tivemos talvez cerca de um semestre.*

18. Você participou na Universidade de Congressos, Seminários, atividades extracurriculares?

*Alguns eventos, sim.*

19. Frequentou os eventos realizados no Campus (inclusive os pagos)?

*Sim, eu ia lá ainda frequentar o curso. Surgiu a oportunidade de frequentar aulas de Língua Gestual Portuguesa e eu inscrevi-me. Era um curso pago paralelamente à licenciatura e frequentei durante três anos esse curso de Língua Gestual Portuguesa, que adorei fazer. E porque senti que podia ser um complemento à licenciatura, podia ajudar me no futuro caso tivesse que vir a trabalhar com surdos mudos. Nunca tive a necessidade, em termos profissionais, de usar. E depois também, como vou deixando de usar, vou, vou esquecendo.*

20. No contexto da graduação, qual das disciplinas foi mais significativa na sua formação e para o exercício profissional?

*Eu lembro-me de uma cadeira que era teoria de desenvolvimento do currículo e da psicologia da educação. Ajudou porque no início, quando eu comecei a trabalhar nesta área, tivemos que criar diversos instrumentos de entrevista, diversos questionários e essas disciplinas foram muito importantes porque deram uma base para eu saber. Construir alguns desses instrumentos para poder usar e que utilizo ainda hoje no meu trabalho. Claro que vou adaptando. Quase todos os anos fazemos alterações porque há coisas que deixam de fazer sentido, há outras que faz sentido inserirmos e vamos fazendo essas alterações. Mas sem dúvida que houve muitas disciplinas na licenciatura que me ajudaram a saber construir esses instrumentos e a saber aplica-los.*

## 20.1 Fale-me sobre esse trabalho

*Como eu não tive oportunidade de estudar ou de dar continuidade ao meu percurso escolar de forma normal ou aquilo que chamamos de normal. Há muitas pessoas que tiveram que começar a trabalhar muito cedo, também aos dez ou 12 anos, e que tiveram que interromper o seu percurso escolar. E então surge depois a possibilidade delas obterem um diploma. Eu fui estudar, eu fui procurar conhecimento, mas as pessoas, ao longo das suas experiências de vida, elas também vão adquirindo uma série de conhecimentos e uma série de competências. Não são as competências da matemática, das línguas, das ciências, mas são outro tipo de competências. E o Programa Qualifica é o programa que nós temos neste momento aqui em Portugal. O Programa Qualifica permite que essas pessoas possam reconhecer essas competências e certifica-las de modo a obterem um diploma de equivalência ao básico ou ao secundário a nível secundário. E meu trabalho é ajudar essas pessoas a construir um portfólio de modo a que elas vivenciem as diversas competências que foram adquirindo ao longo da sua experiência de vida. De acordo com o referencial, exista um referencial de competências chave e é trabalhado o portfólio. Mas à luz desse referencial, para que elas possam obter um diploma. Mas o processo é um processo moroso. Nós fazemos primeiro a fase de diagnóstico, onde nós conversamos com as pessoas e fazemos entrevistas orais e escritas de modo a percebermos se a pessoa tem, de facto um perfil que justifique o encaminhamento para essa modalidade de certificação. Porque se não existem outras, se a pessoa não adquiriu competências ao longo da sua experiência de vida, se ela não adquiriu competências suficientes para obter uma certificação, ela pode ser encaminhada para um processo ensino aprendizagem e então, durante a fase de diagnóstico. Nós temos entrevistas que duram cerca de seis, sete horas durante vários momentos. Se entendermos que a pessoa tem de facto as competências para poder realizar um processo de certificação de competências, encaminhamo-la para o processo que dura um, sete, oito, nove meses. Onde ela vai construir então esse portfólio? Com a nossa orientação e de acordo com aquilo que é exigido no referencial de competências chave. E isso pode ser executado de acordo com a legislação licenciados em Ciências da Educação, Psicologia ou áreas similares.*

21. Fale o ano de inserção e conclusão do seu Curso de Graduação. Ocorreram lacunas no período de graduação? Você trancou a matrícula? Quais foram os motivos?

*No primeiro ano eu estudava só no período da noite. Eu trabalhava durante o dia e ia para a faculdade à noite, depois das seis, quando voltei. Depois parei um ano e quando voltei, depois pra faculdade, depois no segundo ano. Então aí foi com o apoio do meu marido, que entretanto nesse ano casei e com o apoio do meu marido. Então eu passei a trabalhar só nas horas que eu tinha livres da faculdade. Fui estudar durante o dia, estudava durante o dia e trabalhava só nas horas que eu tinha livres. Ou seja, se eu tivesse aulas às 10h00, eu trabalhava das 06h30 ou das sete até as nove. E depois se eu tivesse aula só até a uma ou até as duas ou até as três, eu vinha e trabalhava depois até as nove ou 22h00.*

22. Estudou em qual período? Houve mudanças de período?

*Respondido anteriormente.*

#### ATIVIDADES SOCIAIS E LAZER

1. Você possui hobbies? Quais são?

*Atualmente eu gosto muito de caminhar, faz caminhadas todos os dias e gosto de estar com família, estar com as minhas filhas e os dias em que eu consigo estar com elas são os meus dias favoritos. Não, não é preciso às vezes muita, muita pompa e circunstância, que é uma expressão que nós usamos cá em Portugal. Às vezes basta só sentarmo-nos lá fora e apanhar um bocadinho de sol e vê-las andar de bicicleta.*

2. Quais são as suas atividades de lazer?

*Ainda na sexta-feira participamos numa caminhada que para a abertura das Jornadas Mundiais da Juventude que vão realizar-se em 2023 em Lisboa. A minha filha não pode ir a mais velha com muita pena minha, por uma questão de dias, porque só podem ir a partir dos 14 anos e ela na altura das jornadas. Faltam-lhe 15 dias para ela fazer os 14 anos e eu tenho imensa pena porque tão cedo não voltam a ser aqui em Portugal. Gostava imenso que ela pudesse*

*participar e não vai participar, mas tem participado em todas estas atividades que se tem feito para assinalar.*

3. Quem participa dessas atividades (familiares, amigos)?

*Respondido na pergunta anterior.*

4. Você possui um círculo de amizade? Fazem confraternizações com frequência?

*Respondido anteriormente.*

5. Quais lugares de lazer mais gosta de frequentar? Fale sobre eles.

*Respondido anteriormente.*

6. Você dedica algum tempo para leitura?

*Sim. Eu sempre gostei imenso de ler. Não consegue ver aqui, mas eu tenho aqui no escritório e tem aqui uma estante que acompanha uma parede inteira cheia de livros, o meu vício são livros. Eu adoro comprar livros. Não gosto de livros em formato digital. Gosto do livro em papel. Tenho que comprar os livros em papel, sempre.*

7. Você tem alguma atividade religiosa?

*Sim, nós somos católicos e vamos à missa todos os domingos. As minhas filhas participam na catequese e também vão todas as semanas à catequese e à missa e depois participamos naquelas atividades que são regulares.*

## TRABALHO

1. Com quantos anos iniciou a trabalhar? Conseguiu conciliar as suas tarefas educacionais com o trabalho?

*Sim, eu comecei a trabalhar com 12 anos.*

2. Você trabalhou desde cedo para pagar os estudos?

*Eu quando comecei a trabalhar com 12 anos, o objetivo era dar o dinheiro aos meus pais para ajudar a criar os meus irmãos, que eram mais novos que eu. Eu não ficava com dinheiro. O dinheiro que eu ganhava entregava aos meus pais.*

3. Como foi a escolha da sua profissão (Ciências da Educação e Pedagogo)? Teve informações sobre outras profissões, outros cursos?

*Sim. Ao longo da licenciatura fomos percebendo o que é que nós poderíamos vir a fazer em termos profissionais com a licenciatura em Ciências da Educação. Os dias depois houve diversos momentos onde nós fomos, em que nós fomos postos em contacto com o mercado de trabalho e com aquilo que nós poderíamos vir a fazer enquanto licenciados em Ciências da Educação. E depois os estágios também são outra realidade. Eu estagiei sempre na mesma área e na mesma entidade, mas houve pessoas que fizeram estágios em entidades diferentes e que diversificaram um bocadinho ali o contacto com o mercado de trabalho. E percebemos durante a licenciatura, percebemos claramente o que é que poderíamos vir a fazer em termos profissionais terminada a licenciatura.*

*Mas sim, ele [o curso] está relacionado com a escola. Nós podemos trabalhar como mediadores nas escolas. Tenho colegas que fizeram a licenciatura na mesma altura que eu e que estão a trabalhar na mediação escolar. Eu só consigo falar daquilo que eu conheço porque nunca trabalhei na mediação escolar. Mas aquilo que eu entendo da mediação escolar é como que um apoio ao psicólogo, porque as escolas aqui em Portugal todas as escolas estão apoiadas com um psicólogo. Mas existe também a mediação, porque muitas, muitas situações que ocorrem nas escolas não são propriamente necessária a intervenção do psicólogo, mas sim do mediador. Mas se dois meninos começam a fazer disparates e a discutir um com o outro e começam a bater um no outro, isso requer se calhar muito mais a intervenção de um mediador que a intervenção de um psicólogo no imediato, não quer dizer que o psicólogo não possa intervir depois numa fase posterior, mas na fase do conflito é mais importante a intervenção do mediador, que é o trabalho do mediador.*

4. Você trabalha na sua formação (Ciências da Educação e Pedagogo)? Qual é o cargo que ocupa? Há quanto tempo atua?

*Sim, existem muitas colegas licenciadas em ciências da Educação a trabalhar em Centros Qualifica e que estão no reconhecimento de competências. Existem pessoas que trabalham em Câmaras Municipais, nos pelouros da Educação, que criam os projetos de educação dos municípios e até para as escolas. Também porque há muitas escolas aqui que são geridas pelas Câmaras Municipais e as*

*peças que trabalham nos pelouros da Educação são licenciadas em Ciências da Educação e apoiam e criam esses projetos, quer para serem realizados pelo município, quer para serem implementados pelas escolas.*

5. Foi fácil conseguir emprego na sua área de graduação?

*Foi quando terminei a licenciatura em junho e em julho comecei a trabalhar num centro de estudos. Esse não era um trabalho diretamente relacionado com a licenciatura. Eu fazia a recepção aos meninos e fazia um centro de estudos. É um lugar onde as crianças e jovens vão depois de terminada a escola, vão para poderem estudar e tirar dúvidas e ser acompanhados por professores. E eu fazia a recepção aos jovens e acompanhava as jovens do primeiro ciclo na realização dos trabalhos de casa a tirar dúvidas. E estou lá desde 2006.*

*Não é obrigatório. Devia ser, mas não é. Acho que essa é uma expectativa do formando e cada vez mais vemos que cada vez mais as escolas a ter os mediadores, mas ainda não é uma prioridade nas escolas. Mas, as escolas têm autonomia nesse sentido para poderem contratar os mediadores.*

6. Qual sua opinião sobre a profissão que escolheu, você escolheu certo, ou se arrepende?

*Respondido anteriormente.*

7. O que você mais gosta na sua profissão? E o que não gosta?

*Respondido na sequência – distância.*

8. Você acha a carreira de mediadora, licenciatura em ciência da educação na Universidade do Porto, é interessante?

*É muito interessante e hoje, hoje em dia já é .... Mas que dizer? Hoje em dia as pessoas dizem quando me perguntam qual é a tua licenciatura? Sou licenciada em Ciências da Educação e as pessoas já reconhecem a licenciatura, já sabem o que é que eu faço ou o que é que eu posso fazer com essa licenciatura em 2006. Uma medida administrativa foi liberada para dar ciência ao que é que poderia fazer um licenciado em Ciências da Educação. Portanto, as coisas estão a mudar e se calhar os jovens que tiram agora fazem agora a licenciatura em Ciências da Educação daqui, daqui a uns anos terão ainda mais facilidade em*

*entrar no mercado de trabalho, porque a licenciatura começa realmente a ser importante e a ser importante ter a figura do licenciado em Ciências da Educação em diversas áreas e em diversas entidades. Nós somos importantes porque há problemas nas escolas. Porque há dificuldades, mas também porque há muitas coisas que nós podemos fazer com os jovens. Não é o mediador a casa, eu falei que o mediador tem a função de apagar fogos. E ele está lá também para dinamizar atividades, para proporcionar momentos de reflexão e de aprendizagem aos jovens.*

8.1 E por parte dos professores da escola, eles recebem bem esse profissional. Qual o entendimento que eles têm quando esse profissional está na escola?

*Eu penso que são melhor recebidos agora do que eram em 2006. Em 2006, eu lembro-me quando eu trabalhei nesse centro e depois surgiu a oportunidade de ir para uma escola onde fui trabalhar no reconhecimento de competências, mas numa escola e, portanto, trabalhava com adultos. E quando cheguei às pessoas, portanto, aquilo era um cargo novo naquela escola. E quando cheguei, cheguei eu e mais quatro colegas para fazermos os cinco a mesma função. E a maior parte dos professores não entendia muito bem quem nós éramos, nem o que é que estávamos ali a fazer. Então, mas e elas? E vocês fizeram o quê? A licenciatura é essa? Éramos três de Ciências da Educação e duas psicólogas a fazer a mesma função. Mas as psicólogas, os professores até entendiam. E psicologia está a fazer outro trabalho. Mas tem a licenciatura, a psicologia, as ciências da educação. Elas não entendiam muito bem o que nós estávamos ali a fazer, nem que licenciatura é que nós tínhamos de tirá-la. E hoje em dia já é completamente diferente. Já chega a qualquer lado e apresentam como licenciada em Ciências da Educação e as pessoas já não fazem aquela cara de espanto. Já percebem qual é a nossa intervenção nas entidades.*

9. Quanto a expectativa de salário, é recompensador?

*Nós achamos sempre que podemos ganhar mais, que não ganhamos sempre assim, mas, mas sim, tendo em conta o panorama nacional e olhando um bocadinho depois para as outras profissões, para as outras carreiras. Sim, é compensador.*

10. Atualmente, qual seria o maior problema na sua profissão?

*Neste momento, o maior problema na minha vida profissional é a distância do trabalho a cerca de 60 quilómetros de casa. Portanto, são 60 quilómetros de manhã e 60 quilómetros à tarde. Não é o tempo que eu demoro a percorrer essa distância, porque esse tempo é excelente para eu pensar, para eu organizar a minha, a minha vida de forma mental. Ponho às vezes muitas ideias no lugar. Utilizo também esse tempo para telefonar para minha mãe, para telefonar para amigas. É a questão monetária, porque os preços dos combustíveis estão uma loucura. E então é mesmo a questão monetária que eu gasto.*

*Há muitas pessoas e se calhar não tinha esta ideia antes de ter entrado nesta área de trabalho. Mas há muitas pessoas de facto que não tiveram a oportunidade de trabalhar, de estudar e que têm e que precisam de um certificado por motivos profissionais para progredirem na profissão, para encontrarem um novo trabalho. Outras procuram-nos por valorização pessoal, até para darem mau exemplo aos filhos, porque não estudaram e agora querem que os filhos estudem e então querem mostrar aos filhos que elas próprias também voltam à escola depois de algum tempo. Sim, e isso é muito gratificante. Para mim, enquanto técnica, poder ajudar essas pessoas, poder orientar essas pessoas, porque eu ponho me um bocadinho no lugar dessas pessoas que também já estive nessa situação de querer mudar a minha vida e a e contei com pessoas que me ajudaram, que me apoiaram. E sinto que o meu trabalho vale a pena, por isso também é significativo.*

11. Você teria alguma solução para este problema?

*Uma estratégia para eu resolver esse problema. Eu se calhar já tive. Só que eu sou muito emocional. Eu e eu. Quando surgiu esta oportunidade de ir trabalhar para o centro onde estou, para Santa Maria da Feira, eu fui imediatamente porque eu tinha um contrato a chegar ao fim e então não, não havia a possibilidade de renovarem aquele contrato. E surgiu esta oportunidade e eu acabei por não ficar desempregada nem um único dia, porque terminei num dia e no dia seguinte iniciei neste centro e foi excelente. Mas depois surgiram depois disso, eu entrei lá no dia 1 de janeiro e no dia um não foi feriado, mas dia útil de janeiro de 2021. Entretanto já me surgiram duas oportunidades para eu mudar de trabalho e duas bem pertinho aqui de casa, a cerca de 10, 12 quilômetros. Só*

*que eu gostei tanto de trabalhar lá. Gostei tanto da equipa com quem, com quem trabalho que eu acho que também o dinheiro não é tudo. E não arrisquei mudar porque tinha receio de mudar e depois arrependei-me só porque estou perto. Mas não tenho a equipa que tenho ali, portanto nem aceitei, não aceitei as propostas foram duas propostas em momentos diferentes que surgiram e eu não aceitei.*

12. As atribuições de professor/pedagogo e licenciado em ciência da educação, são as mesmas? O que na sua opinião as difere?

*Mas aqui não temos a figura do pedagogo.*

13. Na sua opinião como a sociedade vê o papel do pedagogo e do licenciado da ciência da educação?

*Então era aquilo que eu dizia a cada agora já via de forma diferente. Agora eu vejo que as pessoas já reconhecem o que é um licenciado em Ciências da Educação. Eu chego a qualquer escola e apresento-me como licenciado em Ciências da Educação e as pessoas reconhecem, sabe o que é que o que eu faço. Nós trabalhamos muito em parceria com gabinetes de inserção profissional. São gabinetes onde as pessoas que ficam desempregadas se inscrevem para procurarem trabalho. E nós trabalhamos muito com pessoas desempregadas. E quando eu chego aos gabinetes de inserção profissional, eu apresento-me e verifico que as técnicas que trabalham nesses gabinetes já não fazem aquela cara de espanto. Mas isso é o que eu apresento, sou licenciada em Ciências da Educação eu trabalho como técnica de orientação, reconhecimento e validação de competências. As pessoas percebem qual é o meu trabalho, qual é o meu papel ali. Portanto, eu acho que há uma maior valorização da licenciatura em Ciências da Educação nestes últimos anos pelo reconhecimento.*

14. Você consegue se manter atualizado? De que maneira?

*Sim, nós temos muito, muita formação, tudo o que é formação que nos interessa e que seja uma mais valia, que possa ser uma mais valia para nós e para e para o desempenho das nossas funções. Nós temos total autonomia para nos inscrevermos e frequentarmos essas ações em horário laboral. Somos*

*dispensados do trabalho para podermos realizar essa formação. E se a formação for paga, nós somos incentivadas a fazer a formação, porque a entidade paga-nos a formação.*

15. Aonde você trabalha atualmente, recebe incentivo financeiro para essas capacitações?

*Respondido anteriormente.*

16. A sua profissão se distingue de outras profissões? Como? No que em específico?

*Sim, e se calhar haverá tendência para sermos comparáveis com os professores, por exemplo. Mas não somos. Não somos professores e é aquilo que eu costumo dizer aos adultos com quem trabalho. Os professores transmitem conhecimento e no processo que elas fazem, elas não estão ali para adquirir novos conhecimentos, estão ali para demonstrar aquilo que já sabem e pelo que já aprenderam. E nós vamos reconhecer aquilo como um certificado. Nós não somos professores e nem podemos desempenhar a função de professor. O facto de as pessoas associarem muito a minha profissão a profissão de professor é porque nós trabalhamos em escolas ou em centros de formação profissional, que são espaços de aprendizagem formal. Eu vi as pessoas associarem muito, tanto que às vezes chegam e aí eu quero falar com a professora MARN. E não, eu não sou professora. Ah, mas e então? Mas não é, não é a professora que me vai ensinar? Não, eu não vou ensinar nada. Você vai demonstrar aquilo que já sabe e vai reconhecer. E vai perceber que aquilo que aprendeu ao longo do seu percurso de vida é muito.*

17. Você é respeitado por ser um profissional da educação ou pedagogo? Sua família o respeita?

*Sim.*

18. Valeu todo o investimento material, intelectual e o esforço para sua formação?

*Sim.*

19. O padrão de vida que você tem, condiz com o que esperava quando estava cursava pedagogia ou ciência da educação?

*Acho que se calhar não pensava, não pensava nisso. Acho que o padrão de vida que eu tenho hoje foi muito além daquilo que eu poderia imaginar.*

20. Condiz com o padrão de seus pais? É igual, pior ou melhor?

*Porque é melhor assim.*

21. O que mudou na sua vida após a sua graduação?

*Mudou tudo, porque eu comecei a trabalhar a tempo, a tempo inteiro num trabalho que eu gostava. Passei a ter um salário melhor. Passei. E eu sinto que sou orgulho. Era orgulho do meu pai. Meu pai já faleceu, mas sou também um orgulho para minha mãe. Sim. Há tempos eu fui a uma rádio também para uma entrevista. Fui entrevistada por uma rádio para falar sobre o meu trabalho, sobre e sobre o trabalho que faço no centro. E a rádio gravou também. A entrevista e depois publicou no facebook deles e eu partilhei a gravação e aquilo até gerou uma discussão um bocado engraçada, porque durante a entrevista o senhor que me estava a entrevistar mais chamou várias vezes a Dr. Alexandre, o Dr. Alexandre, isto terá de ser aquilo. E então foi. Foi engraçado, porque na família. Na família, tanto entre a minha mãe e as minhas irmãs e os meus cunhados. Sou a única doutora e. E então houve um cunhado que estava a dizer para minha irmã Ai doutora, não sei quem é e a minha irmã diz Ai tu tens é inveja porque tu não tens nenhum doutor na família. E eu tenho, doutora. Portanto são às vezes coisinhas pequenas, mas que eu vejo que têm um certo orgulho. Dá se muita importância aos títulos. Doutor Engenheiro a todas as pessoas que são licenciadas, são tratadas por pelo título.*

22. Você faria tudo de novo? O que mudaria?

*Faria tudo igual. E sim, se calhar tinha começado mais cedo, mas também não tive a oportunidade de ter começado mais cedo, porque só a partir dos 18 anos é que comecei a ter também alguma autonomia e ia poder decidir aquilo que eu queria fazer. Até aos 18 anos não tinha muito poder de decisão.*

23. Tem alguma outra coisa que queira falar sobre a sua trajetória acadêmica e profissional?

*Não.*

24. Tem algo que queira acrescentar ou deixar registrado como sugestão.

*Possivelmente este trabalho da Raquel irá ser lido calhar por outros, por jovens que talvez estejam a fazer a licenciatura em Ciências da Educação ou que estejam indecisos no curso que escolherem. Eu já fui dois anos à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, na faculdade onde estudei dar o meu testemunho do Porto. Sim, foi ir lá dois anos seguidos dar o meu testemunho para jovens que estavam no primeiro ano da licenciatura em Ciências da Educação e que estariam um bocadinho perdidos porque não sabem ou porque não sabiam no que consistia a licenciatura, que portas é que lhes iria abrir e então aquilo que se calhar faria sentido esses jovens perceberem. E eu deixei essa mensagem nesses dois momentos em que estive lá. Mas para outros jovens eu gostava de dizer que se as pessoas não. Se têm dúvidas relativamente às portas que a licenciatura lhe pode abrir, que procurem que falem com os professores, porque os professores conhecem. Uns, conhecem antigos alunos e conhecem alunos que estão a trabalhar na área das ciências da educação e que tirem todas as dúvidas com os professores e que se quiserem falar conosco, que falem, porque tal como eu, muitas outras colegas estão disponíveis para poder falar com esses jovens, para os elucidar acerca daquilo do que é a licenciatura e do que é que eles podem fazer no futuro. Porque às vezes eles ficam um bocadinho perdidos sem saber. Mas eu estou a fazer uma licenciatura e será que depois vou ter emprego? Isso não é certo. A licenciatura nenhuma nem ensina nenhum. Portanto isso não vai ser certo. Agora terem ideia daquilo que poderão vir a fazer. Qualquer pessoa que tenha tirado a licenciatura e que esteja a trabalhar na área pode esclarecer sobre isso. Portanto, é falarem com os professores e pedirem, se for o caso, para falar com quem já passou por lá e que também teve as mesmas dúvidas. E que é que agora está no terreno e está a gostar daquilo que faz.*

### 8.2.5 Entrevista BHL (Brasil)

Iniciais do nome: *BHL*

Mês e ano de Nascimento: *07/1996*

Cidade e Estado de Nascimento: *Curitiba - Paraná*

Orientação Sexual: *masculino*

Estado Civil: *solteiro*

Tem filhos (as)? ( ) Não ( ) Sim. Qtos: *Não*

Composição familiar (quantas pessoas residem em sua casa (nome, parentesco, idade, escolaridade, profissão, renda), além de você?

*Total de 2 pessoas. Pais.*

Situação de Moradia (Residência própria/alugada/cedida/financiada/etc): *residência financiada.*

Está inserido no mercado de trabalho? Tem registro? Qual seu local de trabalho? Há quanto tempo?

*Sim, trabalho registrado no regime CLT desde o ano de 2019, desde janeiro de 2019 até a presente data.*

Qual sua função? (pedagogo/professor/licenciado em ciências da educação)

*Professor auxiliar do currículo internacional, do Colégio Positivo, da rede privada.*

#### GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO DA FAMÍLIA:

1. Escolaridade e profissão do seu pai:

*Superior Completo, funcionários públicos.*

2. Escolaridade e profissão da sua mãe:

*Superior Completo, funcionários públicos.*

3. Estado civil dos seus pais:

*Casados.*

4. Você tem irmãos?

*Sim, tenho 2.*

## 5. Eles estudaram?

*O meu irmão completou a graduação, então ele tem ensino superior e a minha irmã não.*

## 6. Algum fez o Ensino Superior?

*Designer gráfico na UTFPR.*

## 7. Tem algum familiar que fez Ensino Superior? Quem (parentesco) e qual curso?

*Já respondido.*

## SITUAÇÃO ECONÔMICA DA FAMÍLIA

## 1. Sua família tinha estabilidade econômica? Você acha que isso influenciou na sua escolaridade e na vida escolar de seus irmãos?

*Absolutamente. Eu acredito que pelo fato de, inclusive o meu pai ser docente, isso já me deu bastante ênfase para a parte da educação. A minha mãe, ela não era docente, mas também trabalhava na universidade. Ela era concursada na parte administrativa da Universidade Federal do Paraná. Então eu cresci em ambientes não só com certa estabilidade, por conta da função que eles exerciam no trabalho, mas também no ambiente educacional.*

## 2. Em que faixa econômica você situaria sua família?

*Classe média.*

## ESCOLARIZAÇÃO INICIAL

## 1. Você cursou o ensino fundamental em escola pública ou privada? Quantos anos em cada tipo de instituição? Você sentiu diferença na qualidade do ensino entre as escolas pública e privada?

*Escola pública.*

## 2. Você cursou o ensino médio em escola pública ou privada? Quantos anos em cada tipo de instituição? Você sentiu diferença na qualidade do ensino entre as escolas pública e privada?

*Escola pública.*

3. Como você considera o seu desempenho escolar (excelente, bom, médio, regular)? Repetiu alguma série?

*Não repeti algum ano escolar. Minhas notas eram razoavelmente muito boas. Acima da média, eu diria. Já ganhei algumas certificações de desempenho bimestral. Eu sempre, sempre gostei bastante de estudar e me dedicava bastante desde a época do Fundamental dois.*

4. Participou em atividades extra-aulas como grêmio, jornal estudantil, teatro?

*Olha, dentro da escola a gente tentou iniciar alguma mobilização quando eu estava no ensino médio, só que acabei desistindo de ajudar a organização. A desistência é que quem estava tomando a iniciativa ali na escola que eu estudava, era um grupo de alunos que eles não estavam tão preocupados com, digamos assim, o propósito de um grêmio estudantil. As pessoas estavam buscando uma atenção para si do que para a causa que estavam querendo propor: um projeto do grêmio estudantil.*

5. Qual disciplina você mais gostava?

*História e matemática.*

6. Sua família participava de sua vida escolar? ( ) Não ( ) Sim

*Sempre participaram e foram solicitados, eu tinha bastante autonomia na minha vida acadêmica.*

7. Quem normalmente ia assinar seu boletim escolar/notas?

*Acredito que ambos dos meus pais, tanto a mãe quanto o pai, participaram. Sempre que foram solicitados ir à reunião ou algo semelhante.*

8. Quem ajudava nas tarefas escolares?

*Olha. Eles praticamente confiavam no meu desempenho, na dedicação que eu impunha nos meus estudos e dificilmente precisavam me auxiliar ou me auxiliar em alguma questão. Mas sempre que precisei, ambos eram bastante solícitos em relação a dúvidas e questionamentos. Na época também não havia internet ou estava começando a internet, principalmente no início do fundamental dois. E com o passar do tempo e eles vendo a progressão dos resultados que eu tinha,*

*eles depositaram uma confiança em mim. Não interferiam tanto na minha jornada estudantil de maneira mais direta.*

9. Os seus familiares se interessavam pelo seu rendimento escolar? Como esse interesse era demonstrado?

*Respondido na questão anterior.*

10. Em quais matérias possuía dificuldade de aprendizagem?

*Eu acredito que não tem alguma específica.*

11. Quais foram as matérias em que mais se dedicou?

*Respondido anteriormente.*

12. Seus pais iam à escola, conversavam com os professores?

*Respondido anteriormente.*

13. Havia alguém que estimulava você em estudar?

*Eu tenho um tio também que ele é professor universitário. Ele é professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ele mora em outro município, em outra cidade. Mas ele sempre foi uma boa influência também, tanto para mim como para os meus primos. Em termos de conhecimento da busca do conhecer.*

14. Sua família se preocupava com a escola? Participava de atividades na escola?

*Ajudava na conservação da escola?*

*Não.*

15. Seu percurso escolar foi marcado por dificuldades econômicas?

*Não. Nenhuma.*

16. O critério de escolha da escola do ensino médio, no caso, estava ligada à perspectiva de trabalho?

*Não exatamente com a perspectiva de trabalho.*

17. Com quantos anos você concluiu o ensino médio/secundário?

*Eu tinha aproximadamente 17 anos.*

#### INSERÇÃO NA GRADUAÇÃO

1. Você fez cursinho pré-vestibular/preparatório para entrar no ensino superior? Qual tipo (cursinho particular ou popular)?

*Fiz em 2013 junto com o ensino médio, concomitante com ensino médio. Mas desisti. Passei no vestibular da Universidade Federal em Engenharia Florestal. Só que também só cursei um semestre no ano de 2014. No ano de 2015 eu voltei a fazer o cursinho pré-vestibular.*

2. Por quanto tempo fez cursinho/preparatório?

*Para a Universidade Federal do Paraná fiz duas vezes.*

3. Para ingresso na universidade, você ingressou na primeira possibilidade que tentou?

*Já respondido anteriormente. Não.*

4. Quais os motivos que o levaram a prestar vestibular para esse curso?

*Olha, teve muita influência assim da própria estabilidade que a carreira proporciona, das oportunidades de trabalho que não são dificultadas ao longo dos estudos, mesmo porque eu não me sentia confortável com a minha experiência profissional até eu ingressar no curso de Pedagogia. Então eu vi a possibilidade do curso como uma forma de eu conseguir preparar a minha carreira profissional e também sendo, como sempre fui, muito interessado pelos estudos. Eu percebi que pela grade curricular da época era muito atrativo para eu conseguir me aprimorar intelectualmente também.*

5. Havia alguém em seu círculo de amizades, família ou algum professor que influenciou a sua escolha (curso, profissão)?

*Então meu pai por ter trabalhado boa parte da carreira dele no Estado como professor do Estado. A minha mãe, por ter se aposentado pela Universidade Federal, e também a carreira do meu tio também me inspirava. Por ele ser PhD na área que ele atua lá na universidade onde ele trabalha também. Acredito que os três tenham influenciado essa escolha de ingressar no campo educacional.*

6. Conte um pouco, sobre sua escolha do curso. Foi a sua primeira opção? Qual era a sua primeira opção?

*Integrei na segunda opção. A primeira opção foi engenharia na primeira vez que eu prestei o vestibular. Após a primeira escolha no vestibular da Universidade Federal do Paraná, foi psicologia. Eu não consegui ir para segunda fase pelo vestibular da Universidade Federal. Acho que foi o ano mais concorrido de psicologia, se não me engano, o ano que eu prestei. E daí, com a nota do ENEM, eu consegui ingressar no curso de Pedagogia. Tinha esse detalhe também.*

7. E a Universidade, por qual motivo escolheu a UP ou UFPR?

*A por ela ser uma instituição de referência tanto na área de pesquisa. A reputação que existe em torno das universidades públicas também me levou a escolher a instituição e pelo fato também da minha mãe ter trabalhado alguns anos ali na reitoria. Sabe, talvez uma memória afetiva tenha me levado para esse caminho também.*

8. Você fez curso ou iniciou curso técnico ou outro curso superior antes de ingressar em Ciências da Educação ou Pedagogia?

*Não.*

9. Como foi o seu primeiro ano na Faculdade? Quais as dificuldades que você teve? Algo foi significativo?

*Eu me senti bastante realizado assim, por ter ingressado na área de humanas. Acredito que tenha me achado melhor quando ingressei na pedagogia, mais do que na engenharia. O curso era noturno na época, então precisei fazer alguns ajustes de rotina. E como eu só estudava neste primeiro ano que eu cursei na graduação para mim, não tive grandes dificuldades. Eu me adaptava, digamos, a trabalhos, a solicitação dos professores, alguns modelos acadêmicos de avaliação, etc. Leituras, leituras acadêmicas de artigos científicos, livros mais densos do que eu estava acostumado a habituado a ler. Foi uma fase de adaptação, mas pelo fato de eu não ter trabalhado nesse primeiro ano, eu*

*consegui me dedicar muito bem, única e exclusivamente para os estudos da graduação mesmo.*

10. E no segundo e terceiro ano, mudou algo em relação a Universidade? E ao final do curso?

*Então, no segundo e no terceiro, o cenário já mudou um pouco, porque eu tive a vontade de atuar na área. Fui buscar estágio e consegui uma vaga pelo setor de inclusão da Prefeitura de Curitiba. Então no ano segundo ano, no ano de 2017 e no ano de 2018 eu atuei como estagiário pelo Departamento de Inclusão na escola na rede municipal de Curitiba. Eu também precisei fazer alguns ajustes pela carga horária, o que por ser estágio, não era uma carga horária alta, eram 20 horas semanais, mas ainda assim, precisei fazer alguns ajustes na rotina e pude perceber conciliando com os assuntos que eu estava na universidade e juntamente com o que eu percebia ao longo da minha rotina de trabalho. Muitos aprendizados, tanto na minha parte acadêmica como na parte profissional também de amadurecimento na área. No terceiro ano, eu comecei a participar de um grupo de pesquisa de extensão com a professora Yasmin Bori, que ela era professora de educação especial na época. Eu estava participando de algum deste projeto e visitando alguns municípios de Campo Largo. Também que haviam alunos de inclusão na sala de aula. E o projeto de extensão. Ele tentava promover um novo modelo de aprendizagem de ensino aprendizagem para as turmas que haviam alunos de inclusão. Porque haviam dois professores, dois docentes na sala de aula nesse novo modelo. O que era contrastante também com uma realidade profissional na prefeitura. Porque eu era um estagiário, mas nos municípios da região metropolitana, o que se exigia era um docente com pós graduação. E então, a partir desse momento também eu entrei neste projeto de extensão. Eu pude avançar bastante em relação a como os cenários podem ser diferentes. Em diferentes contextos, o campo educacional de uma escola para outra, de uma rede para outra. Eu fui percebendo essas diferenças também nesse projeto de extensão que eu participei. Foi um período bastante interessante, porque no terceiro e no quarto ano ali já começaram a iniciar as disciplinas mais práticas. Aí eu comecei a perceber que eu gostava mais da parte teórica do curso, que eram as disciplinas que davam fundamentação para o campo da educação. Então eu também já pude perceber já nesse contraste*

*que o curso foi tomando uma outra forma e foi ficando mais docente com as metodologias, com a parte, se preocupando mais com a parte prática. E eu pude notar essa diferença também ao longo da graduação.*

11. O que a Universidade foi para você?

*Olha, eu sou muito grato ao que a universidade me oportunizou tanto em relação à parte profissional e intelectual acadêmica. Mas também como pessoa, porque a universidade, ela abriu as portas não só para mim, mas para várias pessoas que eu pude conviver. Que realmente conseguiram se tornar seres humanos melhores a partir da busca de seus estudos, a partir de aprimoramento na área profissional. E eu percebi isso também na dedicação que os professores, muitos deles, realmente direcionavam para que a gente pudesse ter melhores condições, as melhores fontes de conhecimento, tanto na parte teórica, mas na parte prática também. Isso fez com que eu realmente me tornasse uma pessoa melhor em todos os aspectos, em todos os sentidos. Hoje eu consigo perceber que eu não estaria onde estou se eu não tivesse ingressado na Universidade Federal do Paraná, porque as experiências que ela me proporcionou, tanto intelectualmente como na parte profissional também. Com os estágios obrigatórios. Eu consegui alcançar os meus objetivos, que era se formar numa universidade pública e era um sonho de infância. E desde então eu me sinto muito realizado, muito feliz.*

12. Para sua família, você saberia me dizer qual a importância da Universidade para eles?

*No caso da minha mãe já é um pouco mais complicado porque houve processos em relação ao encerramento da carreira dela, sabe? Ela foi aposentada por invalidez. Ela chegou a ser chefe de gabinete da vice-diretora da universidade. Ela já trabalhava há anos na universidade e aos poucos a carreira dela foi se degradando por motivos particulares, não necessariamente objetivos profissionais. Então, infelizmente acabou. Acabou como em um relacionamento bastante conflituoso no final das contas. Com bastantes ressalvas, mas não com a parte principal, digamos, da universidade, com o que a universidade tem de melhor a oferecer, que no caso são os estudos, a graduação, pós graduação. Antes era a parte administrativa, era a parte política que envolvia outros*

*agentes. Mas o meu pai também se formou na Universidade Federal do Paraná. Por ele, eu acredito que a Universidade Federal também tenha contribuído para que atingisse atingir os objetivos que ele almejava na época, sabe? E fosse muito grato a essa instituição também.*

13. Você participou de alguma atividade cultural dentro da Universidade?

*Sim, sim, tiveram ou tiveram alguns eventos mais de cunho acadêmico, sabe. Fizemos algumas viagens também, quando entrei no Centro acadêmico da época, foi no primeiro ano e eu participei da ocupação que houve em 2016. Eu conheci naquele primeiro ano. Então eu não estava trabalhando, tinha bastante tempo. Eu conheci melhor o centro acadêmico, me aproximei das pessoas que dele participavam. Fizemos algumas viagens. Essa experiência cultural é a primeira vez. A primeira vez que eu fui para o Rio de Janeiro foi numa viagem organizada pelo Centro Acadêmico de Pedagogia, que foi um encontro regional. Se eu não me engano é do Sul Sudeste dos cursos de Pedagogia e foi lá na UERJ. Passamos um final de semana lá e lá tinham várias atividades. Tinha toda uma programação que se seguiu. Mas eu lembro que foi bastante marcante já no primeiro ano. Convivia com essa viagem, com essa experiência cultural também, de ir para o outro estado, conhecer outra universidade, enfim, também me aproximou. Durante a viagem me aproximei mais do pessoal do centro acadêmico e eu tentei participar na medida do possível, assim, na organização das reuniões, etc. Mas foi com uma participação bastante tímida, digamos oficialmente, porque o pessoal também não gostava muito de burocracia na época. Eu fui me desvinculando aos poucos, por mudança de gestão, etc. Mas foi bem marcante essa viagem que o próprio Centro Acadêmico organizou já no primeiro ano.*

14. Como classificaria seu rendimento escolar dentro da Universidade?

*Muito bom.*

15. Você teve alguma dificuldade com o curso (leituras, com os colegas) ou com os professores?

*Olha. Acho que tiveram alguns momentos sim, mas eu não poderia acusar que foi extremamente cobrado por parte de algum docente, algo que alguém não*

*pudesse entregar. Muitos dos meus colegas já trabalhavam, inclusive em outras áreas que não necessariamente da educação, na minha turma. Então eu já percebi que eles comentavam. Quem já trabalhava aqui tinha uma jornada de trabalho desde o começo do curso. Que já havia uma maior dificuldade para acompanhar todas as leituras. O curso era noturno, o pessoal já estava cansado quando as aulas aconteciam, então realmente era mais uma questão de você conseguir conciliar o seu trabalho com os seus estudos e isso exigiu uma maturidade bastante grande. Eu fui percebendo dentro da minha graduação, o primeiro ano não trabalhei, no segundo ou no terceiro fiz o estágio, o que também já comprometeu, digamos assim, o meu rendimento. Não muito mas comprometeu. E no ano de 2019, a partir do quarto ano, no penúltimo ano de faculdade, que eu comecei a trabalhar o dia inteiro no setor privado. Com uma carga de trabalho mais alta e eu percebi que realmente o desempenho foi só caindo. A minha dedicação para as leituras, para os trabalhos acabou diminuindo. Porque me sobrava menos tempo para fazer as leituras necessárias, enfim. Mas não acho que uma coisa tenha realmente afetado muito a outra, ao ponto de eu não conseguir atingir o que se esperava.*

16. O seu padrão de vida é diferente do que seus familiares? Você acredita que isso se deve ao fato de ter nível superior?

*Sim. Com certeza. Principalmente na geração dos meus pais, o ensino superior já era bastante impactante. Assim, em termos simbólicos de você conseguir um emprego ou você ter um reconhecimento no mercado de trabalho. Enfim, eles sempre almejavam isso. Buscaram isso porque sabia que isso era importante e pelo fato deles terem conseguido isso, diferente dos pais deles. Construindo uma carreira, depois de ter concluído o ensino superior, possibilitou que eles tivessem uma carreira mais bem sucedida se não tivessem feito ensino superior. Então eles proporcionaram tanto para mim como para meus irmãos uma vida bastante boa em termos de condição de estabilidade financeira, sócioeconômica. E tanto eu como meu irmão soubemos, digamos, aproveitar a oportunidade que eles nos propuseram e muito graças à universidade.*

17. E quando você estava na Universidade, enquanto estudante você trabalhou? Fez estágios? Foi bolsista?

*Além dos estágios, o primeiro estágio que eu fiz foi eu comecei pelo não obrigatório no segundo e no terceiro ano, que foi o da prefeitura, né? No terceiro ano, o estágio não é obrigatório. No quarto, quinto, o regime CLT, com jornada de trabalho 44 horas semanais, só que com o curso de cinco anos. A partir do terceiro ano, no quarto e no quinto havia o estágio obrigatório que também foi realizado. Que era exigência para formação de formação acadêmica mesmo.*

18. Você participou na Universidade de Congressos, Seminários, atividades extracurriculares?

*Sim. Participei de todas essas atividades enquanto eu estava na universidade. No primeiro ano, em 2016, fui a um Congresso Regional da Pedagogia, no Rio de Janeiro, foi bastante interessante e muito importante para conhecer os meus colegas de faculdade, novos campos, áreas de pesquisa com as quais eu me deparei lá na Universidade do Rio de Janeiro, seminários. Também participei de muitos seminários durante a graduação. Praticamente todos os anos os professores nos levavam para assistir a seminários, visitas e eventos acadêmicos que ocorriam na universidade e atividades extra curriculares. Também participei durante a graduação no Projeto de Extensão de Educação Especial. Participei aproximadamente um ano como voluntário no campo da extensão.*

19. Frequentou os eventos realizados no Campus (inclusive os pagos)?

*Não me recordo de ter algum evento pago na universidade. Pelo menos não fui convidado e frequentava na medida do possível. Quando ainda não trabalhava e tinha mais liberdade com o tempo de participar em atividades. Como a semana de ensino, pesquisa, extensão, enfim, outras graduações, quando em eventos, exposições, também participava, na medida do possível.*

20. No contexto da graduação, qual das disciplinas foi mais significativa na sua formação e para o exercício profissional?

*Eu não saberia dizer uma disciplina em específico. Mas eu tive muita afinidade com as disciplinas teóricas de outros campos científicos relacionados à educação. No currículo da minha época havia a Psicologia da Educação, Sociologia da Educação, História da Educação, Filosofia e Filosofia da*

*educação, História da educação, Psicologia e da Educação. Enfim, essas e outras disciplinas contribuíram muito para minha formação, para o meu pensamento, para o meu amadurecimento intelectual, tanto nas aulas quanto nas leituras, nos trabalhos a serem realizados de acordo com as ementas. E gostaria de destacar que realmente a parte mais importante da minha formação foram as disciplinas teóricas e não práticas do curso.*

21. Fale o ano de inserção e conclusão do seu Curso de Graduação. Ocorreram lacunas no período de graduação? Você trancou a matrícula? Quais foram os motivos?

*Eu iniciei em 2016 a graduação e a concluí no ano de 2021. Não tranquei a matrícula, não precisei fazer nenhuma alteração na minha grade nesse sentido.*

22. Estudou em qual período? Houve mudanças de período?

*Eu realizei a graduação, a maior parte no noturno e durante a pandemia, como eu estava de home office pelo trabalho, consegui me matricular em algumas disciplinas que aconteciam em outros períodos, matutino e vespertino. Só que eram disciplinas de cunho optativo.*

#### ATIVIDADES SOCIAIS E LAZER

1. Você possui hobbies? Quais são?

*Gosto muito de jogar futebol, ouvir música, jogar videogame, jogos, leitura de literatura, romances, enfim.*

2. Quais são as suas atividades de lazer?

*Respondido na pergunta anterior.*

3. Quem participa dessas atividades (familiares, amigos)?

*Na maior parte sim, minha namorada também. Quando estamos juntos, assistimos séries, animes, passeios, viagens e os familiares e amigos também.*

4. Você possui um círculo de amizade? Fazem confraternizações com frequência?

*Posso dizer que sim. Sempre há algum amigo que convida para aniversários, churrascos, eventos ou simplesmente encontros entre amigos com uma certa frequência.*

5. Quais lugares de lazer mais gosta de frequentar? Fale sobre eles.

*Eu gosto muito de jogar bola com o pessoal, com os meus amigos, com o meu grupo. Passeios em alguns bares e pubs, mas com menos frequência. E geralmente vou quando me convidam.*

6. Você dedica algum tempo para leitura?

*Estou tentando. Não mantenho uma certa regularidade, mas como estou realizando a segunda graduação, eu tenho bastante conteúdo para dar conta. Em relação a esse compromisso que eu tenho com essa segunda graduação, que os conteúdos são geralmente slides, vídeos e esses slides tem bastante conteúdo de leitura. Gosto de realizar leitura também de romances, enfim, como hobby.*

7. Você tem alguma atividade religiosa?

*Já tive. No momento não tenho.*

## TRABALHO

1. Com quantos anos iniciou a trabalhar? Conseguiu conciliar as suas tarefas educacionais com o trabalho?

*Eu iniciei a minha carreira no ano de 2014. Na época, eu já havia terminado o ensino médio, tinha iniciado uma graduação, mas na Federal mesmo não concluí e fui trabalhar. Na época, eu só trabalhava, não estudava e coincidentemente, eu parei de trabalhar na época que eu iniciei o cursinho pré-vestibular.*

2. Você trabalhou desde cedo para pagar os estudos?

*Não precisei pagar os estudos nem da educação básica e da graduação.*

3. Como foi a escolha da sua profissão (Ciências da Educação e Pedagogo)? Teve informações sobre outras profissões, outros cursos?

*Sim. Enquanto aluno do ensino médio, a minha escola organizou uma visita à Feira de Profissões da Universidade Federal do Paraná. Tive algumas instruções, indicações, conselhos de familiares, conversas com amigos e para escolher o curso de Ciências Educação e pedagogo Pedagogia. O maior peso foi justamente pelo fato dos meus pais terem trabalhado em instituições de cunho educacional.*

4. Você trabalha na sua formação (Ciências da Educação e Pedagogo)? Qual é o cargo que ocupa? Há quanto tempo atua?

*Eu trabalho em escola, além dos estágios obrigatórios, quer dizer, pela educação, pela graduação. Eu trabalhava com carteira assinada, contrato CLT desde 2019 em uma escola particular. Na época, eu ocupava o cargo de assistente educacional da equipe de Orientação Educacional, então resolvíamos conflitos, problemas de comportamento dos alunos, ajudava na organização, observação da rotina escolar. Em 2021 foi promovido a docente. 2022, perdão, em 2022 foi promovido a docente na escola que eu já estava atuando e desde então estou trabalhando como docente, professor, auxiliar, a turma do segundo ano do Ensino Fundamental um.*

5. Foi fácil conseguir emprego na sua área de graduação?

*Eu tive a sorte de não ficar muito tempo sem trabalhar, porque meu contrato de estágio se encerrou coincidentemente, quando um amigo da graduação me indicou para trabalhar nessa escola particular para atuar no lugar dele, porque ele já estava de saída da função.*

6. Qual sua opinião sobre a profissão que escolheu, você escolheu certo, ou se arrepende?

*Até o momento estou feliz com o que eu conquistei, com o que eu construí. Tanto profissionalmente como pessoalmente em relação aos estudos, em relação ao trabalho. Às vezes tenho algumas dúvidas sobre novos rumos, novos direcionamentos, se realizo pós-graduação ou se faço outra graduação em outra área, mas até o momento me sinto realizado e contribuindo para as atividades educacionais.*

7. O que você mais gosta na sua profissão? E o que não gosta?

*O que eu mais gosto são os resultados. Ver o progresso, o desenvolvimento dos alunos, das crianças e as mudanças que ocorrem. E que também fazem parte do processo educacional que é observado e cultivado cotidianamente no ambiente escolar. Isso é bastante gratificante. O que eu não gosto seria a jornada de trabalho fora do local de trabalho. Um acúmulo, as tarefas a serem realizadas que exigem muito mais tempo do que é disponibilizado durante a jornada de trabalho e que acaba sendo realizada fora do ambiente de trabalho, em horários, na minha perspectiva, inconvenientes para a saúde física e mental. Os profissionais da educação que muitas vezes se veem sobrecarregados.*

8. Você acha a carreira de pedagogo é interessante?

*Sempre achei, pois ela abarca muitas áreas ue se encontram. É uma extensão. No campo profissional que não é explorado como deveria, na minha perspectiva. Pois acaba se restringindo bastante a docência ao modelo da graduação e o profissional a ser formado nesta. Neste curso. Mas nesse sentido, eu acredito que a carreira seja bastante interessante. E não falo da parte financeira e sim das experiências que se tem nesta área.*

9. Quanto a expectativa de salário, é recompensador?

*Eu diria que dá para sobreviver com dignidade e com sabedoria. Você vive bem, com certo conforto.*

10. Atualmente, qual seria o maior problema na sua profissão?

*Eu vejo que os problemas da iniciativa privada são muito diferentes dos problemas que acontecem no setor público. Nas escolas, nas universidades há muitas diferenças. Há um abismo gigantesco entre um e outro. Eu acredito que este abismo seja um dos fatores mais preponderantes para as desigualdades sócio econômicas e culturais existentes no nosso país.*

11. Você teria alguma solução para este problema?

*Uma vez eu estava acompanhando uma entrevista com uma educadora extremamente famosa que me fugiu o nome agora. Mas eu estava acompanhando uma entrevista com ela durante a minha conclusão do TCC e ela*

*sugeriu uma solução para este problema que seria retirar da Constituição ou da Lei de Diretrizes e Bases a parte que menciona a participação da iniciativa privada no campo educacional a ser ofertada nas instituições de ensino. E ela sugeriu que a educação tivesse somente responsabilidade no âmbito público.*

12. As atribuições de professor/pedagogo e licenciado em ciência da educação, são as mesmas? O que na sua opinião as difere?

*A formação do pedagogo ela tem em si características muito relacionadas à área docente. Só que existem estudos, funções, atribuições específicas que são do pedagogo. E eu acredito que tanto na graduação quanto na profissionalidade exercida nas escolas esse contato é tão intenso que acaba sendo bastante similar à profissão do pedagogo. Com a função docente, na prática. Embora o pedagogo não esteja na sala de aula, ele acaba sendo responsável por organizações do trabalho pedagógico. Mas existe a organização do trabalho pedagógico. Geralmente é vista pela experiência que a pessoa já teve em sala de aula e que é muito valorizada para se apresentar e realizar um bom trabalho enquanto pedagogo.*

13. Na sua opinião como a sociedade vê o papel do pedagogo e do licenciado da ciência da educação?

*Imagino que exista um certo prestígio, uma certa consideração das pessoas em relação aos profissionais da educação e que isso é bastante relativo. Imagino que deveria se ter uma maior e melhor perspectiva das pessoas em relação à própria formação durante a vida. Como se essa sociedade pudesse ser mais pedagógica por outros meios que não só pela educação básica ou por graduações. É que muitas vezes as pessoas precisavam de formações diferenciadas e não necessariamente práticas técnicas ou relacionadas à escola ou à universidade.*

14. Você consegue se manter atualizado? De que maneira?

*A maior parte dessa atualização acontece por notícias em jornais. Enfim, há pessoas que trabalham com a mídia no YouTube informando e compartilhando informações com os colegas de trabalho, mas de maneira bastante informal.*

15. Aonde você trabalha atualmente, recebe incentivo financeiro para essas capacitações?

*Na escola em que atuo há o incentivo, principalmente na questão da segunda língua, que é a língua inglesa. O próprio colégio oferece cursos de capacitação, financia as provas a serem realizadas com a certificação de reconhecimento internacional e, enfim, sempre há esse estímulo para que os professores estejam participando dos cursos bilíngues, reuniões que são realizadas pela escola e também pela própria escola.*

16. A sua profissão se distingue de outras profissões? Como? No que em específico?

*Imagine que a responsabilidade de você desenvolver as qualidades de um ser humano enquanto estudante da escola seja muito importante e bastante delicado, com um impacto que muitas vezes a gente desconsidera e nem imagina. Então, muitas vezes, por mais que a pessoa envelheça, cresça, se desenvolva, ela vai ter lembranças todas em relação ao conhecimento que ela possui. A bagagem é fruto de uma experiência pedagógica que foi realizada nas instituições de educação às quais ela passou. E isso é algo extremamente valioso e que deve ser bastante considerado enquanto diferencial da profissão.*

17. Você é respeitado por ser um profissional da educação ou pedagogo? Sua família o respeita?

*Eu acredito que sim, principalmente a minha família, tem bastante orgulho do profissional que eu me tornei, dos estudos que eu realizei e isso já me é suficiente para ser feliz atuando na área também.*

18. Valeu todo o investimento material, intelectual e o esforço para sua formação?

*Sem dúvidas nenhuma, valeu todo o esforço, tanto material quanto intelectual, todos os investimentos realizados.*

19. O padrão de vida que você tem, condiz com o que esperava quando estava cursava pedagogia ou ciência da educação?

*Eu imagino que estava dentro do previsto. Eu aprendi muito, tanto em relação a minha própria organização financeira pessoal durante a graduação e que hoje eu consigo. Estou satisfeito até onde eu cheguei e enfim.*

20. Condiz com o padrão de seus pais? É igual, pior ou melhor?

*Pouco se mudou. Na verdade, acredito que a minha promoção enquanto docente foi um ganho mais de cunho pessoal, até porque não tenho tantas responsabilidades com as finanças da casa para manutenção e bem estar da minha família diretamente. Então acabou sendo igual.*

21. O que mudou na sua vida após a sua graduação?

*A minha perspectiva em relação à sociedade, em relação a experiência profissional com o próprio mundo foi completamente diferente. Como se houvesse um vácuo, aquela cobrança da universidade a responsabilidades com trabalhos, prazos, enfim, a vivência com os colegas, as aulas, os aprendizados em sala de aula, enfim, muita coisa se passou. Não acontece mais como antes. Mesmo fazendo a segunda graduação, que é a distância, eu sinto, digamos assim, um pouco do vazio e muitas vezes. O amadurecimento intelectual que a universidade me proporcionou também. Resultou nesse impacto que acontece hoje, na minha perspectiva, em relação à vida de modo geral.*

22. Você faria tudo de novo? O que mudaria?

*Acredito que eu tenha dedicado meu máximo na maioria das ocasiões, na medida do possível. Comecei a graduação apenas estudando, sem trabalhar. No segundo e terceiro ano da graduação iniciei o estágio não obrigatório, mas ainda assim conseguia manter o compromisso e nos últimos dois anos foram os mais difíceis. Três na verdade, por conta da pandemia, por que eu já estava trabalhando o dia todo e havia pouco tempo de estudo durante os finais de semana, o compromisso com as leituras era um pouco bastante difícil, mas ainda assim eu não mudaria nada.*

23. Tem alguma outra coisa que queira falar sobre a sua trajetória acadêmica e profissional?

*Eu gostaria de dizer que se não fosse pela minha trajetória acadêmica, não haveria a trajetória profissional. Tanto é que eu escolhi o curso de Pedagogia justamente por ter pouca experiência no mercado de trabalho e experiência profissional. E desde que eu entrei no curso de Pedagogia, eu me interessava por pelo ambiente escolar, pelos estudos do campo da educação de modo geral e. Eu pude me desenvolver nessa área durante a trajetória acadêmica e hoje realizo minhas atividades profissionais dentro desse campo. Graças a essa trajetória acadêmica.*

24. Tem algo que queira acrescentar ou deixar registrado como sugestão.

*Gostaria de agradecer a oportunidade da entrevista. Sei que é muito importante os estudos, o desenvolvimento de pesquisa na área e espero que tenha bons resultados e bastante sucesso naquilo que está sendo realizado. Existe essa conciliação da trajetória acadêmica e profissional na pós graduação, imagino, e não é fácil conciliar.*

### **8.2.6 Entrevista PS (Brasil)**

Mês e ano de Nascimento: 14/08/1989

Cidade e Estado de Nascimento: *Campo Mourão Paraná*

Orientação Sexual: *feminino*

Estado Civil: *casada*

Tem filhos (as)? ( ) Não ( ) Sim. Qtos: *Sim, 1 filha.*

Composição familiar (quantas pessoas residem em sua casa (nome, parentesco, idade, escolaridade, profissão, renda), além de você?

*Total de 4 pessoas. Casal, enteada e filha. O esposo é funcionário público, policial militar e tem o Ensino Médio Completo, tem a minha enteada que tem 9 anos e tá cursando o Ensino Fundamental, 4ª ano, e a minha filha com 2 anos que frequenta o maternal infantil.*

Situação de Moradia (Residência própria/alugada/cedida/financiada/etc): *residência alugada.*

Está inserido no mercado de trabalho? Tem registro? Qual seu local de trabalho? Há quanto tempo?

*Na Pedagogia atuo há 5, há 7 anos. Desde 2015, desde o final da minha formação. Atualmente trabalho na Secretaria de Educação do Município de Pinhais e eu sou responsável pela Seção de Apoio as Escolas Integrais do Município. Eu sou funcionária pública municipal com dois cargos, um cargo de pedagoga e um cargo de professora 20 horas cada. Eu ingressei em 2017 como pedagoga e em 2018 como professora nesse cargo de funcionária pública. Mas eu trabalhava no município desde 2015, enquanto o contrato PSS por meio de processo seletivo simplificado, também como professora e isso como professor e como pedagoga também.*

Qual sua função? (pedagogo/professor/licenciado em ciências da educação)

*Atualmente eu trabalho na secretaria de educação, daí fiquei nessa mesma escola então desde 2018 até este ano. E aí esse ano eu fui chamada para trabalhar na Secretaria de Educação, justamente na seção de Apoio às Escolas de Educação Integral em tempo ampliado.*

#### GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO DA FAMÍLIA:

1. Escolaridade e profissão do seu pai:

*Meu pai. Ele tem ensino fundamental completo. Ele trabalha com construção civil desde sempre.*

2. Escolaridade e profissão da sua mãe:

*Minha mãe tem ensino médio, se eu não me engano. Mas acho que é ensino médio de que ela terminou, conseguiu concluir e atualmente ela trabalha como funcionária de limpeza. Trabalha numa empresa como funcionária de limpeza.*

3. Estado civil dos seus pais:

*Divorciados*

4. Você tem irmãos? *Sim, eu tenho.*

*Sim, tenho um irmão, ele tem ensino superior completo e tecnólogo em mecatrônica e tem a própria empresa dele trabalha no ramo de tecnologia.*

5. Eles estudaram?

*Respondido anteriormente.*

6. Algum fez o Ensino Superior?

*Já respondido na questão anterior.*

7. Tem algum familiar que fez Ensino Superior? Quem (parentesco) e qual curso?

*Acho que meus primos, tios tem vários daí na família que tem ensino superior completo e que atuam.*

#### SITUAÇÃO ECONÔMICA DA FAMÍLIA

1. Sua família tinha estabilidade econômica? Você acha que isso influenciou na sua escolaridade e na vida escolar de seus irmãos?

*A questão da estabilidade é na verdade meu pai sempre foi autônomo e a minha mãe por horas e alguns momentos espero torno alguns momentos CLT e acredito que sim, influenciou na gente sempre. Eu sempre estudei em escola pública, tanto eu quanto meu irmão, e realmente pelas condições financeiras, proximidade da casa também, né?*

2. Em que faixa econômica você situaria sua família?

*Eu acho que estava numa faixa renda média que não era tão baixa não.*

#### ESCOLARIZAÇÃO INICIAL

1. Você cursou o ensino fundamental em escola pública ou privada? Quantos anos em cada tipo de instituição? Você sentiu diferença na qualidade do ensino entre as escolas pública e privada?

*Escola pública.*

2. Você cursou o ensino médio em escola pública ou privada? Quantos anos em cada tipo de instituição? Você sentiu diferença na qualidade do ensino entre as escolas pública e privada?

*Escola pública. Eu fiz o curso de formação de docentes em escola, colégio público também.*

3. Como você considera o seu desempenho escolar (excelente, bom, médio, regular)? Repetiu alguma série?

*Não, não tive nenhum episódio de reprovação e considero que tive uma boa trajetória escolar. Então sempre era uma estudante que me dedicava, não tinha dificuldade de aprendizagem nenhuma. Então, considero que foi uma boa trajetória.*

4. Participou em atividades extra-aulas como grêmio, jornal estudantil, teatro?

*Então, nas escolas que eu estudava não tinham muitas atividades extras assim, tinha poucos momentos, né? Com isso, não tinham muitas atividades. Eu tive. Tive um curto momento que eu morei na cidade de Campo Largo e aí quando eu comecei a participar de uma atividade extra, a gente acabou mudando de município. E aí nas escolas próximas da minha residência não tinham nenhuma atividade. Particpei em alguns momentos de jogos escolares, mas não nenhuma atividade extra para além do tempo da escola. Era sempre no horário de aula.*

5. Qual disciplina você mais gostava?

*Sempre gostei muito de matemática, gostava bastante assim. Eu gostava. Não tinha nem uma dificuldade de matemática, gostava bastante.*

6. Sua família participava de sua vida escolar? ( ) Não ( ) Sim

*Eu acho a minha mãe ajudava um pouco mais, mais os dois participavam assim, sempre que necessário, né? Não era uma criança, às vezes era chamada porque conversava bastante da sala, mas como eu não tinha uma dificuldade nenhuma assim. A família era bem pouco convocada na escola, então não tinha tanta necessidade de acompanhamento. Aí a minha mãe acompanhava um pouco mais e meu pai, então os dois.*

7. Quem normalmente ia assinar seu boletim escolar/notas?

*Respondido na questão anterior, os dois.*

8. Quem ajudava nas tarefas escolares?

*Respondido na questão anterior. Não era necessário.*

9. Os seus familiares se interessavam pelo seu rendimento escolar? Como esse interesse era demonstrado?

*Sim, havia uma cobrança para que a gente se esforçasse, entregasse os trabalhos no período. Mas acho que, como toda criança, a gente ficava bastante tempo sozinho em casa. E como tinha um irmão mais velho e a gente que dava conta disso, tinha que fazer trabalho, não tinha, né? E a mãe cobrava o resultado. Então tinha que dar nota boa no final do ano e no final do bimestre, trimestre. Mas não tinha o acompanhamento assim, né?*

10. Em quais matérias possuía dificuldade de aprendizagem?

*Não, não, não me recordo. Mas eu acho que não tinha não nenhuma que fosse desse modo. E isso quando eu olho a trajetória, eu acho que era mais problema de metodologia. Talvez às vezes, né. Porque hoje eu gosto muito desse, quando eu vou ter a opção de escolher quando eu dava, eu estava atuando como professora, eu gosto das artes, eu gosto da parte de alfabetização, da parte lúdica. E na minha trajetória não tinha isso. Os professores não trabalhavam dessa forma. Então, acho que era mais uma questão de metodologia de ensino do que dificuldade de aprendizado, de aprendizagem mesmo.*

11. Quais foram as matérias em que mais se dedicou?

*Respondido anteriormente, gostava de todas.*

12. Seus pais iam à escola, conversavam com os professores?

*Já respondido anteriormente, eram presentes.*

13. Havia alguém que estimulava você em estudar?

*E não acho que não. Não tinha ninguém, não. Nem eu. Sempre nego que acompanhava meu irmão bastante. Fiquei com ele. A gente tem dois anos de diferença, né? Então, algumas coisas que ele estava aprendendo na escola eu tinha interesse em aprender também, apesar de não ser o meu ano de estudo, né? Então isso facilitava, porque daí eu conversava bastante com ele, via os cadernos dele também. Então, quando chegava na minha vez de aprender aquele conteúdo, aquela matéria, eu já tinha visto alguma coisa porque tinha conversado com ele, mas não tinha. Não era um incentivo assim. A criança*

*geralmente briga bastante. Então não é que ele me incentivava, não. Era por curiosidade mesmo.*

14. Sua família se preocupava com a escola? Participava de atividades na escola?

*Ajudava na conservação da escola?*

*Não, eles não, não participavam em nenhuma atividade, até por conta do trabalho, né? Então os dois trabalhavam juntos, de carga horária de 08h00 a escola também não tinha nenhuma necessidade. Tinha esse incentivo de trazer a família, de trazer essa discussão, de trazer para parceria. Não lembro de nenhum momento eles participarem de alguma atividade assim, de conservação e de manutenção da escola e talvez não tinha necessidade também, né?*

15. Seu percurso escolar foi marcado por dificuldades econômicas?

*Eu não acho que eu não tinha consciência desse processo, pelo menos no ensino fundamental um e dois. E sim, acho que eu não tinha consciência se tinha alguma dificuldade. Como estudava em escola pública, tava todo mundo junto, todo mundo igual. Mas não, não tive nem um nem uma recordação. Assim que tenha dificuldade econômica, não.*

16. O critério de escolha da escola de 12.º ano, no caso, estava ligada à perspectiva de trabalho?

*Em partes eu pensava em seguir outras profissões, outras carreiras e mais por conta da opção de escola. Eu não queria estudar num determinado colégio e aí eu falei, então eu vou para esse outro fazer a formação de docentes. Mas não era com tanta perspectiva de trabalho, era mais por não estudar no outro colégio. E aí acabaram as coisas coincidindo e daí deu certo toda a formação, o processo formativo. Mas o primeiro ponto não era perspectiva de formação, não era o que eu queria ser para sempre.*

17. Com quantos anos você concluiu o ensino médio/secundário?

*Eu tinha 18 anos porque o curso de formação de docentes ele é quatro anos integrado. Então, 18 anos.*

1. Você fez cursinho pré-vestibular/preparatório para entrar no ensino superior? Qual tipo (cursinho particular ou popular)?

*Não, não fiz nenhum tipo de cursinho.*

2. Por quanto tempo fez cursinho/preparatório?

*Respondido anteriormente: não fez cursinho.*

3. Para ingresso na universidade, você ingressou na primeira possibilidade que tentou?

*Sim. Fiz magistério, fiz a pedagogia e fiz o Formação de Docentes. Aí eu fui trabalhar, fiquei trabalhando dois anos numa escola particular e aí eu falei assim eu vou fazer pedagogia se for na universidade pública, não pagarei para fazer pedagogia.*

4. Quais os motivos que o levaram a prestar vestibular para esse curso?

*Lá eu já estava atuando enquanto o professor estava dando aula em escola particular e era minha área de interesse. Eu queria aprofundar o meu trabalho, então havia necessidade de um aprofundamento, porque só o nível médio não era suficiente. Então era necessária, não tinha obrigação ter um ensino superior para poder avançar na carreira. Então foi por esse motivo.*

5. Havia alguém em seu círculo de amizades, família ou algum professor que influenciou a sua escolha (curso, profissão)?

*Eu me recordo de alguns professores assim, principalmente durante a formação de docentes. Uma professora de língua portuguesa que eu admirava muito trabalho que ela fazia. Um professor de geografia que era um excelente professor e uma professora que dava metodologia de artes também. Mas dentro de um curso de formação de docentes ter tão poucos professores para se admirar, né? Geralmente a gente teriam todos eles, né? E aí me lembro de uma professora de primeira série assim também, que era a primeira série. Me lembro dela também de ser uma professora muito carinhosa, muito competente, muito amorosa, que saiu de licença maternidade. Nunca mais voltou. Eu acho que eu queria ter aproveitado mais dela. Mas eu acho que eu achei pouco assim, eu tenho poucas referências. Aí você lembra negativamente de muitos outros vários*

*professores que marcaram negativamente a carreira. Principalmente em matemática, que eu gostava muito. E os professores de matemática eram realmente bem ruins.*

6. Conte um pouco, sobre sua escolha do curso. Foi a sua primeira opção? Qual era a sua primeira opção?

*Foi a minha primeira opção.*

7. E a Universidade, por qual motivo escolheu a UP ou UFPR?

*Então, como eu falei, era minha primeira opção, mas eu tinha tentado vestibular um ano antes. Mas eu tentei. Só que perdi os prazos da Universidade Federal e eu tinha tentado numa particular para arquitetura. Eu ia fazer qualquer outra coisa, e optei por arquitetura. Mas aí, por conta de condições financeiras, eu não fui atrás, né? Porque eu não tinha bolsa, não tinha nada e aí não poderia arcar com o custo da faculdade. E aí tinha essa opção de continuar na mesma carreira que eu já estou atuando, né? O curso de formação de docentes. Mas só farei se for universidade pública. Então, aí fui atrás de informações pra me escrever. Tanto que foi quando fui fazer e pagar o boleto da inscrição lá e meu pai falou “Por que você vai fazer vestibular? Você nem está estudando” e realmente eu não estava, eu estava trabalhando. Então a família incentivou bastante assim, né? Com certeza acreditou que eu ia passar no vestibular, mas foi e foi bem isso, né? Era a primeira opção enquanto universidade pública, porque como eu tinha uma trajetória de escola pública, a gente sempre acredita que a gente também não é capaz. Eu nem pensei em tentar arquitetura na Universidade Federal do Paraná, né? Porque eu sabia que era um curso mais elitizado também, né? Que já encontrei pessoas que ficaram tempos e tempos fazendo cursinho aí para eu poder ou fizeram uma trajetória escola particular e eu já percebia o meu ensino médio bem defasado por conta de ser integrado. Então, como eu tinha várias disciplinas voltadas para a parte de formação de docentes, algumas coisas como língua portuguesa, matemática, química, física eram muito aquém de alguém que estava focado no ensino médio. Então eu tinha essa noção também de que eu precisaria, caso fosse tentar uma outra área. Eu precisaria recuperar todos esses aprendizados que eu não tive nem no ensino médio.*

8. Você fez curso ou iniciou curso técnico ou outro curso superior antes de ingressar em Ciências da Educação ou Pedagogia?

*Já respondeu: Formação de Docentes.*

9. Como foi o seu primeiro ano na Faculdade? Quais as dificuldades que você teve? Algo foi significativo?

*Então eu fazia faculdade no período da noite e trabalhava durante o dia. Minha opção era para o curso noturno. E aí a Universidade Federal tem a carga horária de disciplinas optativas que a gente precisa cumprir ao longo do percurso dos cinco anos de formação. E essas disciplinas optativas teriam que se fazer no período da tarde. Então, isso já começou aí a ter um entrave, porque daí o meu curso era tarde, mas eu tinha uma disciplina que era no período. O meu curso era à noite, mas tinha uma disciplina que eu precisava cursar em outro período, né? Mas a inserção foi muito positiva. Era algo que eu queria estudar, então estava muito animada em estudar na Universidade Federal do Paraná. Eu fui a primeira da família a ingressar numa universidade pública, e tem essa carga também positiva para a família e foi muito legal. Todo mundo apoiou e todo mundo acolheu nessa ideia. Mas aos poucos eu fui me desligando do meu trabalho para poder participar mais da Universidade, era uma coisa que eu queria, né? Então, já no primeiro ano eu comecei a fazer iniciação científica. Então, já no segundo semestre eu já peguei uma bolsa de iniciação científica e fui reduzindo a minha carga horária de trabalho, que depois só aumentou. E eu tive uma trajetória desde o segundo semestre da faculdade até o último ano, toda dentro da Universidade de Iniciação científica, grupo de pesquisa. Então, isso me criou um vínculo muito positivo. Assim sabe? De vários repertórios, de várias conversas que eu considero bem importante. Sabe que eu via que outras pessoas que não tinham essa oportunidade de estar lá durante a faculdade, que iam só para as disciplinas obrigatórias, que não tiveram esse mesmo vínculo que eu tenho, né? Então eu considero muito positivo já ter ingressado lá já no primeiro ano. Eu acho que foi mais positivo ainda. Não era nem a área que eu atuo hoje no meu grupo de pesquisa. Era o primeiro volume, a primeira iniciação científica era da linha de história, historiografia e arquitetura escolar, que não criei tantos vínculos. Era uma bolsa bem curtinha, mas depois eu mudei para um grupo de pesquisa que daí eu fiquei desde o segundo ano da graduação até dois*

*anos depois de eu ter terminado a graduação, eu continuei nesse mesmo grupo de pesquisa como CLT e como pesquisadora autônoma lá nesse grupo. Então, foi uma trajetória muito legal, que era pesquisa voltada do ensino médio, né? Então foi bem positivo. Mesmo assim, eu tenho um vínculo bem, bem legal.*

10. E no segundo e terceiro ano, mudou algo em relação a Universidade? E ao final do curso?

*Respondido na questão anterior.*

11. O que a Universidade foi para você?

*Eu acho que para mim foi uma parte de formação profissional e amadurecimento muito grande, sabe. Que eu tive muitas experiências positivas, tive outras que não foram tantas, porque a gente era bem cobrada e tal, e algumas coisas que não me interessavam e que a gente tinha que fazer por obrigação, além da questão da formação. Mas eu acho que a universidade foi um processo de formação muito boa. Acho que quem passa por uma universidade pública federal você tem acesso a discussões muito mais profundas, humanas, sociais, né, que às vezes não são levadas em consideração. É a luta pela escola pública, né? Então porque a gente não acha que nas faculdades particulares talvez não são tão discutidas, né? Então, eu acho que isso é muito positivo e é por isso que eu optei desde sempre fazer um concurso público para atuar na escola pública, porque eu sabia que eu, de alguma forma, poderia mudar a trajetória de várias pessoas, de várias famílias, de várias crianças, né? Então e incentivar. Então, sempre que eu posso, eu incentivo alguém. Não faça vestibular para universidade federal não, não vai pagar a faculdade particular, né? Porque realmente o acesso às discussões, aprofundamento teórico que a gente tem é muito além.*

12. Para sua família, você saberia me dizer qual a importância da Universidade para eles?

*Respondido anteriormente, foi a primeira da família a cursar uma universidade pública.*

13. Você participou de alguma atividade cultural dentro da Universidade?

*Cultural, várias, né? Dentro dos eventos com diversidade, participava o grupo de pesquisa. Eu participava, organizava vários eventos dentro do grupo de pesquisa também. Então tinham várias oportunidades trabalhar de atividade cultural, sim.*

14. Como classificaria seu rendimento escolar dentro da Universidade?

*Olha, 100% positivo. Eu tive algumas reprovadas aí por falta. Tive porque eu queria cursar uma disciplina de manhã e aí acabava se perdendo no caminho da distância também, que eu não morava na universidade, então dependia de transporte público. Então, eu acho que tem períodos que a gente não está bem também. Então eu tive que desistir de algumas disciplinas que eu não gostava e o que eu não entendia, o professor tava tentando fazer e aí tive algumas reprovadas no percurso. Mas eu acho que a parte de acompanhamento de pesquisa que eu tive, esse envolvimento no grupo de pesquisa eu acho que foi muito além de qualquer outra disciplina que eu poderia ter feito, né? Então, considero muito, muito legal*

15. Você teve alguma dificuldade com o curso (leituras, com os colegas) ou com os professores?

*Com os colegas eu tinha um grupo bem fixo assim, que eu sempre fazia os trabalhos juntos, né? Mas eu não era uma pessoa muito social, também não era de festinhas, nada, né? Então eu não tinha um grupo muito amplo, não, de série de repertório. E aí como também eu fazia algumas disciplinas só por interesse. Então é essa possibilidade de estar recebendo uma bolsa auxílio da universidade, né? Isso me dava a possibilidade de fazer disciplinas em vários horários. Então tem matéria que eu fiz de manhã e teve matéria que fiz à tarde, teve matéria que eu fiz à noite e aí eu conheci o grupo dos três horários da universidade. Então isso também foi bem interessante. Ver que cada horário da universidade também tem um perfil assim, né? E acho que isso foi legal também.*

16. O seu padrão de vida é diferente do que seus familiares? Você acredita que isso se deve ao fato de ter nível superior?

*É eu acho que com relação aos meus pais sim né? Hoje eu tenho uma estabilidade financeira que me garante, a partir dos concursos públicos que eu*

*tenho nesses dois concursos realmente. E principalmente considerando esse período de pandemia, né? Que ninguém sabia para onde ia e ninguém sabia o que ia fazer. Eu acho que ter essa garantia de uma estabilidade de médio emprego, estabilidade financeira realmente ajudou na trajetória. Mas eu não acho que não é superior, porque a remuneração ainda né, de licenciaturas ainda é baixa.*

17. E quando você estava na Universidade, enquanto estudante você trabalhou? Fez estágios? Foi bolsista?

*Então eu fiz tanto o estágio na universidade do grupo de pesquisa quanto o bolsista de iniciação científica. Então tinha bolsa auxílio estágio e bolsa de iniciação científica, o que me garantia aí uma tranquilidade. Acho que ganharia a mesma coisa que eu ganhei quando trabalhei em uma escola particular como estagiária. Mas eu estava totalmente envolvida na universidade, né?*

18. Você participou na Universidade de Congressos, Seminários, atividades extracurriculares?

*Muitos. Participei de vários eventos em Brasília, no Rio Grande do Sul, São Paulo. E fóruns que eu fui para outras cidades, também participei de vários eventos. E isso a universidade fornecia, né? De semana, pesquisa, extensão, né?*

19. Frequentou os eventos realizados no Campus (inclusive os pagos)?

*Sim, há o de o que a gente foi para Brasília, né? A gente tinha uma parceria no grupo de pesquisa com o Ministério da Educação, então a gente elaborava as políticas de ensino médio e aí foi financiamento do próprio Ministério da Educação. O que eu fui para São Paulo foi o grupo de pesquisa que financiou. Então não teve custos para mim, praticamente. E o do Rio Grande do Sul foi um evento também nacional e teve partes que o grupo de pesquisa financiou, partes que eu paguei. Mas no geral não tem muitos eventos gratuitos assim, fora os da universidade que daí vieram, né? Mas alguns aí eu tinha outros subsídios que me permitiam participar desses eventos.*

20. No contexto da graduação, qual das disciplinas foi mais significativa na sua formação e para o exercício profissional?

*Eu acho que uma que foi muito positiva mesmo era de organização de trabalho pedagógico em espaços não escolares, em que a gente fez uma visita num assentamento do sem terra. E acho que perceber essa importância da formação política, social e como a escola tem essa função, sabe? É adequada à realidade dos sujeitos, principalmente. Eu acho que foi muito positivo. Acho que foi mais disciplina sim, que eu me recordo. Quando falo, penso na graduação, eu lembro dessa, dessa disciplina. Então ela foi realmente muito positiva, muito, muito legal, que me proporcionou até ir ver outros espaços e pensar a educação de outra forma.*

21. Fale o ano de inserção e conclusão do seu Curso de Graduação. Ocorreram lacunas no período de graduação? Você trancou a matrícula? Quais foram os motivos?

*Uma reprovação inicial, mas era uma ou outra disciplina que depois eu retomei e nem concluí. Mas foram uns cinco anos e não teve interrupção de nenhum semestre. Em todos eles eu cursei algumas disciplinas, outras até seis disciplinas, outras eu cursei nove disciplinas para poder dar conta das que tinham ficado atrasadas. Mas no geral tive um fluxo bem tranquilo.*

22. Estudou em qual período? Houve mudanças de período?

*A minha matrícula era no período da noite, mas eu fui bem flexível assim ao longo dos cinco anos. Então, tipo assim, em todos os horários, acabei tendo vários horários.*

## ATIVIDADES SOCIAIS E LAZER

1. Você possui hobbies? Quais são?

*Atualmente eu não estou com muitas atividades de lazer, não participo muito, porque como a gente tem, eu tenho filhas pequenas, né? Então a gente pensa em atividades de lazer que envolvam as crianças praticamente. Mas, eu gosto bastante de ler, de passar ou gastar o pouco tempo que sobra com algumas atividades e sim de lazer também.*

2. Quais são as suas atividades de lazer?

*Respondido na pergunta anterior.*

3. Quem participa dessas atividades (familiares, amigos)?

*Respondido na pergunta anterior.*

4. Você possui um círculo de amizade? Fazem confraternizações com frequência?

*Sim encontro colegas com frequência, amigos com frequência e todo final de semana tem alguma atividade.*

5. Quais lugares de lazer mais gosta de frequentar? Fale sobre eles.

*Respondido anteriormente.*

6. Você dedica algum tempo para leitura?

*Respondido anteriormente.*

7. Você tem alguma atividade religiosa?

*No momento não tenho nenhuma atividade religiosa. Já participei durante a faculdade, participava bastante inclusive. Mas, no momento não tenho nenhuma atividade religiosa.*

## TRABALHO

1. Com quantos anos iniciou a trabalhar? Conseguiu conciliar as suas tarefas educacionais com o trabalho?

*E eu comecei a trabalhar com educação há muito tempo. Mas eu estava no segundo ano, no segundo ano do ensino médio, que era o curso de formação de docentes e me dava a possibilidade de já estagiar na área. Então, desde os 16 anos eu já comecei a trabalhar, eu nem tinha 16 completos ainda tinha 15 anos, então trabalhava com recreação em escolas de educação infantil, né, como estagiária. Mas a gente nem era estagiária, a gente assumia a turma mesmo, né? E eu sempre trabalhei e desde então, acho que não tive nenhum ciclo de interrupção de trabalho. Nunca fiquei sem trabalhar desde os 15 anos. E você*

*sempre foi voltada dentro da educação. Porque como eu trabalho, estudava dentro da área, então sempre dentro da educação, na educação.*

2. Você trabalhou desde cedo para pagar os estudos?

*De alguma forma eu ajudava. Eu, tanto eu como meu irmão quando começamos a trabalhar a gente tinha uma responsabilidade em casa, então eu ficava com uma conta e ele ficava com outra, Mas era pra subsídio próprio sim, né? Então, só que também a bolsa de estágio nunca era muito grande, né? Então dava para coisas básicas assim, né? Uma coisinha ou outra, Então não era um grande subsídio, né?*

3. Como foi a escolha da sua profissão (Ciências da Educação e Pedagogo)? Teve informações sobre outras profissões, outros cursos?

*Não, eu não fui, nunca fui atrás. Não me recordo de ter ido pesquisar. Nem eu fui. Pensei em fazer outras coisas. Design e arquitetura, por conta de pensar num lado criativo que eu tinha. Sim, né? Vamos fazer uma coisa diferente. Mas eu não fui estudar, ver o que eram essas profissões, quais seriam as opções de graduação que eu teria. Não, não, não fui atrás. Fui direto para pedagogia.*

4. Você trabalha na sua formação (Ciências da Educação e Pedagogo)? Qual é o cargo que ocupa? Há quanto tempo atua?

*Então, eu trabalho como pedagoga desde 2015, aqui no município de Pinhais. Primeiramente, como concurso de Processo Seletivo Simplificado. Então era PSS, um prazo mais curto de duração e mais no ano de 2016 eu já fiz o concurso público, então trabalhei 2015 como pedagoga PSS, 2016 como professor no PSS. E aí, em 2017, daí eu fui convocada no concurso e aí comecei a trabalhar aqui em 2017 como pedagoga. Fiquei um período numa escola regular, que eu ficava responsável pela turma de terceiro, o quinto ano. E aí depois, no segundo início do segundo semestre, eu fui para uma escola integral do município, porque paralelamente eu ainda estava finalizando alguns projetos na Universidade Federal, porque eu era CLT lá, trabalhava como assessora pedagógica lá do grupo de pesquisa, mas como o recurso público estava se esgotando, estava acabando o financiamento da nossa pesquisa e o projeto também foi encerrado em 2017. Foi quando eu vim trabalhar 40 horas no*

*município. Então eu tinha um turno suplementar. Então eu fiquei 40 horas na mesma unidade, trabalhando enquanto pedagoga. E aí em 2018, aí eu fui chamada no outro concurso como professora e aí fiquei na mesma escola, trabalhando como professora e como pedagoga nos dois horários.*

*Atualmente eu trabalho na secretaria de educação, daí fiquei nessa mesma escola então desde 2018 até este ano. E aí esse ano eu fui chamada para trabalhar na Secretaria de Educação, justamente na seção de Apoio às Escolas de Educação Integral em tempo ampliado. Então, pensando no currículo, na proposta pedagógica, na formação de professores, na formação de pedagogos que atuam nessas escolas de educação integral. 40, 45, 50 horas na Secretaria de Educação agora.*

5. Foi fácil conseguir emprego na sua área de graduação?

*Respondido anteriormente – concurso.*

6. Qual sua opinião sobre a profissão que escolheu, você escolheu certo, ou se arrepende?

*Respondido anteriormente.*

7. O que você mais gosta na sua profissão? E o que não gosta?

*Respondido anteriormente.*

8. Você acha a carreira de Pedagoga interessante?

*Sim, acho interessantíssimo. Uma coisa que sempre eu converso com meu marido a gente sempre está se desafiando e se atualizando, né? Ele é policial militar e ele fala que ele pode fazer o trabalho dele do mesmo jeito, do começo ao fim da carreira, né? E a gente não. A gente tem muito que se atualizar, muito que se aprofundar, muito que refletir sobre o processo de ensino aprendizagem. Então, realmente é uma profissão muito, muito interessante.*

9. Quanto a expectativa de salário, é recompensador?

*A gente sempre acha que é desvalorizado, né? Sempre acha, né? Inclusive a gente está sem plano de carreira aqui no município, tá congelado. Nem tudo isso e mais um, mais um, um ponto assim, né, que a gente não tem tanta*

perspectiva. E aí, comparado a outras profissões, que você tem uma formação de até menos tempo, né? Com certeza. E a nossa responsabilidade social também é muito grande, né? Então, acho que isso são coisas que acabam pesando.

10. Atualmente, qual seria o maior problema na sua profissão?

*O maior problema. Eu acho que a maior dificuldade de agora, no momento que eu tenho enfrentado, que eu tenho percebido, é a relação que a gente precisa construir com as famílias, de identificar qual é o papel da escola, qual é o papel da família. Porque as famílias acham que muita coisa é só responsabilidade da escola, né? Principalmente nas escolas que eu atuo, que são de educação integral, As crianças passam 09h00 dentro da escola, então a maior parte das coisas que acontecem na vida dela em relacionamento, convivência, aprender até a ir ao banheiro, higiene, toda essa parte que é função da família que ela estaria ali fazendo em convívio com a família, ela faz com a gente na escola. Então eu acho que aí a família acaba, chega em casa, a criança chega a 18hrs, 18:30hrs, porque às vezes vai de transporte escolar. Aí já almoça, toma banho e vai dormir. Então, a família não tem essa relação de ter um tempo para brincar, de ter um tempo de passar, conviver junto, de conversar como foi o dia na escola, de quais são as dificuldades, né? A família vem quando a situação já está muito crítica e aí realmente não sabe como lidar. Então, eu acho que nesse momento a maior dificuldade é mesmo essa relação com a família. E como construir isso? Eu entendo que as famílias aí tem uma carga horária de trabalho intensa também, porque a maioria tem condições financeiras muito baixas. Então mãe solos né, que não tem outra opção. Então, como criar esses vínculos é uma grande dificuldade do trabalho.*

11. Você teria alguma solução para este problema?

*As escolas tem feito alguns movimentos, sabe de fazer atividades em outros momentos e fazer palestra com psicólogo para retomar esses vínculos. Mas é um trabalho que tem que ser muito lento e muito gradativo, né? Então ainda não consigo ver uma solução. A gente faz algumas ações pensando em como resolver alguns problemas que são de maiores necessidades, necessidades*

*urgentes, mas ainda não vejo ainda como solução. Nós ainda estamos num processo, entende.*

12. As atribuições de professor/pedagogo e licenciado em ciência da educação, são as mesmas? O que na sua opinião as difere?

*Eu não vou saber responder porque não sei qual é a habilitação de ciência e educação, então não vou saber responder.*

13. Na sua opinião como a sociedade vê o papel do pedagogo e do licenciado da ciência da educação?

*Como a sociedade vê? É bem complexo. Eu acho que ainda é necessário se criar esse papel do pedagogo. Qual a função dele, né? Porque aqui no município mesmo tem o cargo mais antigo de pedagogo é de nove anos. Esse tinha antes uma pessoa que era indicada para estar atuando nesse cargo, então se percebia no ambiente escolar alguém que tinha essa desenvoltura para fazer aquela função. Atualmente não, é por meio de concurso público, então qualquer um que tem formação em pedagogia pode assumir esse cargo. E aí nem todo mundo tem essa, essa desenvoltura para desenvolver o cargo, né? Então, tanto as famílias eu acho que esperam que a gente resolva todos os problemas, mas na verdade, para muitas coisas falta experiência, falta processo. Tem cursos de formação muito fragilizados. A gente vê que profissionais fazem cursos de um ano e meio, dois anos, tudo, toda distância, e que aí não tem discussões, não tem repertório para se posicionar com a família, né? E acho que a família esperaria que esse profissional estivesse ali para resolver todos os seus problemas e dessem todas as soluções. Mas o profissional não tem condições de fazer essa discussão com a família. Então tem. Acho que tem uma alta expectativa em relação à função do pedagogo, mas tem muitos profissionais que atuam que ainda não atendem essas expectativas da família, infelizmente.*

14. Você consegue se manter atualizado? De que maneira?

*Eu consigo. Acho que eu estou num caminho assim que eu busco leituras. Tem alguns estudiosos da área que eu sempre as sigo pelas redes sociais, vejo os blogs que publicam e leio materiais que tem disponível dentro da minha área específica. No caso de educação integral, mas no caso do ensino fundamental como um todo. Participo de eventos sempre que possível palestras, formações,*

*cursos, tudo o que tem disponível, buscando refletir sobre minha prática. Eu acho que eu faço um esforço assim pra isso.*

15. Aonde você trabalha atualmente, recebe incentivo financeiro para essas capacitações?

*Em alguns momentos sim. Então o município mesmo, inclusive faz várias formações, eventos, cursos de aprofundamento que são ofertados não só para mim, mas como para toda a rede também, que trazem discussões muito pertinentes, né? Mas também em caso de alguma formação externa que a gente precise, a gente consegue algum tipo de subsídio via o município, né? Claro que tem uma cota por ano para pessoa, mas eu acho que, na medida do possível, a gente tem subsídio sim.*

16. A sua profissão se distingue de outras profissões? Como? No que em específico?

*Então eu acho que sim, justamente pelo fato da necessidade de se manter atualizado e em processo constante de discussão e atualização. Eu acho que é necessárias as coisas no processo educativo. Elas são atualizadas constantemente. Então eu acho que esse é o maior diferencial. E principalmente, porque vai se tornando cada vez mais complexo. As crianças têm outras necessidades que a gente precisa ir acompanhando o desenvolvimento da humanidade como um todo, até chegar naquele indivíduo que está ali na nossa presença. Então, acho que essa é a maior complexidade da nossa profissão.*

17. Você é respeitado por ser um profissional da educação ou pedagogo? Sua família o respeita?

*Sim, com certeza. Tenho outros profissionais da educação na família assim também. E com certeza todo mundo sabe o valor e a importância que tem o profissional de educação, com certeza.*

18. Valeu todo o investimento material, intelectual e o esforço para sua formação?

*Sim, sim, valeu todo o investimento.*

19. O padrão de vida que você tem, condiz com o que esperava quando estava cursava pedagogia ou ciência da educação?

*Bem, é uma expectativa difícil, o salário é muito baixo, remuneração é baixa e a gente conseguiria atingir talvez um nível maior se a gente tivesse, quanto mais aprofundamentos, um mestrado, doutorado, outros níveis de ensino, quanto maior a maior remuneração, né? Um concurso federal, claro que a remuneração plano de carreira é muito melhor, mas hoje eu me vejo numa situação financeira confortável. Assim, dá possibilidade de viajar com a família, de ter uma situação financeira estável e de fazer investimentos em formação educacional. Então eu acredito que hoje está atendendo, mas poderia ir além, claro, com certeza.*

20. Condiz com o padrão de seus pais? É igual, pior ou melhor?

*É bem superior, toda a trajetória deles é bem superior, bem mais estável.*

21. O que mudou na sua vida após a sua graduação?

*Acho que todo processo de ter uma profissão, de ser formado, de ter um diploma de universidade federal, eu acho que é isso é uma responsabilidade grande, né? Então, vindo da escola pública ser formada em universidade pública, eu acho que isso realmente dá uma guinada sim. E quando você chega com seu diploma de universidade federal assim, e é uma responsabilidade social também, né? Então eu acredito que foi todo o processo que eu vivi de aprofundamento de conhecimento lá. Eu acho que isso formou o profissional que eu sou hoje. Então, muita coisa eu tenho referência dos contatos que eu tive lá, de como eu executo meu trabalho hoje, então realmente foi bem importante.*

22. Você faria tudo de novo? O que mudaria?

*Eu acho que talvez eu teria me dedicado para não perder uma reprova. Mas, eu acho que eu priorizei o que era importante naquele momento, as discussões que eu tinha, os espaços que eu tinha de atendimento. Então eu acho que acho que é isso.*

23. Tem alguma outra coisa que queira falar sobre a sua trajetória acadêmica e profissional?

*Não, eu acho que já foi bem abrangente e as perguntas abrangeram bastante. As reflexões aqui de mim e da minha formação e do que eu trabalho hoje. Eu acho que não teria mais nenhum comentário.*

24. Tem algo que queira acrescentar ou deixar registrado como sugestão.

*Acho que foi bem legal. Espero que as minhas falas contribuam com seu trabalho, que sejam pertinentes, que você possa usar esse material. Qualquer coisa estou a disposição também.*